



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ/SC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS CURSO
DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

JÉSSICA CAROLINE SCHENATTO

**VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL EM IPUAÇU, SC E BORRAZÓPOLIS,
PR: UM ESTUDO COM BASE NA DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL**

**CHAPECÓ
2023**

JÉSSICA CAROLINE SCHENATTO

**VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL EM IPUAÇU, SC E BORRAZÓPOLIS,
PR: UM ESTUDO COM BASE NA DIALETOLOGIA
PLURIDIMENSIONAL**

Dissertação apresentada ao programa de
Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
da Universidade Federal da Fronteira Sul
– UFFS como requisito para obtenção do
título de Mestre em Estudos Linguísticos
sob a orientação da Prof. Dr. Marcelo
Jacó Krug

CHAPECÓ

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Av. Fernando Machado, 108 E

Centro, Chapecó, SC - Brasil

Caixa Postal 181

CEP 89802-112

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Schenatto, Jéssica Caroline

VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL EM IPUAÇU, SC E
BORRAZÓPOLIS, PR: UM ESTUDO COM BASE NA DIALETOLOGIA
PLURIDIMENSIONAL / Jéssica Caroline Schenatto. --
2023.

202 f. : il.

Orientador: Doutor Marcelo Jacó Krug

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos
Linguísticos, Chapecó, SC, 2023.

1. Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional,
Variação Semântico-Lexical.. I. Krug, Marcelo Jacó,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

JÉSSICA CAROLINE SCHENATTO

**VARIAÇÃO SEMÂNTICO-LEXICAL EM IPUAÇU SC E BORRAZÓPOLIS PR:
UM ESTUDO COM BASE NA DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos defendido em banca examinadora em 12/04/2023

Aprovado em: 12/04/2023

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 MARCELO JACO KRUG
Data: 14/09/2022 11:05:56-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug
Presidente e orientador

 Documento assinado digitalmente
FELICIO WESSLING MARGOTTI
Data: 02/06/2023 15:09:17-0300
CPF: ***.032.129-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti – UFSC
Membro titular externo

Jussara M. Habel

Prof.^a Dr.^a Jussara Habel - UFFS
Membro titular

Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida - USP
Membro suplente

Dedico este trabalho em especial
ao meu marido Gustavo, aos meus pais
Vânia e Leonir e ao meu irmão Álvaro.

AGRADECIMENTOS

Expresso aqui meus sinceros agradecimentos e imensa gratidão a todos aqueles que, de forma direta ou indiretamente, ajudaram-me ao longo desta caminhada.

A Deus, hoje e sempre, por permitir ousar e persistir e pelo conforto nos momentos difíceis

Aos meus pais, Vânia e Leonir, pelo incentivo desde sempre. Em especial ao meu pai pela presença percorrida durante a pesquisa de campo no município de Ipuacu, e pela compreensão nos momentos difíceis. E a minha mãe por todo apoio e incentivo de nunca desistir dos meus sonhos.

Ao Gustavo, meu esposo e companheiro, pelo incentivo, apoio, força e paciência. Pela presença percorrida durante a pesquisa de campo no município de Borrazópolis, pela compreensão dos momentos ausentes, necessários para a realização da dissertação. Pelo inestimável apoio que preencheu os momentos mais difíceis por forças das circunstâncias.

Aos meus sogros Marizete e Denilson, em especial minha sogra pelo incessante apoio.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, pela serenidade e dedicação em formar novos pesquisadores.

Aos professores da Banca Examinadora, Prof. Dr. Felício Wessling Margotti (UFSC), Prof.^a Dr.^a Jussara Habel (UFFS), Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (USP), que, gentilmente, aceitaram a tarefa de ler atentamente este trabalho e de quem as valiosas contribuições, para o aperfeiçoamento da versão final deste trabalho acadêmico.

Não posso deixar de expressar um especial agradecimento ao Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug (UFFS), meu orientador, pela disponibilidade, pelos direcionamentos dados ao longo da pesquisa.

Enfim a todos, de coração, muito obrigada.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo descrever a variação semântico-lexical nas duas localidades de pesquisa escolhidas – Borrazópolis PR e Ipuacu SC – do ponto de vista da geolinguística pluridimensional. Apontar a realidade linguística dos pontos analisados, com base em *corpus* coletado sobre o campo semântico-lexical, a partir de um questionário adaptado do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS). Em cada um dos pontos, entrevistaram-se altos de 18 a 35 anos e de 50 anos acima, de ambos os gêneros, com duas classes escolares uma com o ensino médio completo ou não e com ensino superior completo ou em andamento, assim selecionamos trinta entrevistados, sendo dezesseis de Ipuacu, oito da zona urbana e oito da zona rural, já na cidade paranaense foram entrevistados quatorze informante, oito da zona urbana e seis da zona rural. Identificando as possíveis diferenças diatópicas, diagenéricas, diageracionais e diastráticas, como forma de analisar e registrar os aspectos linguísticos da influência e da vivência com o seu meio dos falantes na composição e diversificação do léxico. Para isso, buscamos nos pressupostos teóricos da Dialetoologia Pluridimensional a relação entre cultura, sociedade e fala, por meio de: i) análise dos dados coletados mediante entrevistas para verificar as variantes no campo pesquisado; ii) elaboração de quadros para comparação das variantes e sua distribuição nos pontos pesquisados; iii) análise semântico-lexical das formas mais frequentes dos dados e apurar as possíveis influências extralinguísticas. Os dados colhidos durante as entrevistas geraram quadros e gráficos, cujos registros mostram a diversidade semântico-lexical do falar da região.

Palavras-chaves: Dialetoologia Pluridimensional; Geossociolinguística; Variação Lexical.

ABSTRACT

This work has as the objective to realize a study to describe the semantic-lexical variation from two points - Borrazópolis PR and Ipuacu SC – the point of view of pluridimensional geolinguistics. Describe the real linguistic of the analyzed points based on a collected corpus on the semantic-lexical field, with a questionnaire adapted from the Linguistic-Ethnographic Atlas of the Southern Region, ALERS. At each of the points, seniors aged 18 to 35 and over 50 years old, of both genders, with two school classes, one with high school education or not and with higher education completed or in progress, were interviewed. interviewed, sixteen from Ipuacu, eight from the urban area and eight from the rural area, while in the city of Paraná, fourteen informants were interviewed, eight from the urban area and six from the rural area. Identify the possible diatopic, diagenetic, diagenetic and diastratic differences, such as the way of analyzing and recording the linguistic aspects that influence and experience with the speakers' life and their environment in the composition and diversification of the lexicon. For this we search for in the theoretical assumptions of Pluridimensional Dialectology, the relationship between culture, society and speech, through: i) analysis of the data collected from interviews to verify the variants in the researched field; ii) elaboration of chart to compare the variants and their distribution in the researched points; iii) semantic-lexical analysis of the most frequent forms of the data and to determine the possible extralinguistic influences that influenced them. The data collected during the interviews generated charts and graphs, whose records show the semantic-lexical diversity of speech in the region.

Keywords: Multidimensional Dialectology; Geosociolinguistics; Lexical Variation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Dimensões da Análise da Dialetoologia Pluridimensional.....	56
Quadro 2. 005. Que entendem aqui por uma ladeira que tem muita pedra?.....	73
Quadro 3. 014. O que você entende aqui por um lugar que corre a água?.....	77
Quadro 4. 017. O que você entende aqui por um lugar que sai a água da terra?	80
Quadro 5. 049. O que você entende aqui por uma luz que corta o céu em dias de chuva?.....	84
Quadro 6. 052. Como se chama aqui por uma chuva curta, muito forte e pesada?.....	86
Quadro 7. 121. Como chamam aquilo que nasce na plantação, que é preciso arrancar?.....	93
Quadro 8. 126. Uma fruta menor que a laranja que se descasca com a mão?.....	96
Quadro 9. 135. O que entende aqui por uma terra onde nasce tudo que se planta?	100
Quadro 10. 136. O que entendem aqui por uma terra em que é difícil de crescer/nascer alguma coisa?.....	102
Quadro 11. 143. Quando se passa a mão por cima de uma lenha, um pedacinho pontudo pode machuca-la. Como chamam esse pedacinho pontudo de lenha?.....	108
Quadro 12. 146. Que se entende aqui por limpar a plantação com a enxada?.....	110
Quadro 13. 154. Que entendem aqui onde se larga a muda ou semente?.....	118
Quadro 14. 157. Como se chama aqui por um instrumento de madeira com duas astes moveis que servem para plantar milho, feijão...?	121
Quadro 15. 158. Quando o feijão, o milho, o trigo, a batata estão maduros, diz-se que estão no ponto de... ..	124

Quadro 16. 160. Onde se guarda ou se guardava a colheita?.....	128
Quadro 17. 179. Que entendem aqui por um veículo de duas rodas usado para o transporte de pessoas que era puxado por cavalos?	142
Quadro 18. 181. Quando o ônibus chega ao fim da linha, os passageiros tem que	145
Quadro 19. 266. Como se chama isto? (apontar para o calcanhar)	148
Quadro 20. 272. Que entendem aqui por um animal que as vezes as pessoas pegam nos dedos do pé?.....	151
Quadro 21. 327. que entendem aqui por essa (mostrando) cavidade embaixo do braço?.....	152
Quadro 22. 393. Que entendem aqui por uma pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa fome para não gastar?	159
Quadro 23. 408. Como se chama isto? (outras designações para dinheiro)	161
Quadro 24. 511. Que entendem aqui por uma mulher que cura através de rezas e simpatias?.....	165
Quadro 25. 511. Que entendem aqui por uma mulher que cura através de rezas e simpatias? E se for homem?	167

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – 005 – o que você entende aqui por uma ladeira com muita pedra? (Ipuauçu SC Zona Urbana)	76
Gráfico 2 – 005 – o que você entende aqui por uma ladeira com muita pedra? (Ipuauçu SC Zona Rural)	76
Gráfico 3 – 005 – o que você entende aqui por uma ladeira com muita pedra? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	76
Gráfico 4 – 005- o que você entende aqui por uma ladeira com muita pedra? (Borrazópolis PR Zona Rural)	76
Gráfico 5 – 014 – o que você entende aqui por um lugar que corre a água? (Ipuauçu SC Zona Urbana)	79
Gráfico 6 – 014 – o que você entende aqui por um lugar que corre a água? (Ipuauçu SC Zona Rural)	79
Gráfico 7 – 014 - o que você entende aqui por um lugar que corre a água? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	79
Gráfico 8 – 014 - o que você entende aqui por um lugar que corre a água? (Borrazópolis PR Zona Rural)	79
Gráfico 9 – 017 – o que você entende aqui por um lugar que sai a água da terra? (Ipuauçu SC Zona Urbana)	82
Gráfico 10 – 017 – o que você entende aqui por um lugar que sai a água da terra? (Ipuauçu SC Zona Rural)	82
Gráfico 11 – 017 – o que você entende aqui por um lugar que sai a água da terra? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	82
Gráfico 12 – 017 – o que você entende aqui por um lugar que sai a água da terra? (Borrazópolis PR Zona Rural)	82
Gráfico 13 – 023 – o que você entende aqui por um lugar que tem nas propriedades pode ser redondo ou quadrado tem água e se cria peixe para pescar? (Ipuauçu SC Zona Urbana)	83
Gráfico 14 – 023 – o que você entende aqui por um lugar que tem nas propriedades pode ser redondo ou quadrado tem água e se cria peixe para pescar? (Ipuauçu SC Zona Rural)	83
Gráfico 15 – 023 – o que você entende aqui por um lugar que tem nas propriedades pode ser redondo ou quadrado tem água e se cria peixe para pescar? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	83

Gráfico 16 – 023 – o que você entende aqui por um lugar que tem nas propriedades pode ser redondo ou quadrado tem água e se cria peixe para pescar? (Borrazópolis PR Zona Rural)	83
Gráfico 17 – 049 – o que você entende aqui por uma luz que corta o céu em dias de chuva? (Iguaçu SC Zona Urbana)	85
Gráfico 18 – 049 – o que você entende aqui por uma luz que corta o céu em dias de chuva? (Iguaçu SC Zona Rural)	85
Gráfico 19 – 049 – o que você entende aqui por uma luz que corta o céu em dias de chuva? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	86
Gráfico 20 – 049 – o que você entende aqui por uma luz que corta o céu em dias de chuva? (Borrazópolis PR Zona Rural)	86
Gráfico 21 – 052 – como se chama aqui por uma chuva curta, muito forte e pesada? (Iguaçu SC Zona Urbana)	86
Gráfico 22 – 052 – como se chama aqui por uma chuva curta, muito forte e pesada? (Iguaçu SC Zona Rural)	86
Gráfico 23 – 052 – como se chama aqui por uma chuva curta, muito forte e pesada? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	89
Gráfico 24 – 052 – como se chama aqui por uma chuva curta, muito forte e pesada? (Borrazópolis PR Zona Rural)	89
Gráfico 25 – 096 – se um fazendeiro quer dizer “quanta terra tem”, que medida ele usa? (Iguaçu SC Zona urbana)	90
Gráfico 26 – 096 – se um fazendeiro quer dizer “quanta terra tem”, que medida ele usa? (Iguaçu SC Zona Rural)	90
Gráfico 27 – 096 – se um fazendeiro quer dizer “quanta terra tem”, que medida ele usa? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	91
Gráfico 28 – 096 – se um fazendeiro quer dizer “quanta terra tem”, que medida ele usa? (Borrazópolis PR Zona Rural)	91
Gráfico 29 – 096 – e você usa colônia ou talhão? (Iguaçu SC Zona Urbana)	92
Gráfico 30 – 096 – e você usa colônia ou talhão? (Iguaçu SC Zona Rural)	92
Gráfico 31 – 096 – e você usa colônia ou talhão? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	92
Gráfico 32 – 096 – e você usa colônia ou talhão? (Borrazópolis PR Zona Rural)	92
Gráfico 33 – 121 – como chamam aquilo que nasce na plantaçoão, que é preciso arrancar? (Iguaçu SC Zona Urbana)	95

Gráfico 34 – 121 – como chamam aquilo que nasce na plantação, que é preciso arrancar? (Ipuauçu SC Zona Rural)	95
Gráfico 35 – 121 – como chamam aquilo que nasce na plantação, que é preciso arrancar? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	96
Gráfico 36 – 121 – como chamam aquilo que nasce na plantação, que é preciso arrancar? (Borrazópolis PR Zona Rural)	96
Gráfico 37 – 126 – uma fruta menor que a laranja que se descasca com a mão? (Ipuauçu SC Zona Urbana)	98
Gráfico 38 – 126 – uma fruta menor que a laranja que se descasca com a mão? (Ipuauçu SC Zona Rural)	98
Gráfico 39 – 126 – uma fruta menor que a laranja que se descasca com a mão? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	98
Gráfico 40 – 126 – uma fruta menor que a laranja que se descasca com a mão? (Borrazópolis PR Zona Rural)	98
Gráfico 41 – 134 – existe terra de diversas cores. Que nome você chama a cor da terra aqui? (Ipuauçu SC Zona Urbana)	99
Gráfico 42 – 134 – existe terra de diversas cores. Que nome você chama a cor da terra aqui? (Ipuauçu SC Zona Rural)	99
Gráfico 43 – 134 – existe terra de diversas cores. Que nome você chama a cor da terra aqui? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	100
Gráfico 44 – 134 – existe terra de diversas cores. Que nome você chama a cor da terra aqui? (Borrazópolis PR Zona Rural)	100
Gráfico 45 – 135 – o que entende aqui por uma terra onde nasce tudo que se planta? (Ipuauçu SC Zona Urbana)	102
Gráfico 46 – 135 – o que entende aqui por uma terra onde nasce tudo que se planta? (Ipuauçu SC Zona Rural)	102
Gráfico 47 – 135 – o que entende aqui por uma terra onde nasce tudo que se planta? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	102
Gráfico 48 – 135 – o que entende aqui por uma terra onde nasce tudo que se planta (Borrazópolis PR Zona Rural)	102
Gráfico 49 – 136 – o que entendem aqui por uma terra em que é difícil de crescer/nascer alguma coisa? (Borrazópolis PR Zona Rural)	105
Gráfico 50 – 136 – o que entendem aqui por uma terra em que é difícil de crescer/nascer alguma coisa? (Ipuauçu SC Zona Rural)	105

Gráfico 51 – 136 – o que entendem aqui por uma terra em que é difícil de crescer/nascer alguma coisa? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	105
Gráfico 52 – 136 – o que entendem aqui por uma terra em que é difícil de crescer/nascer alguma coisa? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	105
Gráfico 53 – 137 – de tanto o povo passar por cima da vegetação para ir de um lugar a outro, o que se forma ali? (Ipuação SC Zona Urbana)	106
Gráfico 54 – 137 – de tanto o povo passar por cima da vegetação para ir de um lugar a outro, o que se forma ali? (Ipuação SC Zona Rural)	106
Gráfico 55 – 137 – de tanto o povo passar por cima da vegetação para ir de um lugar a outro, o que se forma ali? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	107
Gráfico 56 – 137 – de tanto o povo passar por cima da vegetação para ir de um lugar a outro, o que se forma ali? (Borrazópolis PR Zona Rural)	107
Gráfico 57 – 138 – como se chama quando se abre com o facão para passar por um mato fechado? (Ipuação SC Zona Urbana)	108
Gráfico 58 – 138 – como se chama quando se abre com o facão para passar por um mato fechado? (Ipuação SC Zona Rural)	108
Gráfico 59 – 138 – como se chama quando se abre com o facão para passar por um mato fechado? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	108
Gráfico 60 – 138 – como se chama quando se abre com o facão para passar por um mato fechado? (Borrazópolis PR Zona Rural)	108
Gráfico 61 – 143 – quando se passa a mão por cima de uma lenha, um pedacinho pontudo pode machuca-la. Como chamam esse pedacinho pontudo de lenha? (Ipuação SC Zona Urbana)	110
Gráfico 62 – 143 – quando se passa a mão por cima de uma lenha, um pedacinho pontudo pode machuca-la. Como chamam esse pedacinho pontudo de lenha? (Ipuação SC Zona Rural)	110
Gráfico 63 – 143 – quando se passa a mão por cima de uma lenha, um pedacinho pontudo pode machuca-la. Como chamam esse pedacinho pontudo de lenha? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	111
Gráfico 64 – 143 – quando se passa a mão por cima de uma lenha, um pedacinho pontudo pode machuca-la. Como chamam esse pedacinho pontudo de lenha? (Borrazópolis PR Zona Rural)	111
Gráfico 65 – 146 – que se entende aqui por limpar a plantação com a enxada? (Ipuação SC Zona Urbana)	112

Gráfico 66 – 146 – que se entende aqui por limpar a plantação com a enxada? (Ipuauçu SC Zona Rural)	112
Gráfico 67 – 146 – que se entende aqui por limpar a plantação com a enxada? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	113
Gráfico 68 – 146 – que se entende aqui por limpar a plantação com a enxada? (Borrazópolis PR Zona Rural)	113
Gráfico 69 – 148 – que entendem aqui por um instrumento de cabo longo com uma travessa dentada na ponta, que serve para juntar folhas secas ou sujeira? (Ipuauçu SC Zona Urbana)	113
Gráfico 70 – 148 – que entendem aqui por um instrumento de cabo longo com uma travessa dentada na ponta, que serve para juntar folhas secas ou sujeira? (Ipuauçu SC Zona Rural)	113
Gráfico 71 – 148 – que entendem aqui por um instrumento de cabo longo com uma travessa dentada na ponta, que serve para juntar folhas secas ou sujeira? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	114
Gráfico 72 – 148 – que entendem aqui por um instrumento de cabo longo com uma travessa dentada na ponta, que serve para juntar folhas secas ou sujeira? (Borrazópolis PR Zona Rural)	114
Gráfico 73 – 149 – que faz o colono, na terra, com um instrumento puxado por boi ou cavalo, como se chama? (Ipuauçu SC Zona Urbana)	114
Gráfico 74 – 149 – que faz o colono, na terra, com um instrumento puxado por boi ou cavalo, como se chama? (Ipuauçu SC Zona Rural)	114
Gráfico 75 – 149 – que faz o colono, na terra, com um instrumento puxado por boi ou cavalo, como se chama? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	115
Gráfico 76 – 149 – que faz o colono, na terra, com um instrumento puxado por boi ou cavalo, como se chama? (Borrazópolis PR Zona Rural)	115
Gráfico 77 – 151 – que entendem aqui por pedaços inteiros de terra que ficam depois de passar o arado? (Ipuauçu SC Zona Urbana)	118
Gráfico 78 – 151 – que entendem aqui por pedaços inteiros de terra que ficam depois de passar o arado? (Ipuauçu SC Zona Rural)	118
Gráfico 79 – 151 – que entendem aqui por pedaços inteiros de terra que ficam depois de passar o arado? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	118
Gráfico 80 – 151 – que entendem aqui por pedaços inteiros de terra que ficam depois de passar o arado? (Borrazópolis PR Zona Rural)	118

Gráfico 81 – 152 – para quebrar esses torrões/ terrões para aplainar a terra, o que se faz? (Ipuaçu SC Zona Urbana)	119
Gráfico 82 – 152 – para quebrar esses torrões/ terrões para aplainar a terra, o que se faz? (Ipuaçu SC Zona Rural)	119
Gráfico 83 – 152 – para quebrar esses torrões/ terrões para aplainar a terra, o que se faz? (Borrazópolis PR Zona urbana)	119
Gráfico 84 – 152 – para quebrar esses torrões/ terrões para aplainar a terra, o que se faz? (Borrazópolis PR Zona Rural)	119
Gráfico 85 – 154 – que entendem aqui onde se larga a muda ou semente? (Ipuaçu SC Zona Urbana)	121
Gráfico 86 – 154 – que entendem aqui onde se larga a muda ou semente? (Ipuaçu SC Zona Rural)	121
Gráfico 87 – 154 – que entendem aqui onde se larga a muda ou semente? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	121
Gráfico 88 – 154 – que entendem aqui onde se larga a muda ou semente? (Borrazópolis PR Zona Rural)	121
Gráfico 89 – 157 – como se chama aqui por um instrumento de madeira com duas hastes moveis que servem para plantar milho, feijão...? (Ipuaçu SC Zona Urbana)	124
Gráfico 90 – 157 – como se chama aqui por um instrumento de madeira com duas hastes moveis que servem para plantar milho, feijão...? (Ipuaçu SC Zona Rural)	124
Gráfico 91 – 157 – como se chama aqui por um instrumento de madeira com duas hastes moveis que servem para plantar milho, feijão...? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	124
Gráfico 92 – 157 – como se chama aqui por um instrumento de madeira com duas hastes moveis que servem para plantar milho, feijão...? (Borrazópolis PR Zona Rural)	124
Gráfico 93 – 158 – quando o feijão, o milho, o trigo, a batata estão maduros, diz-se estão no ponto de... (Ipuaçu SC Zona Urbana)	126
Gráfico 94 – 158 – quando o feijão, o milho, o trigo, a batata estão maduros, diz-se que estão no ponto de... (Ipuaçu SC Zona Rural)	126
Gráfico 95 – 158 – quando o feijão, o milho, o trigo, a batata estão maduros, diz-se que estão no ponto de... (Borrazópolis PR Zona Urbana)	127
Gráfico 96 – 158 – quando o feijão, o milho, o trigo, a batata estão maduros, diz-se que estão no ponto de... (Borrazópolis PR Zona Rural)	127
Gráfico 97 – 159 – que entendem aqui por quando os vizinhos se reúnem para realizarem juntos uma tarefa (colheita, construção, limpeza... (Ipuaçu SC Zona Urbana)	128

Gráfico 98 – 159 – que entendem aqui por quando os vizinhos se reúnem para realizarem juntos uma tarefa (colheita, construção, limpeza... (Ipuacu SC Zona Rural)	128
Gráfico 99 – 159 – que entendem aqui por quando os vizinhos se reúnem para realizarem juntos uma tarefa (colheita, construção, limpeza... (Borrazópolis PR Zona Urbana)	128
Gráfico 100 – 159 – que entendem aqui por quando os vizinhos se reúnem para realizarem juntos uma tarefa (colheita, construção, limpeza... (Borrazópolis PR Zona Rural)	128
Gráfico 101 – 160 – onde se guarda ou se guardava a colheita? (Ipuacu SC Zona Urbana)	131
Gráfico 102 – 160 – onde se guarda ou se guardava a colheita? (Ipuacu SC Zona Rural)	131
Gráfico 103 – 160 – onde se guarda ou se guardava a colheita? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	131
Gráfico 104 – 160 – onde se guarda ou se guardava a colheita? (Borrazópolis PR Zona Rural)	131
Gráfico 105 – 163 – onde se guardam os instrumentos agrícolas? (Ipuacu SC Zona Urbana)	132
Gráfico 106 – 163 – onde se guardam os instrumentos agrícolas? (Ipuacu SC Zona Rural)	132
Gráfico 107 – 163 – onde se guardam os instrumentos agrícolas? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	133
Gráfico 108 – 163 – onde se guardam os instrumentos agrícolas? (Borrazópolis PR Zona Rural)	133
Gráfico 109 – 162 – onde costumam abrigar os animais para protegê-los da chuva da chuva, do frio ou para tirar leite? (vacas) (Ipuacu SC Zona Urbana)	135
Gráfico 110 – 162 – onde costumam abrigar os animais para protegê-los da chuva da chuva, do frio ou para tirar leite? (vacas) (Ipuacu SC Zona Rural)	135
Gráfico 111 – 162 – onde costumam abrigar os animais para protegê-los da chuva da chuva, do frio ou para tirar leite? (vacas) (Borrazópolis PR Zona Urbana)	135
Gráfico 112 – 162 – onde costumam abrigar os animais para protegê-los da chuva da chuva, do frio ou para tirar leite? (vacas) (Borrazópolis PR Zona Rural)	135
Gráfico 113 – 162 – onde costumam abrigar os animais para protegê-los da chuva, do frio? (porcos) (Ipuacu SC Zona Urbana)	136

Gráfico 114 – 162 – onde costumam abrigar os animais para protegê-los da chuva, do frio? (porcos) (Ipuauçu SC Zona Rural)	136
Gráfico 115 – 162 – onde costumam abrigar os animais para protegê-los da chuva, do frio? (porcos) (Borrazópolis PR Zona Urbana)	136
Gráfico 116 – 162 – onde costumam abrigar os animais para protegê-los da chuva, do frio? (porcos) (Borrazópolis PR Zona Rural)	136
Gráfico 117 – 162 – onde costumam abrigar os animais para protegê-los da chuva, do frio? (galinhas) (Ipuauçu SC Zona Urbana)	137
Gráfico 118 – 162 – onde costumam abrigar os animais para protegê-los da chuva, do frio? (galinhas) (Ipuauçu SC Zona Rural)	137
Gráfico 119 – 162 – onde costumam abrigar os animais para protegê-los da chuva, do frio? (galinhas) (Borrazópolis PR Zona Urbana)	137
Gráfico 120 – 162 – onde costumam abrigar os animais para protegê-los da chuva, do frio? (galinhas) (Borrazópolis PR Zona Rural)	137
Gráfico 121 – 164 – que entendem aqui por uma ferramenta para abrir com a mão buracos na madeira? (Ipuauçu SC Zona Urbana)	138
Gráfico 122 – 164 – que entendem aqui por uma ferramenta para abrir com a mão buracos na madeira? (Ipuauçu SC Zona Rural)	138
Gráfico 123 – 164 – que entendem aqui por uma ferramenta para abrir com a mão buracos na madeira? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	138
Gráfico 124 – 164 – que entendem aqui por uma ferramenta para abrir com a mão buracos na madeira? (Borrazópolis PR Zona Rural)	138
Gráfico 125 – 165 – que entendem aqui por um instrumento de bater feijão? (Ipuauçu Zona Urbana)	139
Gráfico 126 – 165 – que entendem aqui por um instrumento de bater feijão? (Ipuauçu SC Zona Rural)	139
Gráfico 127 – 165 – que entendem aqui por um instrumento de bater feijão? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	140
Gráfico 128 – 165 – que entendem aqui por um instrumento de bater feijão? (Borrazópolis PR Zona Rural)	140
Gráfico 129 – 196 – como se chama aqui pelos fios na ponta da espiga de milho? (Ipuauçu SC Zona Urbana)	140
Gráfico 130 – 196 – como se chama aqui pelos fios na ponta da espiga de milho? (Ipuauçu SC Zona Rural)	140

Gráfico 131 – 196 – como se chama aqui pelos fios na ponta da espiga de milho? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	141
Gráfico 132 – 196 – como se chama aqui pelos fios na ponta da espiga de milho? (Borrazópolis PR Zona Rural)	141
Gráfico 133 – 178 – como se chama aqui por um veículo de carga puxado por um trato? (Iguaçu SC Zona Urbana)	141
Gráfico 134 – 178 – como se chama aqui por um veículo de carga puxado por um trato? (Iguaçu SC Zona Rural)	141
Gráfico 135 – 178 – como se chama aqui por um veículo de carga puxado por um trato? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	142
Gráfico 136 – 178 – como se chama aqui por um veículo de carga puxado por um trato? (Borrazópolis PR Zona Rural)	142
Gráfico 137 –179 – que entendem aqui por um veículo de duas rodas usado para o transporte de pessoas que era puxado por cavalos? (Iguaçu SC Zona Urbana)	144
Gráfico 138 –179 – que entendem aqui por um veículo de duas rodas usado para o transporte de pessoas que era puxado por cavalos? (Iguaçu SC Zona Rural)	144
Gráfico 139 –179 – que entendem aqui por um veículo de duas rodas usado para o transporte de pessoas que era puxado por cavalos? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	144
Gráfico 140 –179 – que entendem aqui por um veículo de duas rodas usado para o transporte de pessoas que era puxado por cavalos? (Borrazópolis PR Zona Rural)	144
Gráfico 141 – 179 – que entendem aqui por um veículo de uma roda, empurrado por pessoas, que serve para pequenas cargas em trechos curtos? (Iguaçu SC Zona Urbana)	145
Gráfico 142 – 179 – que entendem aqui por um veículo de uma roda, empurrado por pessoas, que serve para pequenas cargas em trechos curtos? (Iguaçu SC Zona Rural) ...	145
Gráfico 143 – 179 – que entendem aqui por um veículo de uma roda, empurrado por pessoas, que serve para pequenas cargas em trechos curtos? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	145
Gráfico 144 – 179 – que entendem aqui por um veículo de uma roda, empurrado por pessoas, que serve para pequenas cargas em trechos curtos? (Borrazópolis PR Zona Rural)	145
Gráfico 145 – 181 – quando o ônibus chega ao fim da linha, os passageiros tem que... (Iguaçu SC Zona Urbana)	147

Gráfico 146 – 181 – quando o ônibus chega ao fim da linha, os passageiros tem que... (Ipuaçu SC Zona Rural)	147
Gráfico 147 – 181 – quando o ônibus chega ao fim da linha, os passageiros tem que... (Borrazópolis PR Zona Urbana)	148
Gráfico 148 – 181 – quando o ônibus chega ao fim da linha, os passageiros tem que... (Borrazópolis PR Zona Rural)	148
Gráfico 149 – 185 – como se chama aquilo que serve para amarrar o boi? (Ipuaçu Zona Urbana)	148
Gráfico 150 – 185 – como se chama aquilo que serve para amarrar o boi? (Ipuaçu SC Zona Rural)	148
Gráfico 151 – 185 – como se chama aquilo que serve para amarrar o boi? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	149
Gráfico 152 – 185 – como se chama aquilo que serve para amarrar o boi? (Borrazópolis PR Zona Rural)	149
Gráfico 153 – 266 – como se chama isto? (apontar para o calcanhar.) (Ipuaçu Zona Urbana)	151
Gráfico 154 – 266 – como se chama isto? (apontar para o calcanhar.) (Ipuaçu Zona Urbana)	151
Gráfico 155 – 266 – como se chama isto? (apontar para o calcanhar.) (Borrazópolis PR Zona Urbana)	151
Gráfico 156 – 266 – como se chama isto? (apontar para o calcanhar.) (Borrazópolis PR Zona Rural)	151
Gráfico 157 – 272 – que entendem aqui por um animal que as vezes as pessoas pegam nos dedos do pé? (Ipuaçu SC Zona Urbana)	153
Gráfico 158 – 272 – que entendem aqui por um animal que as vezes as pessoas pegam nos dedos do pé? (Ipuaçu SC Zona Rural)	153
Gráfico 159 – 272 – que entendem aqui por um animal que as vezes as pessoas pegam nos dedos do pé? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	153
Gráfico 160 – 272 – que entendem aqui por um animal que as vezes as pessoas pegam nos dedos do pé? (Borrazópolis PR Zona Rural)	153
Gráfico 161 – 327 - que entendem aqui por essa (mostrando) cavidade embaixo do braço? (Ipuaçu SC Zona Urbana)	155
Gráfico 162 – 327 - que entendem aqui por essa (mostrando) cavidade embaixo do braço? (Ipuaçu SC Zona Rural)	155

Gráfico 163 – 327 - que entendem aqui por essa (mostrando) cavidade embaixo do braço? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	155
Gráfico 164 – 327 - que entendem aqui por essa (mostrando) cavidade embaixo do braço? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	155
Gráfico 165 – 370 – quem chamam aqui de “gringo”? (Ipuacu SC Zona Urbana)	156
Gráfico 166 – 370 – quem chamam aqui de “gringo”? (Ipuacu SC Zona Urbana)	156
Gráfico 167 – 370 – quem chamam aqui de “gringo”? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	156
Gráfico 168 – 370 – quem chamam aqui de “gringo”? (Borrazópolis PR Zona Rural)	156
Gráfico 169 – 383 – que entendem aqui por uma pessoa que parece estar sempre irritada? (Ipuacu SC Zona Urbana)	157
Gráfico 170 – 383 – que entendem aqui por uma pessoa que parece estar sempre irritada? (Ipuacu SC Zona Rural)	157
Gráfico 171 – 383 – que entendem aqui por uma pessoa que parece estar sempre irritada? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	158
Gráfico 172 – 383 – que entendem aqui por uma pessoa que parece estar sempre irritada? (Borrazópolis PR Zona Rural)	158
Gráfico 173 – 391 – que entendem aqui por uma pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas? (Ipuacu SC Zona Urbana)	159
Gráfico 174 – 391 – que entendem aqui por uma pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas? (Ipuacu SC Zona Rural)	159
Gráfico 175 – 391 – que entendem aqui por uma pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	159
Gráfico 176 – 391 – que entendem aqui por uma pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas? (Borrazópolis PR Zona Rural)	159
Gráfico 177 – 393 – que entendem aqui por uma pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa fome para não gastar? (Ipuacu SC Zona Urbana)	161
Gráfico 178 – 393 – que entendem aqui por uma pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa fome para não gastar? (Ipuacu SC Zona Rural)	161
Gráfico 179 – 393 – que entendem aqui por uma pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa fome para não gastar? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	162

Gráfico 180 – 393 – que entendem aqui por uma pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa fome para não gastar? (Borrazópolis PR Zona Rural)	162
Gráfico 181 – 408 - como você chama as designações para dinheiro? (Ipuação SC Zona Urbana)	164
Gráfico 182 – 408 - como você chama as designações para dinheiro? (Ipuação SC Zona Rural)	164
Gráfico 183 – 408 - como você chama as designações para dinheiro? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	165
Gráfico 184 – 408 - como você chama as designações para dinheiro? (Borrazópolis PR Zona Rural)	165
Gráfico 185 – 481 – que entendem aqui por uma pessoa que tem o mesmo nome da gente? (Ipuação SC Zona Urbana)	165
Gráfico 186 – 481 – que entendem aqui por uma pessoa que tem o mesmo nome da gente? (Ipuação SC Zona Rural)	165
Gráfico 187 – 481 – que entendem aqui por uma pessoa que tem o mesmo nome da gente? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	166
Gráfico 188 – 481 – que entendem aqui por uma pessoa que tem o mesmo nome da gente? (Borrazópolis PR Zona Rural)	166
Gráfico 189 – 511 – que entendem aqui por uma mulher que cura através de rezas e simpatias? (Ipuação SC Zona Urbana)	168
Gráfico 190 – 511 – que entendem aqui por uma mulher que cura através de rezas e simpatias? (Ipuação SC Zona Rural)	168
Gráfico 191 – 511 – que entendem aqui por uma mulher que cura através de rezas e simpatias? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	168
Gráfico 192 – 511 – que entendem aqui por uma mulher que cura através de rezas e simpatias? (Borrazópolis PR Zona Rural)	168
Gráfico 193 – 511 – que entendem aqui por uma mulher que cura através de rezas e simpatias? E se for homem? (Ipuação SC Zona Urbana)	170
Gráfico 194 – 511 – que entendem aqui por uma mulher que cura através de rezas e simpatias? E se for homem? (Ipuação SC Zona Rural)	170
Gráfico 195 – 511 – que entendem aqui por uma mulher que cura através de rezas e simpatias? E se for homem? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	171
Gráfico 196 – 511 – que entendem aqui por uma mulher que cura através de rezas e simpatias? E se for homem? (Borrazópolis PR Zona Rural)	171

Gráfico 197 – 513 – que entendem aqui por aquelas coisinhas redondas de vidro que os meninos gostam de brincar? (Ipuaçu SC Zona Urbana)	172
Gráfico 198 – 513 – que entendem aqui por aquelas coisinhas redondas de vidro que os meninos gostam de brincar? (Ipuaçu SC Zona Rural)	172
Gráfico 199 – 513 – que entendem aqui por aquelas coisinhas redondas de vidro que os meninos gostam de brincar? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	172
Gráfico 200 – 513 – que entendem aqui por aquelas coisinhas redondas de vidro que os meninos gostam de brincar? (Borrazópolis PR Zona Rural)	172
Gráfico 201 – 514 – que entendem aqui por um brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha? (Ipuaçu SC Zona Urbana)	173
Gráfico 202 – 514 – que entendem aqui por um brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha? (Ipuaçu SC Zona Rural)	173
Gráfico 203 – 514 – que entendem aqui por um brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	173
Gráfico 204 – 514 – que entendem aqui por um brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha? (Borrazópolis PR Zona Rural)	173
Gráfico 205 – 518 – que entendem aqui por um jogo em que a criança fecha os olhos e depois procura as outras que ficam escondidas em algum lugar? (Ipuaçu SC Zona Urbana)	174
Gráfico 206 – 518 – que entendem aqui por um jogo em que a criança fecha os olhos e depois procura as outras que ficam escondidas em algum lugar? (Ipuaçu SC Zona Rural)	174
Gráfico 207 – 518 – que entendem aqui por um jogo em que a criança fecha os olhos e depois procura as outras que ficam escondidas em algum lugar? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	175
Gráfico 208 – 518 – que entendem aqui por um jogo em que a criança fecha os olhos e depois procura as outras que ficam escondidas em algum lugar? (Borrazópolis PR Zona Rural)	175
Gráfico 209 – 564 – para fazer um telhado um operário fica encima e o outro no chão. O que faz este que está no chão? (Ipuaçu SC Zona Urbana)	176
Gráfico 210 – 564 – para fazer um telhado um operário fica encima e o outro no chão. O que faz este que está no chão? (Ipuaçu SC Zona Rural)	176
Gráfico 211 – 564 – para fazer um telhado um operário fica encima e o outro no chão. O que faz este que está no chão? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	176

Gráfico 212 – 564 – para fazer um telhado um operário fica encima e o outro no chão. O que faz este que está no chão? (Borrazópolis PR Zona Rural)	176
Gráfico 213 – 574 – com que se acende o fogo? (Iguaçu SC Zona Urbana)	177
Gráfico 214 – 574 – com que se acende o fogo? (Iguaçu SC Zona Rural)	177
Gráfico 215 – 574 – com que se acende o fogo? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	177
Gráfico 216 – 574 – com que se acende o fogo? (Borrazópolis PR Zona Rural)	177
Gráfico 217 – 592 – como se chama a carne de boi depois de passar na máquina? (Iguaçu SC Zona Urbana)	178
Gráfico 218 – 592 – como se chama a carne de boi depois de passar na máquina? (Iguaçu SC Zona Rural)	178
Gráfico 219 – 592 – como se chama a carne de boi depois de passar na máquina? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	178
Gráfico 220 – 592 – como se chama a carne de boi depois de passar na máquina? (Borrazópolis PR Zona Rural)	178
Gráfico 221 – 599 – que entende aqui por uma vasilha de barro de três a quatro litros, onde se guarda água para beber? (Iguaçu SC Zona Urbana)	179
Gráfico 222 – 599 – que entende aqui por uma vasilha de barro de três a quatro litros, onde se guarda água para beber? (Iguaçu SC Zona Rural)	179
Gráfico 223 – 599 – que entende aqui por uma vasilha de barro de três a quatro litros, onde se guarda água para beber? (Iguaçu SC Zona Urbana)	180
Gráfico 224 – 599 – que entende aqui por uma vasilha de barro de três a quatro litros, onde se guarda água para beber? (Borrazópolis PR Zona Rural)	180
Gráfico 225 – 604 – que nomes dão aqui para a bebida alcoólica feita de cana de açúcar? (Iguaçu SC Zona Urbana)	181
Gráfico 226 – 604 – que nomes dão aqui para a bebida alcoólica feita de cana de açúcar? (Iguaçu SC Zona Rural)	181
Gráfico 227 – 604 – que nomes dão aqui para a bebida alcoólica feita de cana de açúcar? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	181
Gráfico 228 – 604 – que nomes dão aqui para a bebida alcoólica feita de cana de açúcar? (Borrazópolis PR Zona Rural)	181
Gráfico 229 – 605 – aonde vão os homens para beber uma cachacinha? (Iguaçu SC Zona Urbana)	182
Gráfico 230 – 605 – aonde vão os homens para beber uma cachacinha? (Iguaçu SC Zona Rural)	182

Gráfico 231 – 605 – aonde vão os homens para beber uma cachacinha? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	182
Gráfico 232 – 605 – aonde vão os homens para beber uma cachacinha? (Borrazópolis PR Zona Rural)	182
Gráfico 233 – 608 – o que se passa no pão que é feito de frutas? (Iguaçu SC Zona Urbana)	183
Gráfico 234 – 608 – o que se passa no pão que é feito de frutas? (Iguaçu SC Zona Rural)	183
Gráfico 235 – 608 – o que se passa no pão que é feito de frutas? (Borrazópolis PR Zona Urbana)	184
Gráfico 236 – 608 – o que se passa no pão que é feito de frutas? (Borrazópolis PR Zona Rural)	184

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização de Ipuacu em Santa Catarina	36
Figura 2 – Localização de Borrazópolis no mapa do Paraná.....	38
Figura 3 – Localização das cidades de Ipuacu SC e Borrazópolis PR	39
Figura 4 – Divisão Dialetal	47
Figura 5 – Espaço Variacional e Disciplinas da Variação.....	55
Figura 6 – Esquema da cruz constituído pelas dimensões socioculturais e geracionais.	58

LISTA DE SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SC – Santa Catarina

PR – Paraná

ALERS – Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul

DP – Dialetoologia Pluridimensional

DM – Dialetoologia Monodimensional

Ca – Classe Alta

Cb – Classe Baixa

F – Feminino

M- Masculino

QSL – Questionário Semântico-Lexical

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	29
2	CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	33
2.1 I	Ipuaçu – Aspectos históricos, demográficos e socioeconômicos.....	34
2.2.2	Borrazópolis - Aspectos históricos, demográficos e socioeconômicos.....	36
3	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	39
3.1	DIALETOLOGIA.....	39
3.2	DIALETOLOGIA NO BRASIL.....	45
3.3	DIALETOLOGIA MONODIMENSIONAL.....	49
3.4	DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL.....	50
4	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	58
4.1	LÍNGUA X LÉXICO.....	60
4.1.1	Língua.....	60
4.1.2	Léxico.....	63
5	METODOLOGIA.....	65
5.1	NATUREZA DA PESQUISA.....	66
5.2	SELEÇÃO DOS PONTOS.....	66
5.3	SELEÇÃO DOS INFORMANTES	67
5.4	DIMENSÕES DE ANÁLISE.....	68
5.4.1	Dimensão Diatópica.....	68
5.4.2	Dimensão Diastrática	68
5.4.3	Dimensão Diassexual/Diagenérica.....	69
5.4.4	Dimensão Diageracional.....	69
5.5	OS DADOS DOS INFORMANTES.....	69
5.6	A PESQUISA DE CAMPO E O QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL).....	70
5.7	A ENTREVISTA.....	72
6	ANÁLISE DOS DADOS.....	73
6.1	Análise dos dados a partir da dimensão diatópica.....	73
7	CONCLUSÕES FINAIS.....	184
8	REFÊRENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	187
9	ANEXOS.....	195

1 INTRODUÇÃO

O Brasil apresenta um significativo pluralismo étnico e cultural, o que favorece a diversidade linguística. Entre os fatores que levam às variações linguísticas, pode-se destacar as mais diversas relações entre etnias e culturas, as quais são responsáveis pelas diferenças existentes entre regiões e áreas geográficas do país e, conseqüentemente, pelas diferenças entre os diversos falares brasileiros.

É inegável que a língua é nosso maior instrumento de comunicação e, como ressalta Calvet (2002), “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes” (CALVET, 2002 p.12). Assim sendo, é possível afirmar que um não existe sem o outro, pois a língua integra o meio mais eficaz de comunicação em uma sociedade.

Devemos levar em consideração que a língua está em constante transformação. Isto é, ela não é algo pronto, acabado e, muito menos, estagnado, pois é usada por seres humanos que estão em constante movimento e são topodinâmicos, por isso, a língua não podia ficar indiferente a essa mudança. A língua é usada, diariamente, na sua forma natural e é fundamental para a comunicação entre sujeitos de uma sociedade. A densidade dessa comunicação pode explicar as variedades linguísticas que existem entre os diferentes grupos sociais, uma vez que cada um formará a sua própria rede de comunicação.

Nosso país tem como característica a grande diversidade linguística, fruto das intensas imigrações e migrações de povos oriundos das mais diversas regiões e países que entraram em contato com as centenas de línguas indígenas existentes em nosso território. Com a grande extensão territorial brasileira, é de se esperar que haja uma unidade linguística, ou seja, a língua portuguesa, mas também se espera que haja certa diversidade, isto é, os falares brasileiros. Os falantes do norte do país possuem um repertório lexical diferente dos que são do sul, por exemplo. Apesar de falarmos a mesma língua, pode haver dificuldade no entendimento entre esses falantes, pois há significados e vocábulos diferentes entre eles. Conforme Ferreira e Cardoso (1994, p. 12),

“[...] os falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características linguísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam da mesma maneira tendo em vista os diferentes estratos

sociais e as circunstâncias diversas da comunicação. Tudo isso deixa evidente a complexidade de um sistema linguístico e toda a variação nele contida”.

De acordo com Razky (2013, p. 247-249), “graças à mobilidade comunicativa dos falantes, é possível falar hoje de mobilidade lexical, fluxo lexical e contínuo lexical. De fato, o léxico é uma dimensão importante em que é possível mapear a variabilidade e medir sua produtividade”. Nesse sentido, cabe salientar que sabemos da importância que o léxico possui em uma sociedade. Por essa razão, esta pesquisa busca dar continuidade aos estudos na área lexical e projetar um pouco mais de luz no que tange os processos de variação linguística no Brasil.

Com o presente estudo, iremos comparar a variação lexical de dois pontos de pesquisa. Para isso, nossa pesquisa conta com um questionário que será aplicado, em forma de entrevista, a um grupo de falantes de cada ponto a ser pesquisado. O questionário semântico-lexical será aplicado no município de Ipuacu - SC, localizado no Oeste de Santa Catarina, com aproximadamente 7.643 habitantes (IBGE 2021). Vale ressaltar que dentre a população, mais da metade são indígenas, contendo descendentes de alemães, italianos, poloneses e caboclos. Outro ponto a ser analisado é o município de Borrazópolis - PR, localizado ao norte do estado do Paraná, com 6.290 habitantes (IBGE 2021). Sua população é formada por paulistas, mineiros e descendentes de japoneses. Além disso, compete observar que ambos os pontos de pesquisa estão a uma distância de 530 quilômetros.

Nossos entrevistados estão divididos em dezesseis homens e dezesseis mulheres, sendo oito homens e oito mulheres em cada ponto de pesquisa, o que totaliza trinta e dois informantes nas duas localidades, com idade e escolaridade distintas, como explicaremos a seguir. Ressaltamos aqui que não foi possível entrevistar os trinta e dois informantes, pois, no município de Borrazópolis não conseguimos entrevistar os dezesseis, não localizamos informantes da zona rural da geração mais velha da classe alta.

Toda variedade possui suas características próprias, diferenciando-se, assim, umas das outras, “à luz das causas sociais e que já interpretava os fatos linguísticos, segundo diferenças sociais, profissionais, de nível de escolaridade, etárias, de sexo”. (FERREIRA, CARDOSO, 1994, p. 18). Desse modo, é possível compreender que o componente lexical ocorre quando um objeto ou ação são designados por termos diferentes.

Nesta pesquisa, estaremos centrados nos fatores linguísticos e extralinguísticos. Contudo, a primeira questão que surge e que tentaremos responder é se é possível haver um léxico característico dos dois pontos pesquisados – Borrazópolis PR e Ipuacu SC?

A fim de responder a esta questão, o **objetivo geral** desta pesquisa é descrever a variação semântico-lexical nas duas localidades de pesquisa – Borrazópolis PR e Ipuacu SC – a partir da metodologia da cartografia pluridimensional e relacional.

Objetivos específicos

- 1 Discutir, à luz da Dialetologia pluridimensional, a distribuição espacial de variantes léxico-semânticas, relacionadas ao falar riograndense e paulista;
- 2 Investigar, com base na dimensão diatópica, quais variações são usadas dentro de cada comunidade de fala selecionada, verificando e identificando cada grupo socialmente;
- 3 Descrever, na dimensão Diassexual, aspectos linguísticos entre mulheres e homens;
- 4 Analisar, com base na dimensão Diageracional, como é o comportamento de usos linguísticos existentes entre a geração mais jovem e a geração mais velha;
- 5 Identificar, na dimensão Diastrática, de que forma a escolaridade influencia no comportamento dos usos linguísticos em relação às duas localidades escolhidas;
- 6 Relacionar a variação semântico-lexical diatópica (espacial/geográfica), diassexual (gênero), diageracional (faixa etária) e diastrática (escolaridade), que ocorre na fala dos informantes;

A partir dos objetivos específicos, formulamos as seguintes hipóteses:

1. Com base nos dados do ALERS de Altenhofen e Klassmann (2011), compreende-se que nossos informantes do município de Ipuacu tendem mais para o falar riograndense, enquanto que os informantes de Borrazópolis tendem mais para o falar paulista ou nordestino.
2. Quanto ao objetivo 2, nossa hipótese é de que há uma variação inerente a cada ponto de coleta, podendo este ser tanto de município a município, quanto no eixo + rural e + urbano (KRUG, 2004).
3. A partir dos objetivos 3 ao 5 e com base em Trudgill (2000), nossas hipóteses vão no sentido de que há variação maior entre as falas dos homens em comparação com a das mulheres. Além disso, a mudança linguística está mais

presente entre a geração mais jovem e, quanto maior a classe social dos informantes, maior será o cuidado em relação à adequação linguística para o lado da linguagem formal).

A presente pesquisa afina-se com as bases teórico-metodológicas da Dialetologia Pluridimensional e Relacional de Thun (1996, 2005, 2009, 2010), assim como se relaciona com os pressupostos teóricos da geossociolinguística desenvolvida por Thun (1996). Nesse sentido, importa dizer que o princípio metodológico da dialetologia pluridimensional e relacional é o que nos permite investigar fenômenos linguísticos não apenas no espaço geográfico, mas, também, possibilita contemplar outras dimensões sociais da variação linguística.

Desse modo, ao seguir os pressupostos metodológicos da dialetologia pluridimensional, contamos com dados empíricos provenientes de pesquisa de campo realizada nos dois pontos de pesquisa. Foram selecionados e entrevistados, como já ressaltado, oito informantes de cada localidade, totalizando, ao todo, dezesseis informantes. A fim de alcançar nossos objetivos nas entrevistas, foi aplicado um questionário semântico-lexical adaptado do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), dos organizadores Altenhofen e Klassmann (2011). O questionário do ALERS é composto por 644 questões, divididas em 14 grupos. No entanto, o nosso questionário conta com apenas cinquenta e seis (56) questões, das quais cinquenta e uma (51) são do ALERS e três (3) são de nossa autoria. Ressaltamos, assim, que mais explicações sobre os informantes e o método de coleta de dados serão encontradas no item “metodologias”.

Uma das principais motivações para a realização desta pesquisa é de cunho pessoal. A pesquisadora nasceu e cresceu na zona rural do município de Ipuauçu e nunca havia saído de sua comunidade de fala. Após se mudar para o norte do Paraná, percebeu muitas diferenças na maneira de falar daquelas pessoas, principalmente, no diz respeito ao emprego do léxico. Dessa forma, cabe salientar que para os moradores da cidade de Borrazópolis, fica perceptível que você não é pertencente àquela comunidade de fala, pois, além do sotaque ser diferente, o léxico também muda. Nesse sentido, importa destacar que sempre foi uma inquietação estudar as variações linguísticas e porque elas acontecem.

Com o intuito de melhor apresentar os tópicos desenvolvidos, esta pesquisa está dividida em: a) introdução; b) no capítulo dois, será apresentado a contextualização dos pontos pesquisados; c) no capítulo três, será discutido os percursos teóricos da área de

estudo que embasará nosso trabalho; d) no capítulo quatro, abordaremos os conceitos de variedades linguística, língua e léxico; e) no capítulo cinco, serão apresentadas as metodologias e procedimentos. Também serão explicados os elementos característicos do método Geossociolinguístico e Geolinguístico, que será utilizado para a dissertação. Ademais, iremos discorrer sobre a delimitação dos pontos de coleta, seleção dos informantes, questionário semântico-lexical e a pesquisa de campo; f) no capítulo seis, será abordada a análise e discutiremos os dados obtidos por meio das entrevistas g) no capítulo sete, abordaremos as considerações finais, apresentando o fechamento dos resultados da pesquisa e, por fim, seguem as referências bibliográficas.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

A primeira fase de um estudo geolinguístico consiste no mapeamento da região pesquisada, uma vez que é necessário que se conheçam as características dos pontos a serem analisados. Para isso, apresentaremos, neste capítulo, algumas considerações sobre os aspectos histórico-sociais dos municípios contemplados nesta pesquisa.

A colonização ocorrida no Brasil vai em contato com os grandes movimentos de imigração e migração. Desse modo, é possível salientar que a região sul do país foi alvo desses movimentos e isso refletiu diretamente na fala de seus habitantes. É perceptível que há uma ampla diferença na fala dos paranaenses e isso pode ser notado, especificamente, na fala dos moradores da região norte do estado e na da população do oeste catarinense. Acrescenta-se, ainda, que mesmo pertencentes à região sul, em uma conversa com as pessoas de diferentes lugares, pode-se encontrar uma certa dificuldade de compreensão em relação ao léxico daquele lugar.

A colonização do oeste catarinense está, historicamente, atrelada aos seus espaços rurais e isso se deve, principalmente, pela fixação dos descendentes de imigrantes migrados, na sua maioria, do Rio Grande do Sul. Na sua formação, apresentam-se traços culturais de três grupos: indígenas, negros e europeus. O oeste catarinense foi ocupado, primeiramente, pelos povos *Kaingang* e *Guarani*, sendo que com o aumento do tráfego de outros grupos de pessoas, sucedeu-se a miscigenação. Os colonos rio-grandenses eram, em sua maioria, italianos, alemães e alguns poloneses que vieram em busca de novas terras para a produção de erva-mate, construção madeireiras e cultivo nas pequenas áreas.

A colonização do norte do Paraná, como observaremos no capítulo 2.2, está intrinsecamente relacionada à expansão da cultura cafeeira. De acordo com Chies (2007, p. 25), “o café expandia-se muito rapidamente em razão das vantagens que sua produção oferecia, já em 1860, havia cortado o território paulista e chegado às terras do norte paranaense, porém, ocupação mais representativa se deu no início do século XX”. Nessa perspectiva, é perfeitamente possível afirmar que a característica principal que propiciou a vinda de famílias mineiras e paulistas foi o solo fértil de terra roxa, uma vez que está proporciona grande produtividade. Com isso, o norte do Paraná passou por um processo muito rápido de ocupação territorial. Geralmente, os colonos das fazendas de café eram caboclos, paulistas, mineiros e japoneses. No entanto, quando aconteceu a grande geadas de 1975, muitas famílias, que vieram em busca de empregos e vida nova, tiveram que voltar para as suas terras de origem, mas muitos conseguiram ficar e ter seu cantinho de terra.

2.1 IPUAÇU – Aspectos históricos, demográficos e socioeconômicos

Ipuacu é uma pequena cidade localizada no oeste de Santa Catarina, a uma distância de 78 quilômetros de Chapecó e 580 quilômetros da capital Florianópolis e possui, aproximadamente, 7.643 mil habitantes, segundo o IBGE de 2021. Seu nome tem origem Tupi Guarani que significa “Lageado Grande” ou “Fonte Grande” e isso está relacionado ao Rio Chapecó que passa rente à cidade. Antes dos primeiros imigrantes começarem a explorar, as terras eram e ainda são habitadas por indígenas das Tribos *Kaingang* e *Guarani*.

Sua história começa por meados de 1950, quando os primeiros colonizadores imigrantes italianos, alemães e, principalmente, caboclos, oriundos do Estado do Paraná e, especialmente, do Rio Grande do Sul, vieram em busca de terras novas. Eles encontraram aqui uma terra rica e coberta por pinheiros nativos da Mata Atlântica. Desenvolveu-se, assim, a primeira atividade econômica do município: a extração de madeira. Com o passar do tempo, as matas foram cedendo espaço para as lavouras e construções, o que possibilitou a expansão da agricultura, pecuária, avicultura, suinocultura, indústria de agronegócio e comércio. Desse modo, é possível afirmar que esses são, atualmente, a base da economia do município.

Os primeiros moradores do povoado foram Venceslau Machado, José Hosório Pires, Valdomiro Rosa e outros que se dedicavam à agricultura de subsistência. A primeira

casa comercial foi construída em 1956 por Dionísio Tomazze. Os primeiros professores atuantes foram Ana dos Santos Martins e Zeca Machado, sendo este o segundo Inspetor da região. As primeiras fazendas foram de Aliti Pagnocelli e Giordani, sendo que Bernardo Salomão e Julio Fumagalli eram os encarregados de cuidar das fazendas.

Em 1958, Ipuacu foi elevado à categoria de Distrito de Abelardo Luz. Em 9 de Janeiro de 1992, através da Lei nº 8.531, alterada pela Lei 8.561 de 30 de março de 1992, foi criado o município de Ipuacu, o qual foi desmembrado dos Municípios de Abelardo Luz e Xanxerê. Na instalação em 1º de janeiro de 1993, foi empossado o primeiro Prefeito da cidade Arno de Andrade e Vice-Prefeito Luiz Antonio Serraglio.

O Município de Ipuacu também se caracteriza pelas constantes aparições de agroglifos que, nos últimos anos, mobilizou muitos turistas para visitar a cidade e estudiosos, como Ufólogos, para desenvolver pesquisas nas marcas deixadas nas lavouras de trigos. Isso, até nos dias de hoje, continua sendo um dos maiores mistérios para toda a população.

Em relação à religiosidade do município de Ipuacu, além da religião Católica, também encontramos outras religiões, principalmente, na Terra Indígena Xapecó.

A população indígena do município de Ipuacu tem o maior agrupamento do Estado de Santa Catarina. Os indígenas possuem uma sede própria, chamada Terra Indígena Xapecó, eles têm atendimento especializado de saúde e educação. Ademais, o município reconhece e respeita a identidade dos indígenas, tal como sua organização social, costumes, línguas, crenças, tradições e direito às terras. Além disso, conforme estabelecido na constituição, o município assegura o ensino na sua língua materna.

Além do exposto, é pertinente destacar que o município de Ipuacu apresenta particularidades na língua falada que são próprias e tem uma estrutura linguística de traços bastante diferenciados. Muitos deles se devem à influência de línguas europeias (italiana e alemã), e indígenas (Kaingang e Guaraní). Contudo, estes últimos ocorrem com menor incidência, tendo em vista que sua população, atualmente, é formada por brancos, negros, índios e mestiços.

O mapa abaixo é a localização do município no estado de Santa Catarina:

Figura 1- localização de Ipuacu em Santa Catarina



Fonte: disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ipua%C3%A7u>

2.2.2 BORRAZÓPOLIS – Aspectos históricos, demográficos e socioeconômicos

Borrazópolis é uma pequena cidade localizada ao norte do Estado do Paraná, distando 363 quilômetros da capital Curitiba e 64 quilômetros de Apucarana e, segundo o IBGE de 2021, possui, aproximadamente, 6.290 mil habitantes.

A cidade foi colonizada, na década de 1950, por fazendeiros paulistas, mineiros e japoneses, cuja finalidade era o cultivo da cultura cafeeira. Além disso, o município estava ligado à Colonizadora Rio Bom, subsidiada pelo Banco do estado do Rio Grande do Sul, que deu início à abertura de terras novas, no Norte Novo de Apucarana (Borrazópolis), para o plantio de café e para a construção de estradas para o escoamento dos grãos.

A colonização foi o resultado de um projeto idealizado pelo Sr. Francisco José Borraz, um homem de visão extraordinária para o futuro, que faleceu antes mesmo de conhecer a cidade. Nesse sentido, compete destacar que o nome do município é uma homenagem a seu Borraz, por isso, a cidade foi batizada como “Borrazópolis”.

Com a abertura de novas terras, fundaram-se as plantações de café e, com isso, deu-se início a essa cultura fortemente presente no município. Além disso, aproveitaram-se, industrialmente, a madeira de suas matas, o que impulsionou o progresso da região. É pertinente destacar, ainda, que além do cultivo de café, também eram semeados feijão e milho, tendo em vista que a produção era favorecida pela fertilidade da terra roxa de origem vulcânica.

Além do exposto, é possível afirmar que os primeiros moradores do povoado foram as famílias Dzis e Bulek, de origem ucraniana. Eles fixaram suas raízes em Borrazópolis quando começaram a surgir as primeiras casas na cidade.

No norte do Paraná, o café foi o produto responsável pela fixação do homem no campo. Inclusive, muitas cidades foram desbravadas graças a essa cultura que proporcionava a farta mão-de-obra empregada na região. Sua presença fazia abrir estradas e nascer cidades, era o sonho de riqueza para todos os migrantes que se dirigiam até a região. Ademais, é pertinente salientar que a colônia japonesa teve participação efetiva e decisiva no processo de desbravamento da região.

O cultivar do café significava mão-de-obra e dinheiro circulando, além de proporcionar a migração de diversos lugares, bem como de brasileiros filhos de paulistas, nordestinos, mineiros, sulistas e alguns imigrantes europeus e asiáticos. A cidade de Borrazópolis cresceu rapidamente, por isso, várias casas comerciais foram abertas, o que fez com que o comércio prosperasse. Em meados de 1960, a cidade contava com seis serrarias, duas fábricas de móveis, seis fábricas de produtos cerâmicos, oito máquinas para beneficiamento de café produzidos na região, cinco máquinas para beneficiamento de arroz, duas destilarias de hortelã e menta, uma fábrica de fubá e farinha de milho. Além disso, haviam dois estabelecimentos bancários, seis igrejas, um cinema e, aproximadamente, 650 casas residenciais no centro urbano. Havia, ainda, quatro escolas, sendo que a primeira foi construída pela colonizadora na sede do município, ao passo que as outras três encontravam-se no interior. As escolas contavam com dez professores municipais e cinco estaduais (dados retirados do portal da prefeitura municipal). Borrazópolis teve um crescimento representativo, com 24.137 habitantes em 1970, segundo dados do IBGE.

O município contava com mais de 10 milhões de pés de café em produção, marcando a maior riqueza da região. Inclusive, isso permitiu que a cidade alcançasse lugar de destaque entre os maiores produtores de café do Norte do Paraná. Entretanto, a geada, ocorrida em 25 de julho de 1975, estabeleceu um ponto decisivo no futuro da cidade. Isto é, foram dizimados mais de 90% do parque cafeeiro, que já vinha perdendo espaço para outros cultivares de natureza temporária e menos suscetíveis aos riscos das geadas, como milho, trigo, soja, algodão, arroz e feijão. Se de um lado a decadência do café abria espaço para a diversificação de outras culturas. De outro, as técnicas mecanizadas, responsáveis por parte do êxodo rural em larga escala, ocasionaram a dispensa de mão-de-obra em massa no campo. Devido a esse êxodo rural, muitas famílias voltaram para suas terras de origem e, assim, abandonaram o município. E aqueles que permaneceram, mudaram-se para a zona urbana.

Uma característica interessante de se analisar entre ambas as localidades pesquisadas é que o município paranaense, em suma, possui mais de 90% da sua população residente na zona urbana. Já na cidade catarinense, os habitantes estão, em sua maioria, concentrados na zona rural.

A economia de Borrazópolis, atualmente, gira em torno da agricultura e da pecuária e provém de alguns cultivares frutíferos e vegetais. Além disso, convém destacar que o município não tem agroindústrias de grande porte e não recebe muitos migrantes, pois a oferta de emprego é limitada.

Os traços linguísticos do povo borrazopolitano são marcantes e se remetem muito a sua colonização. Com isso, aderiu-se uma miscigenação das diferentes etnias que habitaram a localidade na época da cultura do café.

O mapa abaixo é a localização do município de Borrazópolis ao norte do Paraná:

Figura 2 – localização de Borrazópolis no mapa do Paraná



Fonte: Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Borraz%C3%B3polis>

O mapa abaixo é a localização de ambas as cidades. Nesse sentido, importa dizer que cada pontinho azul faz referência à localização. Como podemos perceber, ambas estão localizadas em diferentes estados, conforme já explanado. Além disso, com o mapa, é possível notar a distância que há entre as duas cidades.

Figura 3 – localização das cidades de Ipuacu SC e Borrazópolis PR – o mapa foi adaptado.



Fonte: Disponível em: <https://www.pinterest.co.uk/pin/46091596177358439/>

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O primeiro passo para desenvolver a nossa pesquisa é apresentar as linhas teóricas que nortearam este estudo. Para isso, inicialmente, contemplaremos o aporte teórico da Dialetoлогия pluridimensional e relacional (THUN, 1996, 1998, 2010) e da Geossociolinguística (RAZKY, 1996, 2017, 2020). No contexto brasileiro, os estudos sobre o léxico do português brasileiro têm apresentado resultados que contribuem, incisivamente, para o entendimento da evolução da língua portuguesa no Brasil.

3.1 DIALETOLOGIA

Neste capítulo, situaremos historicamente e conceituaremos, de forma sucinta, a Dialetoлогия, dando ênfase a suas interfaces com a Sociolinguística, assim como as suas contribuições aos estudos dialetológicos. Vale ressaltar que os estudos dialetológicos tradicionais estavam baseados, quase que essencialmente, nos falares das zonas rurais (Rural Old Men – ROM). Imaginava-se que a língua falada nesses locais estaria mais

“conservada” e livre das influências do contato e da mobilidade entre pessoas providas de diferentes classes sociais, etnias e localidades diferentes.

A partir dos estudos de Labov, nos anos de 1960, a Sociolinguística mudou o rumo das pesquisas. Estes estudos foram fundamentais para uma nova abordagem tanto dos dados quanto do levantamento deles, levando em consideração e incluindo a realidade linguística urbana. Isso ascendeu o desenvolvimento de uma Dialetologia Urbana, com um olhar não somente aos fenômenos linguísticos, mas também sobre os dados extralinguísticos.

A Dialetologia consegue fixar-se como disciplina no final do século XIX, com objetivo e interesse nos estudos dos dialetos de uma determinada região. Além disso, estuda a língua na compreensão de sua variabilidade no espaço geográfico. Nesse sentido, para Ramos de Macêdo (2012), os estudos dialetais resultaram, basicamente, da preocupação dos dialetólogos com o resgate de dados e a documentação dos diferentes estágios da língua.

A autora ressalta, ainda, que “no início as pesquisas norteavam-se, principalmente, por uma perspectiva diatópica, ocupando-se de dada área geográfica, de um tipo geracional preferencial e de um estrato social único, e, se preocupava com os estudos acerca da cultura de um povo” (RAMOS DE MACÊDO 2012, p. 31). Conforme Cardoso (2016, p. 13) elucida, “a dialetologia, define-se como ramo da Linguística que se preocupa da identificação e descrição dos diferentes usos de uma determinada língua, considerando a distribuição diatópica, os aspectos socioculturais e a cronologia dos dados”.

Esse posicionamento é também confirmado por Ferreira e Cardoso (1994, p. 18), as quais referem que:

[...] a dialetologia [...] demonstrou, e demonstra até os dias de hoje, seu maior interesse pelos dialetos regionais, rurais, sua distribuição e intercomparação, portanto não parece atitude parcial ou incoerente identificá-la como a linguística, diatópica, horizontal.

Todavia, a primeira grande questão que a dialetologia enfrenta é definir o que é língua e o que é dialeto e qual é a sua diferença. Para Coseriu (1982, p. 11-12), a diferença existente entre *dialeto* e *língua* ocorre por questões de *status* histórico. Diz o autor:

Um dialeto, sem deixar de ser intrinsecamente uma língua, se considera subordinado a outra língua, de ordem superior. Ou, dizendo de outra maneira: o termo dialeto, enquanto oposto a língua, designa uma língua menor incluída em

uma língua maior, que é justamente, uma língua histórica (ou idioma). Uma língua histórica – salvo casos especiais – não é um modo de falar único, mas uma família histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros desta família ou constituem famílias menores dentro da família maior. Coseriu (1982, p. 11-12)

Mattoso Câmara Jr. (2010) defende que o dialeto pode ser entendido como um conjunto de falares. Desse modo, é possível compreender que em cada língua ocorre a variação dialetal. Isto é, pretende-se dizer que um dialeto não é uma língua, mas segundo Coseriu (1982), “a língua inclui o dialeto, mas ao contrário: todo dialeto é uma língua, mas nem todas as línguas são um dialeto”.

O sistema de uma língua é totalmente abstrato e homogêneo, pois ela não possui uma única forma para todos os falantes. Assim sendo, podemos afirmar que a língua é abrangente e, como exemplo, é possível refletir sobre o italiano, que é considerado uma língua (idioma). Dentro dessa língua, existem os falares (dialetos, variedades) como o falar talian, etc. lembramos aqui que nem todas as línguas apresentam isso. Por esse motivo, pode-se falar em dialetos de uma língua, mas não línguas de um dialeto. Coseriu (1982, p. 11) afirma que “todo dialeto é uma língua, mas nem toda língua é um dialeto”.

Atualmente, não usamos mais isoglossas, mas sim continuum linguístico, pois compreendemos que não existem mais delimitações claras e visíveis de onde se inicia uma variedade e nem onde termina a outra. Mas, como é um termo novo, usaremos as citações em que ainda se referiam à isoglossas, justamente com a intenção de identificar os traços que marcam o uso de uma língua em determinado espaço e de verificar que as variedades são um conjunto de isoglossas que se referem às linhas imaginárias que unem pontos com a mesma finalidade linguística. Ferreira e Cardoso (1994) referem-se a variedade, dizendo que: “[...] define-se variedade (dialeto) como um feixe de isoglossas, ou seja, um conjunto de isoglossas que se somam e que, portanto, mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 16).

É importante ressaltar que neste trabalho trocaremos o termo dialeto por variedade, pois, segundo Pertile (2009) e Altenhofen (2011), o termo carrega uma avaliação preconceituosa, isto é, uma sensação de inferioridade. Por isso, o termo aqui empregado pressupõe, simultaneamente, variação e a existência de outra variedade, pois, de acordo com Trudgill (2000, p. 5), é necessário empregar a palavra “variedade como

um termo neutro para aplicar-se a qualquer tipo de língua de que falamos sem sermos específicos”.

A dialetologia tradicional (KRUG e HORST, 2022) surge, por excelência, como método em trabalhos de pesquisas em que se analisa a variação linguística por meio de estudos cartográficos. Esse método se consolidou nos anos finais do século XIX e início do século XX, com a publicação do *Atlas Linguistique de la France* (ALF), de Jules Gilliéron, o qual contou com a colaboração de Edmond Edmont (1902-1910). Desse modo, é possível afirmar que a elaboração de seus estudos, a partir de um método de pesquisa mais homogêneo, permitiria a comparação de diversos falares.

Gilliéron é considerado o “fundador da Geografia Linguística (Dialetologia tradicional) como método de investigação científica” (BRANDÃO, 1991, p. 8). Dessa maneira, é possível afirmar que a partir da publicação de seu Atlas Linguístico, deu-se início à cartografia linguística. Isso proporcionou, ainda, a abertura de caminhos para a realização e publicações de trabalhos neste campo tanto na Europa quanto no resto do mundo. Apesar de Jules Gilliéron ser considerado o fundador da Geografia Linguística, outros linguistas se destacaram ao tentar realizar algo nesse campo de estudo com o método geográfico. Como, por exemplo, as chamadas frases de Wenker, que perduram até os dias de hoje. Wenker foi um alemão que escreveu sessenta e duas (62) frases e encaminhou cópias para todas as escolas da Alemanha, solicitando aos pais dos alunos que as traduzissem para as suas variedades. Além disso, temos também a contribuição dos irmãos Grimm, os quais fizeram, em todo o território alemão, o levantamento dos até hoje conhecidos contos dos irmãos Grimm. Também temos estudiosos na Espanha e em Portugal como, por exemplo, Paiva Bolero, que contribuiu significativamente com os falares portugueses.

Para Rector (1975), a Geolinguística é um método da dialetologia e se distingue não apenas por estudar um dialeto local (variedade) num só ponto, com fenômenos análogos num espaço, mas, também, diferencia-se por meio de pesquisa e registros dos fatos comprovados em mapas. Por Geografia Linguística¹ entende-se, de acordo com Coseriu (1965),

[...] la expresión “geografía lingüística” designa exclusivamente un método dialectológico y comparativo [...] que presupone el registro en mapas

1 Vale ressaltar que Geografia Linguística e Dialetologia são considerados o mesmo método, somente o nome é que tem mudanças.

especiales de un número relativamente elevado de formas lingüísticas (fónicas, léxicas o gramaticales) comprobadas mediante encuesta directa y unitaria en una red de puntos de territorio determinado, o, por lo menos, tiene en cuenta la distribución de las formas en el espacio geográfico correspondiente a la lengua, a las lenguas, a los dialectos o a los hablantes estudiados. (p.5).

A metodologia da dialetologia se baseia na elaboração de mapas, cartas geográficas ou atlas linguísticos. A construção desses atlas tem por propósito fazer um levantamento de dados *in loco*, analisando e observando um ou mais fenômenos linguísticos para poder traçar isoglossas que determinam a extensão de cada linha dialetal.

Para garantirem a representatividade dos estudos linguísticos, os dados mapeados seguem uma metodologia rígida. De acordo com Coseriu (1977), a dialetologia, além das etapas de preparação do questionário e da seleção de pontos, compreende, indispensavelmente, três etapas: i) a rede de pontos deve ser bem traçada para que abranja toda a região estudada; ii) os informantes são selecionados conforme o perfil estabelecido pelo entrevistador; iii) o questionário deve ser o mesmo para toda a coleta de dados, sendo que se deve ter uma preparação específica para a realização das entrevistas.

Como método, a Dialetologia se relaciona com a Geografia, por meio da Cartografia, não só pelo aspecto comum do instrumento cartográfico, mas, também, ocasionam um aspecto essencial das relações entre a vida cultural e social do homem em seu ambiente natural. Entende-se a Dialetologia como um estudo cartográfico das variedades, como salienta Jordan (1962, p. 273) ao afirmar que “a geografia linguística significa a representação cartográfica do material linguístico com o objetivo de determinar a repetição topográfica dos fenômenos.”

A Dialetologia fornece o método para a representação dos dados dialetológicos por meio da cartografia que se converte em mapas linguísticos. Coseriu esclarece que a dialetologia

[...] pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território (COSERIU, 1982, p. 79).

Um mapa é um documento que representa os fenômenos locais de qualquer natureza e de suas semelhanças. Portanto, isso permite que sejam feitas análises sobre o tema e/ou assunto cartografado, de forma que possam incorporar e relacionar outras

informações obtidas de outros instrumentos. Um atlas linguístico é, segundo Brandão (2005, p. 25),

[...] o conjunto de mapas em que se registram os traços fonéticos, lexicais e/ou morfosintáticos característicos de uma língua num determinado âmbito geográfico. (...) é repertório de diferentes realizações que constituem as diversas normas que coexistem num sistema linguístico e que configuram seus dialetos e/ou falares.

Câmara Jr. (1999, p. 94) diz que

A geografia lingüística é a técnica mais moderna de pesquisa na área da Dialectologia e consiste no levantamento de mapas da distribuição geográfica de cada traço lingüístico dialetal. O conjunto desses mapas constitui o Atlas Lingüístico do território estudado.

Coseriu (1965) declara que o método geográfico constituiu uma das grandes conquistas da ciência no século XIX. O autor afirma, ainda, que a Geografia Linguística alcançou progresso muito considerável, melhorando cada vez mais os métodos de investigação direta da múltipla realidade do falar, proporcionando que os linguistas utilizem “*esos poderosos instrumentos de estudio que son los atlas lingüísticos*”. (COSERIU, 1965, p. 42).

A Geolinguística pode ser classificada como monodimensional (tradicional) ou pluridimensional. A monodimensional considera somente o aspecto espacial geográfico. Em alguns estudos, é possível encontrar uma representação cartográfica que era o aspecto diatópico. Já a Dialectologia pluridimensional permite a abordagem de relações entre os fatos linguísticos e sociais.

[..]"Dialectología pluridimensional" (DP) y que se define como parte de la ciencia general de la variación lingüística y de las relaciones entre variantes y variedades por un lado y los hablantes por el otro lado. Dentro de esta ciencia general, a la DP le corresponde la parte de los macroanálisis. No deja de ser una "geolingüística" porque la DP no puede renunciar a la variación diatópica, garantía del macro análisis. (THUN, 2017, p. 787).

É importante salientar que alguns estudiosos consideram a geolinguística como um método (como já frisamos) e não como uma ciência. Ela se apresenta como método,

porque organiza a pesquisa dialetológica. Assim, podemos dizer que a geolinguística é apenas uma maneira, um modo de sistematização.

Aos poucos, a geolinguística foi se aperfeiçoando e desenvolvendo, cada vez mais, os atlas linguísticos. Além disso, buscou retratar peculiaridades etnográficas, ao lado das variações diatópicas, diastráticas, diagenéricas, diafásicas. Ademais, os interesses da dialetologia se voltam não só para a fala das zonas rurais, mas se debruçam também para as falas dos grandes centros urbanos.

Os estudos para a elaboração dos Atlas Linguísticos foram de suma importância, uma vez que estes documentos possibilitam o reconhecimento de diferentes falares nas mais diversas regiões de um país ou de uma determinada região de fronteiras linguísticas, como também de contínuos linguísticos regionais. Acresce, ainda, que a dialetologia é uma área de estudo que vem ganhando destaque no campo de pesquisa, tendo em vista que temos muito o que pesquisar, pois nossa língua varia e muda o tempo todo. Desse modo, é possível afirmar que é a partir desses estudos e por meio do acompanhando das mudanças ao longo dos anos, que podemos perceber, de forma mais clara, como isso ocorre.

A dialetologia reconhece, dispõe e retrata os diferentes usos de uma língua, uma vez que ela varia de acordo com sua organização espacial, histórica e sociocultural, correspondendo a um pensamento mais amplo. Borba (1976, p. 31) compreende ser a Dialetologia uma ciência que representa “o estudo dos sistemas linguísticos em suas variações geográficas ou social”.

3. 3 DIALETOLOGIA NO BRASIL

No Brasil, o percurso histórico dos estudos dialetais inicia na década de 1920 por meio da contribuição escrita realizada por Visconde de Pedra Branca, o qual, em 1826, fez um estudo comparativo entre o português brasileiro e o português de Portugal para compor a *Introducion do Atlas Ethographique du Globe*. Segundo Cardoso e Mota (2003), a história da Dialetologia, no Brasil, divide-se em quatro fases distintas.

A primeira fase, datada de 1826 à 1920, conforme Ferreira e Cardoso (1994), teve como marco final a publicação da obra *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral (1920). Esta fase se caracteriza pela vasta produção de estudos com foco de análise no léxico do português brasileiro. A partir dessas obras, muitas outras foram desenvolvidas no Brasil, as quais abordam questões sobre a língua e as variações dela decorrentes.

O período de 1920 à 1952 constitui-se a como segunda fase e é caracterizado pelo predomínio da produção de trabalhos monográficos, mantendo também o grande volume de publicações voltadas para a lexicografia. Nesta fase, foi publicada, em 1934, a obra *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim. No Brasil, este período teve sua importância na demarcação de áreas dialetais brasileiras. A publicação de o *Linguajar Carioca*, de Antenor Nascentes, em 1922, foi responsável pela proposta de um mapa dialetológico como marco para as demarcações linguísticas. Antenor Nascentes apontava que havia a falta de uma delimitação de isoglossas no Brasil e propôs, então, uma divisão dialetal ocorrida, primeiramente, em 1922 e reelaborada em 1953. O referido autor divide o Brasil em dois grandes grupos, subdivididos em seis subfalares, além de um território incharacterístico. Os falares do Norte, segundo Nascentes (1955), compreendem que:

Os subfalares do norte são dois: o amazônico, que abrange o Acre, as Amazonas, O Pará e a parte de Goiás que vai da foz do Aquidauana à serra do Estrondo, e o nordestino, que compreende os estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e a parte de Goiás, que vai da serra do Estrondo à nascente do Parnaíba (NASCENTES, 1955, p. 217).

E os falares do Sul:

Os subfalares do sul são quatro: o baiano, intermediário entre os dois grupos, abrangendo Sergipe, Bahia, Minas (Nordeste, Norte e Noroeste), Goiás (parte que vem da nascente do Parnaíba, seguindo pelas serras dos Javaés, dos Xavantes, do Fanha e do Pilar até a cidade do Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luzia e Arrendidos); o fluminense, abrangendo o Espírito Santo, o estado do Rio de Janeiro, o Distrito Federal, Minas (Mata e parte Leste); o mineiro (Centro, Oeste e parte do Leste de Minas Gerais); o sulista, compreendendo São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas (Sul e Triângulo), Goiás (Sul) e Mato Grosso (NASCENTES, 1955, p. 217).

Figura 4 – Divisão Dialetal



Fonte: Nascentes (1955, p. 218).

A divisão dialetal de Antenor Nascentes ocasionou muitas críticas, principalmente, referindo-se à divisão sulista. Porém, é importante ressaltar que por se tratar do início dos estudos dialetológicos no Brasil, essa divisão foi de suma importância para os futuros estudos dialetológicos.

A terceira fase se inicia em 1952, ano em que foi publicado o Decreto nº 30.643, de março, que em seu Art. 3º apresenta, como um de seus objetivos, a elaboração de um *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB) (ARAGÃO, 2004, p.76). As autoras Cardoso e Mota (2013) destacam essa fase como marca identificadora dos estudos sistemáticos nos campos da Geografia Linguística e ressaltam, ainda, o surgimento de atlas linguísticos regionais.

Neste período, inicia-se a preocupação com a implementação dos estudos geolinguísticos no Brasil. Além disso, a Universidade Federal da Bahia foi a pioneira nas pesquisas na área, com a publicação do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB) (Rossi/Ferreira/Insensee 1963). Aragão, em seu texto, destaca como foi organizado o Atlas Linguístico. Isto é, por: Localidades; Informantes – faixa etária, nível de instrução e sexo; Questionário – número de questões, tipo de questionário, campos semânticos;

Apresentação de cartas – número de volumes, número de cartas, tipos de carta; Comentários. (ARAGÃO, 2004, p. 78-79). Temos, ainda, a publicação do segundo Atlas Linguístico no Brasil – o qual é de Minas Gerais –, intitulado *Esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais* (EALMG) e publicado, em 1977, por um grupo de professores. A organização é a mesma citada acima, o que diferencia são os dados. O terceiro Atlas publicado foi o *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALP), resultado do trabalho de uma equipe de professores coordenada pelas Professoras Maria do Socorro Silva de Aragão e Cleusa Palmeira Bezerra, com a mesma estrutura dos atlas anteriores. Temos também a publicação do *Atlas Linguístico de Sergipe I* (ALS I) e o *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR). Os dados completos dos atlas citados acima encontram-se no texto “As pesquisas geolinguísticas do português do Brasil, escrito por Aragão, 2004”.

A quarta fase se iniciou em 1996 e estende-se até o momento atual, tendo como marca a retomada do projeto de elaboração de um Atlas Linguístico para o Brasil. Cardoso e Mota destacam o total de cinco atlas publicados, são eles: *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS), *Atlas Linguístico Sonoro do Pará*, *Atlas Linguístico de Sergipe II* (ALS II), *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* (ALMS), *Atlas linguístico do Ceará* (ALECE). Desse modo, compete acrescentar que cada atlas tem sua própria organização.

Cardoso e Mota caracterizam essa fase como:

Essa quarta fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística, a partir da segunda metade do século passado, levando a percorrer um caminho pluridimensional e abandonando, assim, a visão monodimensional – monoestrática, monogeracional, monogenérica, etc. – que predominou na Geolinguística que se costuma denominar, hoje, de “tradicional”.
(CARDOSO E MOTA, 2013, p. 128)

A quarta fase foi o momento em que o enfoque no estudo diatópico (pelas diferenças regionais) se ampliou. Essa fase se inicia em 1996 com a publicação do primeiro atlas linguístico regional do Brasil: o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB, com a direção de Nelson Rossi.

Segundo Razky e Lima:

No Brasil, sobretudo a partir de 1996, a Dialetologia e a Geolinguística tiveram um considerável avanço teórico-metodológico, resultante de um olhar multidimensional, que pode ser verificado em publicações científicas de grande porte representadas, sobretudo pelos atlas regionais publicados a partir de 2001 no âmbito do atual Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). (RAZKY e LIMA, 2011, p. 350).

Do ponto de vista metodológico, é possível considerar que houve mudanças, fazendo aflorar a perspectiva pluridimensional que focaliza – além da variação diatópica e em nível de igualdade – a variação social, em especial a diagenérica, a diageracional e a diastrática, entre outras. (CARDOSO E MOTA, 2013, p. 129).

Além do intenso trabalho de pesquisa no campo da Dialetologia, documentados pelos vários estudos apresentados após 1996, o ano de 2014 testemunhou o lançamento dos dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil.

3.4 DIALETOLOGIA MONODIMENSIONAL

Nos primeiros trabalhos dialetais, os estudiosos selecionavam uma determinada localidade e colhiam os dados dos falantes. Dessa maneira, podemos perceber que com os primeiros estudos dialetológicos não se alcançava a diversidade cultural, nem mesmo as diferenças socioeconômicas e a variação topográfica.

A dialetologia monodimensional (DM), também denominada de dialetologia tradicional, espacial ou areal, surgiu em torno de um conceito de dialeto entendido como uma variedade de uma determinada região. Essa dialetologia era vista como mais conservadora e mais próxima de uma origem cultural e linguística de um específico grupo de fala. Esses estudos privilegiavam o registro de “dialetos puros” e mais próximos de um “dialeto original”, encontrando-se com maior predominância na fala das entrevistas de informantes. Chambers e Trudgill (1994) salientam que esses informantes deveriam ser, preferencialmente, denominados homens, do sexo masculino, de idade avançada, analfabetos moradores topostáticos (sem mobilidade) e do meio rural. Segundo Chambers e Trudgill (1994) e Thun (2009), eles eram conhecidos popularmente como *ROM-rural old man*.

Eis alguns fundamentos, eis algumas motivações: deveriam ser topoestáticos para garantir que a sua fala fosse característica da região em que viviam; deveriam ser mais velhos para refletir a fala de uma geração anterior; deveriam

ser camponeses porque as comunidades urbanas implicavam exagerada mobilidade e fluxo; por fim, deveriam ser homens, pois nos países ocidentais a fala das mulheres tendia a ser mais reflexiva e com mais consciência de classe do que a dos homens. (CHAMBERS & TRUDGILL, 1994).

A Geolinguística monodimensional ou tradicional refletia o que Coseriu (1965) chamou de limitações do método Geolinguístico. Trata-se da representação cartográfica dos fenômenos linguísticos, considerando, exclusivamente, o aspecto diatópico.

Para Margotti (2004, p.85), “o que a linguística tradicional faz é captar o conhecimento passivo do léxico que têm os integrantes mais experientes (os anciões) da comunidade e, de forma secundária, de outros aspectos da língua”.

Além do exposto, é possível afirmar que por se levar em consideração somente uma dimensão da variação linguística, deixava-se de lado as outras dimensões que dizem respeito ao estrato social.

O Informante único por localidade protege, é verdade o geolinguista contra a inundação de dados. Mas considerando que nem todos fatos linguísticos são sempre imediatamente descartáveis ou alcançam o nível do conhecimento consciente, o único informante não pode dar a garantia de que a resposta dada espontaneamente por ele e representativa para sua comunidade inteira (THUN,2010, p. 3)

3.5 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL

A dialetologia gerou um método epistemológico, demonstrando que essa área de investigação se configurava somente com a variação diatópica e alcançou esferas mais amplas de seu objeto de estudo. Dessa forma, compete salientar que com as contribuições das ciências sociais, incorporou-se em suas pesquisas outros elementos da variação linguística.

Geolinguista, como Thun (1999, 2010), foram determinantes para impulsionar novas formas de se fazer pesquisas dialetológicas, motivando novos pesquisadores a explorarem o solo fértil desses estudos.

Uma pesquisa fundada na Dialetologia Pluridimensional e Relacional é dotada por uma diversidade de informações, as quais consideram os aspectos bidimensionais,

tridimensionais e pluridimensionais cunhados por Thun (1998) e (2010), que englobam e analisam relações da variação linguística.

Assim, a Dialetoлогия moderna tem se beneficiado das contribuições teóricas da Sociolinguística, no que se refere ao estudo das línguas, principalmente, nos aspectos extralinguísticos. Apesar de demonstrar, desde o início, profundo interesse nos aspectos espaciais da distribuição linguística, Ferreira e Cardoso (1994, p.18) afirmam que a Dialetoлогия “já interpretava os fatos linguísticos segundo as diferenças sociais, profissionais, de nível de escolaridade, etárias, de sexo, etc.”. Os primeiros atlas são exemplos disso – tanto o de Wenker quanto o de Gilliéron – pois, era possível identificar, neles, aspectos sociais, mas não de forma detalhada nos mapas.

De um lado, temos a dialetoлогия que analisa, principalmente, a relação existente entre a língua e o espaço geográfico e, de outro, a Sociolinguística que estuda a relação entre língua e sociedade. É importante ressaltar que tanto a Dialetoлогия quanto a Sociolinguística contribuem, cada uma de uma maneira, com os estudos dos falares regionais, cada uma com seu método e referencial teórico específico para dada finalidade.

A sociolinguística teve um papel fundamental para pensar em estudos pluridimensionais, dada as maiores descobertas de William Labov, sociolinguista que inovou as formas de pesquisas de variação linguística por volta de 1960. Ele traz, para suas pesquisas, fatores sociais: “estudar a variação linguística à luz de causas sociais” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 18). A partir de então, suas investigações se interessavam em obter dados de diferentes grupos sociais em espaços compactos. Desse modo, importa destacar que a Sociolinguística estuda a língua em seu uso, voltando suas atenções para uma investigação que correlaciona os aspectos linguísticos e sociais.

No artigo “Quando Dialetoлогия e Sociolinguística se encontram”, Callou (2010) afirma que:

Os aspectos sociais sempre estiveram presentes em estudos de natureza dialetal, mas somente com o desenvolvimento da Sociolinguística quantitativa laboviana (1968) passaram a ser correlacionados. Concebe-se, portanto, que a Sociolinguística nasceu dentro da Dialetoлогия: são assim Dialetoлогия e Sociolinguística duas perspectivas de observação e análise da língua que não se opõem, mas sim se encontram e se complementam
(CALLOU, 2010, p. 35).

Portanto, é possível entender que a Dialetoлогия e a Sociolinguística são duas perspectivas de observação e análise da língua que não se opõem, mas se encontram e se

completam. Cardoso (2010) resgata o pensamento de alguns estudiosos que, na década de 1960, com o advento dos estudos sociolinguísticos, consideraram que o interesse, que até então a Dialetoлогия despertava, se não acabasse, pelo menos seria sobrepujado pela nova tendência, afirmando:

O momento era das relações língua-sociedade e não mais das relações língua-espaco, como se o falante não encerrasse em si a síntese do geográfico com o social, como se o social fosse destacável do espacial ou como se o regional não se concretizasse em pessoas com idade, sexo, faixa etária e profissões definidos (CARDOSO, 2010, p. 11-12).

Isso se deve também ao crescimento do interesse pelo estudo da linguagem urbana. Ainda conforme Callou (2010), é possível salientar que:

[...] os métodos da Dialetoлогия tradicional rural sofrem uma adaptação, afim de possibilitar o levantamento da linguagem de grandes centros urbanos, mais diversificados, vindo [...] a Dialetoлогия urbana a confundir-se com a Sociolinguística (CALLOU, 2010, p. 34).

É indiscutível o fato de que não podemos mais estudar o homem e sua linguagem sem considerar os fatores de natureza social, como faixa etária, gênero, escolaridade, profissão. Assim sendo, compete destacar que é essa perspectiva de estudo que fundamenta a Dialetoлогия Pluridimensional (THUN, 1998, p. 10).

O foco da Dialetoлогия Pluridimensional não é mais a busca por registrar o “dialeto puro”, que era enfatizado pela dialetoлогия monodimensional. Seu foco agora é de analisar e comparar uma determinada variável na fala de informantes, seguindo os distintos estratos sociais (homens e mulheres, jovens e velhos, escolaridade, inferior ou superior, condicionadores geográficos).

De acordo com Thun (1998):

“(...) são de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contínuas ou superpostas de minorias e maiorias, formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contratando o de grupos topostáticos (pouco móveis no espaço), a atitude metalinguística

dos falantes comparada com seu comportamento linguístico e outros parâmetros mais” (THUN, 1998, p.706)

Os pressupostos metodológicos da dialetologia pluridimensional combinam a realidade da dialetologia tradicional com os fatores sociais que orientam as pesquisas sociolinguísticas. Pois, segundo Thun (1998), elas se complementam no sentido que:

A dialetologia areal, monodimensional por tradição majoritária, mas não por necessidade intrínseca e uma sociolinguística (e pragmática) limitada. A sociolinguística, multidimensional por tradição, mas relutante ao espaço, e uma dialetologia limitada. (THUN, 1998, p. 702)

A dialetologia Pluridimensional se debruça pela pesquisa da língua, incluindo os conjuntos de espaço e tempo, combinando com os aspectos sociais. Thun (1998, p. 704) descreve a Dialetologia Pluridimensional como “[...] parte da ciência geral da variação linguística e das relações entre variantes e variedades, por um lado e, de falantes, por outro lado.”

O campo da dialetologia pluridimensional não compreende somente os dialetos puros da dialetologia tradicional ou os sociodialeto da sociolinguística. Ele abrange a realidade da geolinguística, remetendo a realização dos estudos de diferentes campos geográficos. Considera-se, nesse sentido, diferentes estratos sociais nestes espaços, como gênero, idade, classe social, entre outros. Desse modo, é possível afirmar que esta relação geográfica com as diferentes dimensões da sociolinguística possibilita um olhar mais amplo e aprofundado dos fenômenos linguísticos, na maneira em que aumentam os aspectos de análise.

As principais finalidades da dialetologia pluridimensional, de acordo com Thun (2005), são: a) combinar a dialetologia areal com a sociolinguística para converter o estudo da superfície bidimensional em estudo do espaço tridimensional da variação linguística; b) focalizar as inter-relações no espaço, indo da superfície ao eixo social e vice-versa; c) analisar as relações de todos os tipos, não só aquelas entre pontos da mesma superfície, mas os vínculos entre os pontos de uma superfície e os pontos de outra superfície.

Por meio da observação de diferentes estilos, abre-se a gama para a análise de variedades consideradas padrão e subpadrão em uma comunidade. A pluralidade da nova dialetologia agrega diferentes variáveis divididas entre dimensões e parâmetros. Cada

dimensão se constitui por intermédio da combinação de dois ou mais parâmetros (THUN 2010).

Segundo Thun (2005):

Em relação a pluridimensionalidade, distingue-se entre as dimensões e parâmetros seguintes (sendo a dimensão a relação opositiva, na maioria dos casos binária de parâmetros deficitários como "geração dos jovens", "homens", estilo de leitura etc. (THUN, 2005, p. 70)

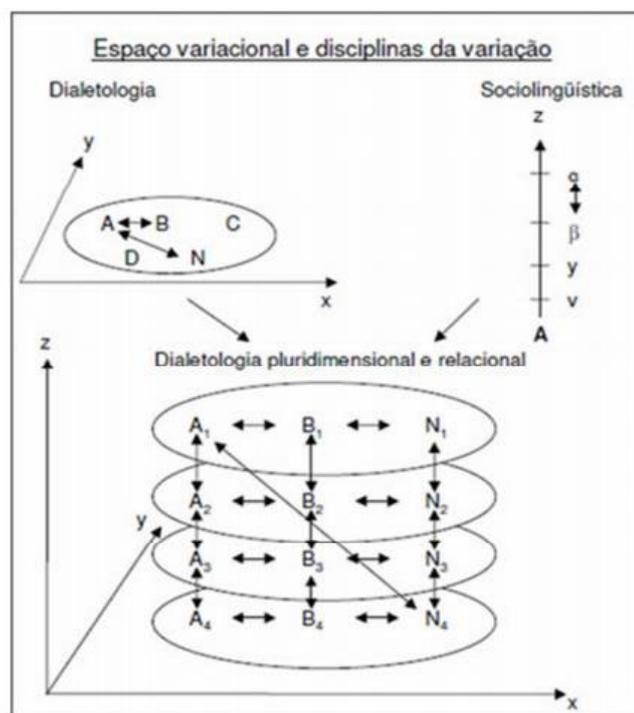
Conforme exposto, é indiscutível que não se pode mais estudar o homem e sua linguagem sem considerar os fatores de natureza social, como a escolaridade, faixa etária, profissão e gênero (sexo). Desse modo, a Dialectologia atual oferece uma visão pluridimensional da linguagem, convivendo pacificamente com a Dialectologia monodimensional. Para Cardoso (2006, p. 97):

A dialectologia atual, ao delimitar espaços, do ponto de vista lingüístico e, caracterizados e definidos, vem buscando estabelecer relações entre as variáveis diatópicas e as variáveis sociais, sejam elas diageracionais diagenéricas, diastráticas ou diafásicas, com vistas a entender o processo de variação, tomado na sua plenitude, o que conduz a uma melhor compreensão da realidade e à busca de caminhos de maior embasamento para o aprendizado sistemático da língua.

Lope Blanch (1978, p. 42), acerca da discussão sobre os papéis (ou objetos de estudo) da Dialectologia e da Sociolinguística, pronunciou-se: “se a Dialectologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais, tanto do eixo horizontal como do vertical”. É possível entender, assim, que a Dialectologia se interessa tanto pela variedade urbana quanto pela rural e não apenas por esta última, como preconizado por alguns.

As pesquisas dialetais, no que tange, por exemplo, a seleção dos informantes, equiparam as hipóteses que norteiam a dialectologia pluridimensional, com as comparações de Thun que consideram os eixos vertical e horizontal. Nessa linha teórica, não se considera somente a variação diatópica (horizontal), mas também a variação vertical (vertical). Um exemplo desse novo tipo de pesquisa é o Atlas Linguístico *Diatópico y Diastrático del Uruguay* – ADDU, que contempla as informações com cartas diatópicas, diastráticas, diageracionais e diafásicas.

Figura 5 – Espaço Variacional e Disciplina da Variação



Fonte: Thun (1998, p. 705).

No esquema representado acima, é possível visualizar a dinâmica das relações de diferentes dimensões que são apontadas pela geolinguística pluridimensional:

analisa relações de todos os tipos, não só as que unem os pontos da mesma superfície ($A \leftrightarrow B$) ou os que ligam os grupos de um mesmo eixo ($\alpha \leftrightarrow \beta$), mas estuda também o vínculo entre os pontos de uma superfície e os pontos análogos de uma outra superfície ($A_1 \leftrightarrow B_2$ e $A_2 \leftrightarrow B_2$) e as relações entre pontos diagonais ($A_1 \leftrightarrow B_2$). (Thun, 2005, p. 68)

A Dialetoлогия Pluridimensional busca retratar os estudos no âmbito horizontal (contrastivo), vertical e diagonal da língua falada. Segundo Thun (2005, p.71), essas dimensões são organizadas a partir de “parâmetros que explicitam a realidade da fala nas localidades investigadas”, compreendida como parte da ciência geral da variação e das relações entre variantes e variedades, de um lado, e falantes, de outro.

No que diz respeito ao plano horizontal, Batista da Silva (2012, p. 59) salienta que as variedades geográficas ou diatópicas são as que ocorrem neste plano da língua, concorrendo nas comunidades linguísticas, sendo responsáveis pelos chamados

regionalismos provenientes dos falares locais. O autor ressalta, ainda, que no plano vertical ocorrem as variedades socioculturais, numa comunidade específica, seja ela urbana ou rural. Além disso, elas podem estar relacionadas aos falantes, e também a situações extralinguísticas, e/ou aos dois ao mesmo tempo. As variantes socioculturais estão relacionadas à idade, sexo, profissão, posição social, grau de escolaridade e à localidade onde o falante reside na comunidade.

Para Thun (2000), a Sociolinguística estuda a variação linguística na sua dimensão vertical. A Dialetoлогия faz o mesmo e toma como ponto de partida e de chegada o plano horizontal. Na visão da geolinguística pluridimensional, integram-se, atualmente, além do parâmetro diatópico, o interesse por outros tipos de variação, como a diagenérica, a diastrática, a diageracional, entre outras. O perfil dos informantes, por sua vez, também mudou e passou a contemplar dois gêneros, não só o masculino, como vimos acima na dialetoлогия monodimensional. Além disso, passou a compor estratos sociais diferentes e agregou-se mais uma faixa etária.

As dimensões sociais se dividem para possibilitar as descrições com especificidades de traços linguísticos em cada realização. Thun (2005, p.71) apresenta esse roteiro para as dimensões, organizadas a partir de parâmetros que caracterizam a pluralidade da pesquisa pluridimensional, tal como:

Quadro 1- Dimensões da Análise da Dialetoлогия Pluridimensional

Dimensão	Parâmetros
1. Dialingual	Trata-se do uso de uma ou mais línguas, usadas nos pontos pesquisados.
2. Diatópica	Refere-se ao espaço, ou seja, locais de pesquisa. Os informantes podem ser topostático , os quais são demograficamente estáveis. Para um informante ser classificado como topostático, ele vive praticamente toda a vida num mesmo local. E temos também os grupos topodinâmicos . Esses informantes apresentam maior mobilidade espacial.

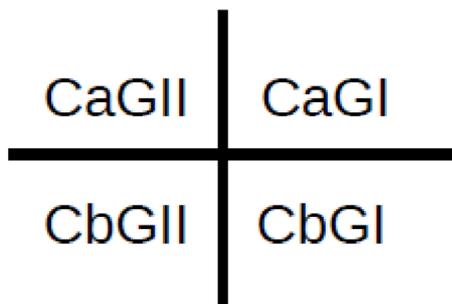
3. Diastrática	Essa dimensão está ligada aos parâmetros referentes à classe social, relacionando Classe Alta (Ca) composta por informantes que concluíram o ensino superior ou em andamento, e a Classe Baixa (Cb) composta por informantes que cursaram até o ensino médio ou são analfabetos.
4. Diageracional	Refere-se à idade dos informantes, tendo como indicadores a Geração II (GII) composta por informantes acima dos 46 anos, e a Geração I (GI) que abrange os informantes de 18 a 45 anos de idade.
5. Diassexual/diagenérica	Faz-se referência ao gênero, ao qual são analisadas as variações entre homens e mulheres .
6. Diafásica	Está ligada ao estilo de fala utilizado na entrevista, em uma fala mais controlada.
7. Diarreferencial	Contemplam os comentários metalinguísticos dos informantes, refletindo sua cultura, principalmente, no questionário em três tempos; onde é realizada a pergunta, logo após a insistência e, por fim, uma sugestão feita pelo pesquisador.
8. Diarreligiosa	A religião faz parte da variação linguística de uma determinada comunidade linguística.

Fonte: FRIZZO (2017), adaptada pelo autor (a)

É importante destacar que o acréscimo de duas dimensões (diastrática e diageracional) na cruz da Dialetoologia Pluridimensional. Na parte superior da cruz, temos a classe alta (Ca) e, na parte inferior, temos a classe baixa (Cb), o que abrange a dimensão diastrática. No lado esquerdo, temos a geração dos mais velhos (GII) e, no lado direito da

cruz, a geração mais jovem (GI), compondo, assim, a dimensão diageracional. Segundo Krug (2011, p. 78), esse modelo de apresentação e análise dos dados aumenta o poder de explanação do estudo em até oito vezes.

Figura 6: Esquema da cruz constituído pelas dimensões socioculturais e geracionais



Fonte: (THUN, 2010, p.709)

Em conformidade com Cardoso (2010, p. 61), “a dialetologia especificamente os estudos geolinguísticos deixam de apresentar-se numa visão predominantemente diatópica e passam a exibir, também cartograficamente, dados de natureza social”. Portanto, a Dialetologia Pluridimensional engloba uma pesquisa mais completa, considerando não somente o aspecto linguístico como também o espaço social do informante e a diversidade das línguas. Na Geolinguística pluridimensional, o controle das variáveis não é apenas espacial, mas também social com suas implicações no comportamento linguístico dos falantes, exibindo cartograficamente, assim, os dados de natureza social. (CARDOSO, 2010)

4. VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

Toda língua é composta por um conjunto de variações que podem se constituir em objetivo para investigação. Isso só é possível porque a língua muda. Isto é, ela não está definitivamente pronta e, por esse motivo, percebemos as modificações nela refletidas. Conforme afirma Câmara Jr. (1986, p. 239), a variação é “[...] consequência da propriedade da linguagem de nunca ser idêntica em suas formas através da multiplicidade do discurso.”

Além do exposto, Labov (2008) afirma que por ser um sistema heterogêneo, a variação é inerente à língua. O autor defende, ainda, que a língua é um fato social, tendo em vista que ao alterar o seu contexto social, a língua também pode sofrer alterações.

O Brasil é vasto não só territorialmente, como também é diversificado na sua forma de falar. Desse modo, é possível perceber as diferenças no português brasileiro falado por todos, uma vez que os próprios falantes identificam o falar de cada brasileiro, principalmente, no que se refere ao léxico. Nesse sentido, podemos notar essa variação quando ouvimos as expressões “mandioca”, “aipim”, “macaxeira”, por exemplo, pois, atribuem-se diferentes variações associadas a este tubérculo. Assim, compete destacar que as variações linguísticas presentes no Brasil carregam suas riquezas, heranças culturais e representam a identidade do povo brasileiro.

Cagliari (2000, p. 76) afirma que “todo mundo sabe que há modos diferentes de se falar uma língua”. Essa citação reafirma o que havíamos dito acima, isto é, existem diversas formas de dizer a mesma “coisa” e isso acontece porque há uma grande variedade de palavras, significados e formas linguísticas existentes.

A variação pode ser vista de duas formas: pela dimensão interna ou externa da língua (COELHO et al., 2015). A dimensão interna pode ocorrer em todos os níveis linguísticos, podendo ser variação lexical (nosso maior foco neste trabalho), fonológica, morfológica, entre outros. No que se refere às dimensões externas, é possível afirmar que elas estão relacionadas a condicionadores extralinguísticos, dentre os quais são a variação diatópica, diageracional e diassexual:

[...] dentro del mismo sistema funcional pueden comprobaste varias normas (lenguaje familiar, lenguaje popular, lengua literária, lenguaje elevado, lenguaje vulgar, etcétera), distintas sobre todo por lo que concierne al vocabulario, pero a menudo también em las formas gramaticales y em la pronunciación [...]. (COSERIU, 1977)

As variações que se referem às dimensões externas da língua já foram citadas, mas sempre é bom lembrarmos. Temos então:

- **Dimensão diatópica:** está relacionada às diferenças de espaço geográfico.
- **Dimensão diastrática:** relativa às diferenças entre distintos estratos sociais de uma mesma comunidade de fala.

- **Dimensão diafásica:** relacionada às diferenças existentes entre os tipos de estilos da fala, que se realizam no ato da fala.
- **Dimensão diageracional:** relativa às diferenças de faixa etária entre jovens e velhos, observando se há existência de variantes inovadoras presentes na fala dos mais jovens.
- **Dimensão diassexual:** diz respeito às diferenças de gênero (masculino e feminino). Estudos como o de Labov (2008) apontam diferenciações entre falas de ambos os sexos.
- **Dimensão dialingual:** é aquela que contempla o contato entre línguas em um mesmo território.

Um bom exemplo que pode ser usado é a língua portuguesa, pois, seja falada ou escrita, ela é o resultado de constantes modificações e mudanças ao longo de vários séculos. Inclusive, isso se confirma na fala de Faraco: “as línguas mudam, mas continuam organizadas e oferecendo a seus falantes os recursos necessários para a circulação dos significados [...] os falantes normalmente não tem consciência de que sua língua está mudando” (FARACO, 2005, p.14).

Faraco (2005) salienta que as características da mudança são contínuas, mas ocorrem de forma lenta e gradual. Além disso, é relativamente regular e emerge da heterogeneidade. Isso quer dizer que a língua tem reconhecimento e, essencialmente, retrata uma realidade social.

4.1 LÍNGUA X LÉXICO

4.1.1 LÍNGUA

Desde o início dos tempos, a comunicação foi fundamental para a evolução e o desenvolvimento do comportamento humano. Essa comunicação pode ser feita por meio de gestos, de imagens, de linguagem oral. Importa dizer, ainda, que essa última se dá pelo uso da língua.

A língua é um sistema de signos comum de um povo e constitui o seu instrumento de comunicação. No livro Curso de Linguística Geral, Saussure (2012) aborda essa ideia de signo. Ele define que a língua é um acervo linguístico social e constitui-se coletivamente de modo abstrato e funcional. Assim, é possível compreender que a língua é organizada de forma que possibilite que as comunidades façam uso dela para sua melhor interação social.

Como visto, a língua é um sistema de signos que possibilita a comunicação e a interação entre os sujeitos. Saussure (2012) diz que a língua é a parte fundamental da linguagem, pois,

trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo (SAUSSURE, 2012, p. 45).

Evidentemente, a língua faz parte do social e é indissociável da fala. Como afirma Saussure (2012, p. 22), “a Língua consiste num ato coletivo convencionado por determinados grupos para exercer a faculdade da linguagem, e, a Fala consiste num ato individual de cada usuário de uma língua”. Assim, fica fácil ver a língua como o meio pelo qual os sujeitos se comunicam, tornando-se uma atividade coletiva de todos os falantes que, inclusive, renovam, constantemente, o uso da língua. Além disso, em seu ato de fala, eles podem diversificar, dependendo da relação com a área geográfica e os fatores sociais desse sujeito, fazendo com que a língua seja uma estrutura heterogênea e variável.

É possível afirmar que a língua é o principal meio de interação e comunicação. Além disso, ela participa das mudanças e adequa-se para abarcar as necessidades atuais de seu falante e da comunidade da qual ele está inserido. Ademais, é necessário ressaltar, mais uma vez, que não se deve tratar a língua como um sistema fechado e imutável, mas sim considerar que existe um sistema repleto de variação e diversidade.

A comunicação se efetua por meio das características dos seus indivíduos (suas ideias, crenças, valores e comportamentos). Vale lembrar que a linguagem sofre continuamente com alterações, as quais não acontecem de forma homogênea. Como observam Ferreira e Cardoso (1994, p. 11), a língua “é resultado de um processo histórico, evolutivo”.

Apesar das pessoas falarem uma mesma língua, alguns falantes podem apresentar características linguísticas distintas por viverem em regiões diferentes. Ou, então, podem ser oriundos da mesma região, mas não falar da mesma maneira por pertencerem a diferentes estratos sociais e estarem suscetíveis a diferentes formas de comunicação. Nesse sentido, Ferreira e Cardoso (1994, p. 12) ressaltam:

[...] os falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características linguísticas diversificadas e pertencem a uma mesma região também não falam da mesma maneira tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação. Tudo isso deixa evidente a complexidade de um sistema linguístico e toda a variação nele contida.”

A língua pode ser reconhecida como um elemento vivo e dinâmico. Ela não é algo estático ou acabado. Isto é, a língua já passou e passa por diversas mudanças que ocorrem ao longo da história. Segundo Faraco (1998, p. 13), “[.] a língua é uma realidade heterogênea, multifacetada e que as mudanças emergem dessa heterogeneidade”. Como podemos perceber, a língua de fato muda e, se compararmos o modo como nossos avós e como os jovens falam, é possível identificar essa mudança.

Podemos considerar a língua como um fato sociocultural que está submetido e, constantemente, ligado a evolução e renovação. Nesse sentido, Oliveira (1999, p. 25) considera que

“toda língua, através do universo vocabular que se liga ao mundo exterior reflete a cultura da sociedade a qual serve de meio de expressão e de interação social. E como o usuário da língua vai constituindo seu vocabulário ao longo da vida, podemos dizer que o léxico se configura, (...), no armazenamento das experiências específicas de uma comunidade e de sua cultura.

Portanto, é possível compreender que a língua é viva e não cessa, nem deixa de funcionar, garantindo, assim, a comunicação entre as diferentes gerações de seus falantes e da comunidade que fazem uso dela.

4.1.2 LÉXICO

A fala é a materialização da língua e seria, então, a concretização individual do sistema linguístico feita por indivíduos que participam desses atos de comunicação. Para Coseriu (1973), o sistema é o ideal coletivo, a norma é o ideal coletivo, e a fala é o ideal individual.

Primeiramente, vamos conceituar lexicologia que, segundo Biderman (2001, p. 16), é o estudo científico e analítico da palavra, da categorização lexical e da estruturação do léxico. Os estudos lexicológicos fazem relações com outras disciplinas, tal como a semântica, que tem como foco os estudos sobre a significação. Essa associação se dá pela ocupação do léxico e da palavra.

O léxico é a parte da língua que se destaca por manifestar, de forma natural, juntamente com a influência de fatores extralinguísticos, aspectos culturais, econômicos e sociais. Ademais, o léxico é responsável por nomear tudo o que transpõe a vida dos indivíduos, estando sempre em constante processo de renovação e ampliação. Segundo Henriques (2010, p.10), “[...] o léxico de cada uma das línguas é tão rico e dinâmico que mesmo o melhor dos lexicólogos seria capaz de enumerá-lo”, já que engloba todos os vocábulos, gírias, regionalismos.

Pensando assim, podemos dizer que o léxico é um tipo de repositório infinito, que diz respeito aos saberes de uma determinada comunidade linguística. É no repertório lexical de um indivíduo que se refletem os costumes, as ideologias e parte da história sociocultural do lugar ao qual pertence. Para Biderman (1992, p. 399),

o léxico é o tesouro vocabular de uma língua, incluindo a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural do presente e do passado da sociedade, juntamente com os outros símbolos da herança cultural.

A autora destaca, ainda, a identificação que existe entre a língua natural, o léxico e o “patrimônio vocabular” de uma comunidade linguística. Ao compreender essa colocação, podemos considerar que o léxico é um campo muito amplo e ilimitado, que se modifica constantemente, tendo em vista que a nossa língua é viva e não estável. Isso significa que ela é utilizada por seres humanos que estão em constante movimento. Segundo Santos (2009, p. 16):

O léxico, por meio de seus sememas, faz sobressair o universo antropocultural de comunidades linguísticas, bem como assinala a natureza complexa da relação língua e cultura. Longe de se constituir em retrato dos aspectos sócio-histórico-ideológicos de grupos sociais, o léxico põe em foco processos sociais em curso na sociedade. Trata-se de um movimento dinâmico registrado no uso lexical revelado pelos sujeitos, em sua atividade discursiva, a todo instante. Por vezes, um item lexical passa a ter um significado diferente quando utilizado por um outro sujeito. Ocorre, então, a ampliação ou restrição semêmica de acordo com o contexto. Outras vezes, utilizam-se itens lexicais diferentes para o mesmo objeto do chamado mundo referencial/imaginário. Em ambos os casos, quer seja pelo uso de parassinonímia, quer seja pelo uso

de diferentes itens lexicais, as variações linguísticas indicam os diferentes lugares sócio-histórico-ideológicos de onde falam os sujeitos.

Coseriu (1977) situou o léxico ao nível do Sistema. Podemos acrescentar, ainda, que o léxico é um catálogo aberto, com um infinito número de palavras, podendo sempre ser acrescentado a ele novos vocábulos e também as mudanças de sentidos que nossa língua traz.

É perfeitamente possível afirmar que a língua nunca ficará parada enquanto existirem falantes que as falem. Biderman (1978, p. 158) defende que “existe uma possibilidade para um sistema lexical se cristalizar: a morte da língua. Foi o que sucedeu ao latim. Se a língua, porém, continuar a existir como meio de comunicação oral (e também escrito), seu léxico ampliará sempre.” Se uma determinada língua não tiver falantes, a língua dessa comunidade acabará desaparecendo, como citado por Biderman. Desse modo, podemos citar o exemplo do Latim que, nos dias de hoje, é considerada uma língua morta, pois não há mais falantes. Sendo assim, qualquer língua, seja ela viva (falada por seus indivíduos), têm disposição para ter um repertório variado, podendo, inclusive, ser usada pelos seus usuários em diferentes contextos e realidades sociais variadas.

O léxico de uma língua pode mudar rapidamente, mas sua gramática, não. Para que as variações lexicais possam ser incluídas na gramática, o vocábulo já deverá ter passado do estágio de variação para mudança e, para que isso aconteça, faz-se necessário um longo processo de adaptação por parte dos falantes.

Estudar o léxico de uma língua é aventurar-se pela história, costumes e hábitos de um povo. É por isso que não conseguimos estudar o léxico isolado da sociedade, pois ele é o que melhor evidencia os aspectos da vida social dos indivíduos. Oliveira e Isquardo (2001) ressaltam que o léxico deixa transparecer os costumes e a tradição, os quais também refletem sobre as inovações tecnológicas, socioeconômicas e políticas. Com isso, é possível afirmar que o nível linguístico se expande e está em constante transformação e modificação. Além disso, a aprendizagem de novas palavras acompanha os falantes ao longo de toda sua vida, mas também acontecem perdas e esquecimentos motivados pelo desuso de certas lexias, “ora se expande, ora se altera, ora cai em desuso” (ISQUERDO e NUNES, 2012, p. 220).

Como já vimos, o que evidencia o uso do repertório lexical da língua é o grupo social que é representado por cada comunidade linguística, o que caracteriza o falar de

cada região. Além disso, o que demonstra essas diferenças sociais e históricas, que se dão em um determinado momento e em um dado espaço, é a dinamicidade que o léxico apresenta:

[...] examinar um léxico regional significa necessariamente considerar o eixo do espaço e do tempo primeiro ligados às especificidades regionais e a consequente mobilidade dessas especificidades de um espaço geográfico para outro, em decorrência de processos migratórios, o segundo, relacionado à tendência considerada conservadora da língua que se manifesta de forma mais acentuada em regiões menos susceptíveis a influências do meio de comunicação de massa. (ISQUERDO, 2003, p. 166)

No entanto, registrar e descrever a norma regional da língua portuguesa se configura em uma tarefa um tanto complexa, devido à complexidade linguística que caracteriza essa variante. Sobre isso, Isquierdo (2006a, p. 11) pondera que “a diversidade lexical e o fenômeno da migração interna, tão comuns na sociedade brasileira, dificultam o trabalho do lexicógrafo, sobretudo quanto à classificação de uma unidade lexical como regionalismo”.

Ressaltamos, aqui, que todas as variações linguísticas são passíveis de estudos. No entanto, neste trabalho, focaremos somente naquelas que constituem o universo lexical. Pois é nesse universo lexical que percebemos a existência de uma indissociável relação entre a variação linguística e a variação social.

Ao examinarmos o léxico de uma comunidade específica (no nosso caso serão duas), constatamos que elas sofrem influências tanto do meio geográfico quanto do ambiente social em que está inserido. Percebemos, ainda, que os sentidos do léxico vão revelando seus costumes, suas crenças, sua cultura, seus valores sociais e morais. Neste trabalho, vamos dar maior ênfase ao léxico, lembrando que ele é abrangente e maior.

Como analisaremos o repertório lexical de duas comunidades linguísticas distintas entre si, além de ambas serem em estados diferentes, com aproximadamente 540 km de distância entre elas, vamos poder apreciar o repertório de cada uma e suas variações.

5 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentaremos a natureza da pesquisa, seu contexto, procedimentos e instrumentos nas diversas etapas da pesquisa.

5.1 NATUREZA DA PESQUISA

O trabalho está dividido em tópicos, segundo os temas e os resultados de explicações dos fenômenos linguísticos e uma possível vinculação a um grupo social, cultural ou regional. Adotamos observações, pois coletamos informações, ou seja, itens lexicais para comparação e análise.

A pesquisa se desenvolveu a partir de dados do Atlas Linguístico - Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), que possui amplitude nos três estados do Sul do Brasil, contendo Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Como nossa pesquisa ocorreu por meio do método da dialetologia pluridimensional e relacional, fizemos, inicialmente, o levantamento dos indicadores sociais das áreas a serem pesquisadas. Esses primeiros passos nos forneceram elementos para a seleção dos pontos, isto é, a escolha das localidades que serão estudadas. Logo após, ocorreram a seleção dos informantes, de acordo com as determinadas variáveis selecionadas como diatópica, diasssexual (gênero), diageracional (faixa etária), diastrática (escolaridade). Conforme adverte Brandão (2005, p. 26),

[...] torna-se imperativo concluir, entre os critérios de escolhas dos indivíduos que servirão de informantes para a formação do corpus de um Atlas linguístico, variáveis como idade, sexo, nível de instrução, ou mesmo situação socioeconômica, a fim de que se revelem ao máximo as peculiaridades do sistema dialetal focalizado e se possam melhor conhecer os condicionamentos socioculturais que presidem à distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos.

Depois disso, ocorreu-se a coleta de dados, que consiste na aplicação de um questionário estruturado, em entrevistas *in loco*. Por fim, procedeu-se à descrição e transcrição dos dados recolhidos.

Em uma pesquisa plurilinguística é necessário conhecermos a região, para que possamos compreender as implicações das variações que serão analisadas no falar dos informantes da região.

5.2 A SELEÇÃO DOS PONTOS

Em nossa pesquisa dialetológica, intitulamos como ponto linguístico a cada uma das localidades que recolhemos os dados de natureza linguística. Assim, importa destacar

que a pesquisa teórica sobre cada um dos pontos de pesquisa escolhidos é fundamental para que tenhamos informações históricas, culturais e geosocioeconômicas para registrar certos fatores específicos que contribuem para a formação das comunidades linguísticas que são analisadas e comparadas.

Os pontos de pesquisa aqui selecionados foram duas cidades pequenas, com menos de dez mil habitantes. Cada cidade encontra-se em estados diferentes. Escolhemos essas localidades devido ao seu alto índice de diversidade, tanto em seu aspecto social e cultural quanto em seu repertório lexical.

A escolha dessas duas localidades se deve, em princípio, ao fato de que a cidade de Ipuçu em SC é onde a autora deste trabalho residiu por boa parte da vida e em relação a outra localidade, Borrazópolis, é onde ela atualmente mora, o que possibilita que se façam algumas comparações com essas duas localidades.

5.2 SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Para este estudo, iremos visar a seleção dos informantes, buscando aqueles nascidos no local ou, quando procedentes de outra região, que tenham residido no município por dois terços de sua vida. Silva Neto (1957, p. 31-32) salienta a importância desta etapa da pesquisa, pois a escolha dos informantes deve levar em consideração os seguintes critérios: “ser pessoa do lugar, filho de gente do lugar [...]; se casado, deve a esposa ser também do lugar; [...]; não ser viajado, não ter feito o serviço militar [...]”. Essas condições pretendem garantir que a fala dos informantes seja efetivamente representativa.

Neste trabalho, foram consideradas as variáveis sociais, de faixa etária, gênero e escolaridade. Nos pontos de pesquisa selecionados, ou seja, a localidade a ser analisada, estão: diastrática (oito informantes com educação formal até o ensino médio e oito informantes com o ensino superior completo ou incompleto); diasssexual (oito homens e oito mulheres). Na escolha da variável gênero, seguimos as orientações de Silva Neto (1957, p. 29) que nos diz que “[...] é de bom alvitre inquirir, em cada lugar e sempre que possível um homem e uma mulher”. Temos, em nossa pesquisa, oito homens e oito mulheres para cada ponto escolhido; diageracional (oito informantes GI entre 18 a 35 anos e oito informantes da GII com 50 anos ou mais). Essa escolha de faixas etárias tem por interesse a análise de falantes mais jovens e de falantes mais velhos. Denominamos

Geração I, as que correspondem aos informantes de 18 a 35 anos e de Geração II, a dos informantes acima dos 50 anos.

5.3 DIMENSÕES DE ANÁLISE

Nem sempre é possível analisar e explorar todas as dimensões com profundidade, nem mesmo algumas conseguem ser exploradas em determinados locais. Dessa maneira, em nosso trabalho, selecionamos apenas algumas dimensões para serem analisadas a partir daquelas que foram expostas no capítulo da Dialetologia Pluridimensional: **dimensão diatópica, dimensão diastrática, dimensão diageracional** e, por fim, a **dimensão diassexual**.

5.3.1 Dimensão Diatópica

Nesta dimensão, faz-se a escolha da rede de pontos que, assim constituída, permite estabelecer comparações diversas sobre a difusão do Português. Nesse sentido, leva-se em consideração as peculiaridades de vários aspectos, tal como a idade de cada ponto de inquérito, a constituição da população, a forma de ocupação, a densidade demográfica e a rede de comunicações, entre outros.

Existem dois tipos de diatópica, segundo Thun (1996), que demonstram uma preocupação com a forma de registro sobre os saberes metalinguísticos dos informantes e o registro das informações relativos aos movimentos. Por isso, temos a topostática que é aquela em que as pessoas têm menos mobilidade espacial, pertencentes a mesma comunidade de fala, sem sair muito do seu círculo de convivência. E a topodinâmica em que, ao contrário da topostática, há uma movimentação maior, em que o falante sai constantemente da sua comunidade de fala e migra para outras, além de percorrer por espaços diferentes.

5.3.2 Dimensão Diastrática

Esta dimensão considera a condição social (correspondendo à escolaridade), incluindo todos os parâmetros que definem a classe social, entre os quais se citam o nível socioeconômico, a escolaridade, a profissão etc. No entanto, para fins da presente pesquisa, pretendeu-se controlar dois grupos de informantes, de acordo com o nível de escolaridade, aqui selecionados em dois níveis: o de pessoas com até o ensino médio

completo, sendo a Classe Baixa, e o ensino superior em andamento ou completo como Classe Alta.

5.3.3 Dimensão Diassexual

Está atrelada ao gênero do informante, marcando a variação da fala entre homens e mulheres. Além do mais, estão atreladas a essas dimensões a emancipação da mulher e o desempenho do seu papel na sociedade. Assim, procura-se controlar o desempenho dos usos das falas, de forma mais inovadora ou mais conservadora. Lembramos, aqui, que na dialetologia monodimensional, eram coletadas somente a fala dos homens. Isso se deve, de acordo com Cardoso (2010, p.51), à “preocupação e interesse dos dialetólogos desde os primórdios dos estudos dialetais, o que conduziu a que os usos linguísticos de homens e mulheres se tornassem objeto de documentação”. Nos grupos de falantes de sexo masculino (M) e nos grupos de falantes de sexo feminino (F), é possível verificar se há diferenças no comportamento linguístico das variáveis relacionadas aos homens e às mulheres e quais seriam os fatores que corroboram, ou não, para essa inovação ou conservadorismo.

Quanto ao parâmetro diassexual, Radtke e Thun (1999) fazem a seguinte observação:

Na era da emancipação feminina, parece surpreendente que o parâmetro biológico ou Diassexual seja considerado em tão poucos atlas, [e questionam-se] se o comportamento linguístico das mulheres é mais conservador ou mais inovador do que os dos homens, ou se a diferença biológica na verdade seria uma diferença social produzida pela distribuição fixa dos papéis sociais na sociedade. (RADTKE; THUN, 1999, p. 38).

5.3.4 Dimensão Diageracional

Esta dimensão diz respeito à faixa etária dos informantes. Na pesquisa aqui proposta, consideramos dois grupos de faixas etárias diferentes, os quais foram divididos em: 1º) grupo I: primeira faixa etária, que compreende os falantes de 18 a 35 anos; 2º) grupo II: segunda faixa etária, que compreende os falantes de 50 anos acima. É de suma relevância analisarmos a dimensão diageracional, porque nos permite observar as mudanças linguísticas que ocorrem entre uma geração e outra.

5.4 OS DADOS DOS INFORMANTES

Entrevistamos trinta informantes, sendo dezesseis em Ipuacu e quatorze em Borrazópolis, todos de acordo com as variáveis já pré-estabelecidas:

✓ O nome do ponto em que vivem:

Ipuacu SC;

Borrazópolis PR.

✓ Gênero:

M para masculino;

F para feminino.

✓ Faixa etária:

GI: 18 a 35 anos;

GII: acima dos 50 anos.

É importante lembrar que as informações como o nome, por exemplo, serão mantidas em sigilo, por isso optamos em utilizar as siglas da dialetologia Pludimensional (Ca, Cb, GII, GII, M e F).

5.5 A PESQUISA DE CAMPO E O QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL)

Para a pesquisa de campo, foram feitas entrevistas semi-estruturadas, referindo-se ao questionário lexical. Santos (2003) diz que o questionário, “[...] consiste num conjunto de questões de cunho descritivo, cujo objetivo se constitui em investigar a designação atribuída pelo entrevistado, sujeito da pesquisa, a determinados objetos do mundo referencial ou imaginários previamente selecionados”.

É importante que os questionários sejam estruturados para realizar a pesquisa, porque, para a dialetologia e a geolinguística, sua aplicação permitirá a homogeneização dos dados e dos procedimentos de coleta dentro dos moldes científicos. Isso permite a identificação do uso lexical, no nosso caso, dos informantes entrevistados.

O Questionário Semântico-lexical (QSL), utilizado neste trabalho para a coleta de dados, foi elaborado com base no *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS). O Atlas teve seus primeiros volumes publicados em 2002, com a autoria de Walter Koch, Mário Silfredo Klassmann e Cléo Vilson Altenhofen.

Com esse abrangimento da região Sul, o Atlas apresenta uma rede constituída de 275 localidades na área rural – sendo 100 pontos do Paraná, 95 do Rio Grande do Sul e

80 de Santa Catarina –, e 19 pontos na área urbana – 6 do Paraná, 7 do Rio Grande do Sul e 6 de Santa Catarina. Segundo Cardoso (2010), em cada ponto investigado, documentaram-se informantes dos dois gêneros: masculino e feminino.

O primeiro volume do ALERS tem caráter introdutório, trazendo uma série de informações, cuja finalidade é apresentar o atlas. Assim sendo, no primeiro momento, os autores se preocuparam em discorrer sobre a origem, a natureza e os objetivos do atlas. Além de trazer para o leitor o conhecimento acerca da metodologia utilizada pelos autores usados na elaboração dos questionários e na seleção da rede de pontos dos informantes e dos inquiridores.

Então, no primeiro volume, os autores explicitam também a metodologia que eles utilizaram no tratamento dos dados coletados. Já no segundo volume, apresentam os resultados obtidos dos questionários fonético-fonológico e morfossintático.

O ALERS contou com algumas contribuições de importantes colaboradores, como Vanderci Aguilera, autora do Atlas Linguístico do Paraná. O projeto ALERS contou com três equipes, contendo, respectivamente, a cooperação de pesquisadores de universidades federais, como a do Paraná (UFPR), a de Santa Catarina (UFSC) e do Rio Grande do Sul (UFRGS). Segundo os autores do Atlas, “cada equipe foi responsável pelos levantamentos e posterior transcrição e digitalização dos dados e dados de seu respectivo estado, sendo a transcrição fonética conferida e revisada por um único ouvido [...]” (p. 25). O questionário do ALERS é composto por 644 questões, as quais estão divididas em 15 campos semânticos, sendo eles: *Acidentes Geográficos; Fenômenos Atmosféricos; Astros e Tempo; Sistema de Pesos e Medidas; Flora; Atividades Agropastoris; Fauna; Corpo Humano; Cultura e Convívio; Ciclos da Vida; Religião e Crenças; Festas e Divertimentos; Habitação; Alimentação e Cozinha; Vestuário.*

Ressaltamos que a confecção deste questionário se mostrou uma tarefa muito complexa, visto que, além da materialidade linguística do *corpus*, foram muitas as possibilidades de escolhas de itens lexicais com os quais nos deparamos. Foi necessário estabelecer critérios para a escolha dos itens lexicais. Desse modo, começamos fazendo um recorte do que seria nosso aporte teórico, a partir do QLS do ALERS. A partir disso, conseguimos delimitar as perguntas e adaptá-las para ao nosso projeto com o desejo de chegar ao resultado esperado.

Para esta pesquisa, utilizamos cinquenta e seis (56) perguntas, que foram retiradas do Atlas ALERS, sendo elas divididas em: cinco (5) de acidentes geográficos; duas (2) dos fenômenos atmosféricos; uma (1) questão do sistemas de pesos e medidas; duas (2)

do campo da flora; vinte e cinco (25) questões sobre atividades agropastoril; três (3) perguntas do campo do corpo humano; cinco (5) questões da cultura e convívio; uma (1) no campo da religião; e, por fim, dez (10) questões no campo de festas e divertimentos.

5.6 A ENTREVISTA

É no momento da entrevista que captamos a fala dos informantes, isto é, que colhemos os dados para nossa pesquisa. A técnica aqui utilizada, como vimos, é a aplicação de um questionário pré-estabelecido. Essa aplicação permite que o pesquisador perceba a homogeneização dos procedimentos da coleta de dados dentro das perspectivas científicas que escolhemos. Isso permite a comparação do nosso estudo com outros trabalhos na área da Dialetologia Pluridimensional.

Para assegurarmos uma qualidade boa ao trabalho, foram feitos contato direto entre os informantes e a pesquisadora. Dessa forma, a pesquisadora conseguiu salienta qualquer dúvida existente nas perguntas ou nas respostas dadas. Um importante critério aqui adotado é a técnica de entrevista em três tempos (perguntar – insistir – sugerir). Essa técnica funciona da seguinte maneira: primeiro o pesquisador faz a pergunta para o informante, o qual dá a sua resposta. Logo após, o entrevistador pergunta se ele não conhece mais algum (técnica da insistência) e, por fim, sugere-se. Isso foi chamado por Thun (2010) como técnica em três tempos.

No que diz respeito aos nomes dos informantes, importa dizer que eles foram omitidos a fim de garantir a privacidade, impedindo, desse modo, a socialização e a publicação dos dados pessoais fornecidos. Em virtude disso, utilizamos somente as siglas. Exemplo: CaGII M.

6. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo faremos a análise dos nossos dados coletados a partir das 56 perguntas sobre o léxico nos quatro pontos de coleta, que envolveram 30 informantes. Vale lembrar que dos nossos informantes, 16 são oriundos do município de Ipuçu e 14²

2 Informamos que não foi possível coletar os dados dos dezesseis informantes de Borrazópolis, pois não encontramos nenhum da CaGII, residentes da zona rural do município. Isso decorre pois quase todos são residentes da zona urbana apenas tem sítios e/ou propriedades na zona rural, e pela dificuldade que era

de Borrazópolis. Dos 16 informantes de Ipuçu, 8 são urbanos e 8 rurais enquanto que dos 14 de Borrazópolis, 8 são urbanos e 6 rurais, lembrando que não encontramos os informantes da CaGII que representassem os informantes rurais de Borrazópolis.

Dos nossos quatro pontos de coleta de dados, dois +urbanos e dois +rurais, nos municípios de Ipuçu e Borrazópolis, 30 informantes responderam ao nosso questionário, ou seja, responderam às 56 perguntas que elaboramos com o intuito de descrever e analisar o vocábulo e suas especificidades nos dois municípios distante cerca de 530 km um do outro.

A primeira pergunta foi 005³. (O que você entende aqui por uma ladeira que tem muita pedra?).

Dos 16 informantes entrevistados em Ipuçu, todos, tanto da zona urbana quanto da zona rural, usam “perau”. O vocábulo “morro” é o segundo mais utilizado pelos informantes de Ipuçu, registrada a partir da fala de sete informantes. Quatro da zona urbana, e da zona rural três. Já no município de Borrazópolis houve apenas dois registros.

Em Borrazópolis ocorreram outras variações para a pergunta número 005, apenas três informantes já tinham ouvido falar e/ou conheciam o a variante “perau”. Dois da zona rural e um da zona urbana. O que chama a atenção é que todos os informantes que conheciam o vocábulo “perau” eram do sexo masculino e da classe baixa, eles ainda afirmaram que nunca usavam em seu dia-a-dia. O vocábulo “pedreira” teve mais ocorrências na cidade de Borrazópolis, com três registros na zona rural, e dois registros de fala da zona urbana, já em Ipuçu não houve nenhum registro deste vocábulo.

Quadro 2. 005. O que você entende aqui por uma ladeira que tem muita pedra?

LEGENDA

● Perau	● Morro	● Pedreira
---------	---------	------------

antigamente locomover-se para estudar em grandes centros e os que conseguiram se formar não voltaram mais a residir na zona rural.

3 Pergunta original do ARLES (Que entendem aqui por “perau”?)

Ipuau Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐			

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐	◐	◐	

Borrazópolis Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
	◐		

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●		●	
◐			
			◐

Ipuau Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐	◐		◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●

Borrazópolis Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
			◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●			
		◐	◐
			◐

No quadro 1, é possível visualizar, a partir da pergunta 005 que a variante “perau” é a dominante tanto na zona urbana quanto na zona rural no município de Ipuau, e ocorre em ambas as gerações GI e GII, e classes sejam elas Ca e Cb. “Morro” é a segunda variante que mais apareceu foi utilizada por quatro informantes da zona urbana e três na zona rural, é interessante notar que apenas as pessoas da Ca da zona rural, utilizaram a variante morro.

No município de Ipuau apareceram outras variações a maioria delas decorrente da insistência da entrevistadora ou pela resposta espontânea dos informantes. A variante

“barranco” apareceu apenas três vezes com informantes da zona rural, já em Borrazópolis, com duas ocorrências da zona urbana por duas femininas da geração I. A variante “montanha” foi realizada apenas duas vezes com informantes da zona rural e de classe alta, na cidade paranaense não houve nenhuma ocorrência desta variante.

O item lexical “descida” também apareceu apenas duas vezes com uma informante da zona urbana e um informante da zona rural, e em Borrazópolis com somente um registro por um informante da zona rural. A variante “ribanceira” apareceu duas vezes em Ipuacu por uma informante da zona urbana e uma informante da zona rural em Borrazópolis o item lexical aparece duas vezes ambas também da zona urbana. A variante “ladeira” teve duas ocorrências na cidade de Ipuacu com um informante da zona urbana e um informante da zona rural, em Borrazópolis ocorreu uma vez com uma informante da zona urbana. As variações “penhasco” por um informante da zona urbana, “serra” um informante da zona urbana e “planalto” uma feminina da zona rural, só obtivemos uma ocorrência de cada item lexical citado acima, na cidade de Ipuacu e nenhum na cidade de Borrazópolis.

Outras variações também apareceram na cidade paranaense como “barranqueira” onde houve o registro de três ocorrências, todos os informantes eram da zona rural, duas informantes femininas e um masculino, não obtivemos registros da zona urbana.

O vocábulo “pirambeira” teve três ocorrências todas registradas na zona urbana, todos eles do sexo masculino, no município de Borrazópolis e um registro em Ipuacu por uma informante da zona rural.

Verificou-se que seis dos outros vocábulos registrados no município de Borrazópolis tiveram ocorrência apenas uma vez sendo eles: “piçara”, uma informante da zona rural, “carreador” uma informante da zona rural, “piramba”, um masculino da zona rural, “terreno de pipoca” uma informante da zona urbana, “descida pedregosa” um informante da zona urbana e pôr fim a variante “vale” um informante da zona rural.

Gráfico 1

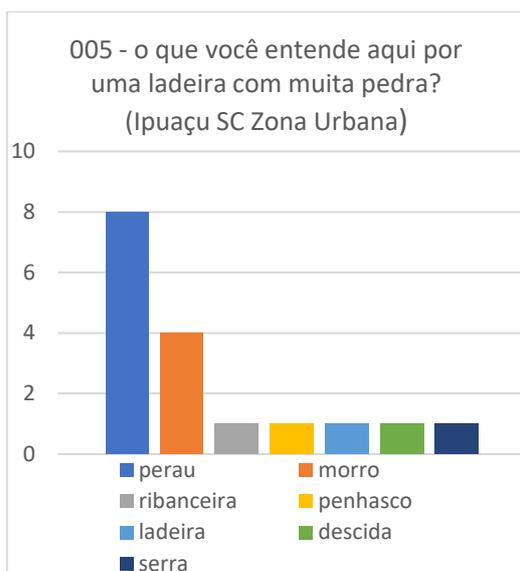
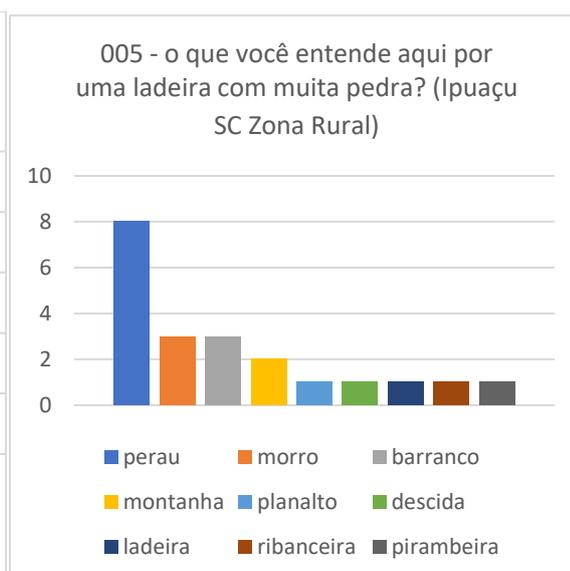


Gráfico 2



Schenatto (2023)

Na cidade de Borrazópolis o que chama a atenção é a quantidade de variações que foram registradas para a pergunta 005, lembrando que há muitas etnias misturadas, por isso, não houve uma variante tão dominante que nem ocorreu na cidade de Ipuauçu.

Gráfico 3

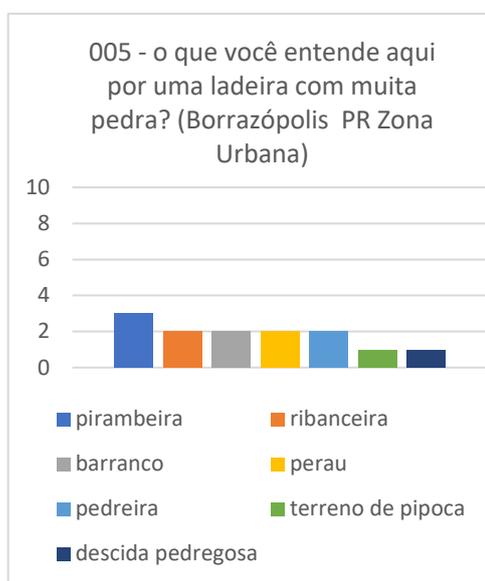
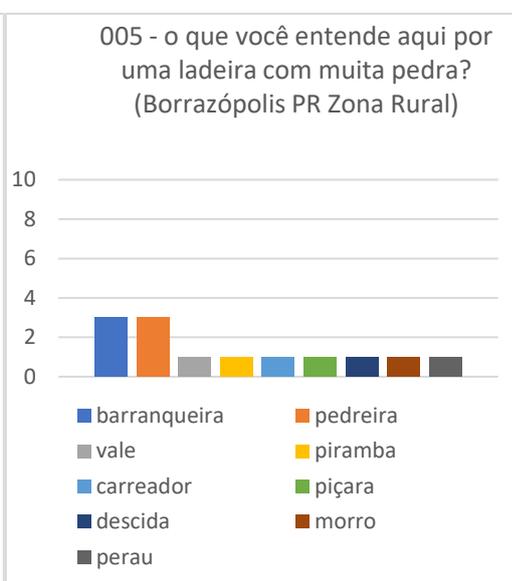


Gráfico 4



Schenatto (2023)

A segunda **pergunta 014**⁴ (o que você entende aqui por um lugar que corre a água?).

No município de Ipuacu em sua maioria tanto na zona urbana quanto na zona rural fazem a utilização do léxico “sanga”, mesmo quando os informantes respondiam espontaneamente com outros vocábulos, e a entrevistadora sugeriu a palavra sanga todos diziam que utilizavam mais ela e que apenas haviam esquecido, o léxico “sanga” é utilizado por todas as gerações (GI e GII), classes sociais (Cb e Ca), ambos os sexos (F e M), tanto da zona rural quanto da zona urbana.

Já no município de Borrazópolis ninguém dos entrevistados respondeu “sanga”. Quando sugerido pela entrevistadora, pouquíssimos informaram que já tinham ouvido falar e diziam que na região não se fazia uso desse léxico.

As variações predominantes em Borrazópolis foram três e o que chama atenção, é que elas se diferenciam pela sua forma morfológica, sendo que alguns informantes responderam córrego, corquinho e córgo. Sendo assim, houve ocorrência da variante “corquinho” com seis informantes sendo que quatro são da zona rural e dois da zona urbana. A variante “córgo” foi registrada na fala de dois informantes sendo eles da zona urbana. Por fim, a variação que mais apareceu foi “córrego” com oito registros, quatro na zona urbana, e na zona rural também com quatro registros, o que chama atenção para essa variante é que o uso predominante tanto na zona rural quanto na zona urbana é do sexo feminino e de ambas as gerações.

Quadro 3. 014. O que você entende aqui por um lugar que corre a água?

LEGENDA

● Sanga	◐ Rio	● Corrego/corquinho/córgo
Ipuacu Zona Urbana		Borrazópolis Zona Urbana

4 Pergunta original do ALERS (Que entendem aqui por “sanga”?)

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐		◐	
	◐	◐	

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●

Ipuau Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
◐	◐	◐	◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
◐	◐	◐	◐

Borrazópolis Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐			◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐	◐		◐

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
		◐	◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
◐	◐	◐	◐

Houveram outras variações para a pergunta 014 como podemos observar nos gráficos 5, 6, 7 e 8. Em Ipuau cinco informantes falaram “rio”, sendo três da zona urbana, e na zona rural com dois registros, na cidade de Borrazópolis não houve nenhum registro deste léxico. A variante “córrego” dominante no município de Borrazópolis, teve apenas quatro ocorrências na cidade catarinense, sendo dois informantes da zona urbana e dois informantes da zona rural. Quando questionados pela entrevistadora o porquê de chamarem de “córrego” o que chamou a atenção foi que dois informantes da GII uma zona rural e um da zona urbana, ambos relataram que aprenderam nos livros quando frequentavam a escola, no caso da feminina, ela ainda ensina para seus alunos já que é

professora e a palavra aparece nos livros didáticos. E os outros dois casos, estes da GI, quando também questionados ambos explicaram que possuem parentes no estado do Paraná e que eles utilizavam córrego e não sanga.

Houve o registro da variante “riacho” com apenas duas ocorrências, uma informante da zona rural e uma informante da zona urbana. No município de Borrazópolis houve três ocorrências na zona urbana, e todos da GI, duas femininas e um masculino. A variante “valeta” com registro de três ocorrências sendo dois informantes da zona rural e uma informante da zona urbana, na cidade paranaense não ocorreu nenhum registro.

As variantes “lagoa” um registro por uma informante da zona urbana “desaguadouro”, um informante da zona urbana, “lago” um informante da zona rural e “banhado” uma informante da zona rural teve apenas um registro na cidade catarinense, já na cidade de Borrazópolis não houve nenhum registro dos itens lexicais citados acima.

As variantes que foram registradas na cidade paranaense foram; “rego” com um registro na zona urbana, “gruta” uma ocorrência na zona urbana por uma informante. A variante “ribeirão” houveram três ocorrências todas elas na zona rural.

Gráfico 5

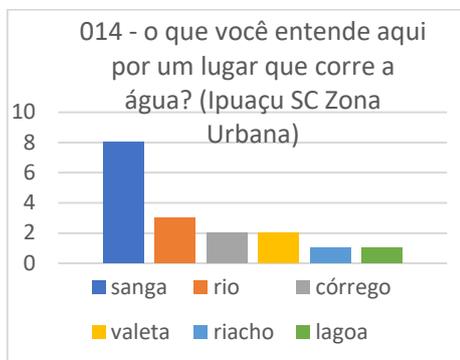
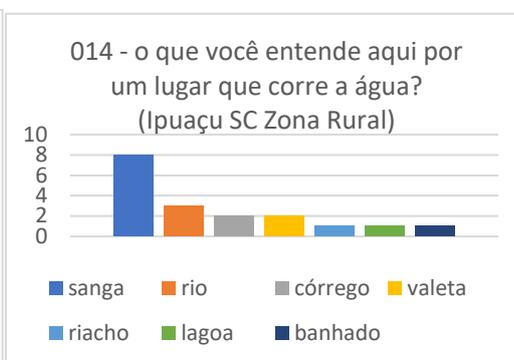


Gráfico 6



Schenatto (2023)

Gráfico 7

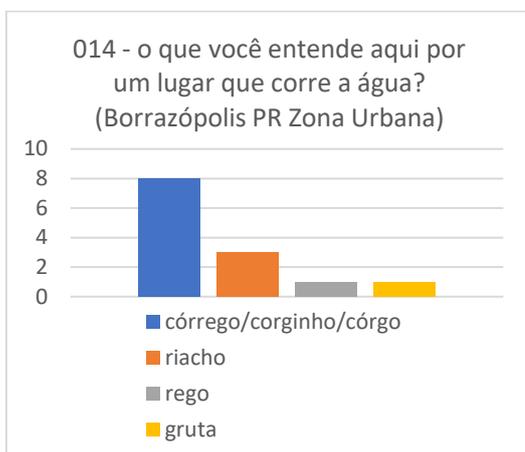
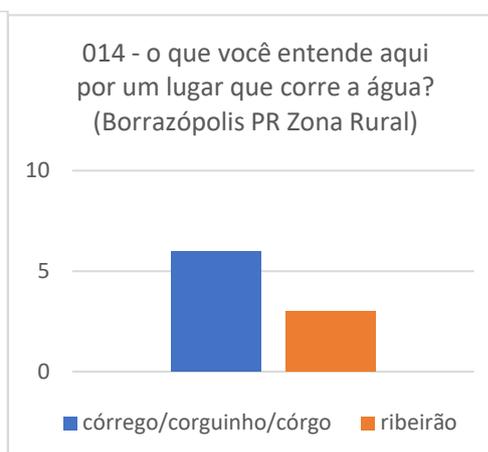


Gráfico 8



Schenatto (2023)

A **pergunta 017**⁵ (o que você entende aqui por um lugar onde sai água da terra?)

No município de Ipuacu obtivemos duas variações com mais ocorrências, “vertente” em que quinze informantes responderam este léxico, sendo eles sete da zona urbana, e oito da zona rural, e a segunda variante com mais ocorrência foi a palavra “nascente” com dez informantes, lembrando aqui que muitos informantes falavam as duas palavras espontaneamente, está variante foi a mais registrada na fala dos informantes da zona urbana do que da zona rural sendo assim, seis informantes da zona urbana falaram “nascente” e quatro da zona rural. O que chama a atenção para este léxico é que os informantes da zona rural que falaram a variante “nascente” todos eles são da Ca, das gerações GI e GII.

Já em Borrazópolis apenas três informantes responderam “vertente” todos eles da zona urbana, nesse caso todos os informantes que responderam “nascente” eram da Cb, dois da zona urbana, e um da zona rural.

A variante que mais teve ocorrência em Borrazópolis foi a variação “mina” onde todos os informantes responderam. O que chama a atenção é que a palavra mina tem sua etimologia provinda das línguas celtas, e segundo o dicionário Michaelis seu significado diz respeito ao conduto subterrâneo, de onde são extraídos combustíveis, minérios, metais, água e outros produtos. Em Ipuacu não houve nenhum registro para o léxico “mina”.

Quadro 4. 017. O que você entende aqui por um lugar onde sai água da terra?

LEGENDA

● Vertente	● Nascente	● Mina
------------	------------	--------

5 Pergunta original do ALERS (Que entendem aqui por “vertente”?)

Ipuauçu Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐	◐	◐	◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐	◐	◐	◐

Borrazópolis Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
◐	◐	◐	◐
◐	◐	◐	◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	◐
◐	◐	◐	◐

Ipuauçu Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐	◐	◐	◐

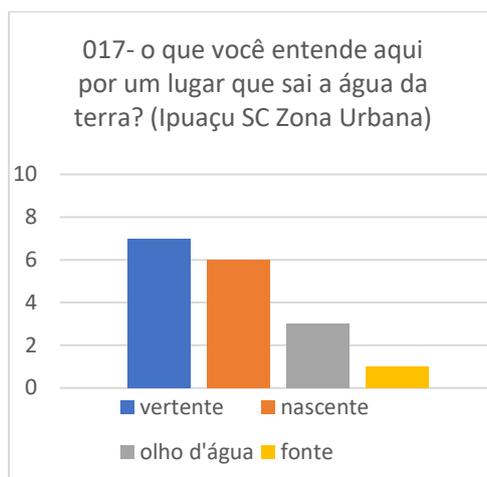
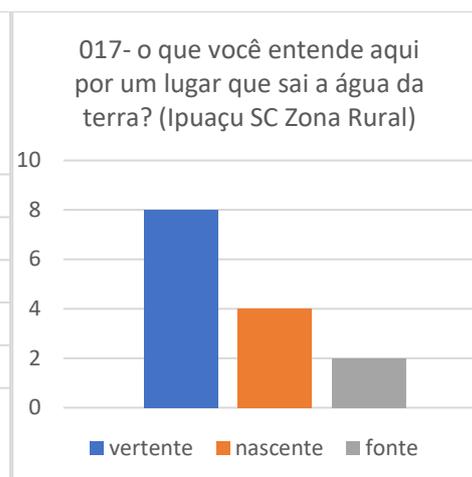
CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●

Borrazópolis Zona Rural

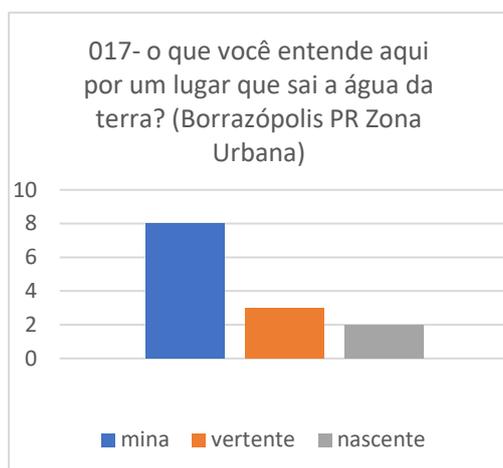
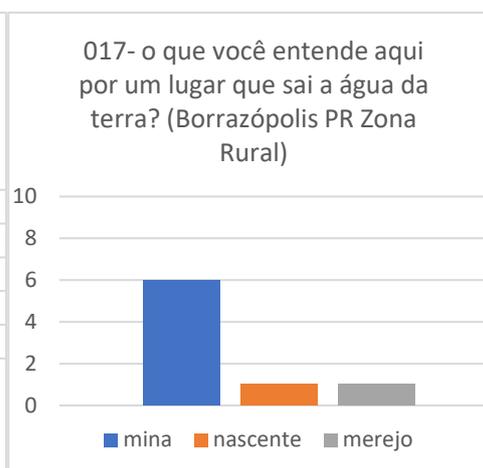
CaGII		CaGI	
M	F	M	F
◐	◐	◐	◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
◐			
◐	◐	◐	◐

Como podemos observar nos gráficos 9, 10, 11 e 12, além dos três vocábulos em destaque, dois em Ipuauçu e somente um em Borrazópolis, também houve a ocorrência de outras variações, como em Ipuauçu que a variante “olho d’água” que foi registrada três vezes todas elas na zona urbana, sendo dois informantes masculinos e uma informante feminina, outra variante foi “fonte” com três ocorrências uma na zona urbana com uma informante, e dois informante da zona rural. Vale lembrar que essas duas variantes não tiveram registros na cidade de Borrazópolis, apenas a variante “merejo” foi registrada nesta cidade por um informante masculino da zona rural.

Gráfico 9**Gráfico 10**

Schenatto (2023)

Gráfico 11**Gráfico 12**

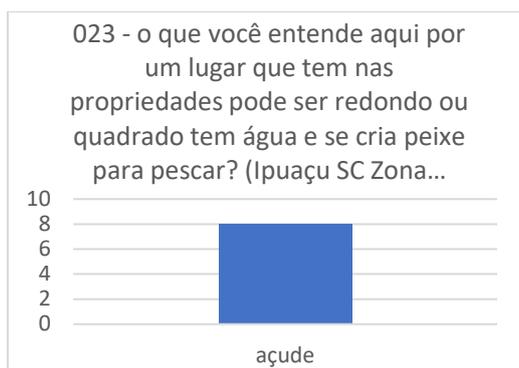
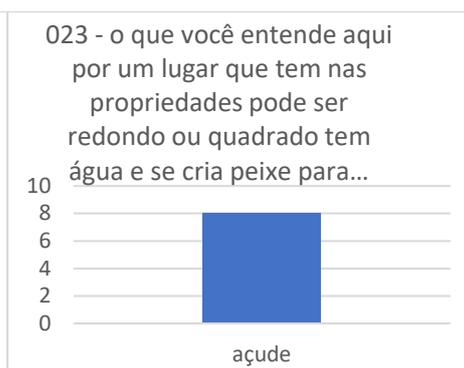
Schenatto (2023)

A **pergunta 023**⁶ (o que você entende aqui por um lugar que tem nas propriedades pode ser redondo ou quadrado tem água e se cria peixe para pescar?) e a pergunta 027 (o que você entende aqui por represa?).

A **pergunta 027** não foi feita para os informantes de Borrazópolis devido que alguns informantes utilizaram “represa” para designar açude.

Os dezesseis informantes de Ipuaçú que entrevistamos conheciam e usam açude. Quando questionados sobre o termo represa, explicavam que está relacionado à barragem de geração de energia elétrica. Isso se dá, possivelmente, pelo fato de o município estar próximo a três barragens, já que o município é cortado pelo rio Chapecó.

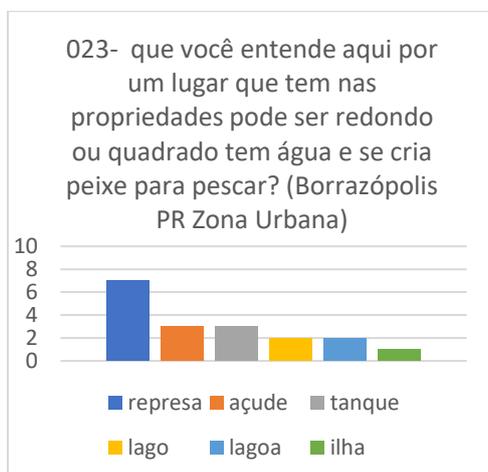
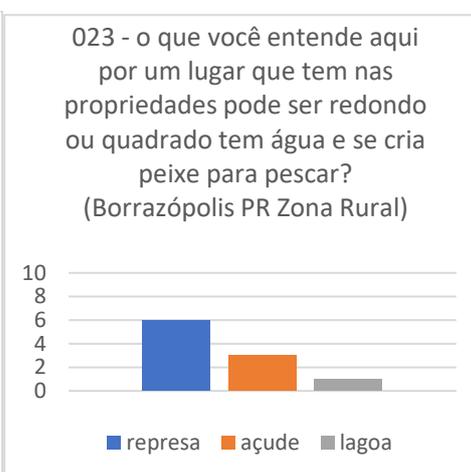
⁶ Pergunta original do ALERS (Que entendem aqui por “açude”?)

Gráfico 13**Gráfico 14**

Schenatto (2023)

Já em Borrazópolis, seis informantes responderam “açude” por sugestão, sendo eles três da zona urbana, e três da zona rural. Ressaltamos que os informantes que já ouviram o termo quando feito a sugestão são todos do sexo masculino, destacamos que nenhum dos informantes de Borrazópolis falou espontaneamente a variante “açude”. Quando questionados de onde conheciam, alguns explicaram que escutaram na escola, outros explicaram que ouviram há muito tempo, mas que não se usa na região.

A resposta da pergunta 023, a maioria dos paranaenses responderam “represa”, com treze registros, sete da zona urbana, e seis da zona rural. Obtivemos outras variações para a pergunta 023, o item lexical “tanque” com o registro na fala de três informantes da zona urbana, “ilha” apenas uma ocorrência na zona urbana com uma informante, “lago” com dois registros também na zona urbana sendo duas femininas, e “lagoa” com duas ocorrências sendo uma da zona urbana e um da zona rural. Já em Ipuacu não houve nenhuma outra variação para a pergunta 023.

Gráfico 15**Gráfico 16**

Schenatto (2023)

A **pergunta 049** (o que você entende aqui por uma luz que corta o céu em dias de chuva?).

Em ambos os pontos de pesquisa, houve a predominância da variante “relâmpago” sendo que todos os informantes de Ipuauçu conheciam e utilizavam, e em Borrazópolis mesma situação, então todos os informantes de ambos os municípios, zona urbana e zona rural, das gerações GI e GII, das classes Ca e Cb e dos sexos masculino e feminino. Outra variante que podemos destacar é “raio” com cinco ocorrências na cidade de Ipuauçu sendo quatro na zona rural, e apenas um da zona urbana com um informante do sexo masculino. Já em Borrazópolis foram cinco ocorrências, um informante da zona urbana e quatro registradas da zona rural do município.

Quatro 5. 049. O que você entende aqui por uma luz que corta o céu em dias de chuva?

LEGENDA

● Relâmpago	◐ Raio
-------------	--------

Ipuauçu Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐		◐	

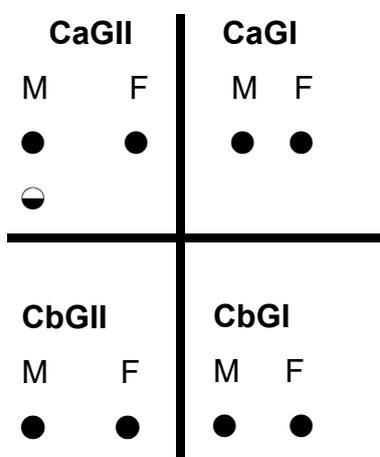
CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
		◐	◐

Borrazópolis Zona Urbana

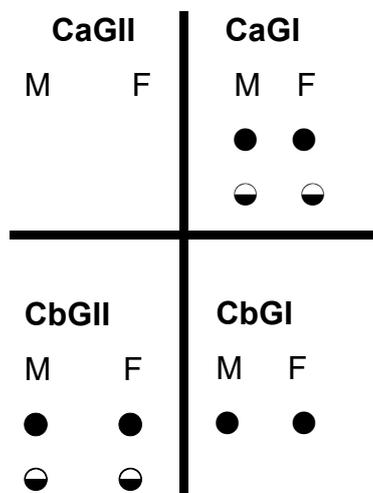
CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐			

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●

Ipuaçu Zona Rural



Borrazópolis Zona Rural



Como podemos observar nos gráficos 17, 18, 19 e 20, outras variantes foram registradas com menores índices, como em Ipuaçu com a ocorrência da variante “arco-íris” com quatro registros sendo um da zona urbana, e três na zona rural. Na cidade de Borrazópolis houveram quatro registros para “arco-íris” dois registros na zona urbana com um informante, da zona urbana com mais dois informantes, o que chama atenção é todos os informantes que utilizaram desta variante todos são da geração mais nova. A variante “trovão” foi registrada somente no município de Ipuaçu com três ocorrências todas elas na zona urbana.

Gráfico 17

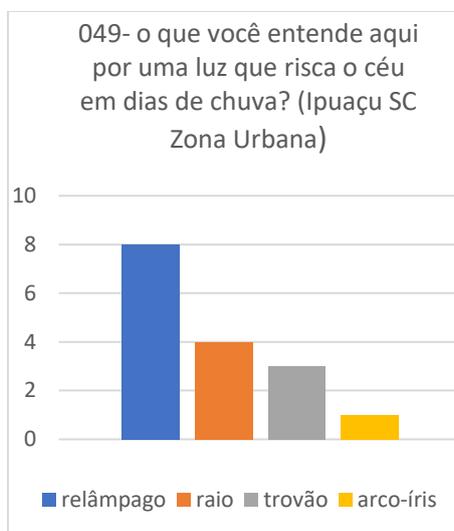
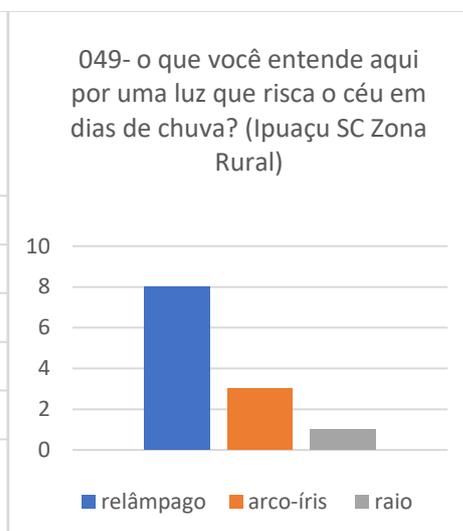


Gráfico 18



Em Borrazópolis tivemos três variantes com apenas um registro para “chuvisco” com uma informante da zona urbana, “trovoada” com uma ocorrência na zona urbana e “curisco” registrado na zona rural por uma informante do sexo feminino.

Mais uma vez podemos perceber que no município paranaense registramos mais variações que no município catarinense, ressaltamos novamente que isso se deve a sua vasta cultura étnica, com imigrantes oriundos de diferentes estados brasileiros e até mesmo de outros países, com isso foi ocorrendo uma miscigenação entre culturas, cada um pegando um pouquinho da cultura do outro. É preciso ressaltar que quando a entrevistadora fazia as perguntas muitos dos informantes respondiam mais que uma variante, tornando assim a pesquisa mais recheada com muitos léxicos.

Gráfico 19

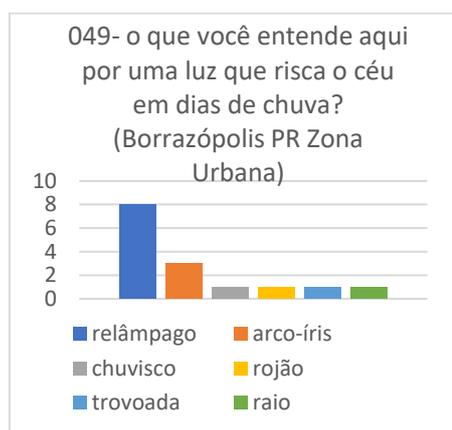
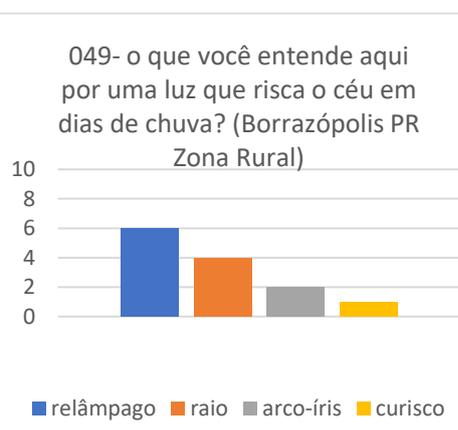


Gráfico 20



Schenatto (2023)

A **pergunta 052** (Como se chama aqui por uma chuva curta, muito forte e pesada?). Referente a esta pergunta houveram muitas variações, mas a mais utilizada por ambos os municípios foi pancada. Os dezesseis informantes de Ipuacu relatam usar mais essa variante, seja na zona rural ou urbana, pelo sexo masculino ou feminino e pelas classes Ca e Cb, das gerações GI e GII. Em Borrazópolis, obteve-se treze registros da variante “pancada”, oito na zona urbana, e seis registros na zona rural.

A segunda variante mais utilizada pelos informantes de Ipuacu foi “toró” com sete ocorrências, cinco registrada na zona urbana, e na zona rural com dois registros. Em Borrazópolis registramos apenas duas vezes, ambas na zona urbana do município.

Como já explanado acima a variante que mais ocorreu registros na cidade paranaense foi “pancada” com quatorze registros. A outra variante que se destacou o

município de Borrazópolis constituiu “bomba d’água” com quatro registros um na zona urbana, e três na zona rural. A variante “bomba d’água” também apareceu na cidade de Ipuacu com seis registros, cinco da zona urbana, e apenas um registro na zona rural com uma informante.

Quadro 6. 052. Como se chama aqui por uma chuva curta, muito forte e pesada?

LEGENDA

● Pancada ◐ Bomba d’água

Ipuacu Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐	◐		◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐	◐		

Borrazópolis Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	●

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
			◐

Ipuacu Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
			◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●

Borrazópolis Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
		●	●
			◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐	◐		

Os gráficos, 21, 22, 23 e 24 mostram a diversidade lexical que conseguimos coletar na pergunta 052, ao todo foram dezesseis variações, ressaltamos que nem todas as variações obtiveram um número significativo de registros e também que alguns não apareceram nos dois pontos pesquisados.

Começamos com a variante “tromba d’água” com quatro ocorrências em Borrazópolis sendo somente uma na zona urbana e três na zona rural, esta variante não constatamos nenhuma ocorrência no município de Ipuçu. A variante “torrencial” obteve dois registros somente na cidade de Ipuçu e na zona rural com dois informantes. “Pancadão” outra variante registrada com duas ocorrências ambas na zona urbana da cidade de Ipuçu, não houve registro na cidade de Borrazópolis. As variantes com apenas um registro na cidade catarinense foram; “pé d’água” registrada por um informante da zona urbana, “tormenta” uma informante da zona urbana, “granizo” um informante da zona urbana.

A variante “temporal/tempestade” ocorreu duas vezes na cidade catarinense por um informante da zona urbana, e um da zona rural, cidade de Borrazópolis obtivemos três, um na zona urbana, e dois registros na zona rural.

A variante “Chuva de verão” ocorreu três vezes, duas vezes na zona urbana, e apenas uma vez na zona rural, no município paraense, e um registro em Ipuçu por uma informante da zona rural. A variante “Chuvisqueiro” também apenas com um registro da zona urbana por uma informante, em Borrazópolis e um registro de uma informante da zona rural de Ipuçu.

A variante “passageira” registrada duas vezes na zona urbana por informantes feminina. “garoa bruta” apenas uma ocorrência na zona urbana por uma informante, “chuvona” um registro na zona rural do município paranaense por um informante. As variantes “passageira/ garoa bruta/chuvona” não foram registradas em Ipuçu.

Gráfico 21

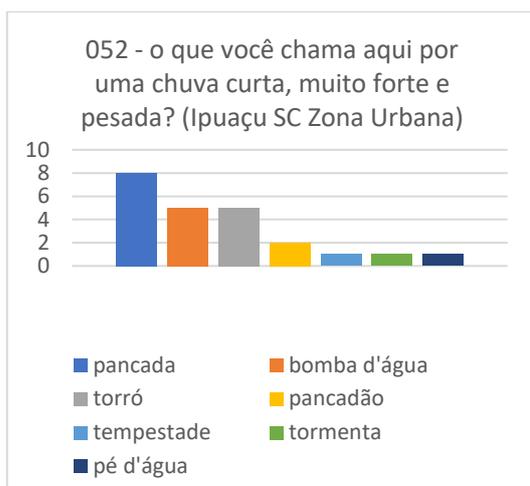
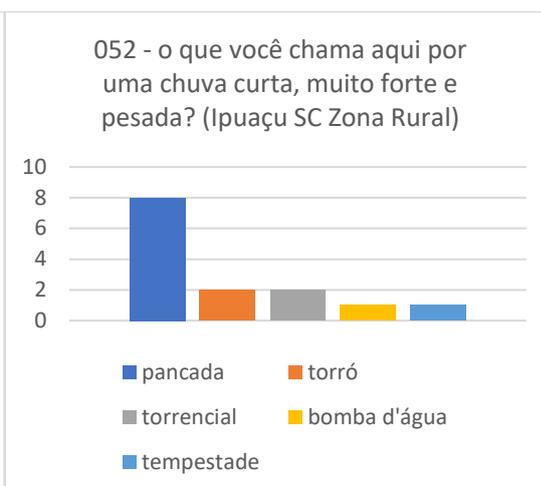


Gráfico 22



Schenatto (2023)

Gráfico 23

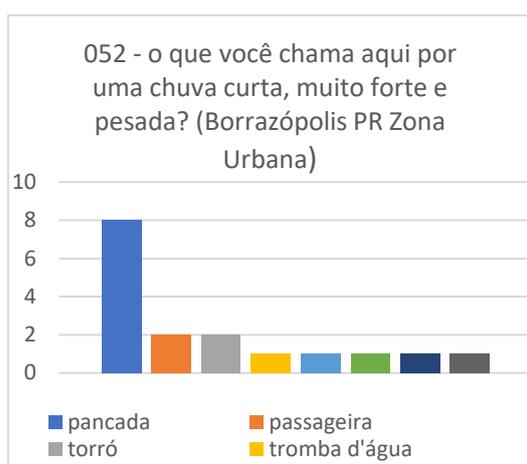
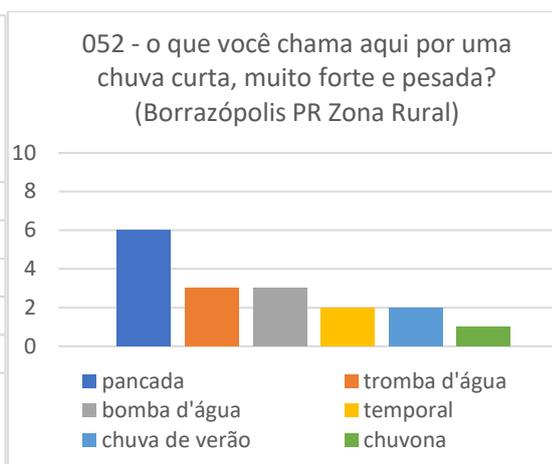


Gráfico 24



Schenatto (2023)

A pergunta 090⁷ (Se um fazendeiro quer dizer “quanta terra tem”, que medida ele usa? E você usa talhão ou colônia?).

7 Na pergunta original do ALERS tínhamos três perguntas em uma só:

- Se um fazendeiro quer dizer “quanta terra tem”, que medida ele usa?
- E se quer dizer “quanta terra trabalhou no ano passado”?
- E “quanta terra se pode trabalhar num dia”?

Decidimos deixar apenas a letra “a” e acrescentar uma pergunta de nosso interesse.

O que chama a atenção nesta pergunta é que no município de Ipuauçu houve uma semelhança de informantes que disseram alqueires sendo nove, desses nove, sete são informantes da zona urbana. Apenas dois informantes da zona rural responderam “alqueires”, o que chama atenção para essas respostas é que apenas os informantes de classe alta da zona rural responderam alqueires e de gerações diferentes, o masculino da GII até comentou durante a entrevista que a palavra alqueire está sendo mais usada, pois muitos agricultores estão arrendando ou comprando terras no Paraná e que lá eles utilizam esse termo para definir a quantidade de terra que se tem.

Mas também há ocorrência da variante “hectares” sendo que alguns dos informantes responderam as duas palavras juntos. A variante “hectares” foi registrada seis vezes na zona urbana, e seis na zona rural.

Gráfico 25

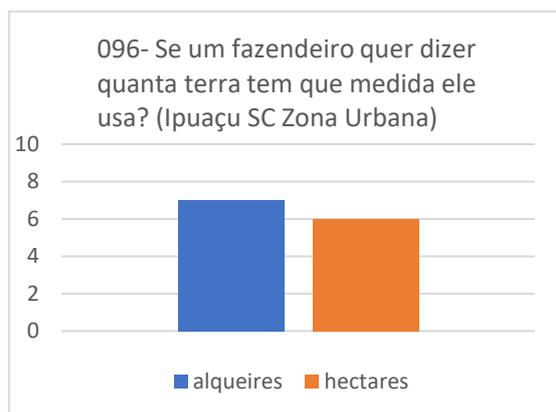
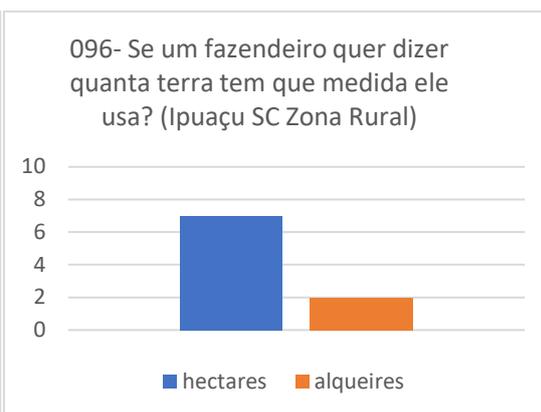
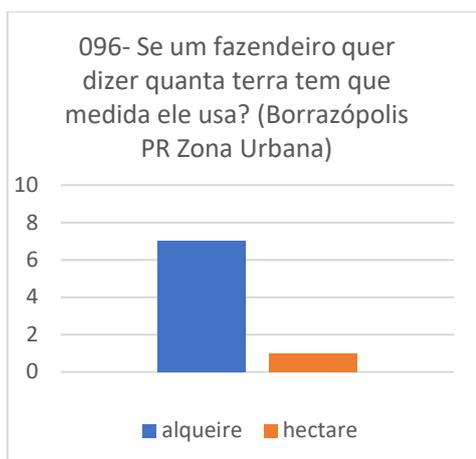
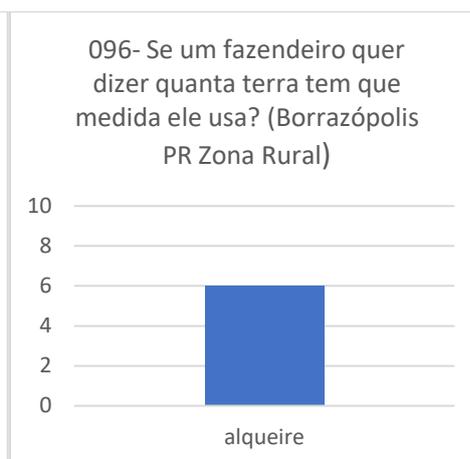


Gráfico 26



Schenatto (2023)

Já em Borrazópolis apenas um informante respondeu a variante “hectares”, sendo um informante da zona urbana, o restante dos informantes respondeu alqueires, então foram registradas treze ocorrências, sete da zona urbana, e seis na zona rural. O motivo para os informantes borrapolitanos usarem a medida alqueires e não hectares, está relacionada a sua colonização, como já citamos ao longo deste trabalho a região norte do Paraná foi colonizada por muitos mineiros e paulistas e foram eles que trouxeram este léxico para a região. Um informante da zona rural durante a entrevista até comentou que quando ele visita seus parentes em São Paulo, lá eles usam alqueires paulistas.

Gráfico 27**Gráfico 28**

Schenatto (2023)

Quando os informantes foram questionados se usavam mais talhão ou colônia no município de Ipuacu a variação mais dominante foi colônia do qual foi trazido pelos riograndenses quando se instalaram na região, alguns informantes principalmente do sexo masculino tanto da zona urbana quanto da zona rural explicaram que se usava muito colônia para designar quanta terra se tinha e era normal o pai dar colônias de terra para seus filhos como herança, houve também uma variação morfológica que nesse trabalho não será considerado mas é importante deixarmos registrado, três informantes ipuaçuenses responderam “colonha” sendo todos eles da zona rural, o que nos chama atenção é que os informantes que responderam colonha são todos da GI, isso pode ser explicado pela forma com que seus pais oriundo de descendentes de italianos utilizavam a palavra.

Em Borrazópolis nenhum dos informantes utiliza a variação “colônia”, mas sim sítio ao invés de talhão, alguns informantes da zona rural explicaram que usam sítio, se o produtor rural tiver mais que 50 alqueires aí se utiliza fazenda. O que chama atenção é que eles dão nome para esses sítios, diferente de Ipuacu que há uma predominância maior de pequenas propriedades, em Borrazópolis os produtores rurais têm suas áreas de terra espalhadas pelo município ou municípios vizinhos por isso eles dão nomes como por exemplo sítio Nossa Senhora Aparecida, sítio Santo Antônio. Sete informantes responderam a variante “sítio”, três na zona urbana e quatro na zona rural.

Apenas quatro informantes de Borrazópolis responderam talhão, sendo dois informantes da zona rural e dois informantes da zona urbana em ambas as localidades do município de Borrazópolis notou-se que os informantes que utilizavam talhão são todos das gerações GI e GII e ambos da classe Ca e Cb.

Quanto ao valor que equivale um sítio ou uma colônia poucos souberam responder.

Nos gráficos 25, 26, 27 e 28 é possível notar que houveram outras variações para a pergunta: você usa mais talhão ou colônia? podemos perceber que no município de Ipuacu um informante da zona urbana diz que se usa também “quarta”, não soube explicar quanto que valia uma quarta, mas que quando visitava seus avós na roça quando pequeno ele os ouvia muito falando em quarta de terra. Em Borrazópolis além de fazerem uso de talhão e sítio, um informante da zona rural disse que antigamente se usava quadro, referente aos quadros de café que se plantavam no local, já que a cidade foi umas das maiores produtoras de café da região norte do Paraná, hoje não se encontram mais grandes plantações, apenas pequenas áreas de café para consumo próprio.

Gráfico 29

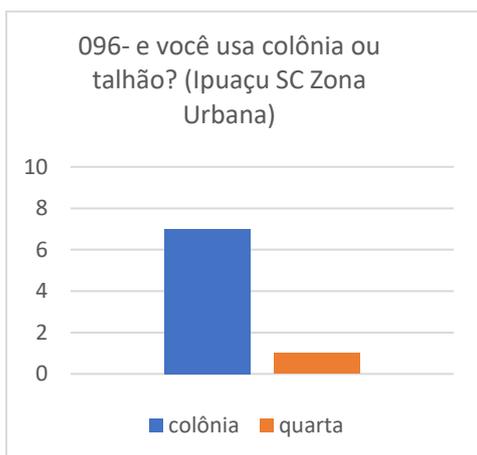
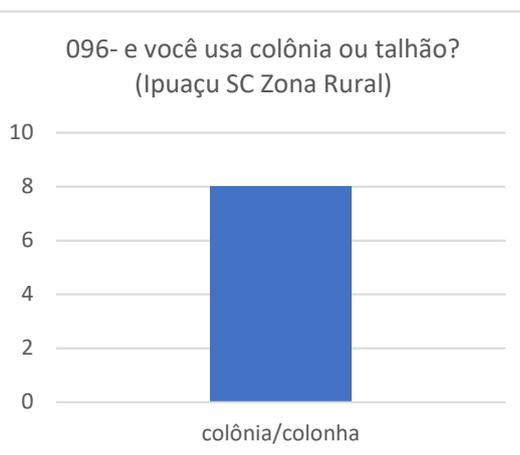


Gráfico 30



Schenatto (2023)

Gráfico 31

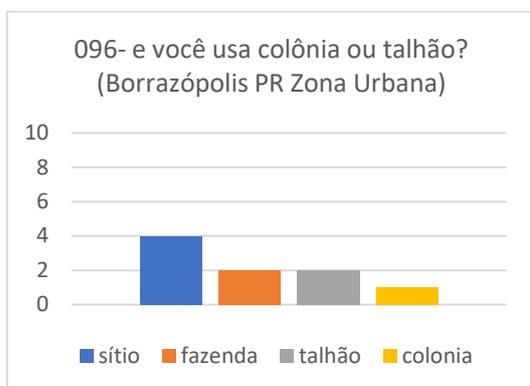
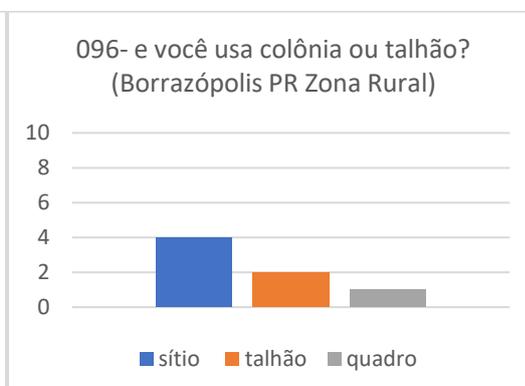


Gráfico 32



Schenatto (2023)

A **pergunta 121**⁸ é referente a flora mato/inço (Como chamam aquilo que nasce na plantação, que é preciso arrancar?).

Em Ipuacu a variante predominante foi “inço”. Quatorze informantes utilizaram essa variante, sete informantes da zona urbana, e sete da zona rural a segunda variante com maior recorrência foi “mato” com nove ocorrências, seis delas na zona urbana e apenas três ocorrências na zona rural. A variante “erva daninha” também teve um registro significativo, principalmente na zona urbana com cinco ocorrências, e dois registro na zona rural com uma informante.

Em Borrazópolis não houve nenhuma ocorrência do léxico “inço”, quando era feito a sugestão da palavra “inço” ninguém dos informantes conhecia a palavra.

Quatorze informantes responderam “mato” no município de Borrazópolis, sendo assim todos da zona urbana e rural, das classes Ca e Cb, ambos os sexos F e M e todas as gerações GI e GII, houve um registro de sete ocorrências para “ervas daninhas”, cinco ocorrências na zona rural do município, e dois da zona urbana.

Quatro 7. 121. Como chamam aquilo que nasce na plantação, que é preciso arrancar?

LEGENDA

● Inço	◐ Mato	◑ Ervas daninhas
--------	--------	------------------

Ipuacu Zona Urbana

Borrazópolis Zona Rural

⁸ A pergunta original do ALERS
MATO E INÇO

- a) Que entendem aqui por “mato”? (Tem gente que chama inço de mato.)
b) Como chamam aquilo que nasce na plantação, que é preciso arrancar?

Optamos por usar somente a “b” pois queríamos saber qual variante os informantes de Ipuacu SC e Borrazópolis PR utilizavam mais.

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐	◐	◐	◐
	◑	◑	

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
		◐	◐
◑	◑	◑	

Ipuauçu Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
◐	◐	◐	◐
◑			

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
◐	◐	◐	◐
	◑		

Borrazópolis Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
			◐
	◑		

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
		●	●
◐	◐		
	◑		

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
		◐	◐
			◑

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
◐	◐	◐	◐
◑	◑	◑	◑

Registramos outras variantes para a pergunta 121, em Ipuauçu tivemos o registro da variante “buva”, com três registros, sendo dois na zona urbana, e apenas um registro na zona rural com um informante. em Borrazópolis na variante “buva” obtivemos cinco

registros com três ocorrências na zona rural, e duas ocorrências na zona urbana com dois informantes masculinos.

A variante “praga” ocorreu apenas uma vez no município de Ipuacu com um informante localizado na zona urbana, já em Borrazópolis houveram cinco registros desta variante, quatro informantes da zona rural responderam “praga”, apenas um registro da zona urbana. A variante “guanchumba” obtivemos dois registros em Ipuacu, um na zona urbana, e na zona rural. Na cidade de Borrazópolis não registramos nenhuma ocorrência.

Algumas variantes ocorreram apenas uma vez como foi o caso de “caruru”, uma ocorrência na zona urbana de Ipuacu, nenhum registro na cidade paranaense. O item lexical “picão” apenas com um registro na zona rural de Ipuacu, e uma ocorrência na zona urbana de Borrazópolis. As variantes “nabo/mostarda” foram registradas somente uma vez por uma informante da zona rural de Ipuacu, não obtivemos registros na cidade paranaense.

No município de Borrazópolis ainda registramos mais quatro variantes, a variante “amargoso” com três registros, todos na zona rural, “quiçaça” ocorrida duas vezes na zona urbana do município, “peste” outra variante com apenas um registro na zona urbana, e por fim “tiririca” também com apenas um registro por uma informante da zona urbana. Essas variantes citadas acima, nenhuma com ocorrências na cidade de Ipuacu.

Gráfico 33

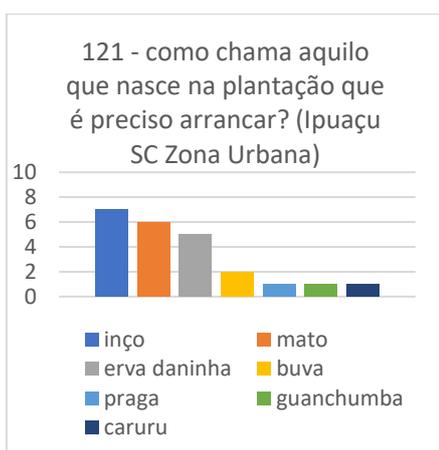
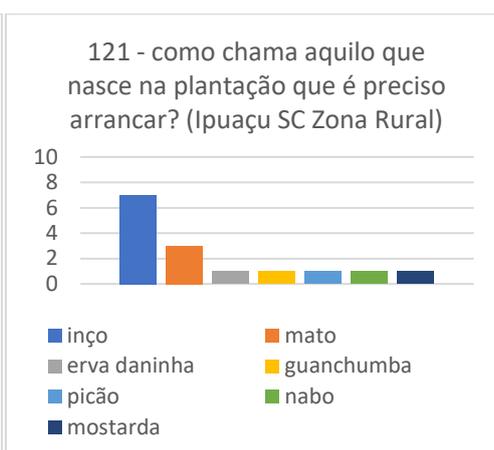


Gráfico 34



Schenatto (2023)

Gráfico 35

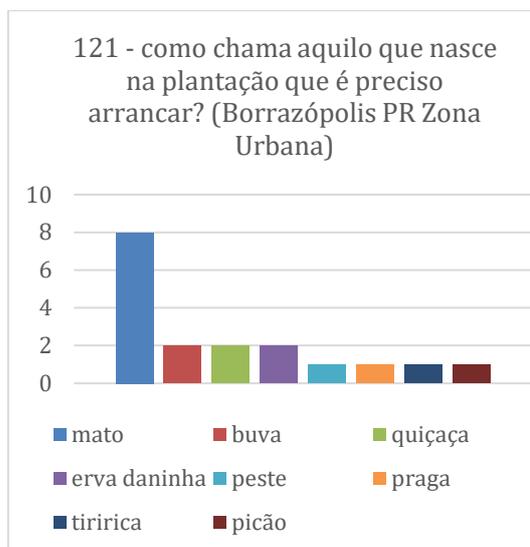
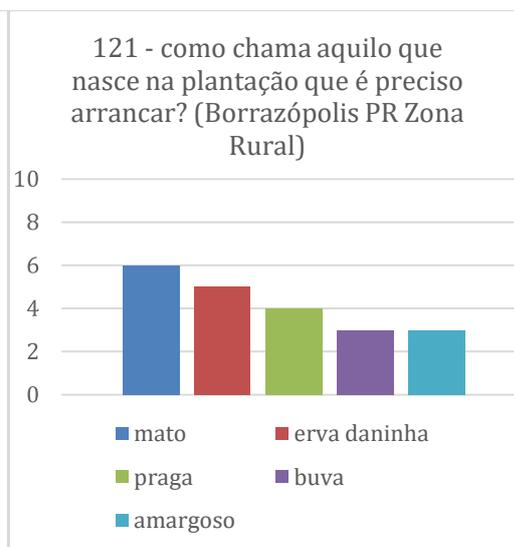


Gráfico 36



Schenatto (2023)

A **pergunta 126** (Uma fruta menor que a laranja que se descasca com a mão?)

Nesta pergunta a variante predominante na cidade de Ipuacu foi “vergamota” com doze registros, sendo sete na zona urbana, e cinco na zona rural e a variante “bergamota” com quatro registros, apenas um registro na zona urbana. As duas variantes dominantes em Ipuacu não tiveram nenhum registro em Borrazópolis.

A variante preeminente em Borrazópolis foi “mexerica” onde todos os informantes responderam, sendo assim, todos das classes Ca e Cb, das gerações GI e GII, dos sexos F e M, da zona rural e zona urbana.

Conversando com os moradores do município paraense percebeu-se que há poucas árvores frutíferas na zona rural, um dos fatores, é que nós encontramos poucos moradores nesta localidade, não são pequenos agricultores, eles focam mais em lavoura do que em outras atividades pecuárias, um dos relatos mais interessantes foi de um informante da zona rural, do qual descreveu que pouco se produz nessas propriedades devido ao uso dos defensivos agrícolas, então eles compram a maioria das frutas no mercado, por isso temos outra variante bem presente que é a “pokan” com cinco registros e o que mais chama atenção é desses cinco registros quatro são da zona rural, apenas um é da zona urbana que foi de uma informante. No município de Ipuacu obtivemos apenas um registro de “pokan” por uma informante da zona urbana.

Quatro 8. 126. Uma fruta menor que a laranja que se descasca com a mão?

LEGENDA

● Vergamota/bergamota	◐ Mexerica	◑ Pokan
-----------------------	------------	---------

Ipuau Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
	◑		

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●

Ipuau Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	
		◐	

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
			◐

Borrazópolis Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
◐	◐	◐	◐
			◑

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
◐	◐	◐	◐

Borrazópolis Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
		◐	◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
◐	◐	◐	◐

Como podemos observar na cruz de Thun acima temos dois registros de mexerica na cidade de Ipuau por dois informantes da zona rural. Quando questionado o informante masculino explicou que tem parentes no Paraná e que eles falam mexerica por isso ele conhecia essa variante. Já a informante feminina não explicou como conhecia a variante.

É possível verificar logo abaixo nos gráficos 33, 34, 35 e 36, que houveram outras variantes presentes para responder à pergunta 126. Em Ipuau constatamos o registro de

duas ocorrências de “tangerina” com três registros de um informante da zona rural e duas informantes da zona urbana. Já em Borrazópolis obtivemos o registro na fala de três informantes, todas elas na zona urbana. A variante “morgota” com um registro em Ipuacu por um informante da zona rural, e uma ocorrência na cidade de Borrazópolis, uma informante da zona urbana.

Gráfico 37

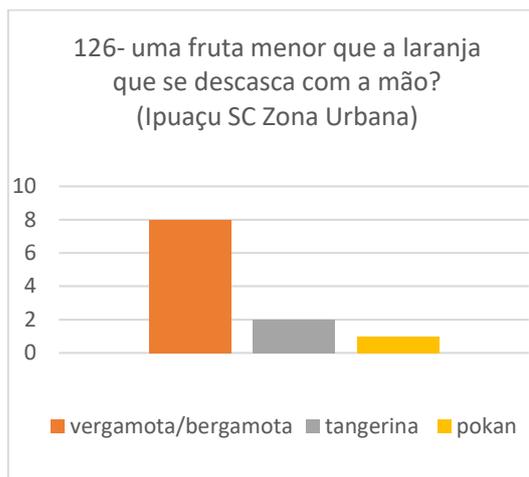


Gráfico 38



Schenatto (2023)

A variante “maricota” do qual tivemos quatro ocorrências, uma na zona urbana, e as outras três na zona rural, em Borrazópolis obtivemos ainda a variante “fedida” apenas com um registro na zona rural por um informante não registramos nenhuma das variantes citadas acima no município de Ipuacu.

Gráfico 39

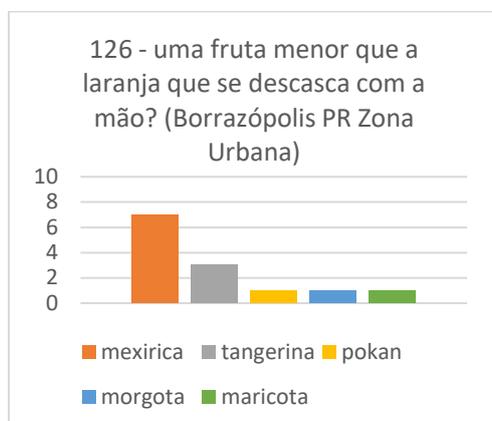
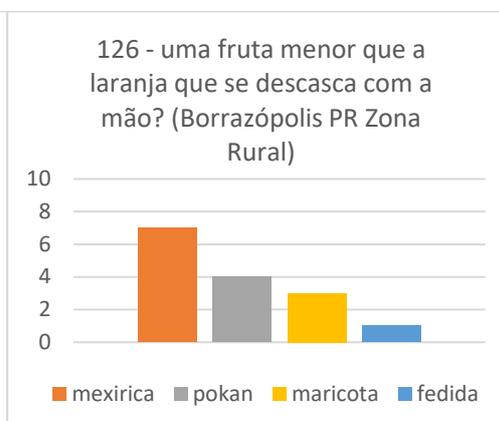


Gráfico 40



chenatto (2023)

A **pergunta 134** (Existe terra de diversas cores. Que nome você chama a cor da terra aqui?).

Essa pergunta chamou muito a nossa atenção, devido que em Ipuacu todos os dezesseis informantes responderem “terra vermelha” em ambas as zonas rural e urbana, das gerações GI e GII, de ambos os sexos F e M e também das duas classes Ca e Cb.

Já em Borrazópolis tivemos duas variantes presentes a variante “terra vermelha” teve cinco ocorrências, sendo três na zona rural, e duas ocorrências na zona urbana, ressaltamos que as pessoas que responderam “terra vermelha” são todos da classe baixa. E a segunda variante que mais está presente é a variante “terra roxa” com dez registros, cinco na zona urbana e na zona rural com seis registros. Não houve o registro da variante “terra roxa” no município de Ipuacu.

O que chama a nossa atenção é que a região norte do Paraná é conhecida como “pé vermeio”, existe até mesmo um livro escrito por Emilio Carlos Boschilia intitulado O JEITO DE FALAR DOS “PÉ VERMEIO” publicado no ano de 2020, pela Editora do Autor de Curitiba, neste livro o autor busca resgatar o léxico dos primeiros pioneiros e desbravadores do norte paranaense, no processo de formação daquela comunidade, do qual surge uma forma de falar e um conjunto de expressões idiomáticas específicas da região.

Gráfico 41

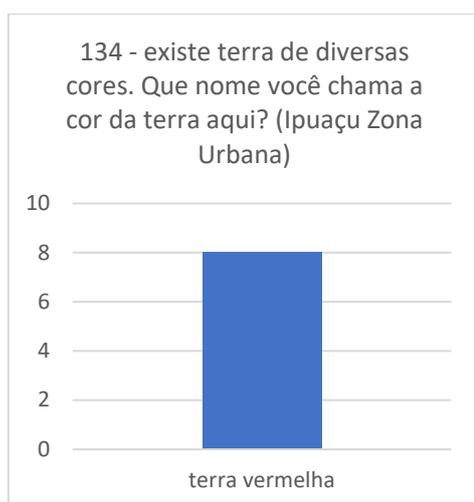
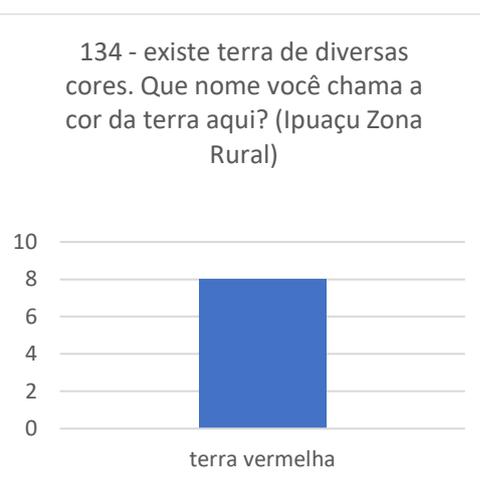


Gráfico 42



Schenatto (2023)

Gráfico 43

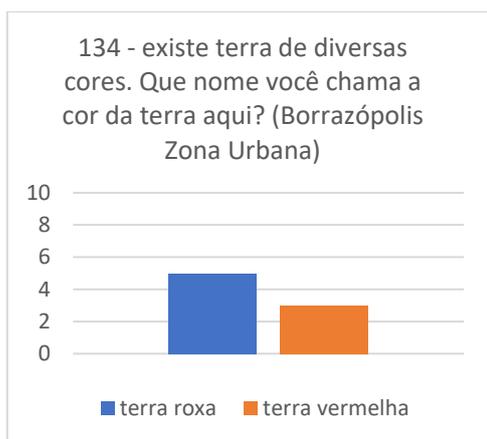
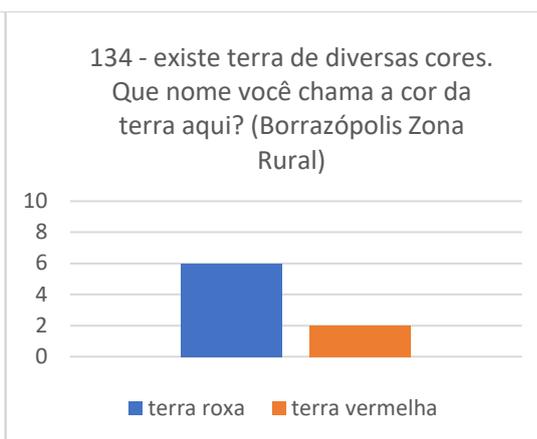


Gráfico 44



Schenatto (2023)

A **pergunta 135** (O que entende aqui por uma terra onde nasce tudo que se planta?)

A variante que mais apareceu nos dois pontos de pesquisa foi “terra fértil” em Ipuauçu obtivemos doze registros, sete na zona urbana, e na zona rural com cinco registros. Em Borrazópolis obtivemos nove ocorrências, três da zona urbana, e na zona rural com seis registros, o que chama a nossa atenção é que na zona urbana os informantes são todos da Ca ao contrário de Ipuauçu que os informantes de Ca que falaram estão localizados na zona rural.

A outra variante que apareceu em ambos os municípios foi “terra boa” em Ipuauçu tivemos dez registros, cinco deles na zona urbana, na zona rural também registramos cinco falas referentes a “terra boa”. Em Borrazópolis obtivemos sete registros, quatro na zona urbana e três da zona rural.

Quadro 9. 135. O que entende aqui por uma terra onde nasce tudo que se planta?

LEGENDA

● Fértil	● Terra boa
----------	-------------

Ipuauçu Zona urbana

Borrazópolis Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	
		◐	◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐	◐	◐	

Ipuau Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
			◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
◐	◐	◐	

Borrazópolis Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
		●	●
◐	◐	◐	

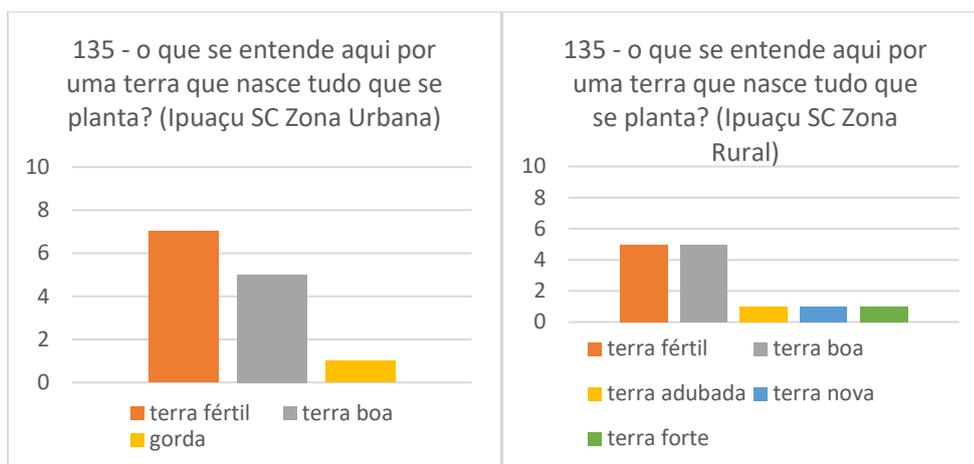
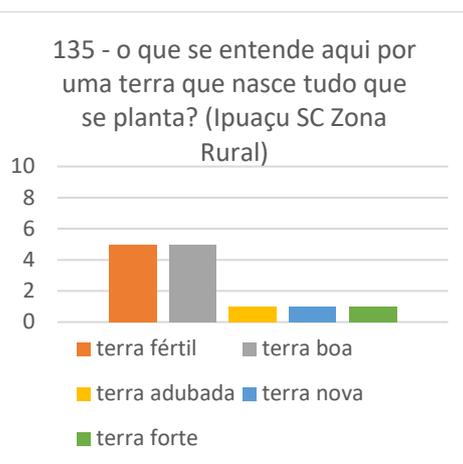
CbGII		CbGI	
M	F	M	F
	●	●	●
◐	◐		

Como

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
		●	●
		◐	

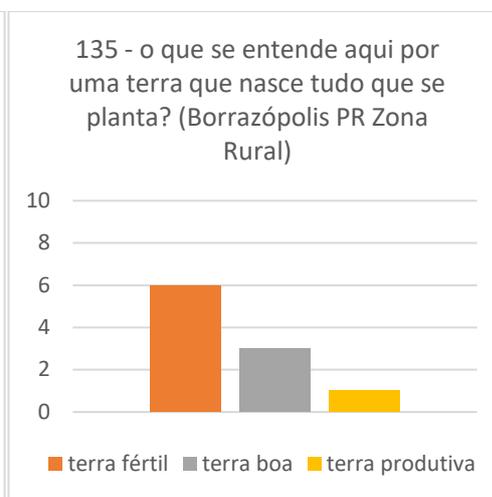
CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
		◐	◐

observamos nos gráficos 45, 46, 47 e 48, obtivemos o registro de outras variações, no município de Ipuau, e de Borrazópolis. A variante “terra gorda” apareceu apenas uma vez na zona rural com um informante, do município de Ipuau, quando questionado da pergunta 135, respondeu espontaneamente três variantes “terra adubada”, “terra nova” e “terra forte”. “Terra adubada” também houve registro na cidade paranaense com uma informante da zona urbana.

Gráfico 45**Gráfico 46**

Schenatto (2023)

Em Borrazópolis também tivemos ocorrências de variações um informante da zona urbana respondeu “terra milagrosa”, e a variante “terra produtiva” com três registros um na zona rural e dois na zona urbana.

Gráfico 47**Gráfico 48**

Schenatto (2023)

A **pergunta 136** (o que entendem aqui por uma terra em que é difícil de crescer/nascer alguma coisa?)

Na pergunta 136, em Ipuçu obtivemos um número significativo de variações, a variante “terra seca” com cinco registros, sendo dois da zona urbana, e na zona rural com três ocorrências. Já em Borrazópolis obtivemos apenas com um registro na zona urbana por uma informante. A segunda variante com mais ocorrência no município catarinense,

foi “pelanca” com três ocorrências, sendo duas da zona urbana e um informante da zona rural, não houve nenhum registro na cidade paranaense para este item lexical.

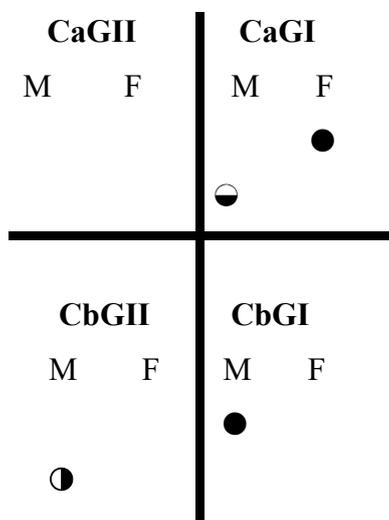
Em Borrazópolis a variante com mais registros foi “terra ruim” com seis respostas, sendo três da zona urbana, na zona rural também com três ocorrências. Na cidade catarinense obtivemos dois registros um na zona urbana e um da zona rural. O termo “cíuti” foi a segunda variante com mais registro no município de Borrazópolis, mas foi registrada apenas na zona rural com três informantes todos da mesma família. Quando questionados de como seria esse “cíuti” eles explicaram que são terras manchadas, que não produzem, este léxico é utilizado em São Paulo. Em Ipuacu não houve nenhum registro.

Quadro 10. 136. O que entendem aqui por uma terra em que é difícil de crescer/nascer alguma coisa?)

LEGENDA

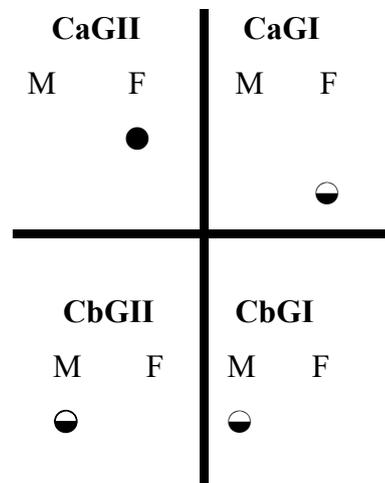
● Terra seca ● Pelanca ● Terra ruim ○ Cíuti

Ipuacu Zona Urbana

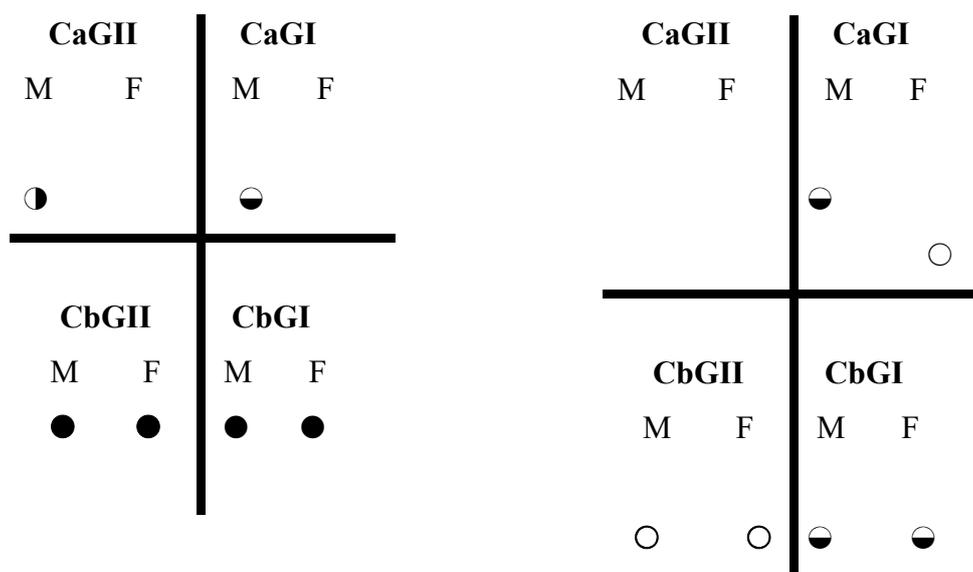


Ipuacu Zona Rural

Borrazópolis Zona Urbana



Borrazópolis Zona Rural



Como podemos observar nos gráficos 45, 46, 47 e 48 abaixo, obtivemos mais algumas variantes, o item lexical “terra infértil” com dois registros no município de Ipuauçu um da zona urbana e um da zona rural. Não houve nenhum registro em Borrazópolis. A variante “terra improdutiva” obtivemos apenas um registro em Ipuauçu por uma informante da zona rural, e um registro em Borrazópolis na zona urbana por uma informante, a variante “terra fraca” com apenas uma ocorrência em ambos municípios: em Ipuauçu a ocorrência na zona urbana por informante, em Borrazópolis também ocorreu um registro na zona urbana por um informante. A variante “solo pobre” obtivemos apenas um registro na cidade de Ipuauçu com uma informante da zona rural. O item lexical, “terra magra” foi outra variação presente em Ipuauçu com apenas um registro na zona urbana por um informante. A variante “terra arrida” também obteve dois registros no município catarinense: um na zona urbana por uma informante e uma informante da zona rural. As variantes “solo fraco, terra magra e terra arrida” não tiveram nenhum registro na cidade paranaense.

Gráfico 49

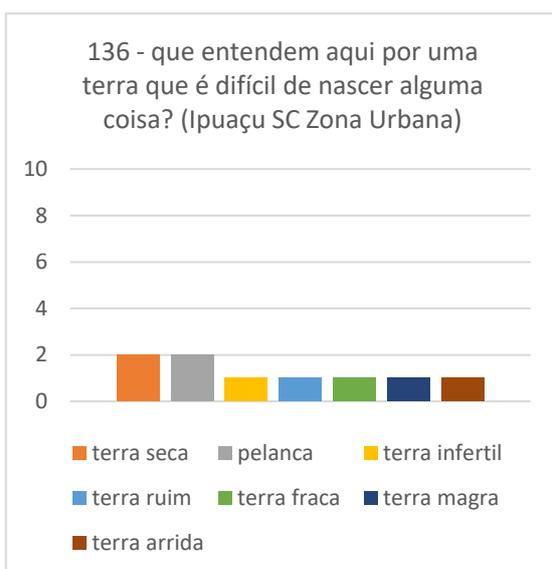
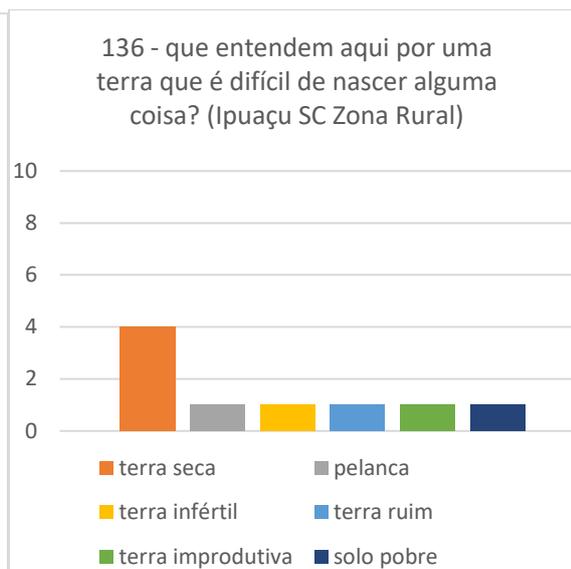


Gráfico 50



Schenatto (2023)

Em Borrazópolis a variante “areia” teve apenas um registro na zona urbana por uma informante. E a variante “quiçaça” foi registrada somente uma vez por um informante masculino da zona urbana de Borrazópolis. Já em Ipuacu não houve nenhum registro das variantes citadas acima.

Gráfico 51

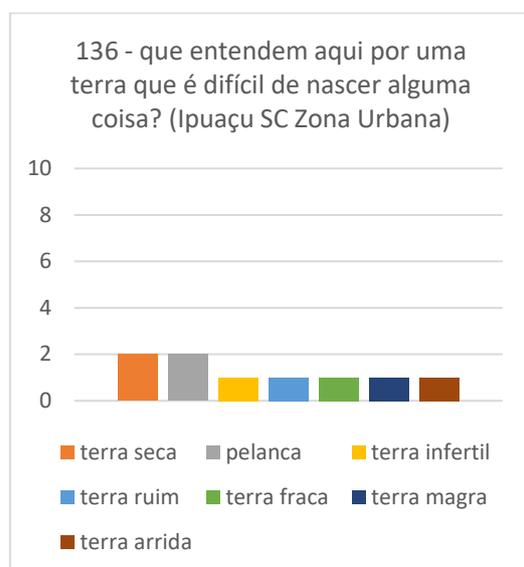
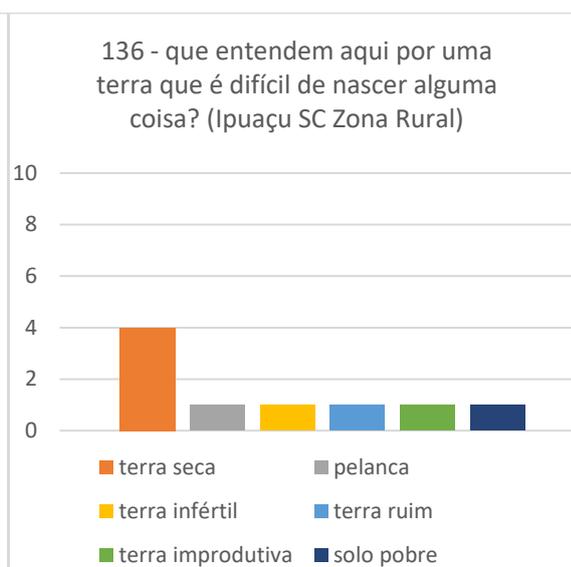


Gráfico 52



Schenatto (2023)

A pergunta 137 (de tanto o povo passar por cima da vegetação para ir de um lugar a outro, o que se forma ali?)

O item lexical mais utilizado em Ipuauçu para responder à pergunta 137, com as dezesseis respostas, foi carreiro/carrero o número de resultados foi exatamente o mesmo número de respostas dadas entre zona rural e zona urbana, das classes Ca e Cb, das gerações GI e GII e entre os sexos M e F. Em Borrazópolis não obtivemos nenhuma ocorrência, quando sugerido este léxico todos informantes disseram que não conheciam e nem tinham ouvido falar.

A variante com mais ocorrência em Borrazópolis foi “trio” com nove registros sendo quatro na zona urbana, e cinco da zona rural. Não obtivemos nenhum registro do item lexical “trio” no município de Ipuauçu.

O que nos chama atenção na pergunta 137 é que no município de Ipuauçu obtivemos apenas duas outras variações faladas de forma espontânea pelos informantes da zona urbana, “estrada” com dois registros, e a variante “pisoteiro” por um informante.

Gráfico 53

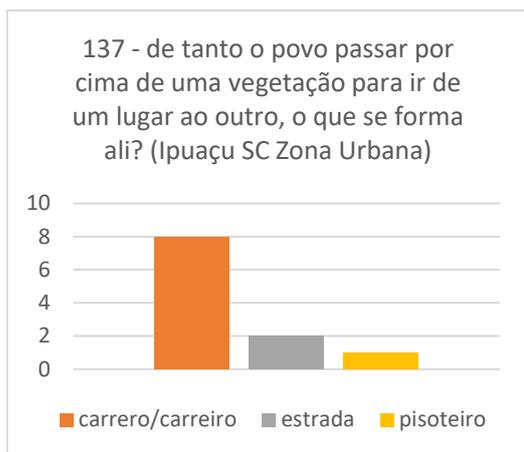
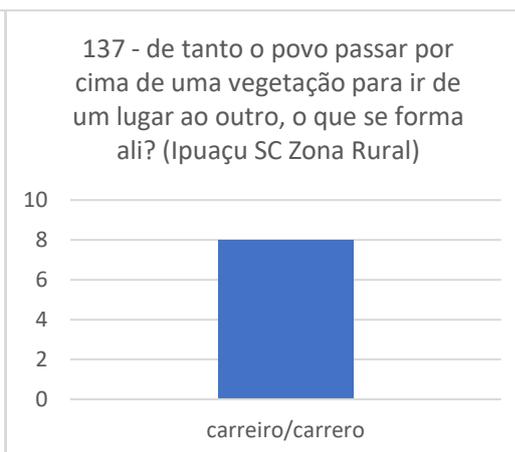


Gráfico 54



Schenatto (2023)

Em Borrazópolis obtivemos além da variante “trio”, mais cinco variantes que não foram registradas no município de Ipuauçu. O item lexical “trilha/trilho” foi utilizado por três informantes, dois da zona urbana, e um informante da zona rural. “Carreador” outro item lexical presente com dois registros na zona urbana. A variante “caminho” teve ocorrência duas vezes por duas informantes da zona urbana. E por fim o item lexical “terra pisoteada” com um registro por uma informante na zona urbana.

Gráfico 55

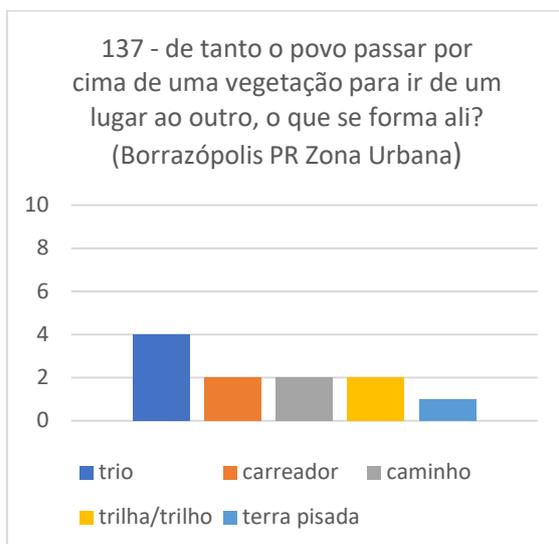
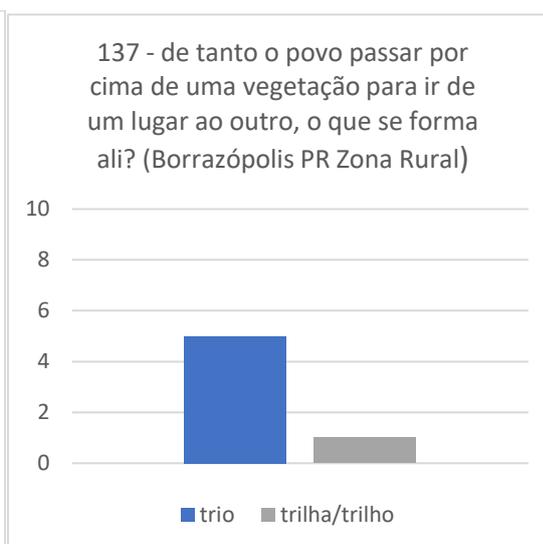


Gráfico 56

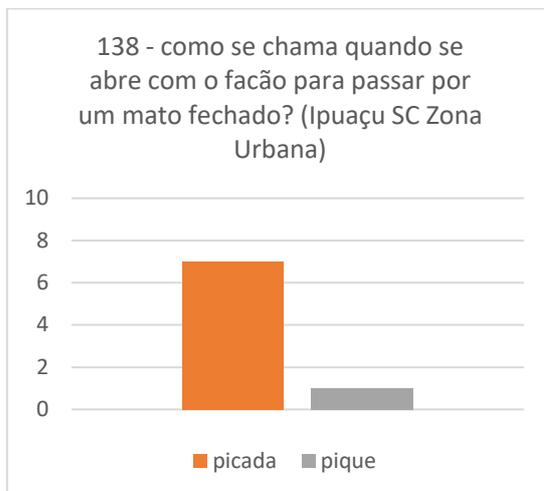
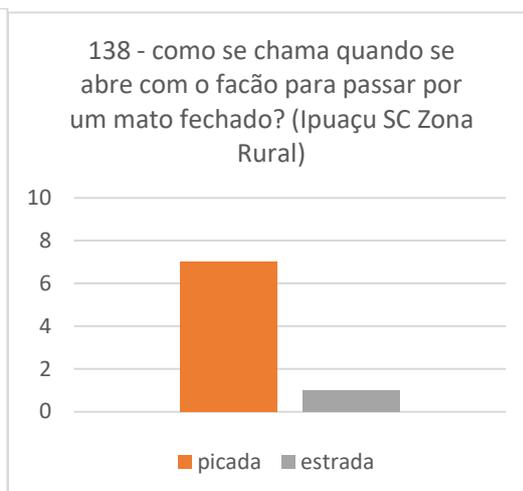


Schenatto (2023)

A **pergunta 138** (como se chama quando se abre com o facão para passar por um mato fechado?)

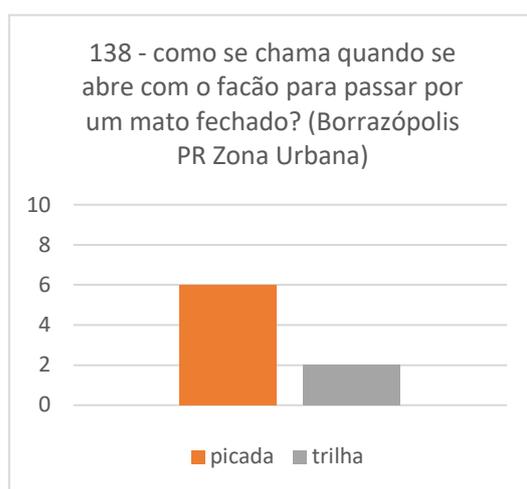
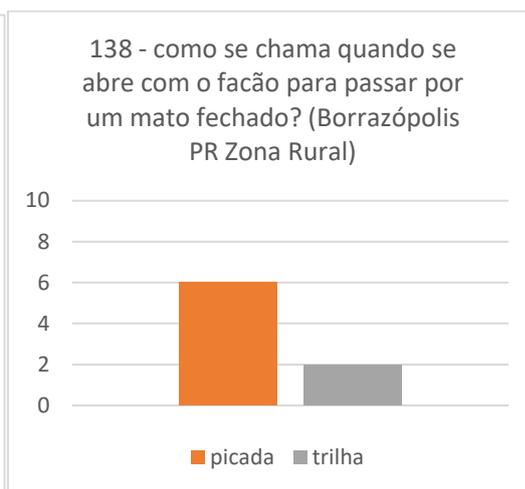
A maioria dos informantes de ambas as cidades responderem “picada”, em Ipuacu, registramos na fala de quatorze informantes, sendo sete da zona urbana, e sete da zona rural. A variante “estrada” foi registrada somente uma vez por uma informante da zona rural, o que chama nossa atenção é a duas informantes do município de Ipuacu, uma informante da zona urbana de classe baixa, e outra informante feminina da classe alta da zona rural, não souberam responder nenhum item lexical para a pergunta 138 e quando feito a sugestão da variante “picada” as informantes disseram que não conheciam e nem tinham ouvido falar, ressaltamos que ambas são da GI.

Já em Borrazópolis o item lexical “picada”, foi registrado na fala de doze informantes, seis na zona urbana e seis registros da zona rural. Uma informante da zona urbana CaGI-F não conhecia nenhum item lexical para responder à pergunta 138 e ainda afirmou não conhecer a palavra “picada” sugerida pela entrevistadora.

Gráfico 57**Gráfico 58**

Schenatto (2023)

Além disso em Borrazópolis obtivemos duas outras variantes, “trilha” registrada quatro vezes, dois registros na zona urbana, e duas vezes na zona rural. Uma informante da zona urbana, CbGII-F, não soube responder, a entrevistadora ainda sugeriu a palavra “picada”, mas a informante afirmou não conhecer.

Gráfico 59**Gráfico 60**

Schenatto (2023)

A **pergunta 143** (quando se passa a mão por cima de uma lenha, um pedacinho pontudo pode machucá-la. Como chamam esse pedacinho pontudo de lenha?)

Em ambos os municípios pesquisados a variante que se destacou foi “ferpa/felpe” em Ipuacu foram quatorze registros, sete da zona urbana, e da zona rural mais sete. Em Borrazópolis a variante “ferpa/felpe” também foi a que mais obtivemos registros, cinco da zona urbana e seis registros da zona rural.

A segunda variante com mais registros foi “espinho” em Ipuacu obtivemos quatro registros, dois na zona urbana, e dois na zona rural. Em Borrazópolis registramos na fala de cinco informantes o item lexical “espinho”, um da zona urbana, e na zona rural do município com quatro registros.

Quadro 11. 143. Quando se passa a mão por cima de uma lenha, um pedacinho pontudo pode machucá-la. Como chamam esse pedacinho pontudo de lenha?

LEGENDA

● Ferpa/felpe	◐ Espinho
---------------	-----------

Ipuacu Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	
		◐	◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●

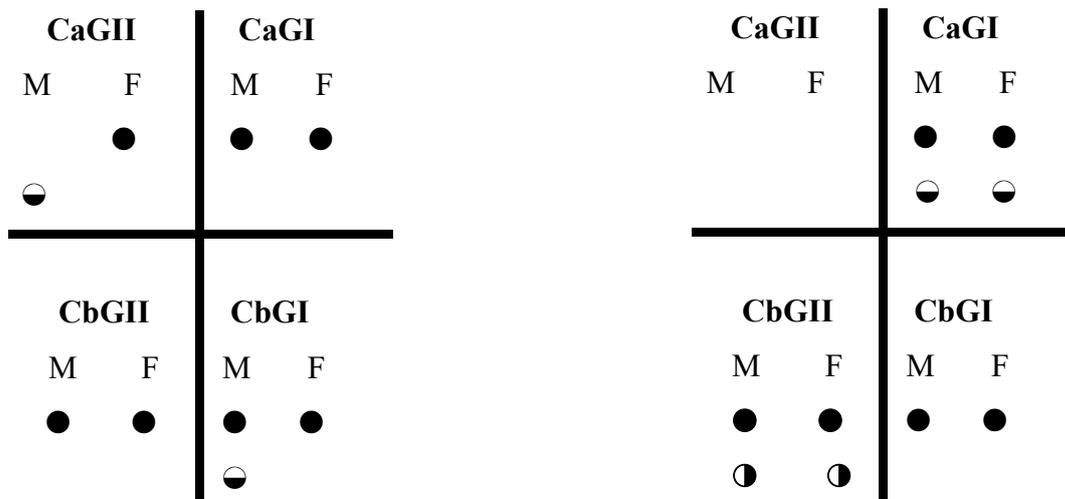
Ipuacu Zona Rural

Borrazópolis Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
		●	●
		◐	

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●

Borrazópolis Zona Rural



Como podemos observar nos gráficos 62, 63, 64 e 65, ainda obtivemos outras variações para a pergunta 143. A variante “estrepo” teve quatro registros no município de Borrazópolis todos na zona urbana. Em Ipuacu não houve nenhum registro. A variante “farpa” obteve apenas uma ocorrência por uma informante da zona urbana e a palavra “fiapo” também com uma ocorrência da zona urbana, registrados na cidade de Borrazópolis. Já em Ipuacu nenhuma ocorrência.

No município de Ipuacu registramos a variante “lasca” com duas ocorrências na zona rural.

Gráfico 61

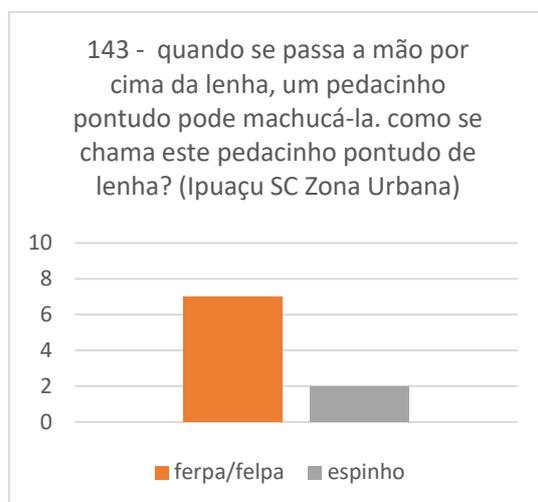


Gráfico 62

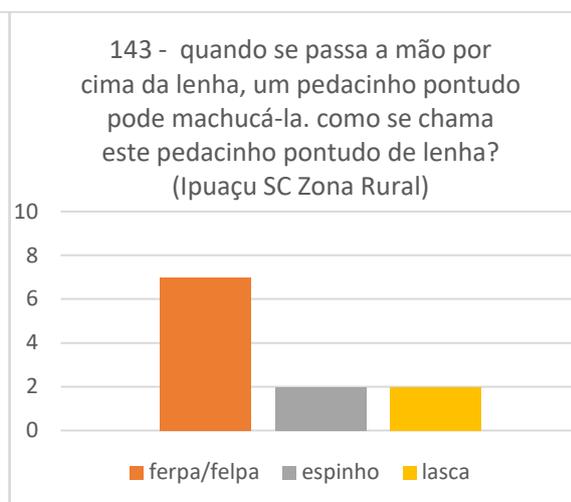


Gráfico 63

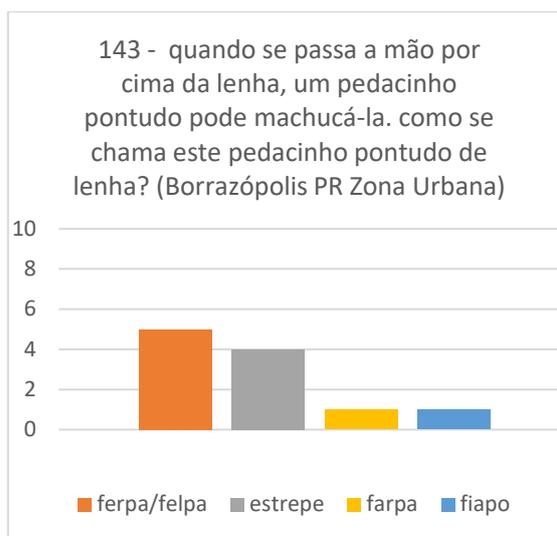
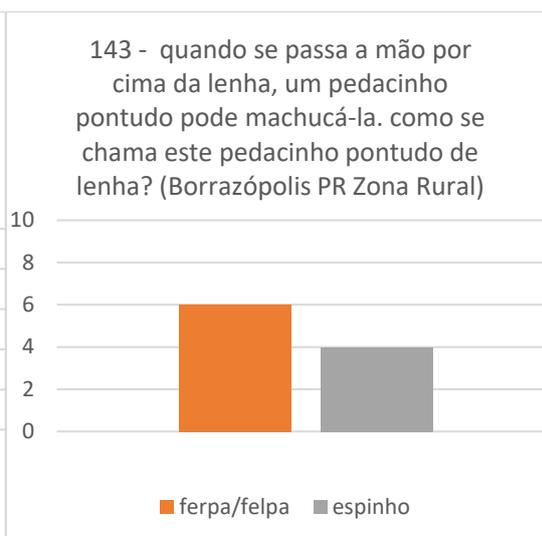


Gráfico 64



Schenatto (2023)

A pergunta 146 (Que se entende aqui por limpar a plantação com a enxada?)

Nas duas localidades pesquisadas obtivemos duas variantes predominantes sendo elas “carpir” e “capinar”. No município de Ipuauçu a variante “carpir” foi registrada onze vezes, cinco na zona urbana, seis registros na zona rural. Em Borrazópolis a variante “carpir” também foi registrada, onze vezes, sendo oito registros na zona urbana, e três da zona rural.

A segunda variante foi “capinar”. Em Ipuauçu registramos sete ocorrências, sendo três da zona urbana, e quatro da zona rural. Em Borrazópolis obtivemos apenas três ocorrências, todas na zona rural do município.

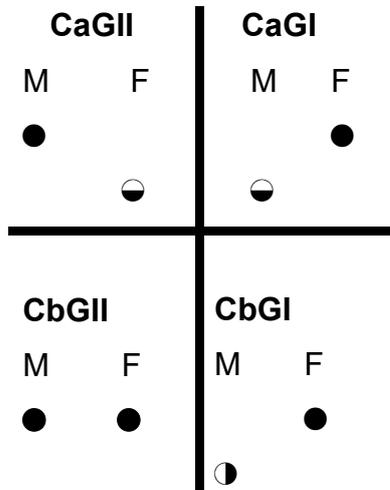
Ainda obtivemos a variante “carpida” com um registro em Ipuauçu na zona rural por uma informante e a variante “roçar” com uma ocorrência em Borrazópolis por um informante da zona urbana.

Quadro 12. 146. Que se entende aqui por limpar a plantação com a enxada?

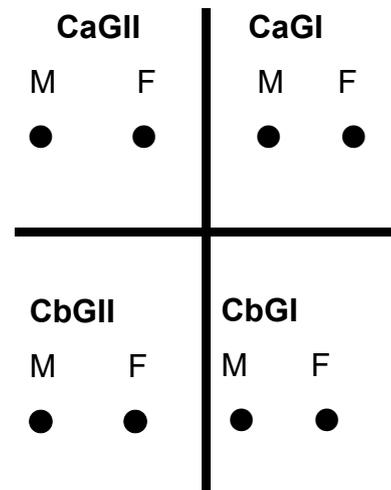
LEGENDA

● Carpir	● Capinar
----------	-----------

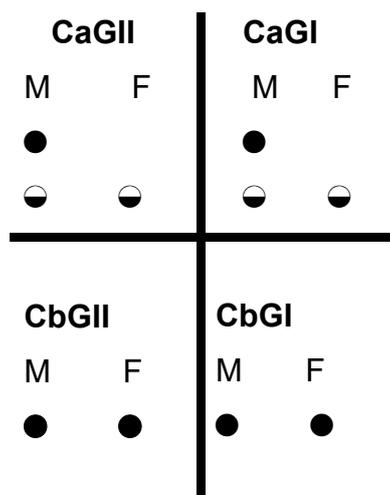
Ipuaçu Zona Urbana



Borrazópolis Zona Urbana



Ipuaçu Zona Rural



Borrazópolis Zona Rural

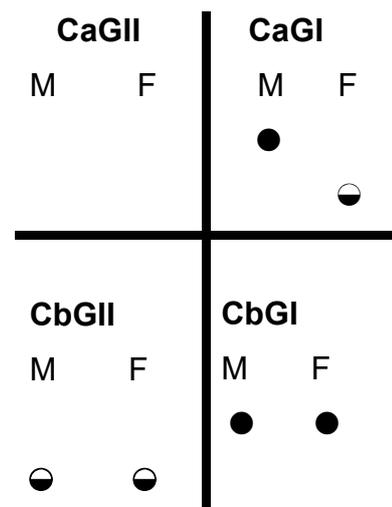


Gráfico 65

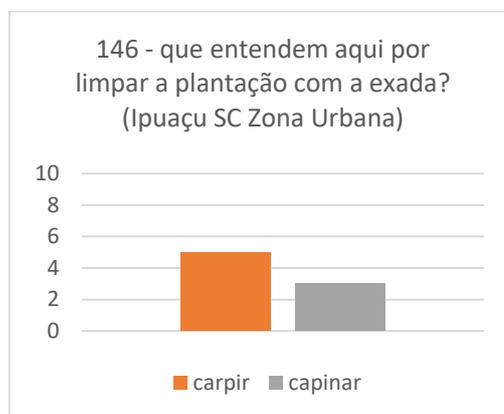


Gráfico 66

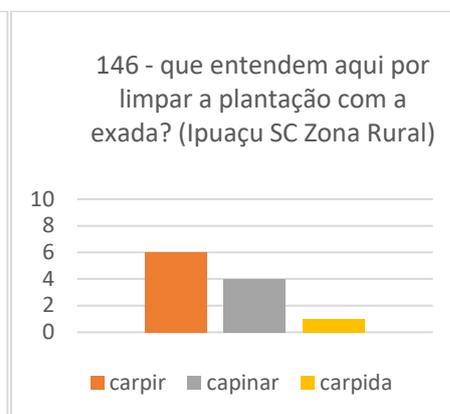
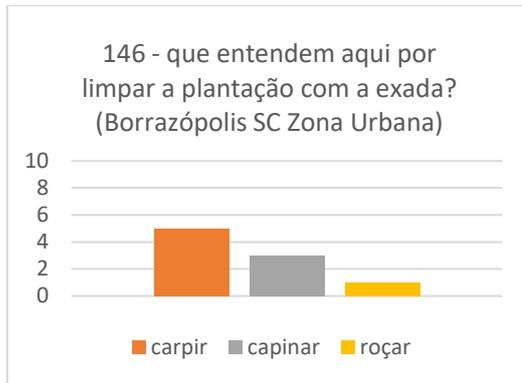
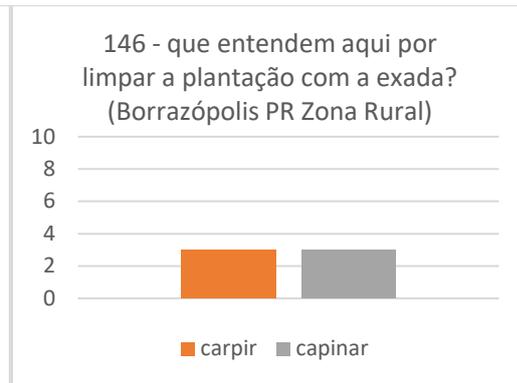


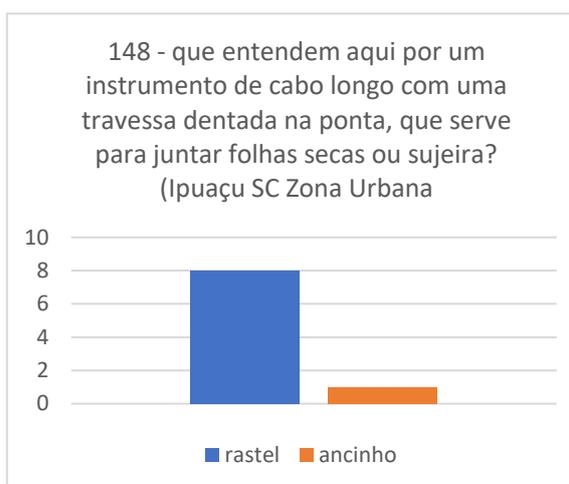
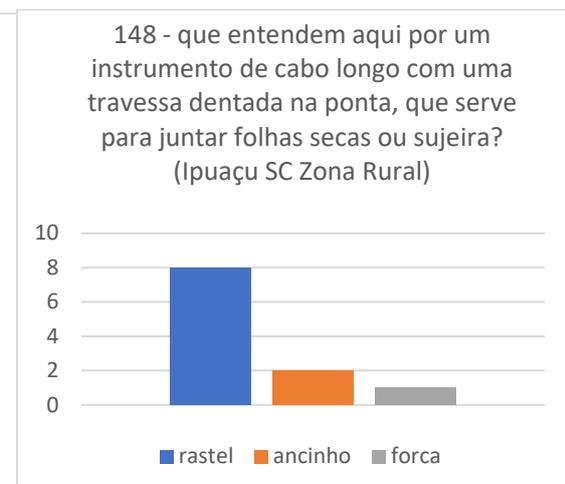
Gráfico 67**Gráfico 68**

Schenatto (2023)

A **pergunta 148** (que entendem aqui por um instrumento de cabo longo com uma travessa dentada na ponta, que serve para juntar folhas secas ou sujeira?)

Na cidade de Ipuacu a variante “rastel” é o item lexical predominante, todos os dezesseis informantes tanto da zona urbana e quanto da zona rural, das gerações GI e GII, das classes Ca e Cb e de ambos os sexos M e F responderam “rastel”. Já em Borrazópolis não obtivemos nenhum registro para a variante “rastel”.

Ainda registramos duas variantes na cidade de Ipuacu, a variante “ancinho” com três ocorrências, sendo um da zona urbana e dois da zona rural. Outra variação que obtivemos foi “forca” com ocorrência da zona rural.

Gráfico 69**Gráfico 70**

Schenatto (2023)

Em Borrazópolis a variante predominante foi “rastelo”, todos os quatorze informantes responderam “rastelo”, sendo assim todos da zona urbana e da zona rural, das gerações GI e GII, das classes Ca e Cb, e de ambos os sexos M e F, em Ipuacu não obtivemos nenhum registro para este item lexical. Ainda em Borrazópolis registramos a variante “forca” com seis ocorrências, duas da zona urbana e quatro da zona rural.

Gráfico 71

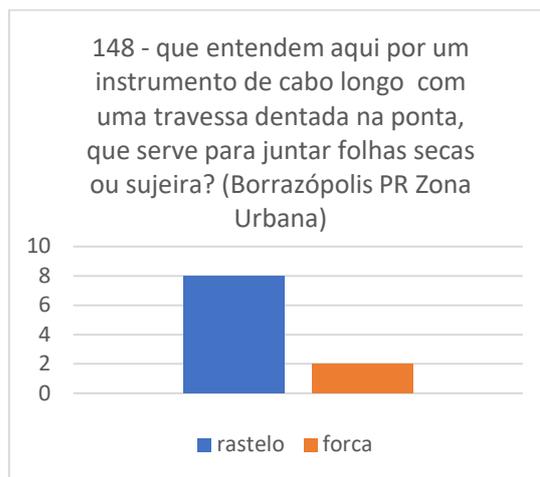
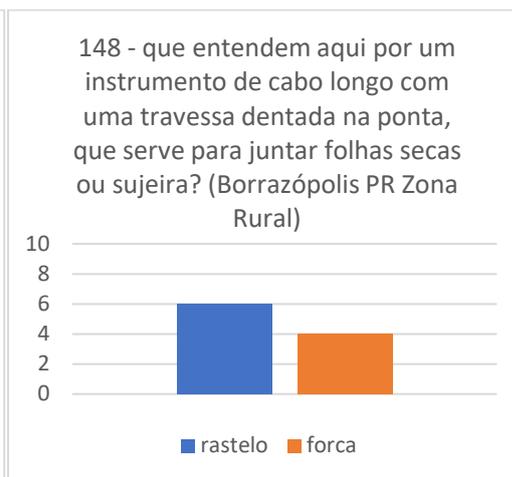


Gráfico 72



Schenatto (2023)

A **pergunta 148** (que faz o colono, na terra, com um instrumento puxado por boi ou cavalo, como se chama?)

A pergunta 148 é bem interessante pois em ambas as cidades obtivemos o registro apenas de duas variedades. Em Ipuacu, a variante dominante foi “arar” com treze ocorrências, sete delas na zona urbana e seis na zona rural. A segunda variante é “lavravam/lavrar” com quatro registros, uma na zona urbana, e três na zona rural.

Gráfico 73

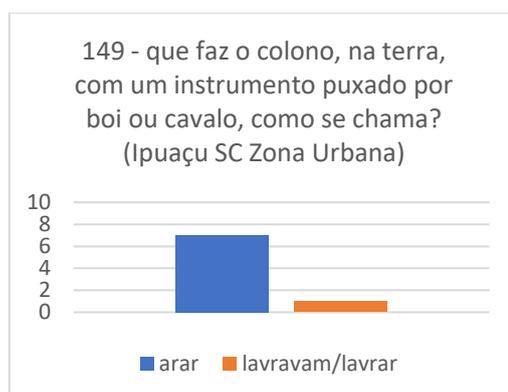
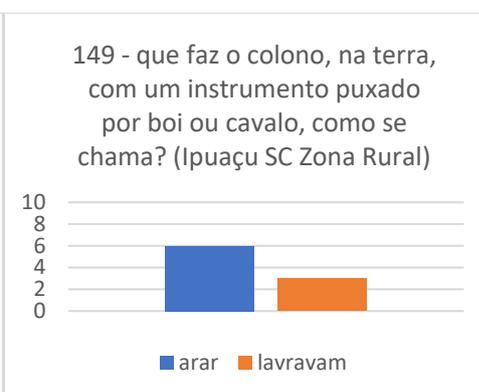


Gráfico 74



Schenatto (2023)

Em Borrazópolis a variante dominante foi “arar” sendo que três informantes da zona urbana, quando feita a pergunta elas não souberam responder, como são todas informantes do sexo feminino e moradoras da zona urbana, elas relataram que não cresceram com esse vocabulário em casa, mas quando a entrevistadora sugeriu as variantes “arar” e “lavrar” elas disseram que a palavra “arar” conheciam e “lavrar” não.

A variante “arar” foi registrada oito vezes na cidade paranaense, com cinco registros na zona urbana, três na zona rural. A variante “lavrar” não houve nenhuma ocorrência em Borrazópolis. A outra variante foi “bombador” com três registros todos eles na zona rural, não obtivemos nenhuma ocorrência em Ipuauçu.

Gráfico 75

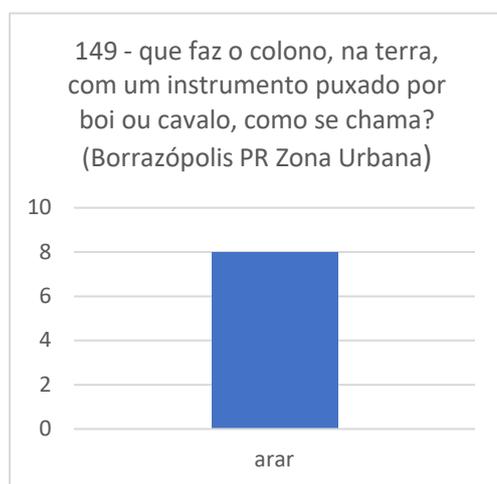
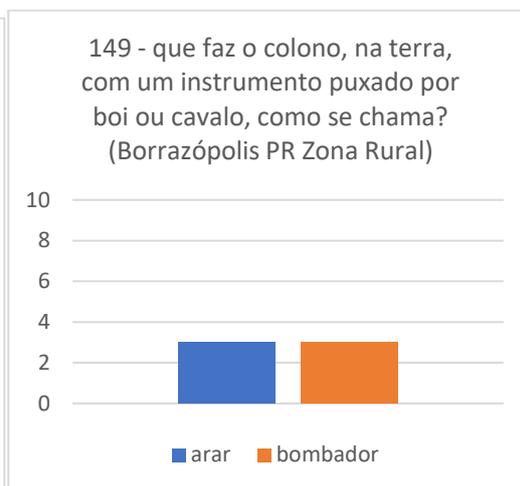


Gráfico 76



Schenatto (2023)

A **pergunta 150** (que entendem aqui por tipos de arado que se usava antigamente?)

Esta pergunta inviabiliza o esquema da cruz de Thun, assim como a elaboração dos gráficos também não ocorreu. É uma das perguntas mais relativas desta pesquisa, já que é mais descritiva. Sendo assim, iremos descrever o que os informantes falaram e explicaram sobre os arados que conheciam ou não.

Iremos começar com o município de Ipuauçu: a informante CaGI-F da zona urbana afirmou que não conhecia nenhum arado pelo nome, somente seu formato e descreveu que não lembrava como era, até explicou que seus avôs comentavam em casa, mas que não sabia explicar. A informante CaGII-F da zona urbana, informou que não conhecia nenhum, disse que sempre morou na cidade e que seus pais como nunca trabalharam na

roça não ouvia eles falar sobre esse instrumento. Os informantes CbGII-M e CbGII-F, da zona urbana afirmaram que antigamente havia o arado normal e o arado virador também chamado de americano, explicaram que arada continha dentes para mexer a terra. O informante CaGII-M da zona urbana não soube dizer o nome dos arados que conhecia, apenas explicou como era e afirmou que não lembrava muito pois apenas mexeu com o instrumento quando era adolescente, quando ainda morava com seus pais no interior do município, o informante elucidou que um era enroscado na ganga, que os arados eram por tamanho por exemplo, o de tamanho 50 dava para lavrar uma quarta de terra que hoje equivale a mais ou menos a meio hectare, falou também que tinha o de tamanho 20 que era o mais pequeno. A informante CbGI-F, da zona urbana relatou que não conhecia nenhum tipo de arado, ainda explicou que já viu o instrumento em algumas casas como enfeite e em exposições, mas não sabia que nome se tinha nem se havia diferença entre eles. O informante CaGI-M, da zona urbana afirmou que seus pais sempre falavam em casa o nome dos arados, mas não soube dizer o nome de nenhum e nem explicar como eram. O informante CbGI-M, da zona urbana informou que existem diversos tipos de arado, mas que só conhecia o de disco com pés de pato.

O Informante CaGI-M, da zona rural falou que conhece o de disco, mas não deu muitos detalhes de como era. Os informantes CbGI-M e CbGI-F, da zona rural afirmaram que conheciam alguns tipos de arados, mas não souberam falar o nome e quando perguntado como eram os informantes relataram que como não é mais utilizado esse instrumento agrícola que atualmente ele foi substituído pelos tratores. A Informante CaGI-F, da zona rural relatou que apenas conhecia o arado, mas que nunca se ateu aos nomes e nem como eram se existiam diferentes tipos ou não, afirmou ainda que seu pai falava muito e que ele ainda tem um guardado, mas que ele sempre chamou apenas de arado. A informante CaGII-F, da zona rural explicou que não conhecia o nome deles, mas explicou como eram, que um tinha um astro na frente e uma pá de ferro que cortava a terra e dois paus que seguravam. O informante CbGII-M, da zona rural explicou que conhecia o arado normal de folha e o arado americano. A informante CbGII-F, da zona rural explicou que ela conhecia um arada de maneta que se pegava atrás, e o de registro e que quantos discos tinha. O informante CbGII-M, relatou que conhecia o arado de regulagem e o tombador.

Em Borrazópolis a informante CbGII-F, da zona urbana relatou que conhecia somente o arado de ferro e de madeira quando questionada para explicar não se lembrava como eram. A informante CbGI-F, da zona urbana afirmou que não conhecia nenhum tipo

de arado, afirmou também que não lembrava de ter visto um ou de ouvir seus pais ou avós falando sobre o instrumento. A informante CaGII-F, da zona urbana evidenciou que conhece o instrumento, mas que não se lembrava o nome e nem soube explicar como era. Os informantes CbGI-M e CbGII-M, da zona urbana afirmaram que conheciam dois tipos o de chapa e o chareado. Ao serem questionados para explicar como eram não souberam responder. O informante CaGI-M, da zona urbana não soube responder, disse que já ouviu falar, mas que não conhecia nenhum tipo. A informante CaGI-F, da zona urbana não conhecia nenhum tipo de arado. O informante CaGII-M da zona urbana, relatou que não conhecia pelo nome, mas explicou que tinha um arado que era em V e era puxado ou por cavalo ou burro.

O informante CaGI-M, da zona rural, relatou que conhece o arado até tinha um de enfeite no quintal de casa, mas que não lembrava o nome, pois na sua casa só o chamam de arado, afirmou ainda que com a modernidade dos maquinários agrícolas não chegou a trabalhar com um e seu pai só um pouco. A informante CaGI-F, da zona rural explicou que apenas conhecia o instrumento, mas que não sabia que tinha outros nomes além de arado. Os informantes CbGII-F e CbGII-M, da zona rural afirmaram que conheciam dois tipos o arado carpideira e o riscador, quando questionados sobre como eram, afirmaram que usavam nas plantações de café. Os informantes CbGI-M e CbGI-F, da zona rural não souberam responder, disseram que não conheciam nenhum tipo.

A **pergunta 151** (que entendem aqui por pedaços inteiros de terra que ficam depois de passar o arado?)

Em Ipuacu obtivemos uma variante predominante que foi “torrão”, com quinze registros, sete da zona urbana, e oito da zona rural. Ainda registramos duas outras variações com apenas um registro, “leiva/murchão” por um informante da zona urbana, e “terra gobiada” por uma informante da zona rural.

Vale ressaltar ainda que nenhum informante de Ipuacu falou a palavra “terrões” e em Borrazópolis apenas quatro informantes informaram que conheciam o vocábulo “torrão” por conta da sugestão feita pela entrevistadora, três informantes da zona urbana do município disseram que conheciam, já um informante masculino da GII da zona urbana, respondeu espontaneamente a variante “torrão”.

Na variante “terrões” obtivemos oito ocorrências, duas da zona urbana, e seis da zona rural. Registramos o item lexical “pedreira” com apenas um registro por uma informante da zona urbana. Uma observação importante uma informante da zona urbana do município de Borrazópolis não soube responder à pergunta 151, quando a

entrevistadora fez a sugestão dos léxicos “torrão e torrões”, a informante relatou que nunca tinha ouvido nenhuma das duas palavras.

Gráfico 77

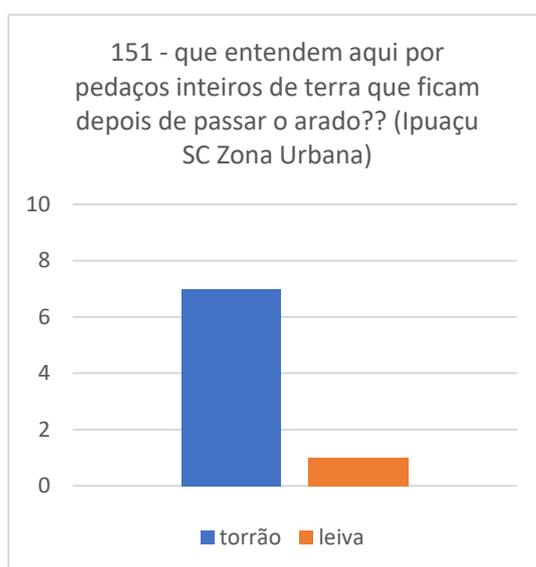
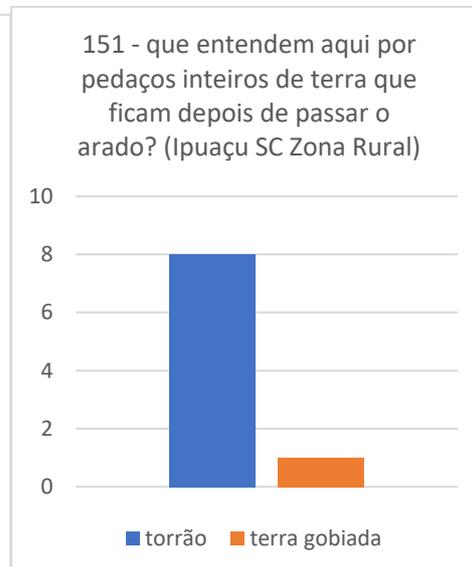


Gráfico 78



Schenatto (2023)

Gráfico 79

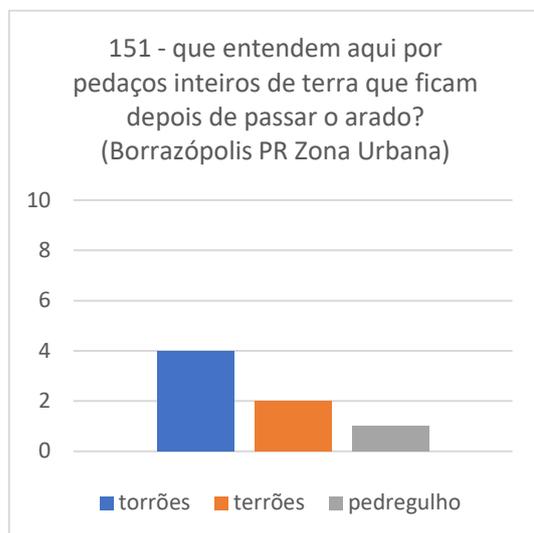
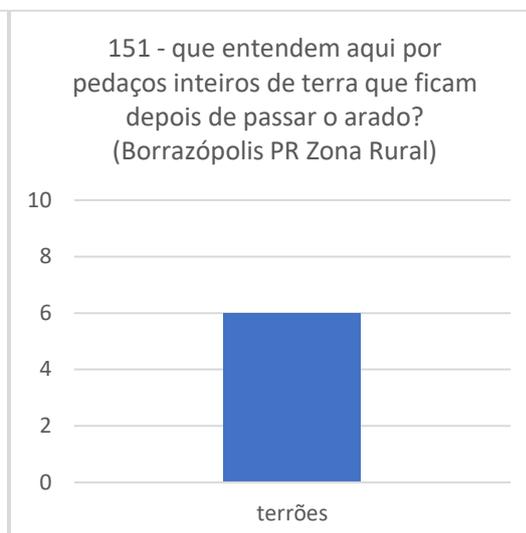


Gráfico 80



Schenatto (2023)

A **pergunta 152** (para quebrar esses torrões/ terrões para aplainar a terra, o que se faz?)

Essa pergunta foi muito interessante pois nas duas localidades pesquisadas (Ipuaçu e Borrazópolis), obtivemos apenas uma variante predominante “passa

grade/gradear”, em Ipuauçu todos os informantes da zona urbana e da zona rural, dos sexos M e F, das classes Ca e Cb e das gerações GI e GII, responderam “passa grade/gradear”.

Já em Borrazópolis obtivemos onze ocorrências, cinco na zona urbana, e seis na zona rural. A variante “niveladora” obteve apenas um registro com um informante da zona urbana. Um informante da GII, da zona urbana da cidade paranaense, explicou que antigamente se usava a enxada para quebrar os torrões, que a grade é um instrumento atual.

Gráfico 81

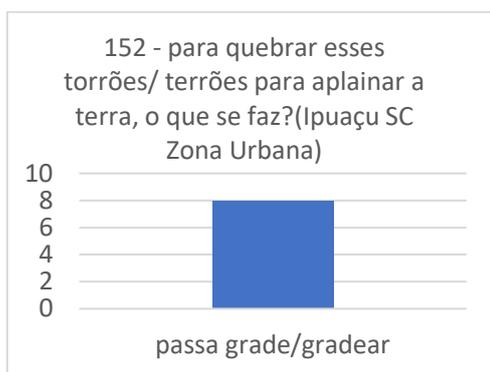
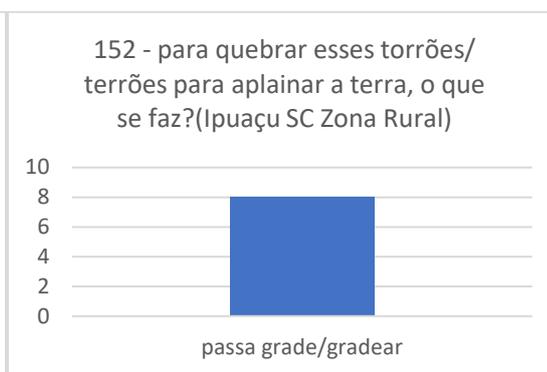


Gráfico 82



Schenatto (2023)

E uma informante, da zona urbana do município de Borrazópolis, não soube responder à pergunta 152, quando a entrevistadora fez a sugestão da palavra “gradear”, informou que não conhecia e que nunca tinha ouvido falar.

Gráfico 83

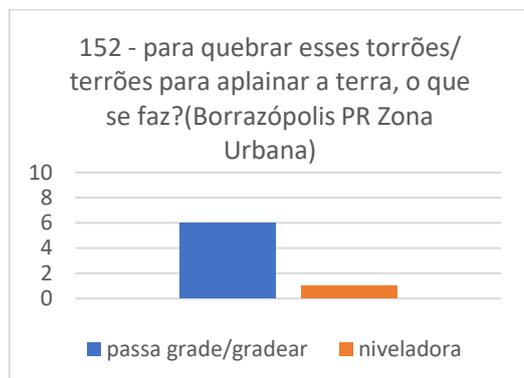
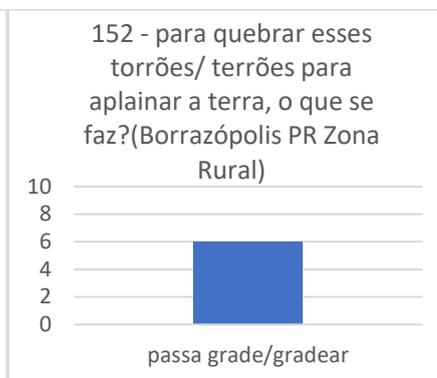


Gráfico 84



Schenatto (2023)

A **pergunta 154** (que entendem aqui onde se larga a muda ou semente?)

No município de Ipuauçu obtivemos duas variantes com destaque, a variante “buraco” com treze registros, sete da zona urbana, seis da zona rural. No município de Borrazópolis houve o registro de seis informantes que responderam a variante “buraco”, com três ocorrências da zona urbana, e três da zona rural.

A segunda variante que teve mais registros foi “cova”, no município catarinense houve dez ocorrências, cinco na zona urbana, e cinco na zona rural. Na cidade paranaense também foi registrado dez ocorrências para o léxico “cova”, cinco na zona urbana, e cinco na zona rural.

Quadro 13. 154. Que entendem aqui onde se larga a muda ou semente?

LEGENDA

● Buraco	◐ Cova
----------	--------

Ipuauçu Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
	●	●	●
◐			◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
	●	●	●
◐	◐	◐	

Ipuauçu Zona Rural

Borrazópolis Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
			●
◐	◐	◐	

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
	●		●
◐		◐	

Borrazópolis Zona Rural

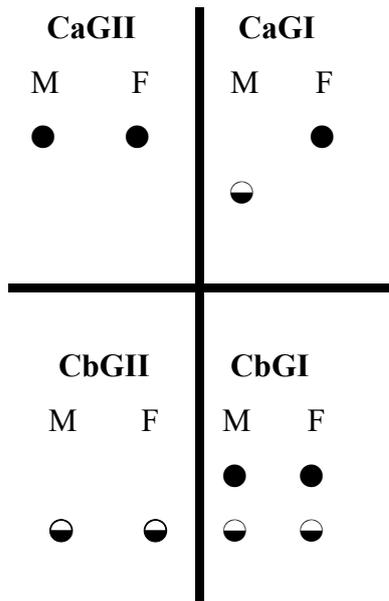


Gráfico 85

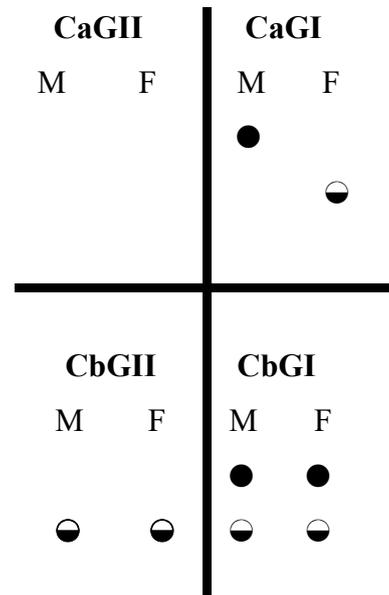
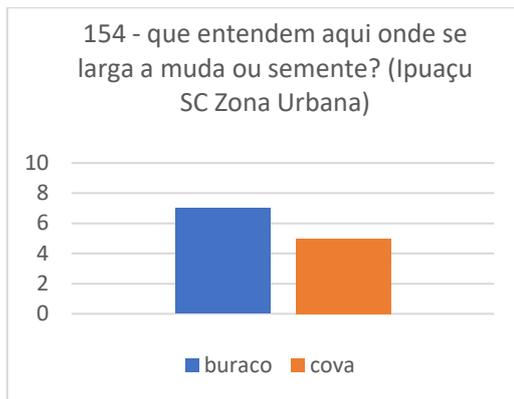
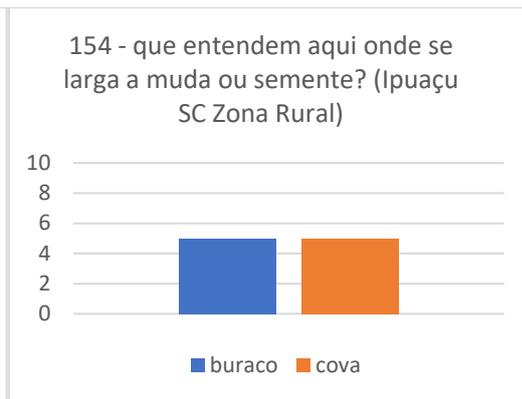


Gráfico 86



Schenatto (2023)

Gráfico 87

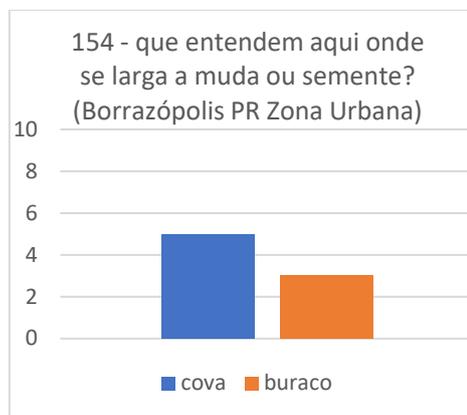
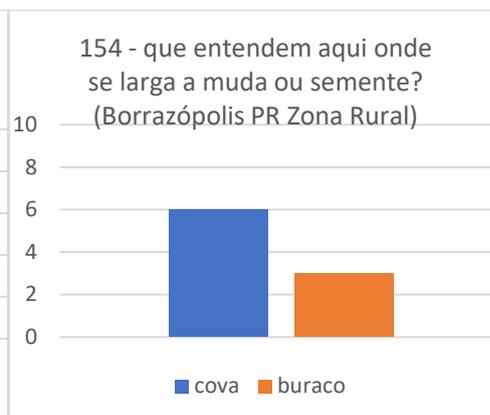


Gráfico 88



Schenatto (2023)

A **pergunta 157** (como se chama aqui por um instrumento de madeira com duas hastes moveis que servem para plantar milho, feijão...?)

Nesta pergunta desfrutamos de muitas variações, mas também um número significativo de informantes que não souberam responder. Em Ipuauçu obtivemos duas variações em destaque, a primeira foi “matraca” com sete ocorrências, sendo seis na zona urbana, e uma na zona rural, em Borrazópolis a variante “matraca” foi registrada sete vezes, cinco delas na zona rural do município e dois registros na zona urbana.

A segunda variante que mais teve ocorrências foi “máquina de plantar”, em Ipuauçu temos seis registros da variante, três na zona urbana, e três na zona rural. Em Borrazópolis também houve ocorrências da variedade “máquina de plantar” com nove registros, seis na zona urbana, e três na zona rural.

Quadro 14. 157. Como se chama aqui por um instrumento de madeira com duas hastes moveis que servem para plantar milho, feijão...?)

LEGENDA

● Matraca	◐ Máquina de plantar
-----------	----------------------

Ipuauçu Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●		●
◐		◐	

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	
◐	◐		

Borrazópolis Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●		●	
	◐		

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
◐	◐	◐	◐

Ipuau Zona Rural

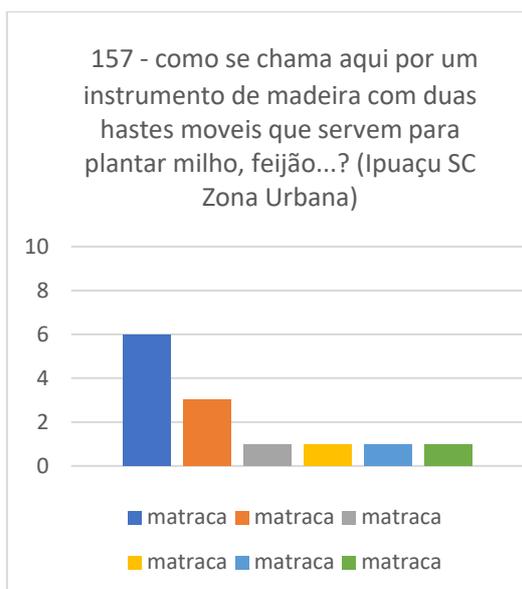
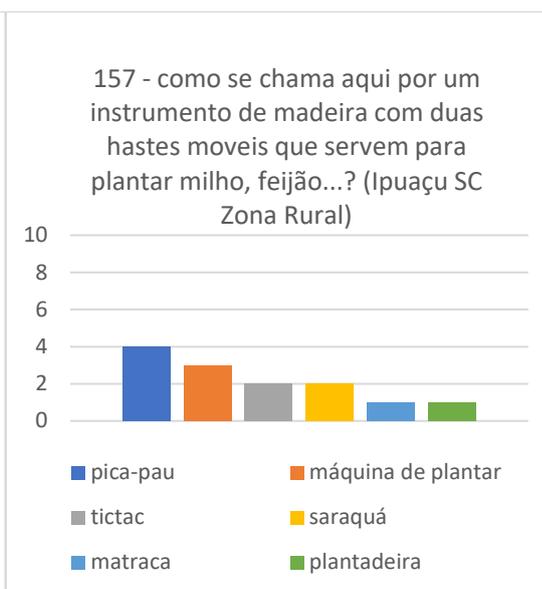
CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●		●
CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●			

Borrazópolis Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
		●	
			●
CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
●	●		

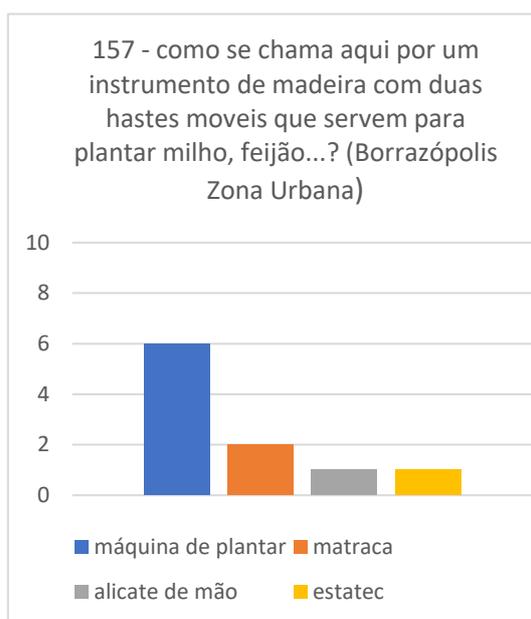
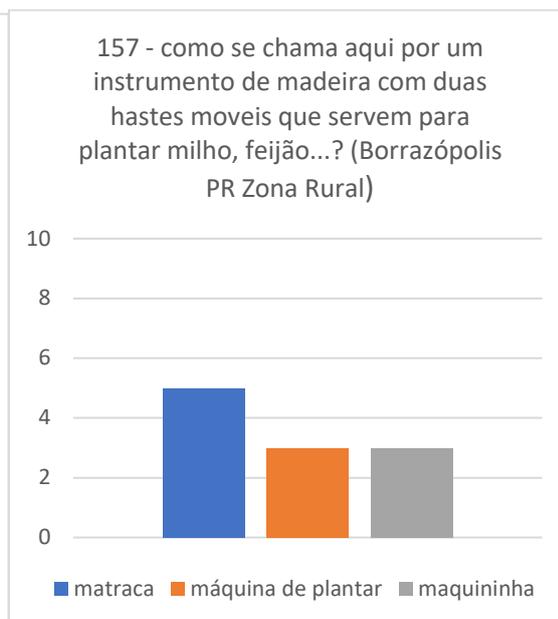
Obtivemos ainda outras variações para a pergunta 157, mas antes de descrevermos elas, ressaltamos aqui que alguns dos entrevistados não conseguiram responder essa pergunta. A informante CaGI-F da zona urbana de Borrazópolis não soube responder à pergunta 157, quando a entrevistadora fez as sugestões das palavras ela afirmou que não conhecia nenhuma, relatou não conhecer o instrumento e que nunca tinha visto ou ouvido falar. Destacamos ainda que, nesta pergunta, a entrevistadora teve que fazer muitas sugestões, pois os informantes, principalmente da zona urbana de ambos os municípios e das duas gerações I e II, não lembravam ou não conheciam o objeto em virtude de ser um instrumento que atualmente é muito pouco usado.

Em Ipuau obtivemos oito variações que não foram registradas no município paranaense, a variante “pica-pau” teve três registros todos na zona rural, a variante “tictac” apareceu três vezes, todos na zona rural, o item lexical “saraquá” com dois registros também na zona rural do município. A variante “plantadeira” com dois registros, uma na zona urbana, e na zona rural por um informante, a variante “picão” com um registro na zona urbana por uma informante, o item lexical “máquina teco-teco” apenas com uma ocorrência na zona urbana por um informante e pôr fim, a variante “papagaio” por um informante da zona urbana.

Gráfico 89**Gráfico 90**

Schenatto (2023)

Na cidade de Borrazópolis também obtivemos algumas variações, mas apenas três das quais não houve nenhum registro em Ipuacu. A variante “maquinha” com três ocorrências todas elas na zona rural, o item lexical “estatec” apareceu somente uma vez por um informante da zona urbana, a variante “alicate de mão” apenas com uma ocorrência por uma informante da zona urbana.

Gráfico 91**Gráfico 92**

Schenatto (2023)

A **pergunta 158** (quando o feijão, o milho, o trigo, a batata estão maduros, diz-se que estão no ponto de...)

Nas duas localidades pesquisadas obtivemos duas variedades que se destacaram, a primeira foi “colher”, no município de Ipuacu tivemos onze ocorrências, cinco na zona urbana, na zona rural com seis registros. Em Borrazópolis houve onze registros, cinco na zona urbana, e seis na zona rural.

A segunda variante que sobressaiu foi “colheita”: no município catarinense houve um registro de quatro ocorrências, duas na zona urbana e na zona rural com dois registros. Já na cidade paranaense a variante “colheita” foi registrada cinco vezes, duas delas na zona urbana, e três na zona rural.

Quadro 15. 158. Quando o feijão, o milho, o trigo, a batata estão maduros, diz-se que estão no ponto de...

LEGENDA

● Colher	◐ Colheita
----------	------------

Ipuacu Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●		●	
	◐		

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●		●
		◐	

Borrazópolis Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
	●	●	●

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
◐	●		●
		◐	

Ipuau Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
○		○	

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●

Borrazópolis Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
		●	●
			○

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
○	○		

Na pergunta 158 realizada na cidade de Ipuau, a informante da zona urbana, respondeu duas variantes diferentes dos outros informantes: as variedades “maduro e cultivo”. No entanto, não houve nenhum registro destes vocábulos em Borrazópolis.

Em Borrazópolis o informante responde ao item lexical “arranqueio”, não houve registro em Ipuau.

Gráfico 93

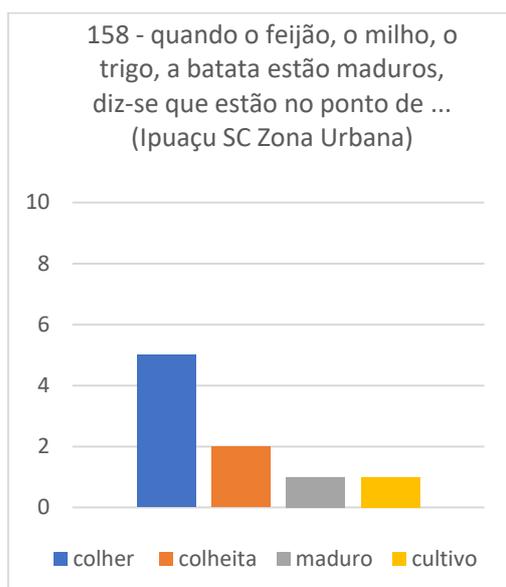


Gráfico 94

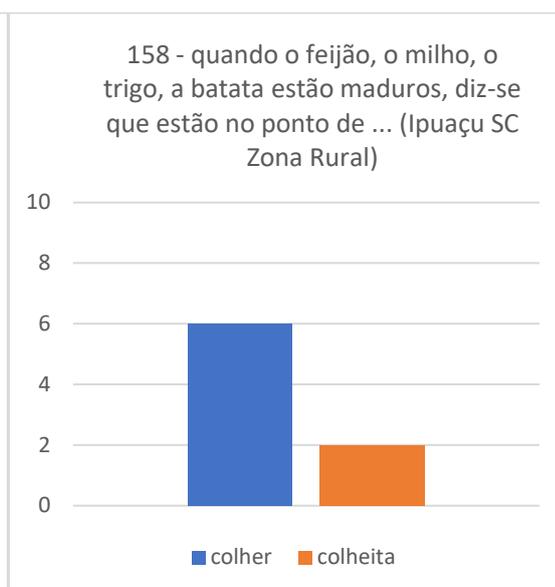


Gráfico 95

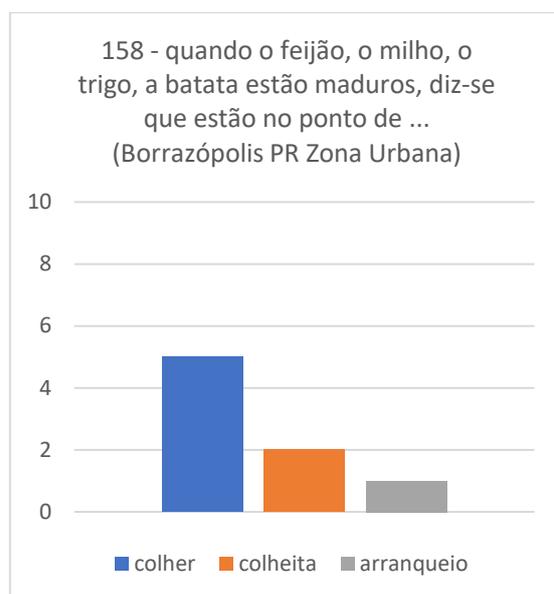
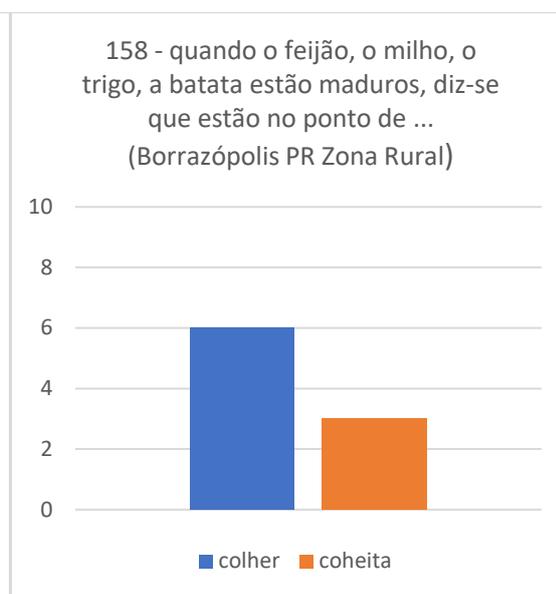


Gráfico 96



Schenatto (2023)

A **pergunta 159** (que entendem aqui por quando os vizinhos se reúnem para realizarem juntos uma tarefa (colheita, construção, limpeza...?))

Nas duas cidades em que coletamos os dados a variante predominante em ambas foi “mutirão”, no município de Ipuauçu tivemos ainda uma outra variante em destaque que foi “puxirão”

A variante “mutirão” em Ipuauçu foi registrada treze vezes, oito na zona urbana, cinco na zona rural. Em Borrazópolis o item lexical “mutirão” foi a variante com mais registros, com doze ocorrências, seis na zona urbana, e seis na zona rural.

No município de Ipuauçu a segunda variante que mais obteve destaque foi “puxirão” com oito registros, dois na zona urbana, seis na zona rural. A variante “puxirão” não foi registrada na cidade paranaense.

Ainda obtivemos outras ocorrências em Ipuauçu, por exemplo, a variante “trabalho” foi registrada uma vez por uma informante da zona urbana, a variante “filó” com uma ocorrência por uma informante da zona urbana. A variante “trocação de serviço” por um informante da zona rural, essa variante desse informante diz respeito a forma como as pessoas da zona rural falam quando se ajudam ou fazem uma troca de serviços com os vizinhos, principalmente na época de janeiro e fevereiro em que ocorre o auge de fazer silagem (silagem é feita de milho moído que serve como alimentos para os bovinos). Das variantes citadas acima não houve nenhum registro na cidade de Borrazópolis.

A variante “encontro” foi registrada uma vez na cidade de Ipuauçu por uma informante da zona urbana e um registro em Borrazópolis por uma informante da zona urbana.

Gráfico 97

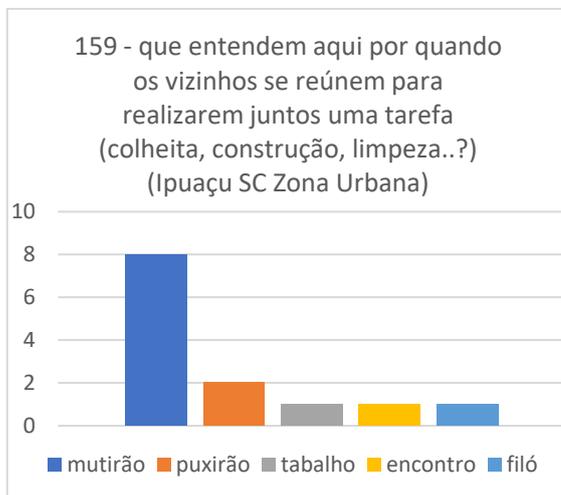
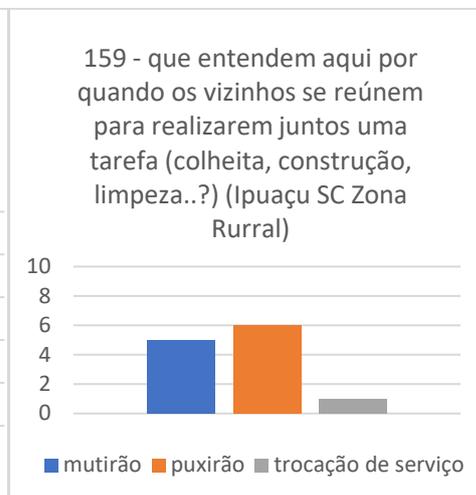


Gráfico 98



Schenatto (2023)

Em Borrazópolis também obtivemos algumas variantes, tais como, “reunir” e “ajuntar” que foi registrada apenas uma vez por uma informante da zona urbana. Ressaltamos novamente que os informantes responderam ao questionário tendo total liberdade para falar o que quisessem, nesse caso a informante CbGII-F falou as duas variantes juntas. A variante “empreitar” foi registrada uma vez por um informante da zona urbana. Essas variações citadas acima não foram registradas em Ipuauçu.

Gráfico 99

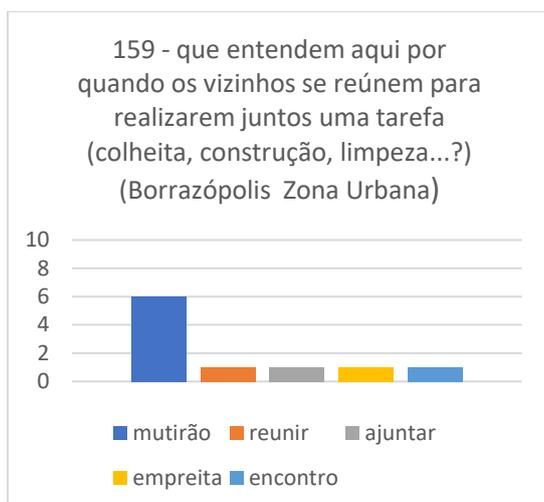
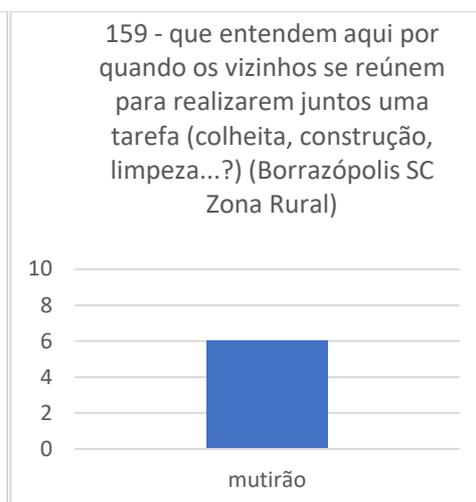


Gráfico 100



Schenatto (2023)

A **pergunta 160** (onde se guarda ou se guardava a colheita?)

Em Ipuçu obtivemos um número considerável de variantes, entre elas, destacam-se “paiol” com onze registros, quatro na zona urbana, sete na zona rural. E “galpão” com seis ocorrências, quatro na zona urbana e duas na zona rural.

Em Borrazópolis a variante predominante foi “tulha” com dez registros, quatro da zona urbana, e seis na zona rural. A variante “tulha” não foi registrada no município de Ipuçu.

Para as variantes “paiol e galpão” houveram registros na cidade de Borrazópolis: “paiol” foi registrada cinco vezes, três na zona urbana e dois na zona rural. Já para a variante “galpão” obtivemos apenas dois registros na zona urbana.

Quadro 16. 160. Onde se guarda ou se guardava a colheita?

LEGENDA

● Galpão	◐ Paiol	◑ Tulha
----------	---------	---------

Ipuçu Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
	●		●
◐			
CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●		
◐	◐	◐	

Borrazópolis Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
	◑		
CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●		●	
			◐
◑	◑	◑	

Ipuau Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●		●
◐		◐	

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●		●	●
◐	◐		

Borrazópolis Zona Rural

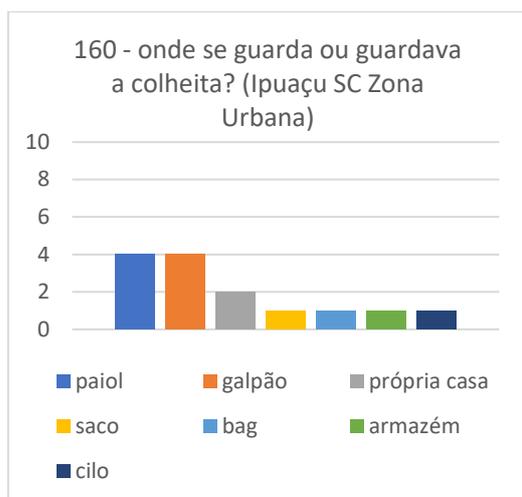
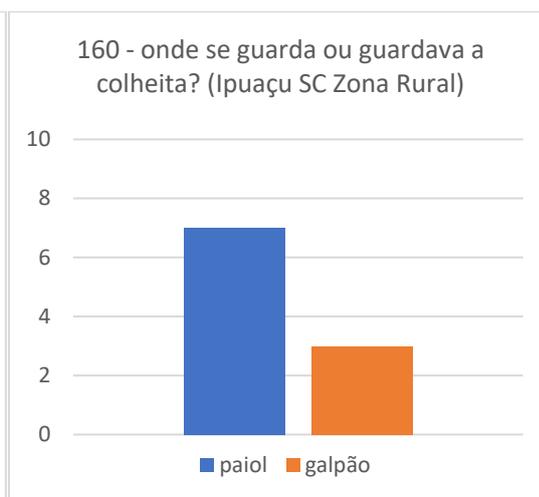
CaGII		CaGI	
M	F	M	F
		◐	◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●		
◐	◐	◐	◐

Na pergunta 160, ainda obtivemos algumas variantes, como pode ser observado nos gráficos 102, 103, 104 e 105, em Ipuau obtivemos as variantes “saco”, “bags” da informante da zona urbana. Não houve registros em Borrazópolis. A variante “barracão” foi registrada uma vez na cidade de Ipuau por uma informante da zona urbana e um registro em Borrazópolis por dois informantes da zona rural. A variante “armazém” houve apenas um registro em Ipuau na zona urbana por uma informante, não obtivemos nenhuma ocorrência em Borrazópolis.

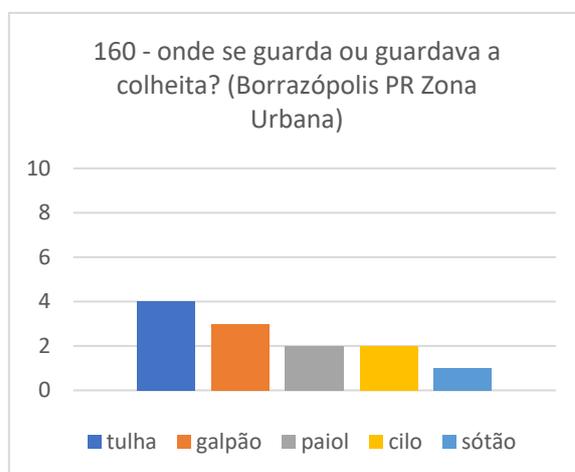
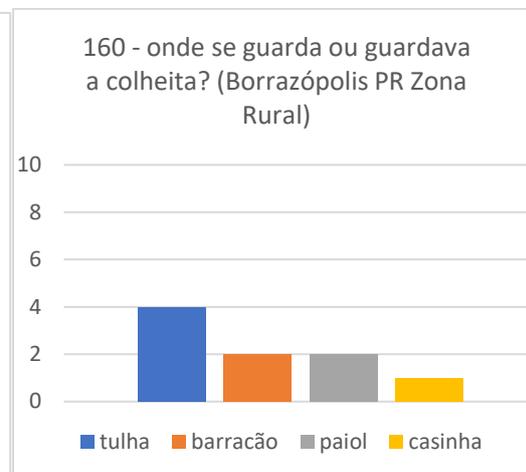
A variante “cilo” foi registrada uma vez na cidade catarinense por uma informante da zona urbana e na cidade paranaense obtivemos dois registros da zona urbana, é interessante notar que a GI teve mais recorrência de informantes residentes da zona urbana de ambas as cidades, da qual as suas respostas a pergunta 160, em que o lugar de armazenamento para grão são os da atualidade, isso porque estão mais familiarizados com esses termos, já que hoje em dia é difícil um agricultor guardar sua colheita em casa, e que antigamente se colhia e guardava na própria propriedade, para o consumo próprio os dos animais.

Ainda obtivemos a variante “própria casa” por dois informantes da zona urbana de Ipuau, eles explicaram que quando moravam no interior as vezes tinham guardar na própria casa, pois, o paiol ou o galpão estavam cheios.

Gráfico 101**Gráfico 102**

Schenatto (2023)

Na cidade de Borrazópolis ainda obtivemos duas outras variantes, “sótão” com registro na zona urbana por uma informante e a variante “casinha” por um informante da zona rural.

Gráfico 103**Gráfico 104**

Schenatto (2023)

A pergunta 163⁹ (onde se guardam ou se guardava os instrumentos agrícolas? Há diferença entre paiol e galpão/ tullha e paiol?)

⁹ Neste trabalho optamos por seguir os números das questões retiradas do ALERS, mas para não a questão 163 não ficar fora do nosso contexto optamos em colocar ela logo após a pergunta 160.

Essa pergunta é um complemento da pergunta 160, no município de Ipuauçu a variante predominante foi “galpão” com oito registros, cinco na zona urbana e três na zona rural. Não obtivemos nenhum registro de “galpão” no município de Borrazópolis. A variante “garagem” foi registrada cinco vezes, três na zona urbana, duas ocorrências na zona rural, não houve nenhum registro na cidade paranaense. A variante “paiol” na cidade catarinense, foi registrada seis vezes, duas na zona urbana e quatro na zona rural. Em Borrazópolis a variante paiol” obtivemos três registros, um na zona urbana por um informante e dois da zona rural.

A variante “barracão” houve um registro de apenas dois na zona urbana do município de Ipuauçu, em Borrazópolis está variante apareceu quatro vezes sendo três registradas na zona rural, um registro apenas na zona urbana.

Em Borrazópolis a variante com mais predominância foi “tulha” com nove registros, cinco deles na zona urbana, e quatro da zona rural. Em Ipuauçu não obtivemos nenhum registro. Ainda em Borrazópolis registramos duas outras variantes, a variante “dispensa” com um registro na zona urbana por uma informante, e a variante “embaixo do soalho” por um informante da zona urbana.

Gráfico 105

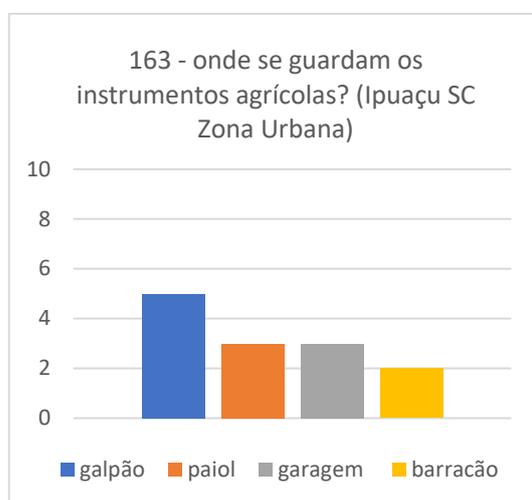
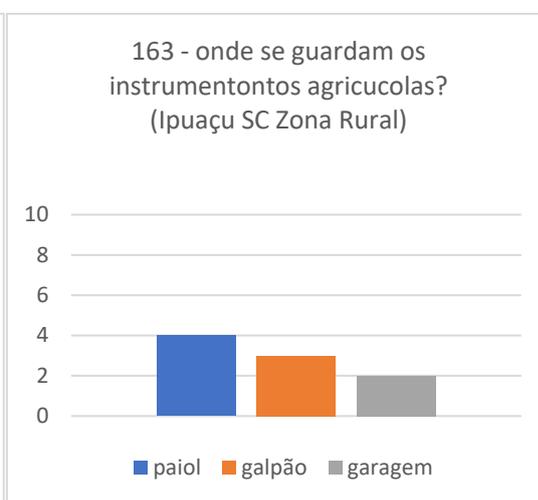


Gráfico 106



Schenatto (2023)

Gráfico 107

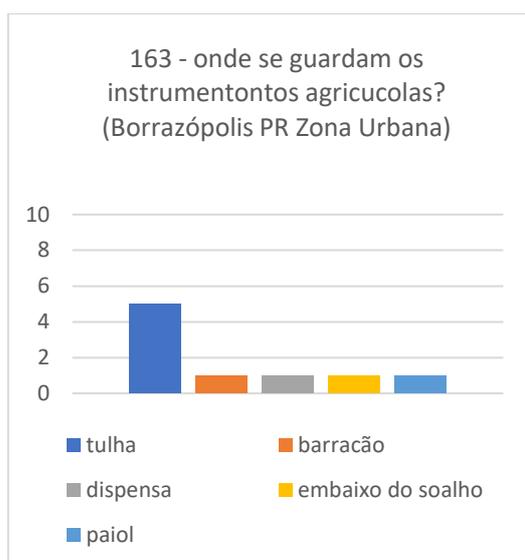
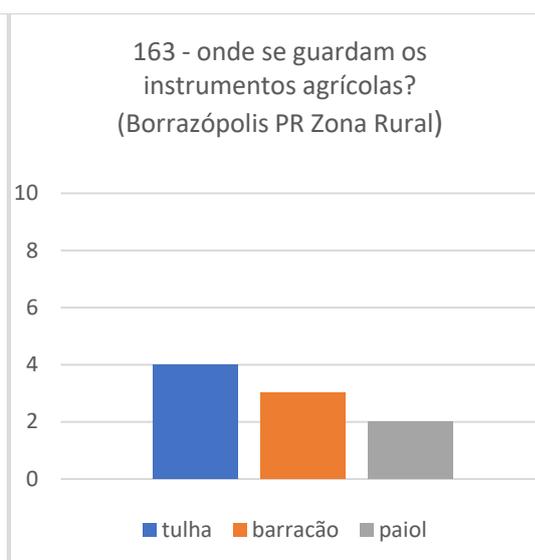


Gráfico 108



Schenatto (2023)

Na questão 160, nós ainda fizemos uma pergunta aos informantes se havia diferença entre galpão e paiol/ paiol e tulha.

Começaremos pelo município de Ipuacu, a informante CaGI-F da zona urbana não soube explicar a diferença entre galpão e paiol. A informante CaGII-F da zona urbana afirmou que para ela o galpão é maior e o paiol é menor. O informante CbGII-M da zona urbana afirmou que não se guardava a colheita junto com os instrumentos, explicaram que faziam puxados abertos para guardar as máquinas, tipo uma varanda. A feminina da zona urbana CbGII-F, relatou que quando morava com seus pais eles guardavam os instrumentos e os grãos junto por isso que para ela não tem diferença entre paiol e galpão. A informante CbGI-F da zona urbana não soube informar a diferença entre ambos. O informante da zona urbana CaGII-M, relatou que o galpão era melhor mais bem feito e organizado, já o paiol era feito de sobras de madeira mais inferior. O informante CaGI-M da zona urbana que a diferença entre eles é que o paiol se guardava mais milho, feijão..., já o galpão se guardava as ferramentas. O informante CbGI-M da zona urbana afirmou que a única diferença para ele é que o galpão se guardava os instrumentos agrícolas e o paiol era para os grãos como milho.

Na zona rural do município de Ipuacu o informante CaGI-M relatou que não há diferença para ele de paiol e galpão. Os informantes CbGI-F e CbGI-M afirmaram que para eles o galpão era mais aberto e o paiol fechado. A informante CaGI-F informou que apenas conhecia galpão que era para se guardar fumo e paiol se guardava os grãos e os instrumentos todos juntos. A informante CaGII-F informou que para ela os dois são a

mesma coisa e tem a mesma utilidade. O informante CaGII-M relatou que o galpão era um pouco mais fechado, o paiol era feito de chão batido erguido e feito de varas e costaneiras com coberto, geralmente o paiol era feito o paiol no meio da lavoura que se colocava a trilhadeira para ficar mais fácil o serviço. A informante CbGII-F da zona rural

No município de Borrazópolis na zona urbana, a informante CbGII-F explicou que tulha era uma casinha alta do chão para não entrar rato, para guardar os instrumentos eles faziam na própria tulha um puxado. A informante CbGI-F, afirmou que por morar desde pequena na cidade não sabia a diferença entre eles e nem como era chamado antigamente. Os informantes CbGI-M e CbGII-M, informaram que tulha e paiol era a mesma coisa. O informante CaGI-M disse que não há diferença entre ambos. A informante CaGI-F também informou que não há diferença entre tulha e paiol. A informante CaGII-F e o informante CaGII-M, para eles a tulha e o paiol é a mesma coisa. O informante CaGII-M da zona urbana, quando questionado se não conhecia a tulha, ele explicou que tulha era para guardar café, mas que havia um espacinho para colocar os instrumentos agrícolas, a mesma coisa acontecia com o paiol, mas nesse caso era para guardar grãos diversos e também para guardar os instrumentos.

Na zona rural de Borrazópolis, o informante CaGI-M informou que tulha e paiol é a mesma coisa, que ambos têm a mesma finalidade de guardar a colheita e os instrumentos agrícolas. Os informantes CaGI-F, CbGII-F e CbGII-M afirmaram que tulha e paiol para eles é a mesma coisa. Os informantes CbGI-M e CbGI-F não souberam responder.

A pergunta 162 (onde costumam abrigar os animais para protegê-los da chuva, do frio ou para tirar leite?)

Essa pergunta é bem interessante no município de Ipuacu quando questionados sobre as vacas todos os informantes responderam “estrevaria”, com o registro de fala de quatorze informantes, oito na zona urbana e seis registros na zona rural, apenas duas informantes da zona rural responderam “estrebaria”. Em Borrazópolis nenhum informante respondeu “estrevaria/estrebaria”.

A variante predominante em Borrazópolis foi “mangueira” utilizada para abrigos das vacas, do qual houve dez registros, quatro na zona urbana, e seis na zona rural, ainda obtivemos a variante “manjedoura” por uma informante da zona urbana. O item lexical “curral” apareceu em duas situações que nos chamou a atenção, pois tivemos dois significados para essa palavra, três informantes da zona urbana, à utilizaram para designar abrigo para vacas, o que se percebe é que para esse léxico somente foi registrado pela GI

e da classe Ca, já a informante CaGII-F também da zona urbana utilizou “curral” para se referir a abrigo para os porcos.

Gráfico 109

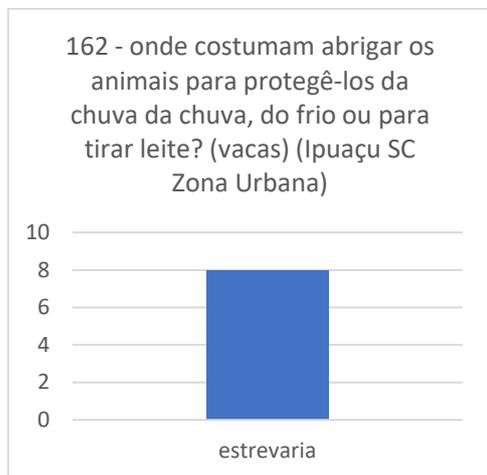
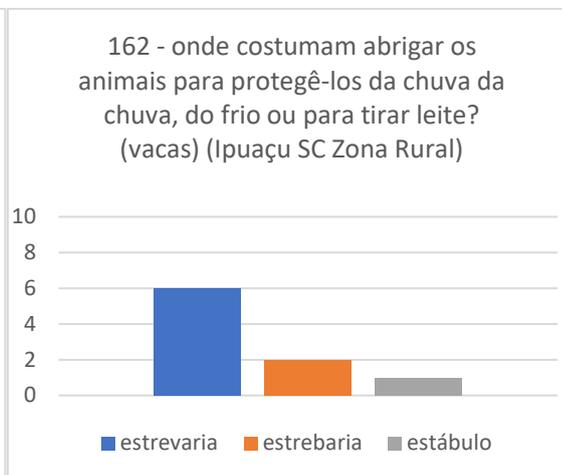


Gráfico 110



Schenatto (2023)

Gráfico 111

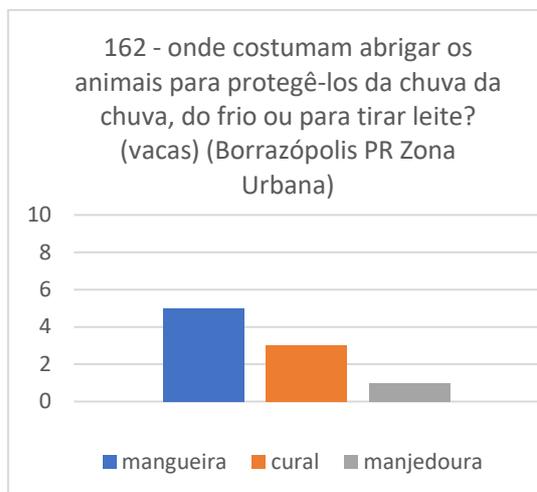
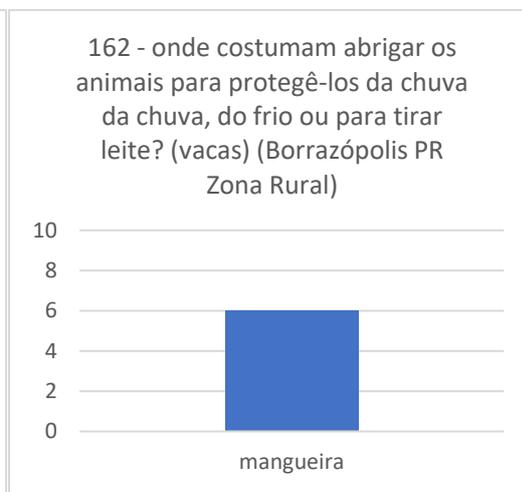
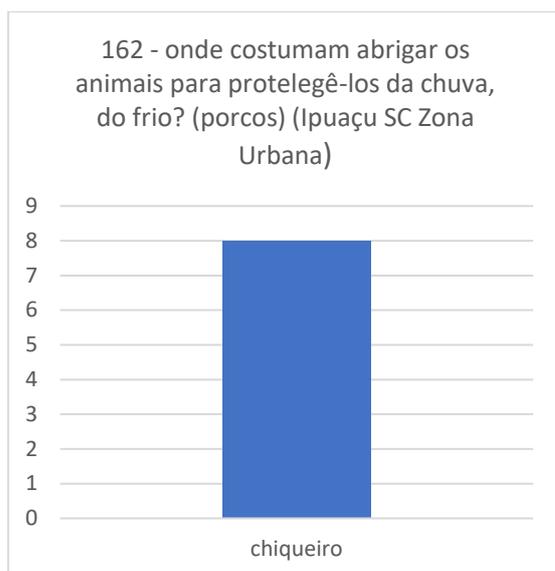
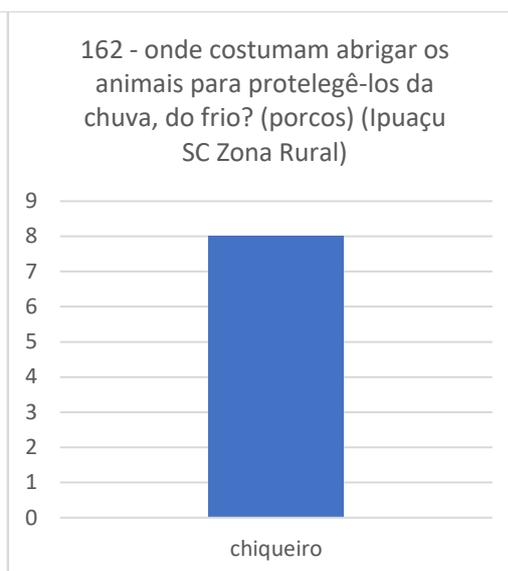


Gráfico 112

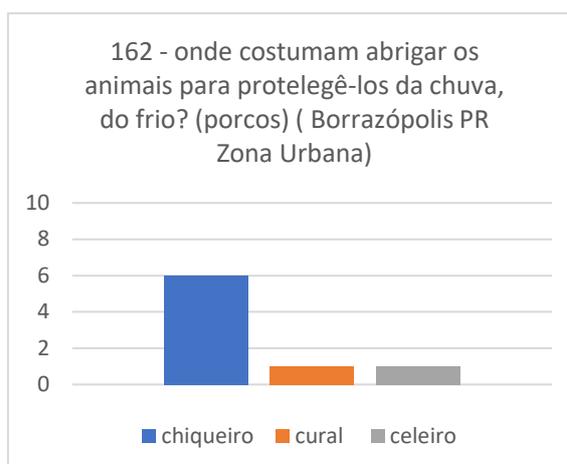
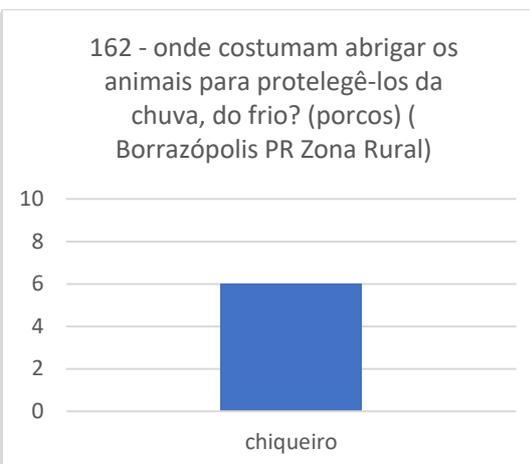


Schenatto (2023)

Para a pergunta onde costumam abrigar os porcos, todos os dezesseis informantes de Ipuauçu responderam “chiqueiro”, já em Borrazópolis a variante “chiqueiro” foi registrada doze vezes, seis na zona urbana, e seis na zona rural. Ainda obtivemos a variante “celeiro” por uma informante da zona urbana.

Gráfico 113**Gráfico 114**

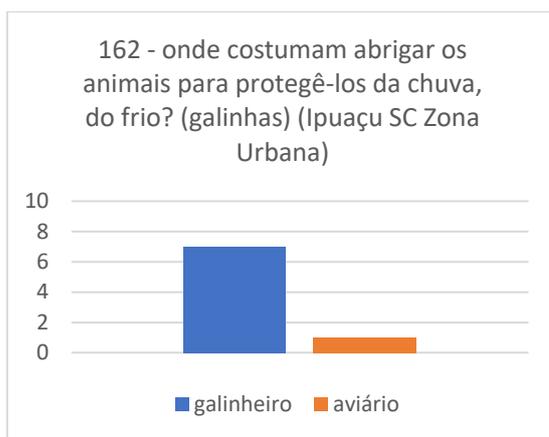
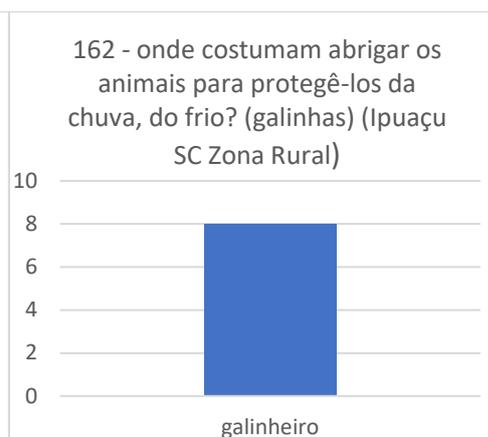
Schenatto (2023)

Gráfico 115**Gráfico 116**

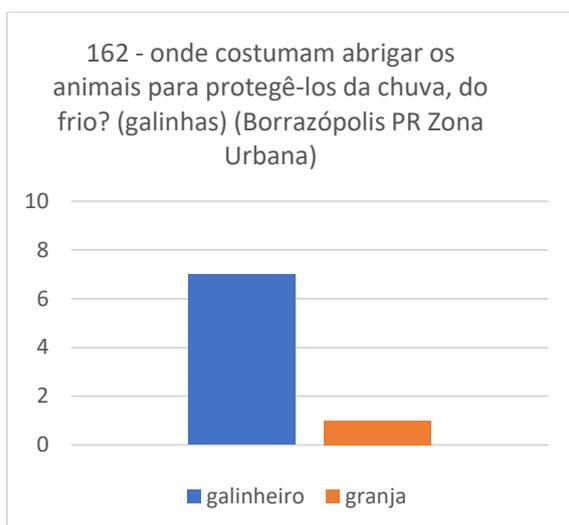
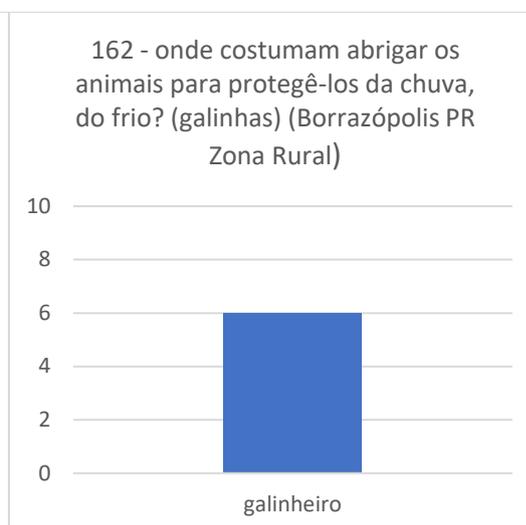
Schenatto (2023)

A pergunta referente onde costuma abrigar as galinhas, em Ipuacu quinze informantes responderem “galinheiro”, sete registros na zona urbana, e oito na zona rural, obtivemos a variante “aviário” com apenas um registro de um informante da zona urbana.

Em Borrazópolis a variante “galinheiro” foi registrada treze vezes, sete delas na zona urbana, a variante “granja” teve apenas uma ocorrência por uma informante da zona urbana. As duas variantes ditas pelos informantes da GI, “aviário e granja” da qual fazem referências a produções em grande escala.

Gráfico 117**Gráfico 118**

Schenatto (2023)

Gráfico 119**Gráfico 120**

Schenatto (2023)

A **pergunta 164** (o que entendem aqui por uma ferramenta para abrir com a mão buracos na parede?)

Na cidade de Ipuacu a variante predominante foi “pua” com treze registros, sete na zona urbana, a informante CaGI-F informou que não conhecia o objeto, mas quando foi feita a sugestão das palavras “pua e trado”, logo após a entrevistadora mostrou como era, ela afirmou que já tinha ouvido falar em “pua”. A informante CbGI-F da zona urbana não soube responder à pergunta mesmo feito as sugestões disse não conhecer o objeto. Obtivemos seis registros da variante “pua” na zona rural.

A variante “trado” foi registrada seis vezes, três na zona urbana de Ipuacu e três na zona rural. As variantes “pua e trado” não foram registradas no município de Borrazópolis.

Em Borrazópolis a variante com mais ocorrências foi “arco de pua” com doze registros, sendo seis na zona urbana e seis na zona rural. A informante CaGI-F da zona urbana não soube responder, nem mesmo quando foi feita a sugestão.

Nas duas cidades obtivemos outras variações, a variante “broca manual” com um registro em Ipuacu por um informante da zona rural, e um registro em Borrazópolis por um informante da zona rural. O item lexical “soca rolha” foi registrado apenas uma vez por uma informante CbGI-F da zona urbana, a variante “formão” com três ocorrências, duas na zona urbana e uma da zona rural.

Percebemos que as mulheres da GI e da classe alta, da zona urbana de ambos os pontos pesquisados não souberam responder à pergunta de forma espontânea, isso nos mostra que este instrumento foi substituído por outro mais moderno.

Gráfico 121

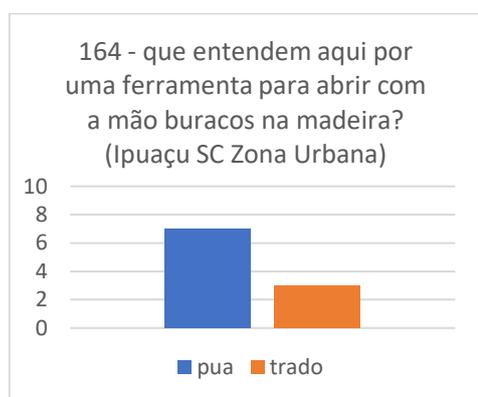
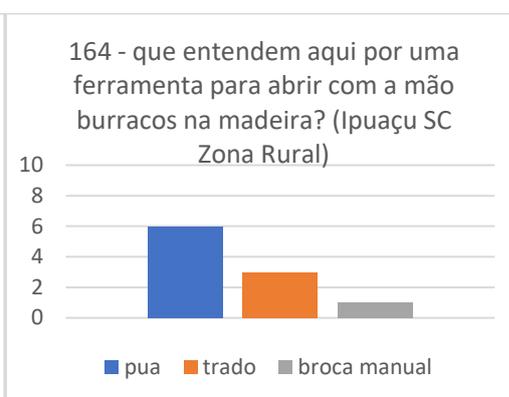


Gráfico 122



Schenatto (2023)

Gráfico 123

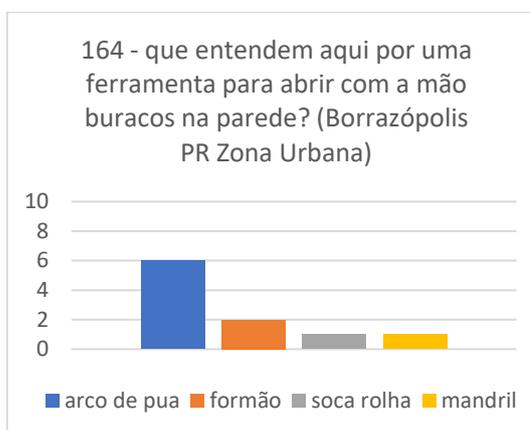
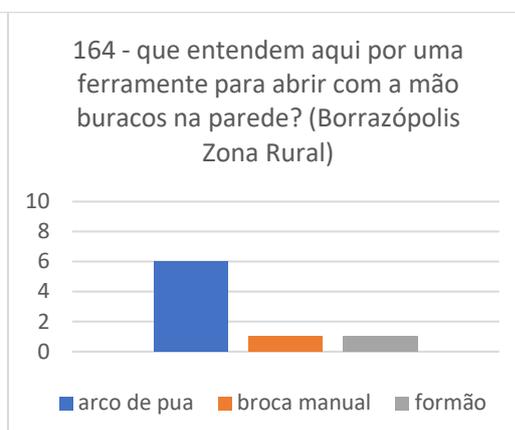


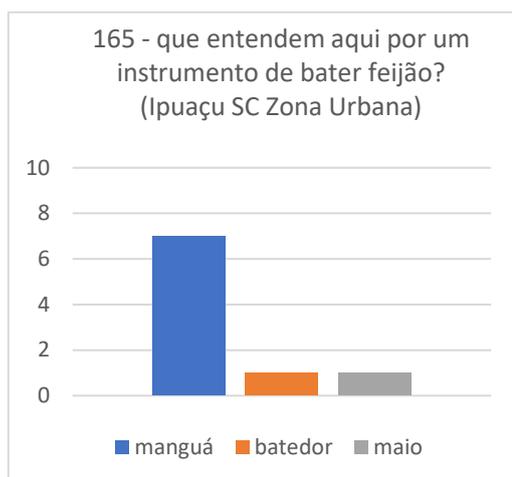
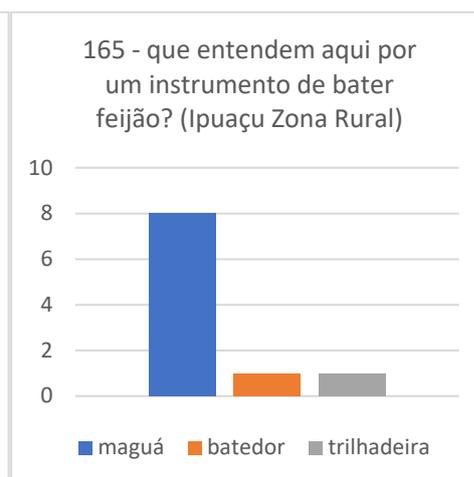
Gráfico 124



Schenatto (2023)

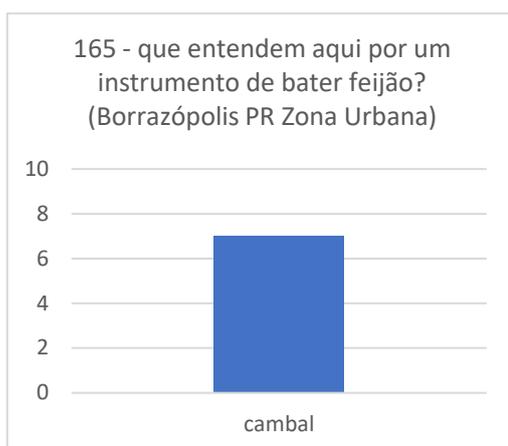
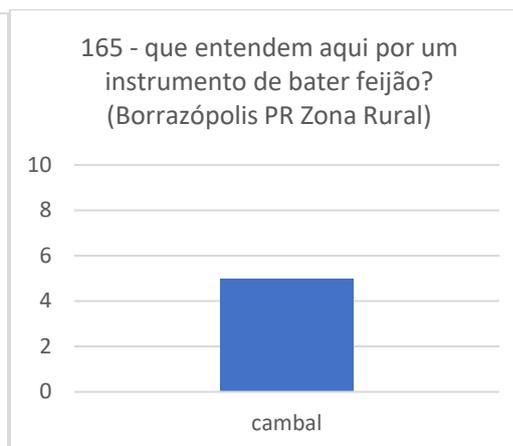
A **pergunta 165** (que entendem aqui por o instrumento de bater feijão?)

Em Ipuacu a variante com mais registros foi “manguá” com quinze ocorrências, sete na zona urbana, oito na zona rural, ainda registramos três outras variantes na cidade catarinense “batedor” com dois registros um na zona rural e um na zona urbana. O termo “batedor” é um instrumento mais atual que é utilizado em um trator. A variante “maio” com apenas um registro por um informante da zona urbana e o item lexical “trilhadeira” registrado apenas uma vez na zona rural. A informante CbGI-F da zona urbana não soube responder, quando feito a sugestão da palavra “manguá” afirmou que não conhecia, mas ela descreveu o objeto: era um pau e na sua ponta tinha um ferro. Não obtivemos nenhum registro das variantes citadas acima em Borrazópolis.

Gráfico 125**Gráfico 126**

Schenatto (2023)

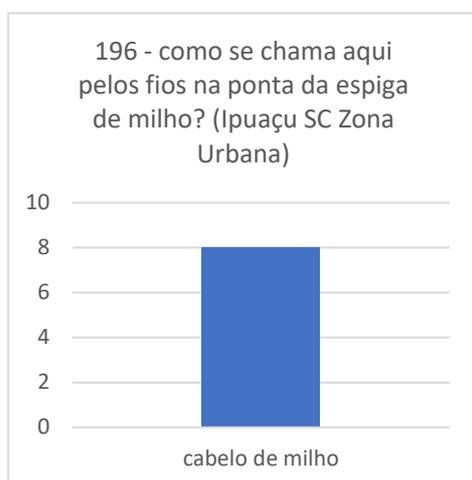
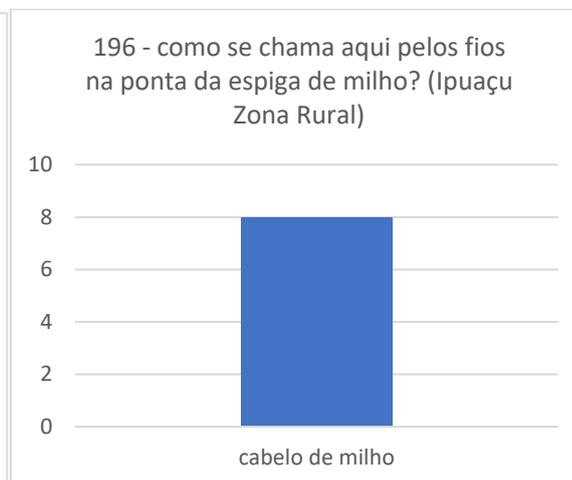
Na cidade paranaense obtivemos apenas uma variante “cambal” com doze registros, seis na zona urbana e cinco na zona rural. Dois informantes não souberam responder à pergunta 165, mesmo feito a sugestão, um informante CaGI-M da zona rural e uma informante CbGI-F da zona urbana.

Gráfico 127**Gráfico 128**

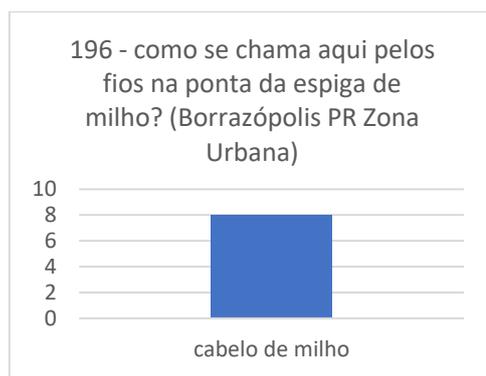
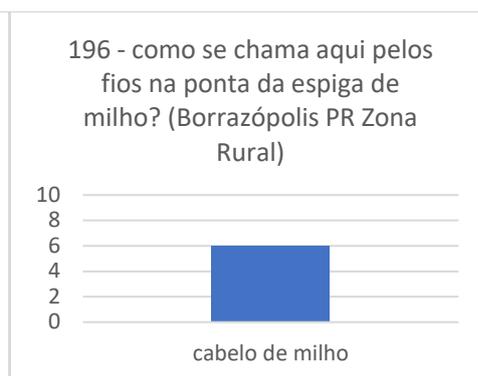
Schenatto (2023)

A **pergunta 169** (que entendem aqui pelos fios na ponta da espiga de milho?)

Nessa pergunta obtivemos apenas uma variante dominante que foi “cabelo de milho”, nas duas cidades pesquisadas, Ipuacu e Borrazópolis, na qual todos os informantes entrevistados responderam a mesma coisa, os informantes da zona urbana e da zona rural, das classes Ca e Cb, dos sexos F e M, das gerações GI e GII.

Gráfico 129**Gráfico 130**

Schenatto (2023)

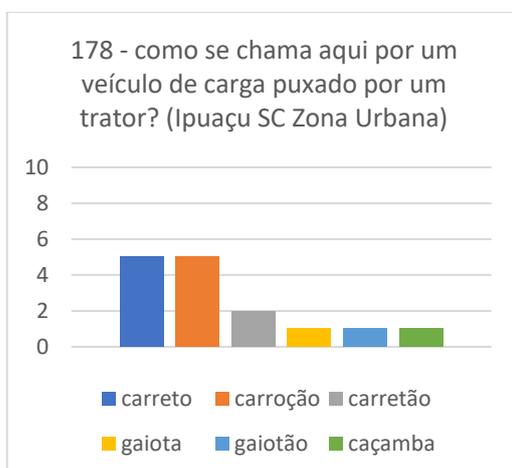
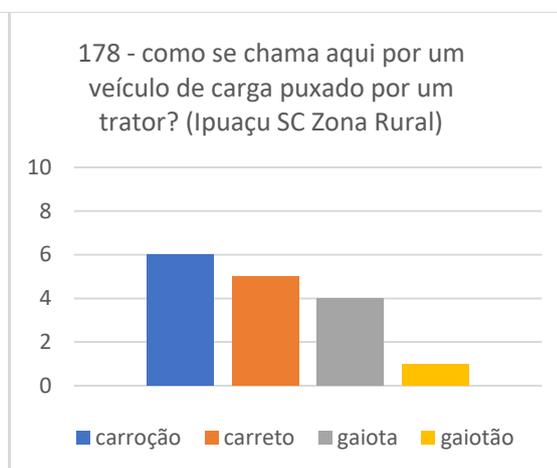
Gráfico 131**Gráfico 132**

Schenatto (2023)

A **pergunta 178** (como se chama aqui por um veículo de carga puxado por um trator?)

Na cidade catarinense catalogamos seis variantes para a pergunta 178, a resposta com mais registros foi “carreto” com dez registros, cinco na zona urbana, e cinco da zona rural. Na cidade de Borrazópolis a variante “carreto” apareceu quatro vezes, duas da zona urbana e dois da zona rural.

A segunda variante com mais ocorrências em Ipuauçu foi “carroção” com onze registros, cinco registros na zona urbana e seis na zona rural. A variante “carretão”, teve três registros todos na zona urbana. A variante “gaiota” foi registrada cinco vezes, uma vez na zona urbana por um informante, quatro na zona rural. Para variante “gaiotão” obtivemos duas ocorrências, uma na zona urbana, e um da zona rural. Outra variante catalogada foi “caçamba” com apenas um registro na zona urbana por uma informante. As variantes acima citadas não obtivemos nenhum registro na cidade de Borrazópolis.

Gráfico 133**Gráfico 134**

Schenatto (2023)

A variante predominante em Borrazópolis foi “carreta” com oito registros, quatro na zona urbana, e quatro na zona rural. A variante “carroceria” apareceu duas vezes e na zona urbana por uma informante e uma. Para as variantes “carreta e carroceria” não obtivemos registro na cidade de Ipuacu.

Gráfico 135

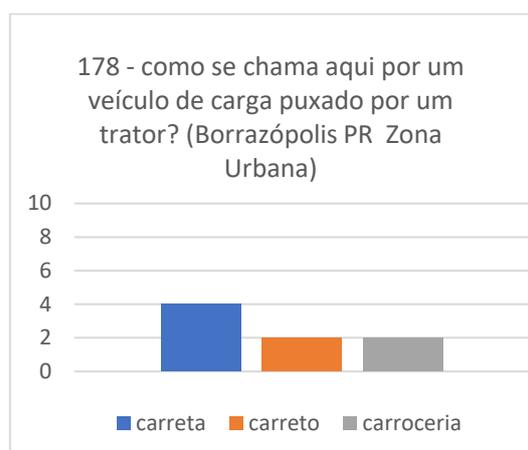
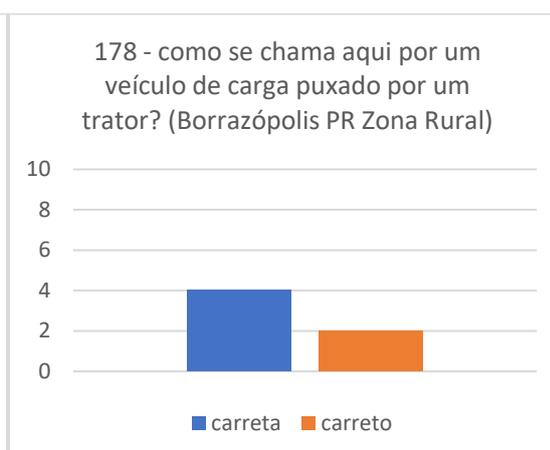


Gráfico 136



Schenatto (2023)

A **pergunta 179**¹⁰ (que entendem aqui por um veículo de duas rodas usado para o transporte de pessoas que era puxado por cavalos?)

No município de Ipuacu obtivemos o registro de quatro variantes, a com maior predominância, “carroça” com treze registros, sendo seis na zona urbana, e sete na zona rural. A segunda variante foi “charrete” com sete registros, três na zona urbana, e quatro na zona rural.

Em Borrazópolis obtivemos as mesmas variantes, mas o que nos chama a atenção é que a variante em destaque é “charrete” com treze registros, sete na zona urbana, seis

¹⁰ A pergunta original do ATLAS ALERS 179. ARANHA/CHARRETE/JARDINEIRA/CARRINHO DE MÃO

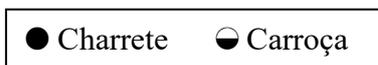
- ...um veículo de duas rodas de pneu usado só para o transporte de pessoas?
- E se for com rodas de madeira?
- E quando tiver toldo?
- ...um veículo de uma roda, empurrado por pessoas, para pequenas cargas em trechos curtos?
- Como chamam as duas hastes do carrinho de mão?

Mas optamos por fazer apenas duas perguntas, a letra “a” e a letra “d”

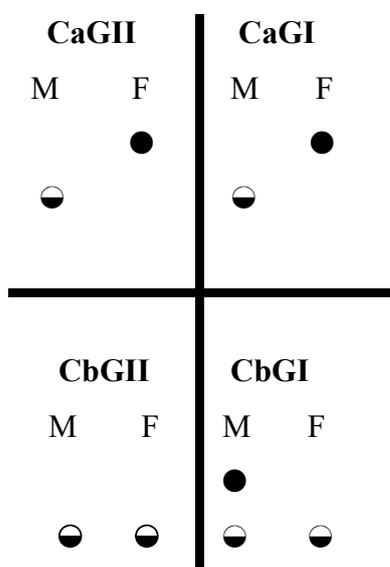
da zona rural. E a segunda variante com mais registros foi “carroça” com oito ocorrências, cinco na zona urbana, e três na zona rural.

Quatro 17. 179. Que entendem aqui por um veículo de duas rodas usado para o transporte de pessoas que era puxado por cavalos?

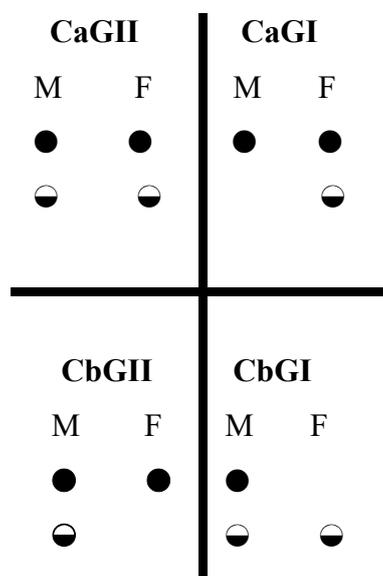
LEGENDA



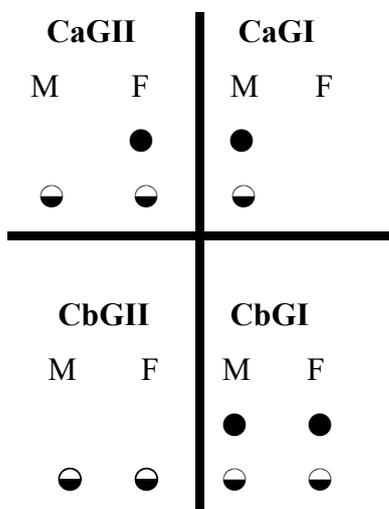
Ipuauçu Zona Urbana



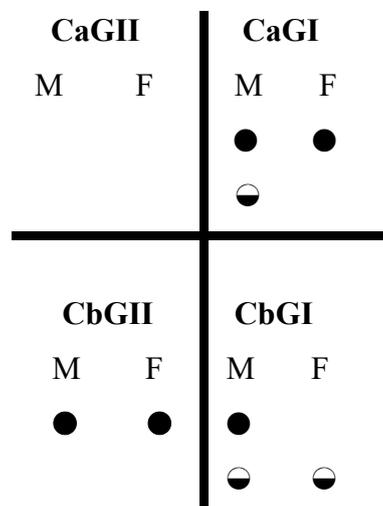
Borrazópolis Zona Urbana



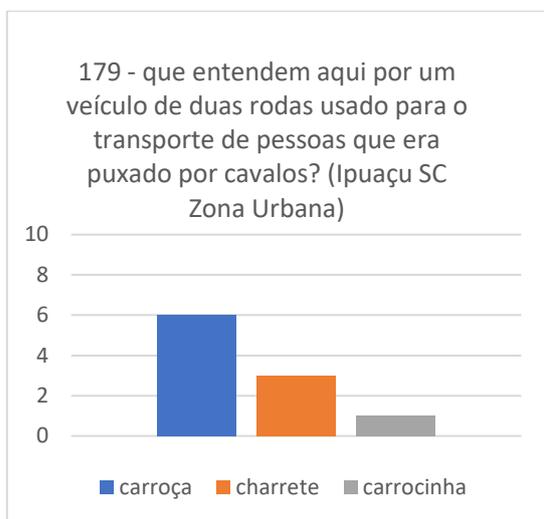
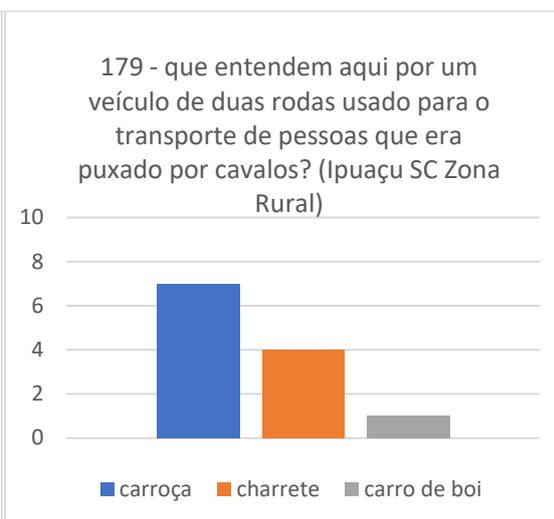
Ipuauçu Zona Rural



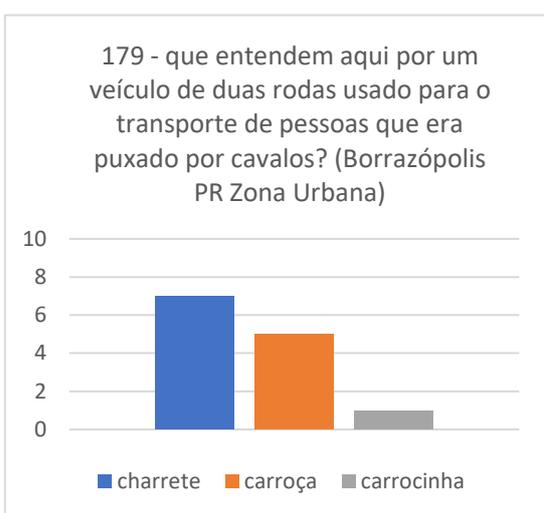
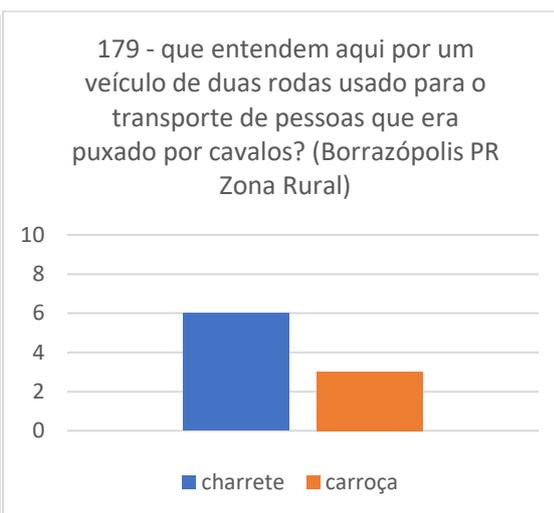
Borrazópolis Zona Rural



Além disso obtivemos mais duas variantes “carrocinha” com um registro em Ipuauçu na zona urbana por uma, e um registro em Borrazópolis por uma informante também da zona urbana, no município catarinense registramos a variante “carro de boi” com apenas uma ocorrência na zona rural.

Gráfica 137**Gráfico 138**

Schenatto (2023)

Gráfico 139**Gráfico 140**

Schenatto (2023)

Ainda na pergunta 179 (que entendem aqui por um veículo de uma roda, empurrado por pessoas, que serve para pequenas cargas em trechos curtos?)

As respostas desta pergunta foram bem interessantes, a maioria dos informantes de Ipuauçu responderam a variante “carrinho de mão” e “carrinho de mão” quase ao mesmo tempo. Mas a variante predominante foi “carrinho de mão” com doze registros: seis na zona urbana, e seis na zona rural. A variante “carriola” foi registrada onze vezes, seis ocorrências na zona urbana, e cinco registros na zona rural.

Gráfico 141

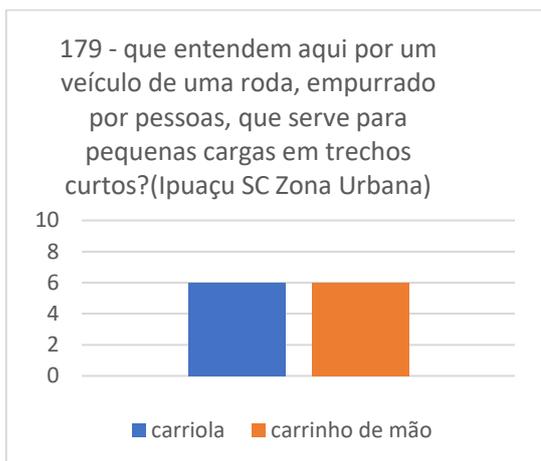
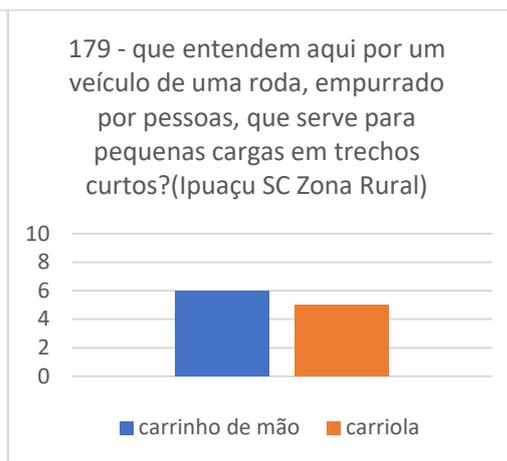


Gráfico 142



Schenatto (2023)

As variantes que foram registradas em Ipuauçu foram as mesmas que apareceram na cidade paranaense, mas a variante predominante foi “carriola” com doze ocorrências, sete ocorrências na zona urbana, cinco registros na zona rural. A segunda variante foi “carrinho de mão” com cinco registros, duas na zona urbana, três registros na zona rural.

Gráfico 143

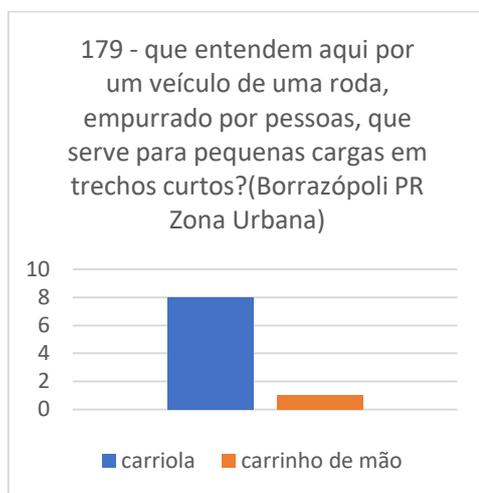
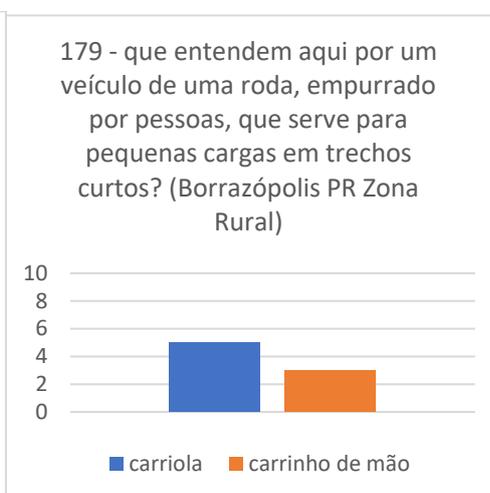


Gráfico 144



Schenatto (2023)

A **pergunta 181** (quando o ônibus chega ao fim da linha, os passageiros tem que...)

A variante com mais registros na cidade de Ipuacu foi “descer” com treze ocorrências, sete na zona urbana, seis na zona rural. Em Borrazópolis a variante “descer” foi registrada quatorze vezes, sete delas na zona urbana, e sete na zona rural. No município de Borrazópolis obtivemos treze registros, sete da zona urbana, e seis registros na zona rural.

A variante “desembarcar” foi a segunda com mais registros em ambos os pontos pesquisados, em Ipuacu teve quatorze registros, sete na zona urbana, e sete na zona rural. Em Borrazópolis obtivemos quatro registros, apenas um na zona urbana, e três na zona rural.

Quatro 18.181. Quando o ônibus chega ao fim da linha, os passageiros tem que...

LEGENDA

● Descer	◐ Desembarcar
----------	---------------

Ipuacu Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	
◐	◐		◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐	◐	◐	◐

Ipuacu Zona Rural

Borrazópolis Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
	◐		

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	

Borrazópolis Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	
◐	◐		◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●		●	●
◐	◐	◐	◐

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
		●	●
			◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐	◐		

Como podemos observar nos gráficos 146, 147, 148 e 149, além das duas variantes com maior número de registros ainda obtivemos outras variantes, a variante “sai do ponto” houve apenas uma ocorrência na cidade paranaense por uma informante, nenhum registro em Ipuauçu. A variante “apear” foi registrada quatro vezes em Ipuauçu, uma vez na zona urbana por um informante, e três registros na zona rural, o que nos chama a atenção para esse item lexical é que os informantes que responderam foram da GI e de ambas as classes (Ca e Cb), os mais velhos explicavam que usavam “apear” do cavalo, com isso percebemos que os jovens não se locomoveram de cavalo como os informantes da GII que antigamente era um meio de transporte muito utilizado principalmente por moradores da zona rural.

Em Borrazópolis também houve o registro da variante “apear” com apenas duas ocorrências na zona urbana. Em Ipuauçu ainda foi registrado a variante “desapear” por um informante da zona urbana, não houve nenhum registro na cidade paranaense.

Gráfico 145

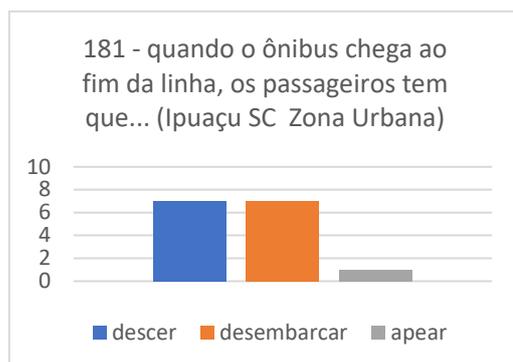
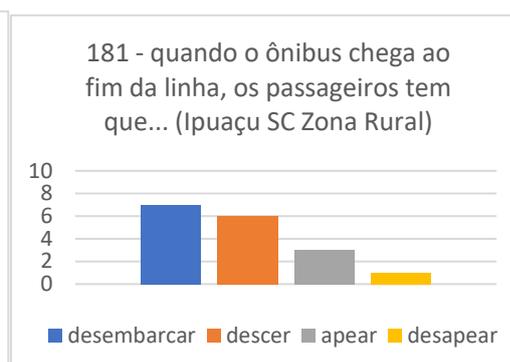
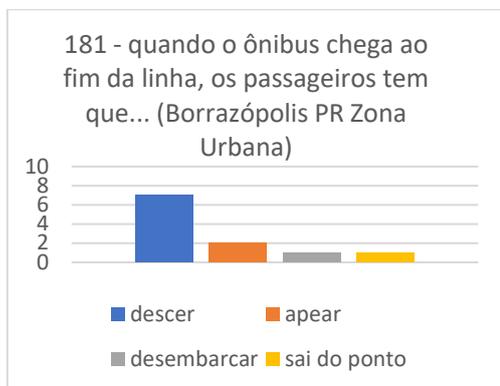
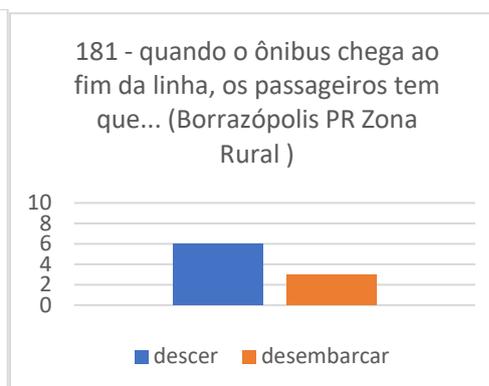


Gráfico 146



Schenatto (2023)

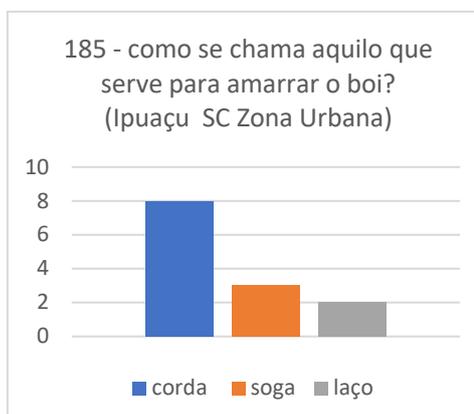
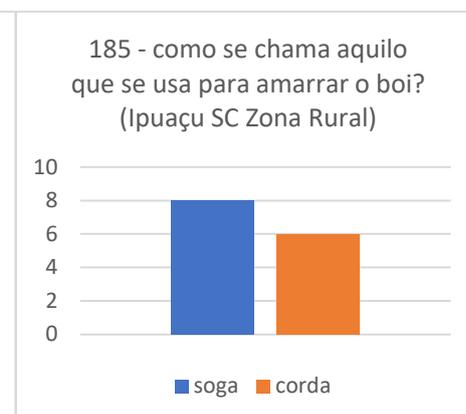
Gráfico 147**Gráfico 148**

Schenatto (2023)

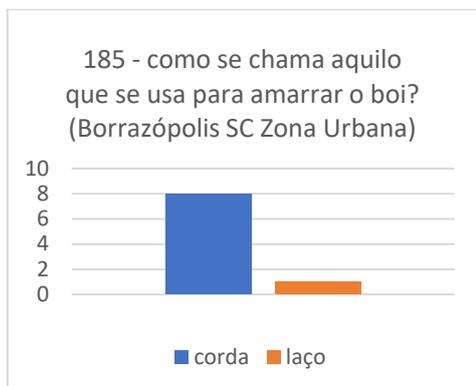
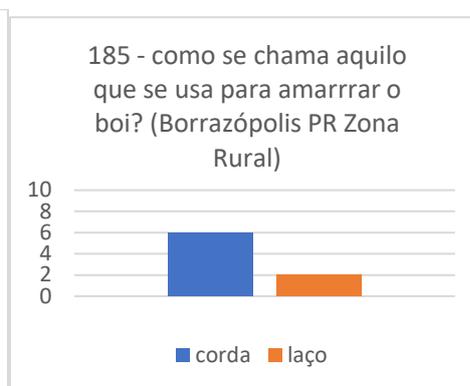
A **pergunta 185** (como se chama aquilo que se usa para amarrar o boi?)

A variante com predominância em ambas as localidades pesquisadas foi “corda” no município de Ipuauçu com quatorze registros, sendo que a maioria foi registrada na zona urbana da cidade, e seis na zona rural. E em Borrazópolis os quatorze informantes entrevistados responderam “corda”, todos da zona urbana e rural, de ambos os sexos feminino e masculino, das duas gerações GI e GII.

Em Ipuauçu a segunda variante com mais registros foi “soga” com onze registros, três na zona urbana, e oito na zona rural. Não houve nenhum registro desta variante no município de Borrazópolis. A variante “laço” também foi registrada em ambas as localidades com poucos registros, em Ipuauçu com duas ocorrências somente na zona urbana, e na cidade de Borrazópolis com três registros, uma ocorrência na zona urbana por um informante e dois na zona rural.

Gráfico 149**Gráfico 150**

Schenatto (2023)

Gráfico 151**Gráfico 152**

Schenatto (2023)

A **pergunta 266** (Como se chama isto? (apontar para o calcanhar.))

Nesta pergunta obtivemos apenas duas variações, a variante “calcanhar” com predominância nas duas localidades pesquisadas, em Ipuacu obtivemos doze registros, sete na zona urbana o informante respondeu “carcanhar”, e cinco na zona rural. Na cidade de Borrazópolis também houve o registro bem significativo com quatorze ocorrências, ou seja, todos os informantes da zona urbana e rural, das duas gerações GI e GII, dos sexos masculino e feminino e das classes Ca e Cb responderam “calcanhar”.

A segunda variante com mais registros foi “garrão”, no município de Ipuacu a variante teve treze ocorrências seis na zona urbana, e sete na zona rural. Na cidade paranaense obtivemos apenas quatro registros deste léxico, dois na zona urbana, e dois na zona rural.

Quatro 19. 266. Como se chama isto? (apontar para o calcanhar.)

LEGENDA



Ipuauçu Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●		●
		◐	◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐	◐		◐

Borrazópolis Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	●

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
	◐	◐	

Ipuauçu Zona Rural

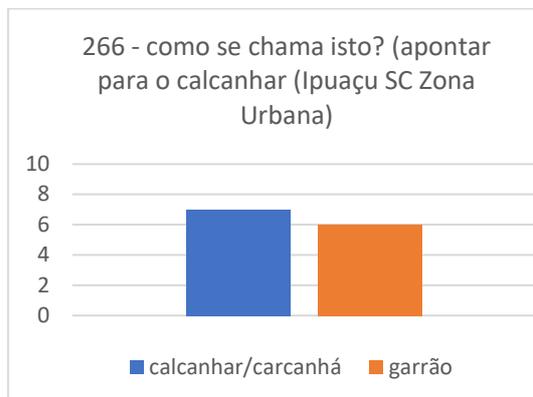
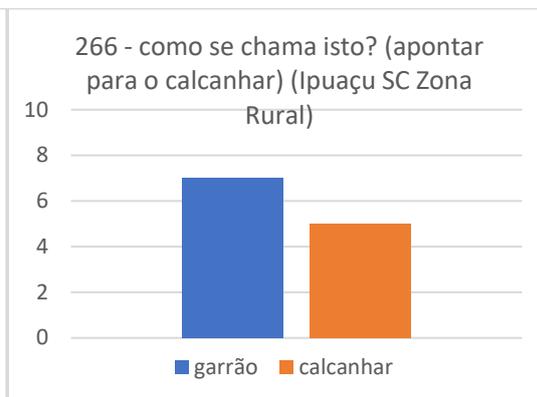
CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●		●
◐		◐	◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
		●	●
◐	◐	◐	◐

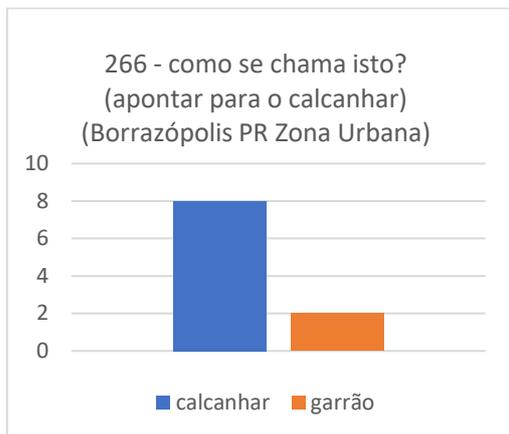
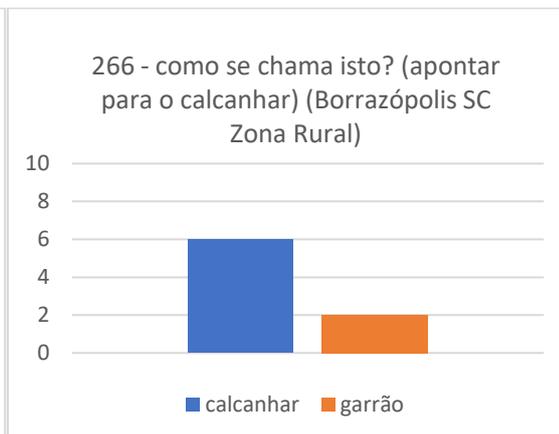
Borrazópolis Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
			●

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐		◐	

Gráfico 153**Gráfico 154**

Schenatto (2023)

Gráfico 155**Gráfico 156**

Schenatto (2023)

A **pergunta 272** (que entendem aqui por um animal que as vezes as pessoas pegam nos dedos do pé?)

Em Ipuauçu a variante predominante foi “bicho de pé” com doze registros, seis na zona urbana e seis na zona rural. No município de Borrazópolis também obtivemos registros da variante “bicho de pé” com dez ocorrências, sete na zona urbana e três na zona rural. Em Ipuauçu ainda obtivemos a variante “pulga” com cinco registros, três na zona urbana, duas na zona rural.

Na cidade paranaense foi registrado seis ocorrências, uma na zona urbana, e cinco na zona rural. Ainda ocorreu o registro da palavra “bichinho” por três informantes da zona rural, da variante “brasileiro” por um informante da zona rural, e a variante “pulgão”

apareceu somente uma vez por uma informante da zona urbana, em Ipuauçu não houve o registro de nenhuma destas variantes citadas acima.

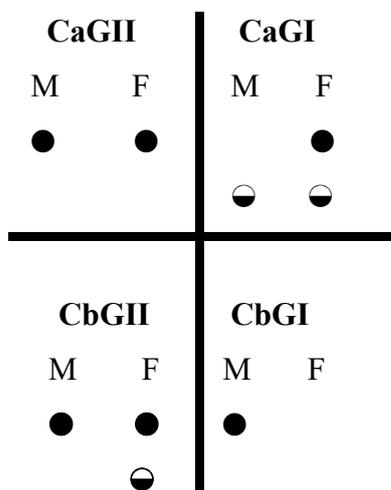
Já a variante “pique” foi registrada somente na cidade catarinense com um número significativo de informantes, com onze ocorrências, cinco na zona urbana e seis na zona rural.

Quatro 20. 272. Que entendem aqui por um animal que as vezes as pessoas pegam nos dedos do pé?

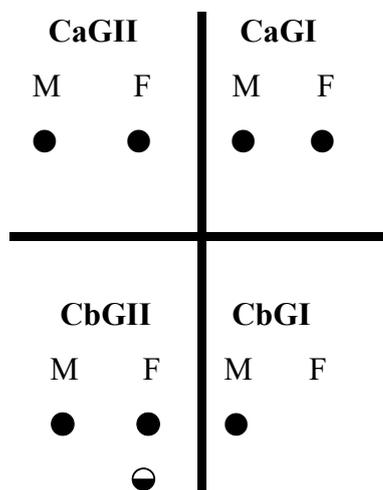
LEGENDA



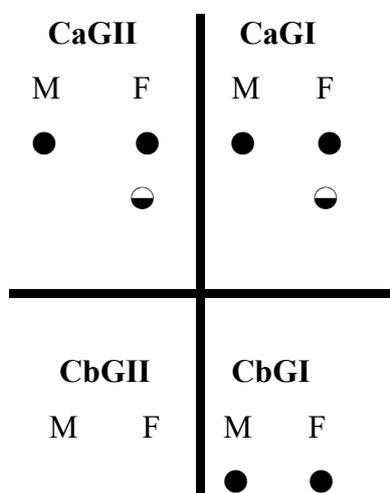
Ipuauçu Zona Urbana



Borrazópolis Zona Urbana



Ipuauçu Zona Rural



Borrazópolis Zona Rural

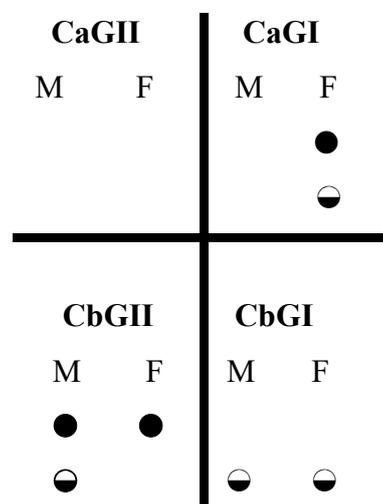
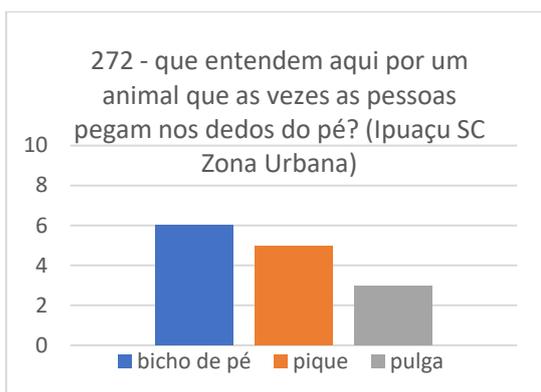
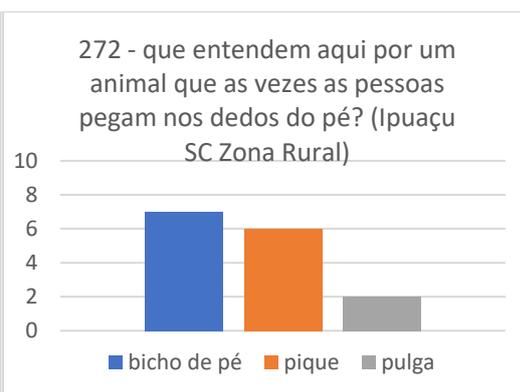
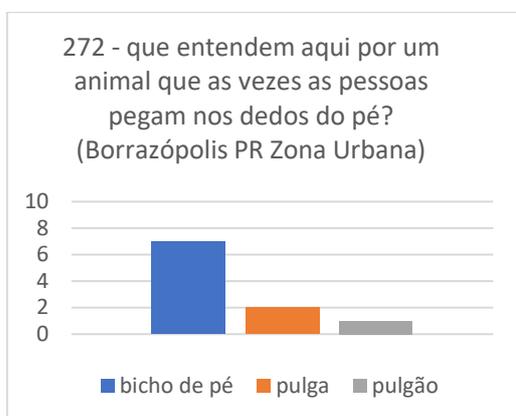
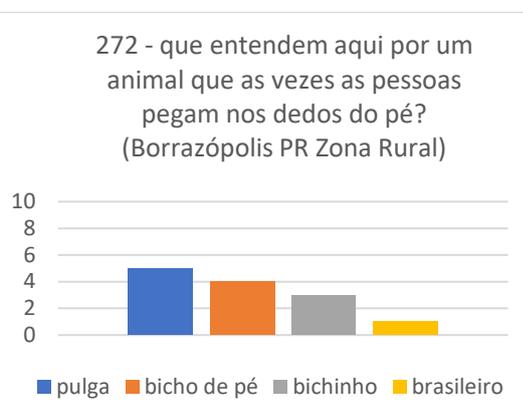


Gráfico 157**Gráfico 158**

Schenatto (2023)

Gráfico 159**Gráfico 160**

Schenatto (2023)

A **pergunta 327** (que entendem aqui por essa (mostrando) cavidade embaixo do braço?)

Em ambas as localidades pesquisadas obtivemos apenas duas variantes, a com mais predominância foi “sovaco”, no município de Ipuacu com quinze registros sendo sete na zona urbana na zona rural oito ocorrências. Em Borrazópolis com treze registros, sete na zona urbana, seis na zona rural.

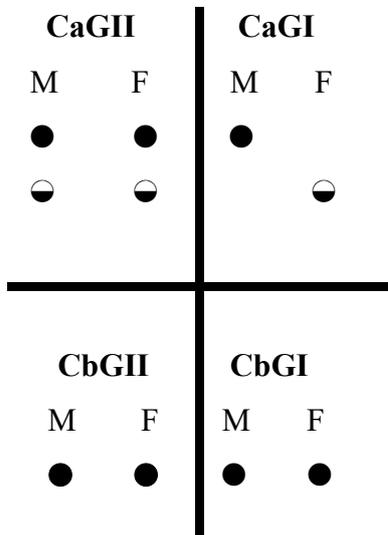
A variante “axila” foi a segunda com mais registros em Ipuacu com nove ocorrências, quatro delas na zona urbana, cinco registros na zona rural. No município de Borrazópolis obtivemos oito registros da variante “axila”, três na zona urbana, cinco na zona rural.

Quatro 21. 327. que entendem aqui por essa (mostrando) cavidade embaixo do braço?

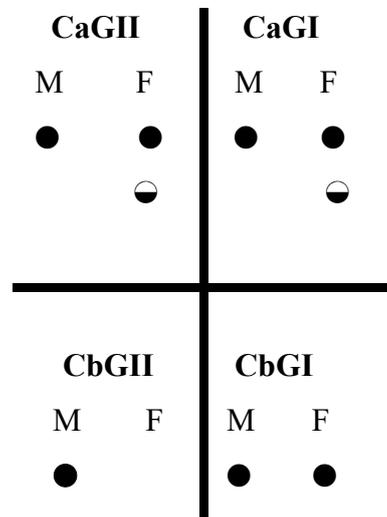
LEGENDA



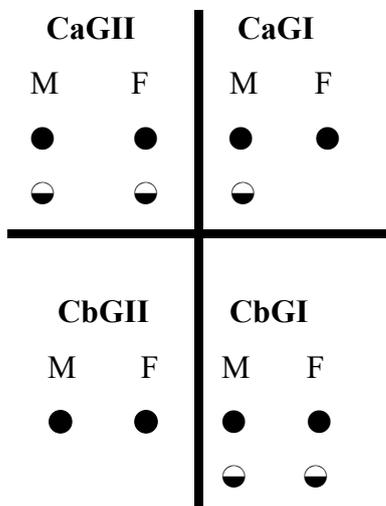
Ipuauçu Zona Urbana



Borrazópolis Zona Rural



Ipuauçu Zona Rural



Borrazópolis Zona Rural

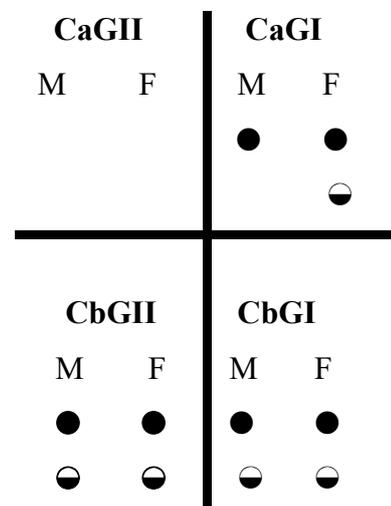
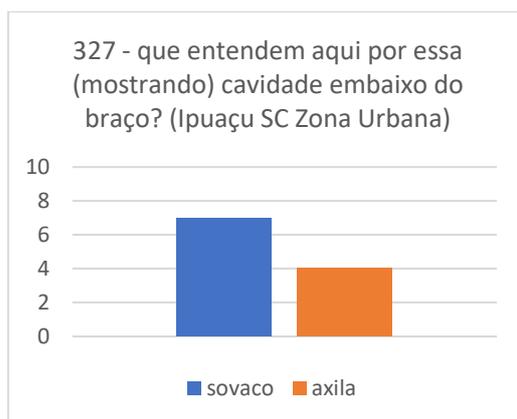
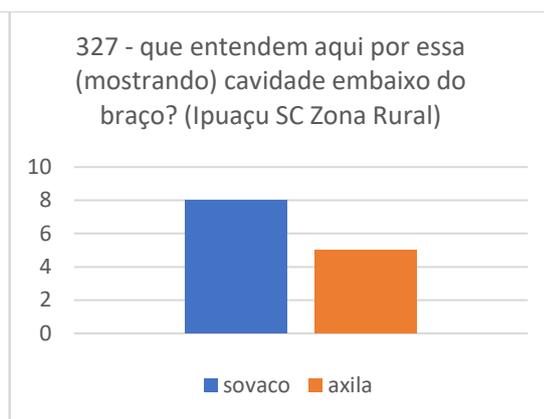
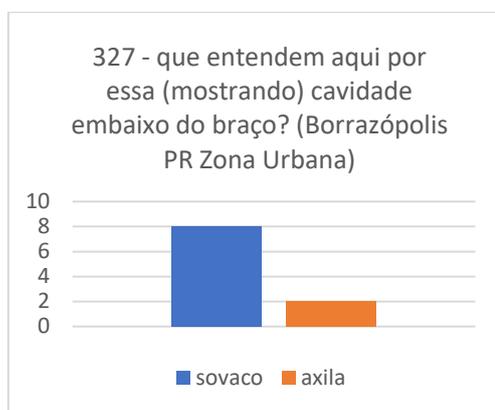
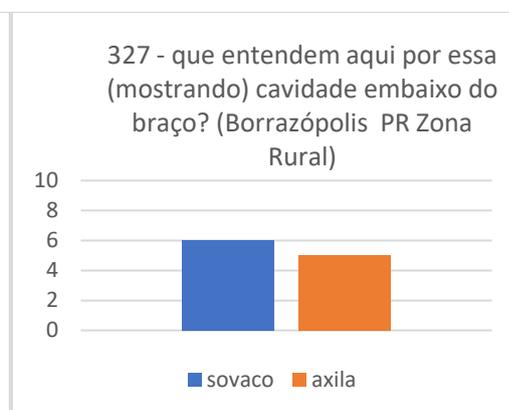


Gráfico 161**Gráfico 162**

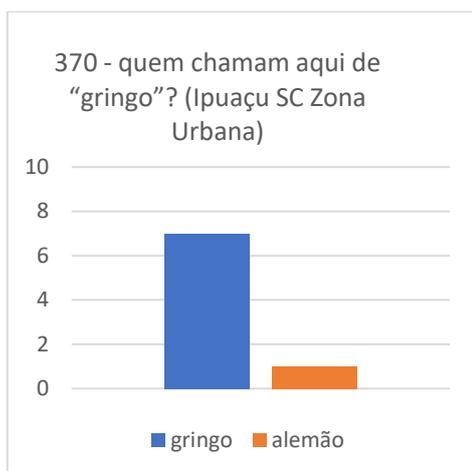
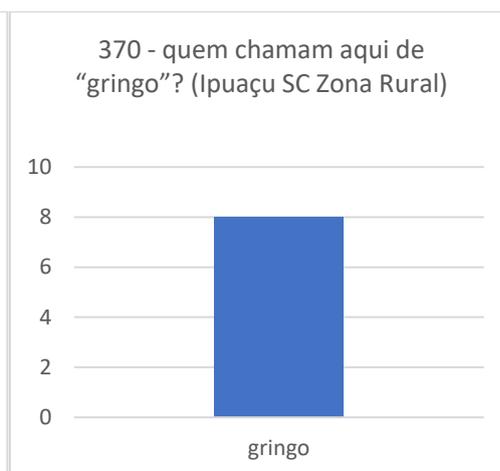
Schenatto (2023)

Gráfico 163**Gráfico 164**

Schenatto (2023)

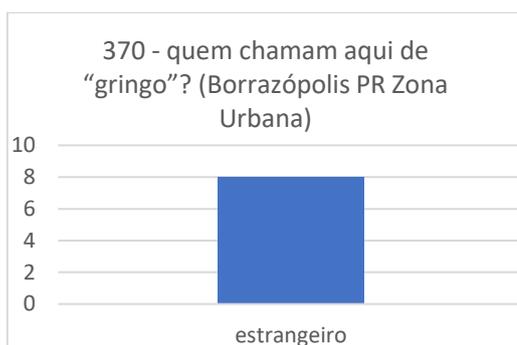
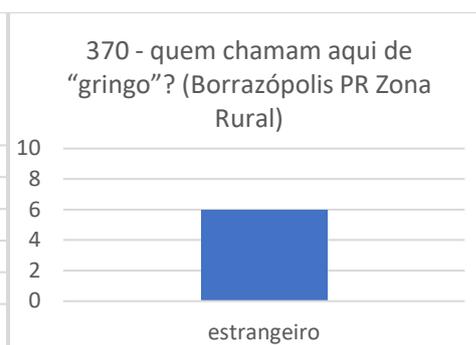
A pergunta 370 (quem chamam aqui de “gringo”?)

Essa pergunta nos chamou muita nossa atenção, nós obtivemos duas variantes, mas a variante da cidade de Ipuauçu não foi a mesma que Borrazópolis. Na cidade catarinense a variante em destaque para “gringo” foi descendentes de italianos sendo que quase todos os informantes responderam isso, apenas uma informante da zona urbana CbGI-F informou que para ela “gringo” é descendente de alemão, foi a única com resposta diferente.

Gráfico 165**Gráfico 166**

Schenatto (2023)

Já em Borrazópolis a resposta com mais predominância para a pergunta 370 foi “estrangeiro (a)”, sendo que todos os informantes responderam essa variante, todos da zona urbana e rural, dos sexos masculino e feminino, das classes Ca e Cb e das GI e GII. Isso significa que a colonização diz muito sobre as localidades pesquisadas, em Ipuaçu a maioria dos descendentes são italianos e é muito comum as pessoas se chamarem de gringo, já em Borrazópolis existem pouquíssimos descendentes de italianos na cidade, como há mais mineiros, paulistas e japoneses como citamos ao longo deste trabalho, então para eles a pessoa que é “gringo” é aquele que vem de outro país sendo o “estrangeiro”.

Gráfico 167**Gráfico 168**

Schenatto (2023)

A **pergunta 383** (que entendem aqui por uma pessoa que parece estar sempre irritada?)

Nessa pergunta obtivemos muitas variantes, o que é interessante notar que cada pessoa respondeu uma coisa, em Ipuaçu a variante com mais registros foi “reimento (a)”

com quatorze registros, oito na zona urbana, e seis na zona rural. Não obtivemos nenhum registro na cidade de Borrazópolis. A variante “nervoso (a)” foi registrada em ambas as localidades pesquisadas, no município de Ipuauçu houve registro somente na zona urbana com seis ocorrências. Em Borrazópolis com seis registros, três na zona urbana, e três na zona rural. A variante “bravo (a)” foi registrada cinco vezes na cidade catarinense, três na zona urbana, dois na zona rural, em Borrazópolis com apenas dois registros da zona urbana.

A variante “estressado (a)” apareceu cinco vezes em Ipuauçu, dois na zona urbana, e três na zona rural, em Borrazópolis houve dois registros na zona urbana. A variante “ranzinza” foi registrada uma vez em Ipuauçu por um informante da zona rural e também um registro em Borrazópolis por um informante da zona urbana.

No município de Ipuauçu obtivemos algumas variantes que não foram registradas na cidade paranaense, a variante “azedo” com um registro na zona urbana por uma informante, “pavil curto” com uma ocorrência na zona urbana por um informante, “cu azedo e vidado” com apenas um registros por um informante da zona urbana, a variante “ansiosa” com uma ocorrência por uma informante da zona rural, “rancorosa” apenas um registro por uma informante da zona rural e ainda a variante “murinha” com apenas uma ocorrência por um informante da zona rural.

Gráfico 169

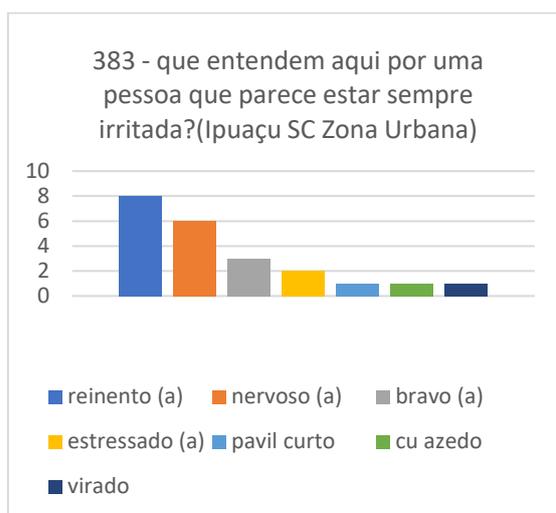
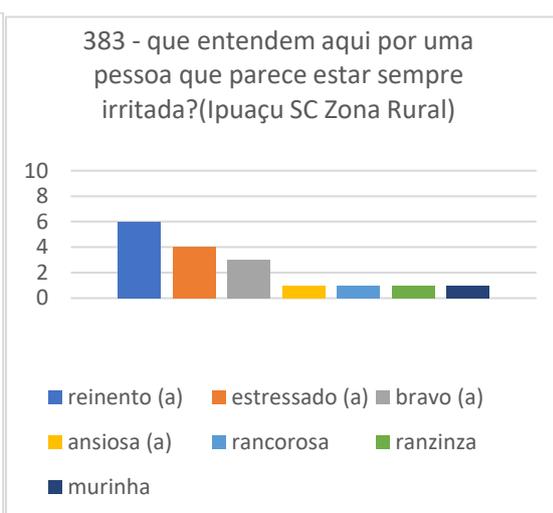


Gráfico 170



Em Borrazópolis também houve o registro de algumas variantes que não foram registradas em Ipuacu. A variante “chaleira quente e rédia curta” com um registro por uma informante da zona urbana, “pá virada” com uma ocorrência por uma informante da zona urbana, “burrão e chato” com um registro por um informante da zona rural, a variante “revoltado” com uma ocorrência por uma informante da zona rural, “de mal com a vida” com apenas uma ocorrência por uma informante da zona urbana, e pôr fim a variante “vagabunda” com dois registros da zona rural.

Gráfico 171

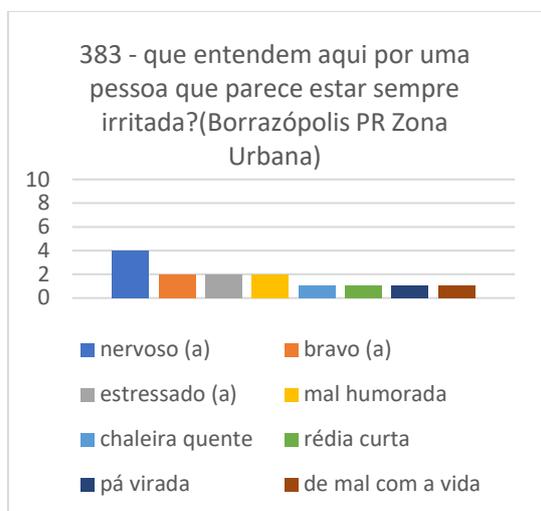
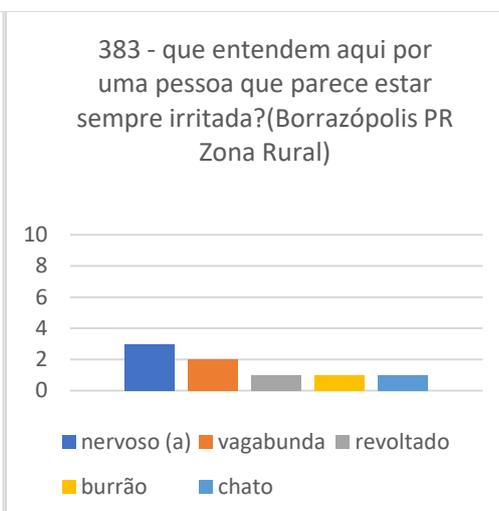


Gráfico 172



Schenatto (2023)

A **pergunta 391** (que entendem aqui por uma pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?)

Na pergunta 391 obtivemos um número significativo de variantes, mas em ambos os pontos pesquisados a variante com mais registros foi “burro” em Ipuacu quinze registros, oito na zona urbana e sete na zona rural, no município de Borrazópolis obtivemos dez registros, quatro na zona urbana e seis na zona rural. Ainda nas duas cidades registramos a variante “retardado” com uma ocorrência em Ipuacu por um informante da zona urbana e em Borrazópolis por uma informante da zona urbana, a palavra “lesado” houve um registro em Ipuacu por um informante da zona urbana e em Borrazópolis por uma informante da zona urbana.

Em Ipuacu registramos a variante “atrasado” com quatro ocorrências, três na zona urbana do município, e uma na zona rural. A variante “fraco da memória” com um registro por um informante da zona urbana, “desprovido de inteligência” com um registro por uma

informante da zona urbana, a variante “lerdo” com uma ocorrência por um informante da zona urbana, “lento” com um registro na zona rural por um informante, e pôr fim a variante “desinteressado” com duas ocorrências na zona rural. Em Borrazópolis não houve nenhum registro das variantes citadas acima.

Gráfico 173

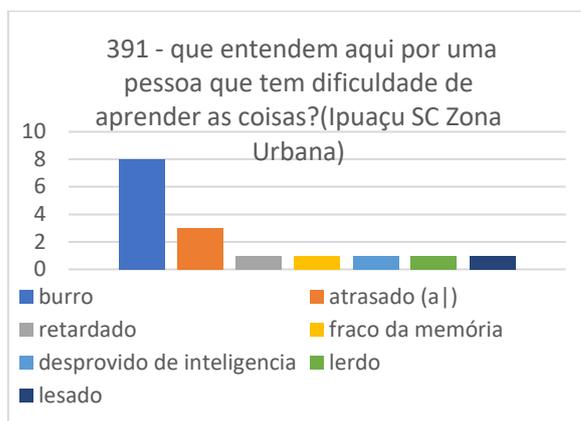
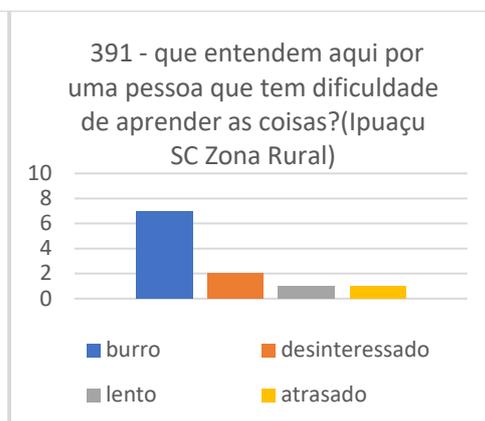


Gráfico 174



Schenatto (2023)

Já em Borrazópolis também obtivemos algumas variantes, “lesa” com um registro por uma informante da zona urbana, a variante “ignorante” com uma ocorrência por uma informante da zona urbana, e pôr fim a variante “tongo/ ruim da cabeça” por dois informantes ambos da zona urbana as variantes citadas acima não houveram nenhum registro na cidade catarinense.

Gráfico 175

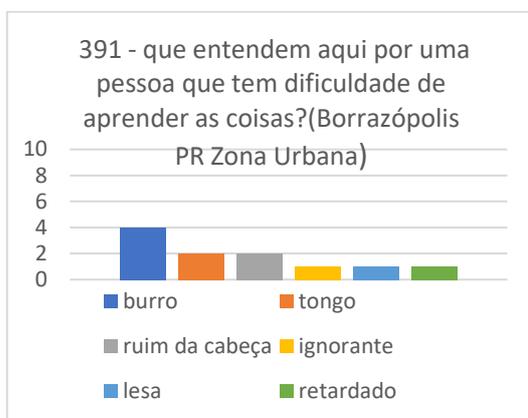
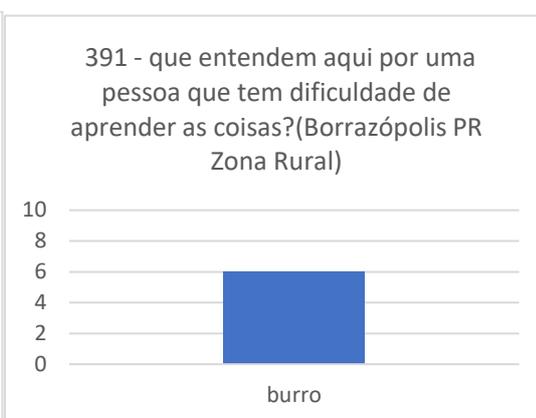


Gráfico 176



Schenatto (2023)

A **pergunta 393** (que entendem aqui por uma pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa fome para não gastar?)

Esta pergunta obtivemos duas variantes com maior predominância, no município de Ipuacu foi a variante “pão duro” obteve quinze registros, oito deles na zona urbana, e sete na zona rural. E em Borrazópolis com nove registros, seis na zona urbana, e apenas três na zona rural.

A variante “mão-de-vaca” também obtivemos um número significativo de registros, em Ipuacu com quinze ocorrências, sete na zona urbana, oito na zona rural. Em Borrazópolis, com doze registros da variante “mão-de-vaca” com sete ocorrências na zona urbana, e cinco na zona rural.

Quadro 22. 393. que entendem aqui por uma pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa fome para não gastar?

LEGENDA

● Pão duro	◐ Mão-de-vaca
------------	---------------

Ipuacu Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
	◐	◐	◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐	◐	◐	◐

Ipuacu Zona Rural

Borrazópolis Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●		●
◐	◐	◐	◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●		●	●
◐		◐	◐

Borrazópolis Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●		●
◐	◐	◐	◐

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
			●
		◐	

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐	◐	◐	◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●		
◐	◐	◐	◐

Como podemos observar nos gráficos 179, 180, 181, e 182, obtivemos o registro de outras variantes, entre elas, “mão fechada” com dois registros na zona urbana, a variante “cainha” com apenas um registro na zona urbana por uma informante, a variante “unha de fome” também com uma ocorrência na zona urbana por um informante, as variações citadas acima foram registradas somente na cidade de Ipuauçu e não houve nenhuma ocorrência em Borrazópolis.

A variante “econômico” teve um registro em Ipuauçu por um informante da zona urbana e em Borrazópolis por um informante da zona rural. A variante “miserave” obteve um registro na cidade catarinense por uma informante da zona rural, e na cidade paranaense por dois informantes também da zona rural.

Gráfico 177

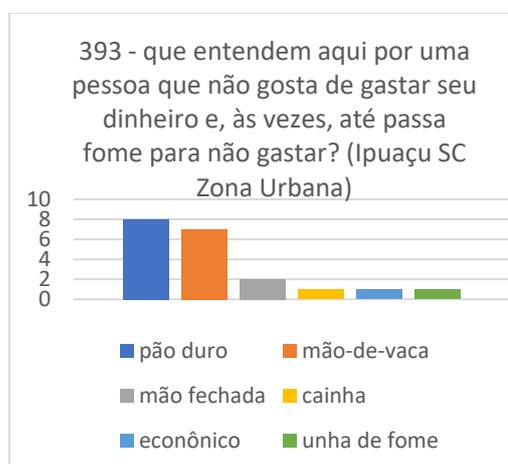
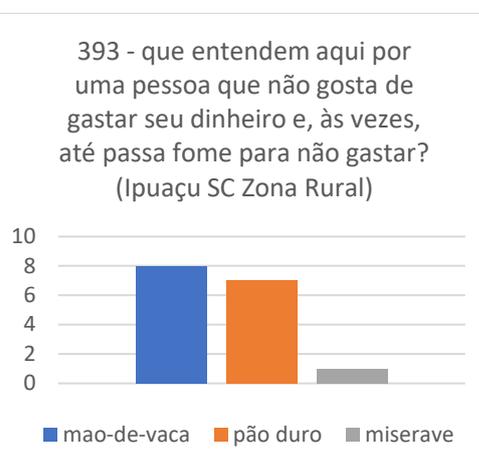
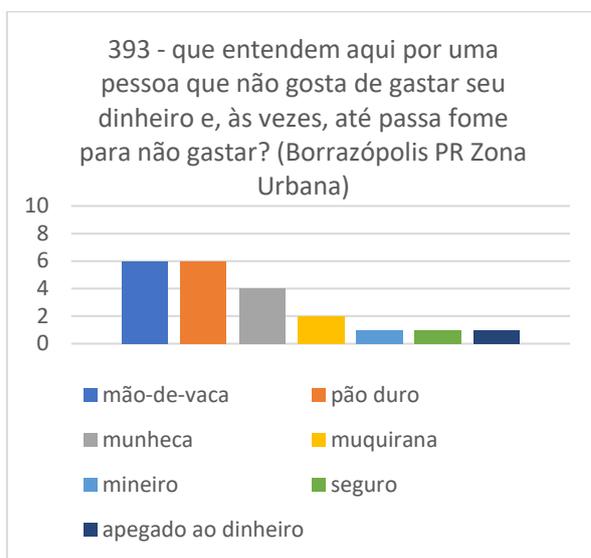
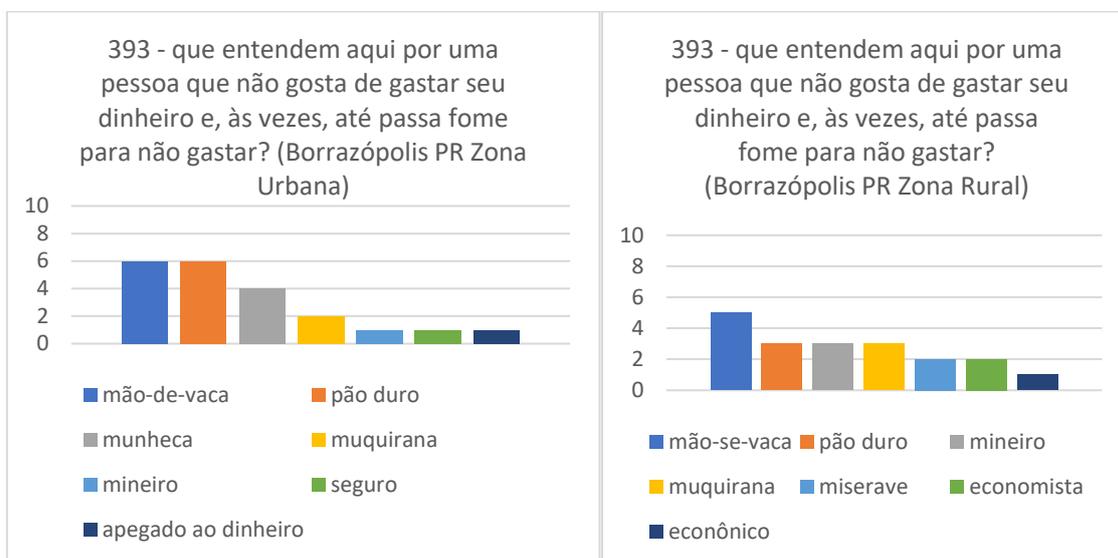


Gráfico 178



Schenatto (2023)

Gráfico 179**Gráfico 180**

Schenatto (2023)

Em Borrazópolis obtivemos ainda o registro de cinco variantes: o item lexical “munheca” obteve quatro registros todos eles na zona urbana. A variante “seguro” com quatro registros, um na zona urbana, e três na zona rural. “Muquirana” outra variante com cinco registros, dois da zona urbana, três da zona rural. A variante “apegado ao dinheiro” foi registrada somente uma vez por uma informante da zona urbana e, pôr fim a variante “seguro” com uma ocorrência por uma informante da zona urbana. Em Ipuacu não houve nenhum registro das variantes citadas acima. Relembramos que algumas vezes os informantes se repetem devido que os mesmos poderiam responder mais de uma vez as perguntas feitas.

A pergunta 408 (como você chama as designações para dinheiro?)

Nesta pergunta obtivemos dezessete variações, em Ipuacu a variante “pila”, com mais ocorrências, doze registros, seis na zona urbana, e seis na zona rural, em Borrazópolis obtivemos seis registros deste item lexical, dois na zona urbana por uma informante e um, e quatro na zona rural. A variante “dim-dim” obteve três registros na cidade catarinense, dois na zona urbana e apenas um registro na zona rural. Em Borrazópolis obtivemos oito registros, quatro na zona urbana, e quatro na zona rural. A variante “dinheiro” teve cinco registros em Ipuacu, apenas uma ocorrência na zona urbana

e quatro na zona rural, em Borrazópolis com seis registros, quatro na zona urbana e dois na zona rural.

Quadro 23. 408. como você chama as designações para dinheiro?)

LEGENDA

● Pila	◐ Dinheiro	◑ Dim-dim
--------	------------	-----------

Ipuaçu Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
		●	●
	◐		
◑			◑

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●

Borrazópolis Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●			●
			◐
			◑

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
◐	◐	◐	
◑		◑	◑

Ipuaçu Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●		●	●
◐		◐	
	◑		

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
	●	●	●
	◑	◐	◐

Borrazópolis Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
		●	●
		◐	
		◑	◑

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●		
		◐	◐
◑	◑		

A variante “nicre” obtivemos oito registros em Ipuauçu, quatro na zona urbana, e quatro na zona rural. Em Borrazópolis apenas um registro na zona rural por um informante. A variante “grana” foi registrada cinco vezes em Ipuauçu, três na zona urbana, dois na zona rural, em Borrazópolis apenas um registro por uma informante da zona urbana.

Em Ipuauçu ainda registramos as variantes, “maney e cascata” com uma ocorrência na zona urbana por um informante, “nicolau” um registro na zona rural por uma informante, “sordi” com três ocorrências na zona urbana e uma na zona rural. As variantes citadas acima não houveram nenhum registro na cidade de Borrazópolis. A variante “cascalho” com dois registros um na zona urbana de Ipuauçu, e uma na zona rural, em Borrazópolis houve apenas um registro com um informante da zona urbana. “Real” com um registro em Ipuauçu na zona rural por uma informante e em Borrazópolis também com apenas um registro por uma informante da zona urbana.

Gráfico 181

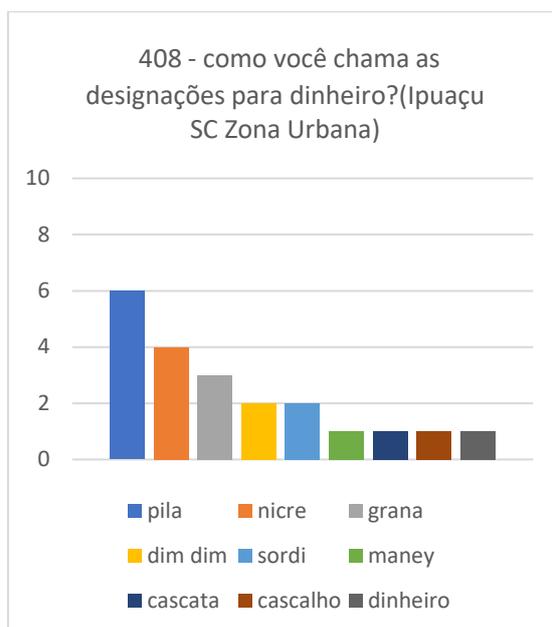
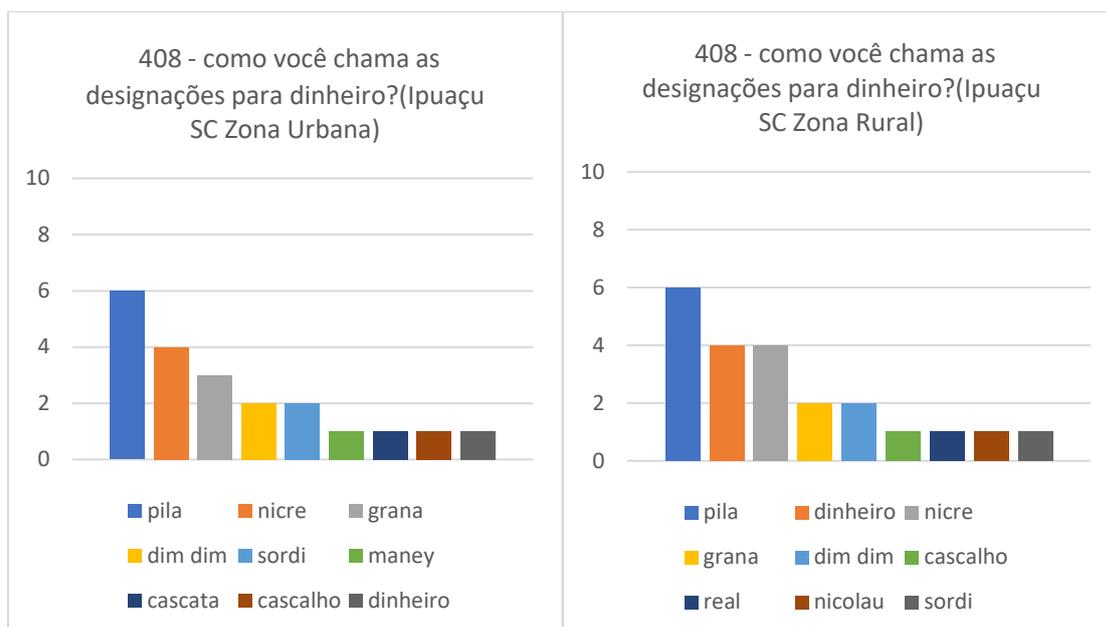
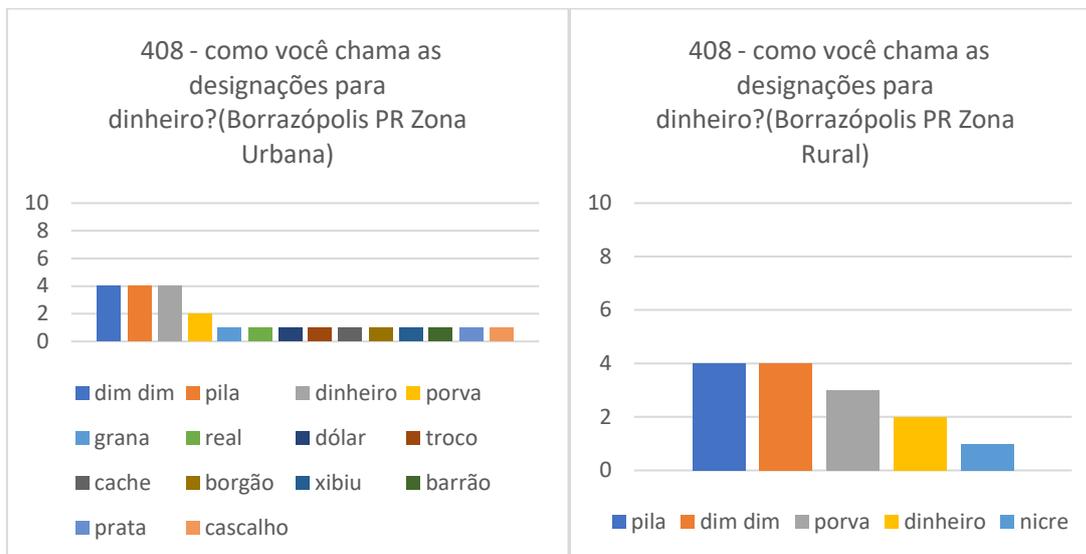
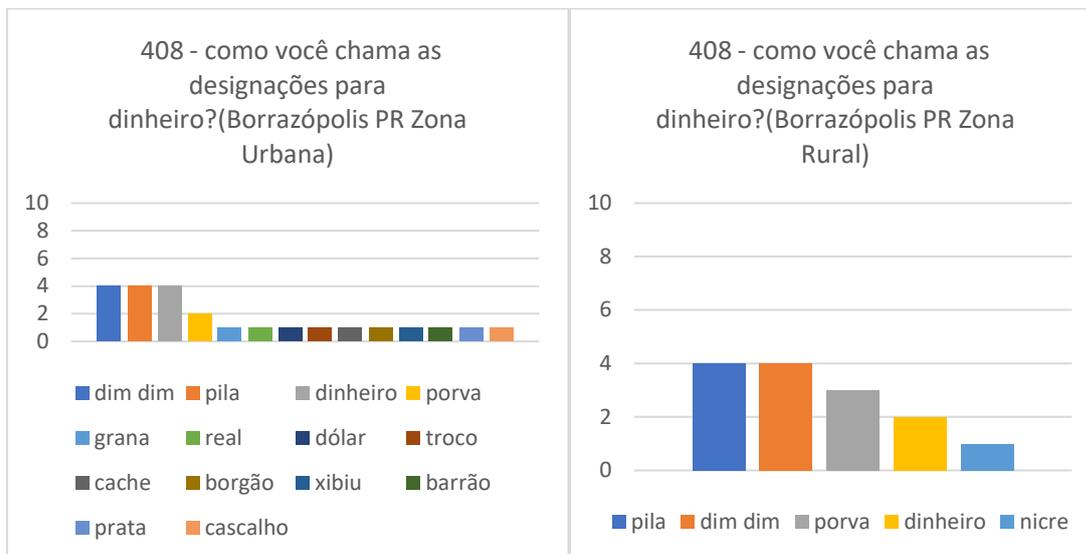


Gráfico 182



Schenatto (2023)

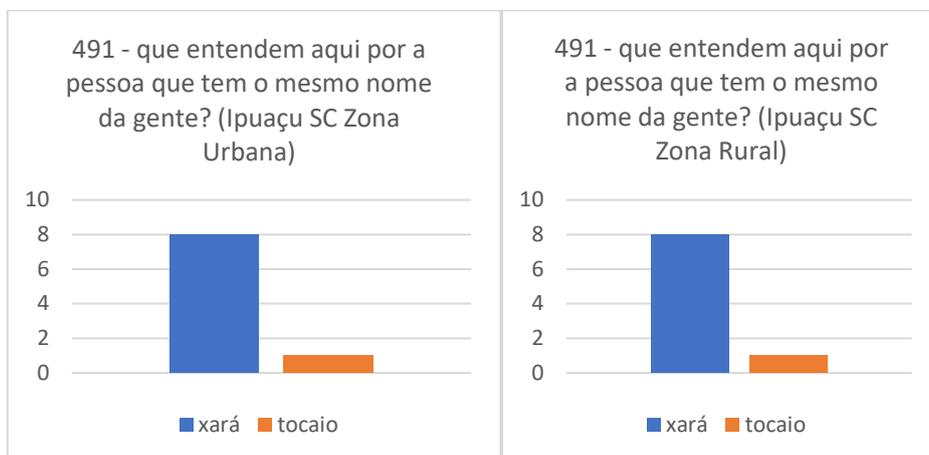
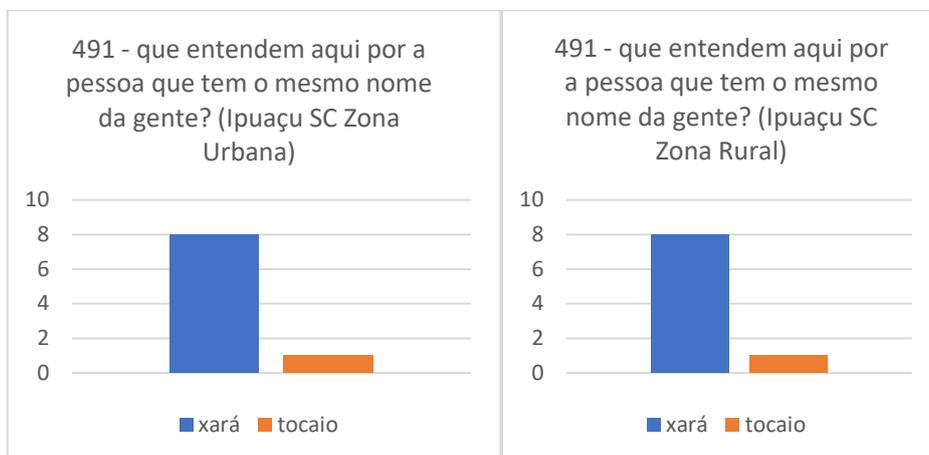
Ainda em Borrazópolis houve o registro da variante “dólar e troco” por uma informante da zona urbana, “cache e borgão” foi registrado uma vez por uma informante da zona urbana, e pôr fim a variante “xibiu” também com apenas uma ocorrência na zona urbana por uma informante, “barrão e prata” por um informante da zona urbana. As variações citadas acima não foram registradas em Ipuauçu.

Gráfico 183**Gráfico 184**

Schenatto (2023)

A **pergunta 491** (que entendem aqui por a pessoa que tem o mesmo nome da gente?)

Em ambas as cidades pesquisadas a variante predominante foi “xará” em Ipuacu obtivemos os dezesseis registros, todos os informantes entrevistados responderam este item lexical, sendo assim, todos da zona urbana e da zona rural, das classes Ca e Cb, das gerações GI e GII e de ambos os sexos M e F, a mesma coisa ocorreu em Borrazópolis com os quatorze informantes entrevistados. Apenas em Ipuacu obtivemos o registro da variante “tocaio” com duas ocorrências, um na zona urbana, e um na zonal.

Gráfico 185**Gráfico 186**

Schenatto (2023)

Gráfico 187

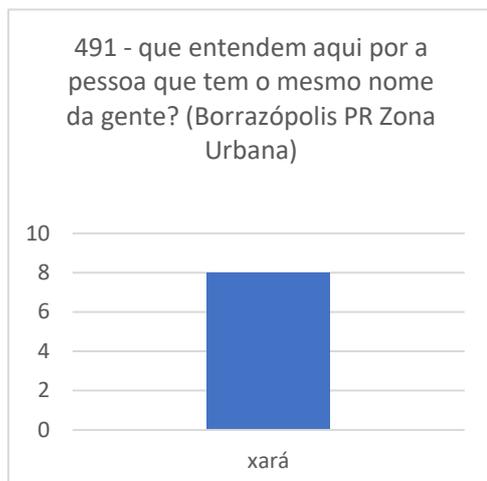
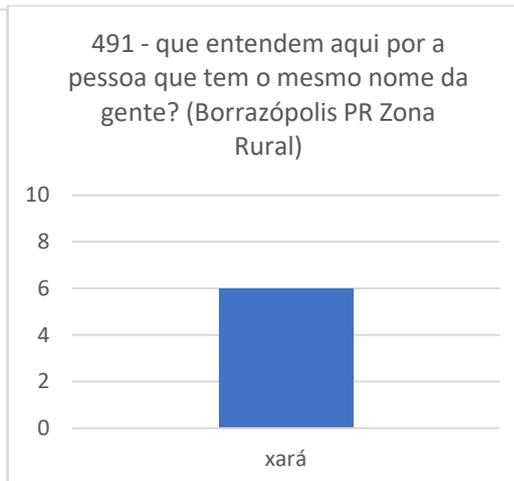


Gráfico 188



Schenatto (2023)

A **pergunta 511** (que entendem aqui por uma mulher que cura através de rezas e simpatias? E se for homem?)

No município de Ipuação a variante “benzedeira” para designar uma mulher que cura através de rezas e simpatias, teve maior predominância com dezesseis registros, ou seja, todos os informantes da zona urbana e da zona rural, das classes Ca e Cb, das gerações GI e GII, e dos sexos masculino e feminino responderam este léxico. Em Borrazópolis a variante “benzedeira” teve treze registros, sete na zona urbana, e seis na zona rural.

A segunda variante para designar a mulher que cura através de rezas e simpatias foi “curandeira”, em Ipuação obtivemos cinco registros todos da zona urbana. Em Borrazópolis também houve cinco registros, três da zona urbana e dois na zona rural. Obtivemos ainda outras variações, como “rezedeira”, somente registrado na cidade catarinense com duas ocorrências, uma na zona urbana e uma na zona rural. As variantes “benzera/mãe diná” foi registrada na cidade de Borrazópolis por uma informante da zona urbana.

Quadro 24. 511. Que entendem aqui por uma mulher que cura através de rezas e simpatias?

LEGENDA

● Benzedeira	● Curandeira
--------------	--------------

Ipuauçu Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
		◐	◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
◐	◐	◐	

Borrazópolis Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
	◐		◐

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	
			◐

Ipuauçu Zona Rural

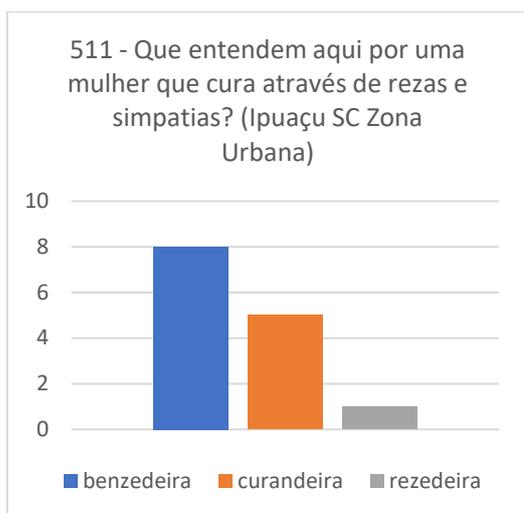
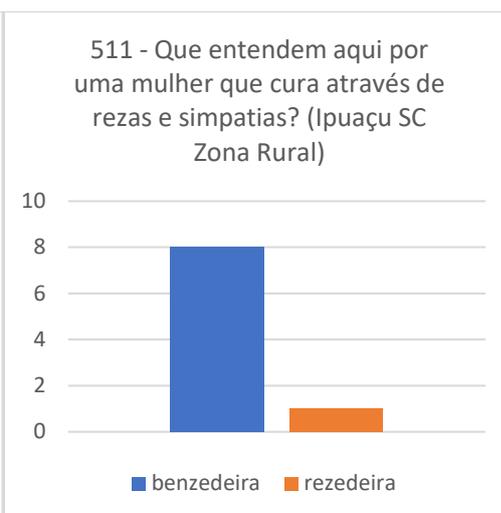
CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	●

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●

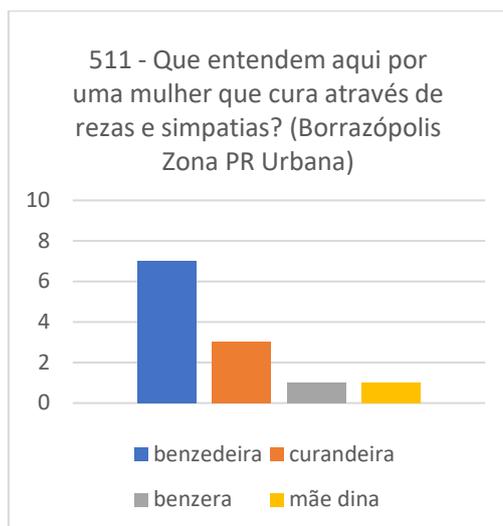
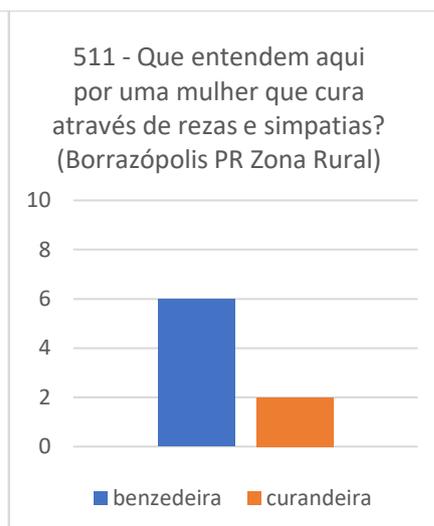
Borrazópolis Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
		●	●

CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	●
		◐	◐

Gráfico 189**Gráfico 190**

Schenatto (2023)

Gráfico 191**Gráfico 192**

Schenatto (2023)

As designações para homem, a variante com mais registros em Ipuauçu foi “curandor” com onze ocorrências, sete na zona e quatro na zona rural. Em Borrazópolis o léxico “curandor” obteve cinco registros, dois na zona urbana, três na zona rural. A variante “benzedor” foi registrada seis vezes em Ipuauçu, quatro na zona urbana, dois na zona rural. Em Borrazópolis com sete registros três na zona urbana e quatro na zona rural. Ainda houve o registro da variante “benzeideiro” com uma ocorrência na zona urbana de Ipuauçu por um informante, e em Borrazópolis com quatro registros todos da zona urbana.

Em Ipuauçu obtivemos inclusive mais duas variantes, “macumbeiro” foi registrado duas vezes por informantes da zona rural, isso porque se acredita que quem benze são mulheres, muito raramente encontra-se uma figura masculina para benzer, e algumas

peessoas acreditam que essa figura masculina em vez de fazer para o bem faz para o mal. A variante “rezedeiro” foi registrada somente uma vez por um informante da zona rural. Em Borrazópolis não houve nenhum registro das variantes citadas acima.

Em Borrazópolis também obtivemos a variante “curandeiro” com quatro registros, dois na zona urbana, e dois na zona rural. Esta variante não houve nenhum registro em Ipuacu.

Quadro 25. 511. Que entendem aqui por uma mulher que cura através de rezas e simpatias? E se for homem?

LEGENDA

● Benzedeira ◐ Curandeira

Ipuacu Zona Urbana

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
◐	◐	◐	●
<hr/>			
CbGII		CbGI	
M	F	M	F
●	●	●	◐
◐	◐		

Ipuacu Zona Rural

Borrazópolis Zona Rural

CaGII		CaGI	
M	F	M	F
●	●	●	
<hr/>			
CbGII		CbGI	
M	F	M	F

Borrazópolis Zona Rural

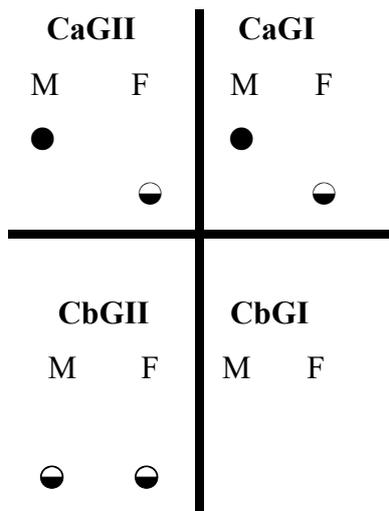


Gráfico 193

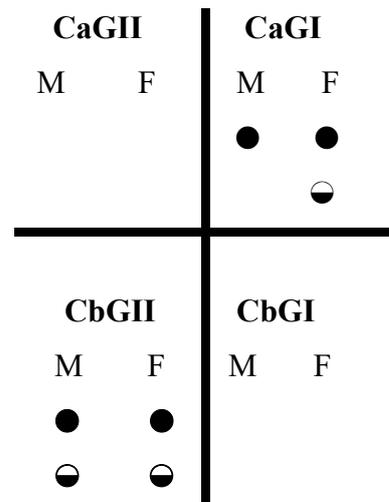


Gráfico 194

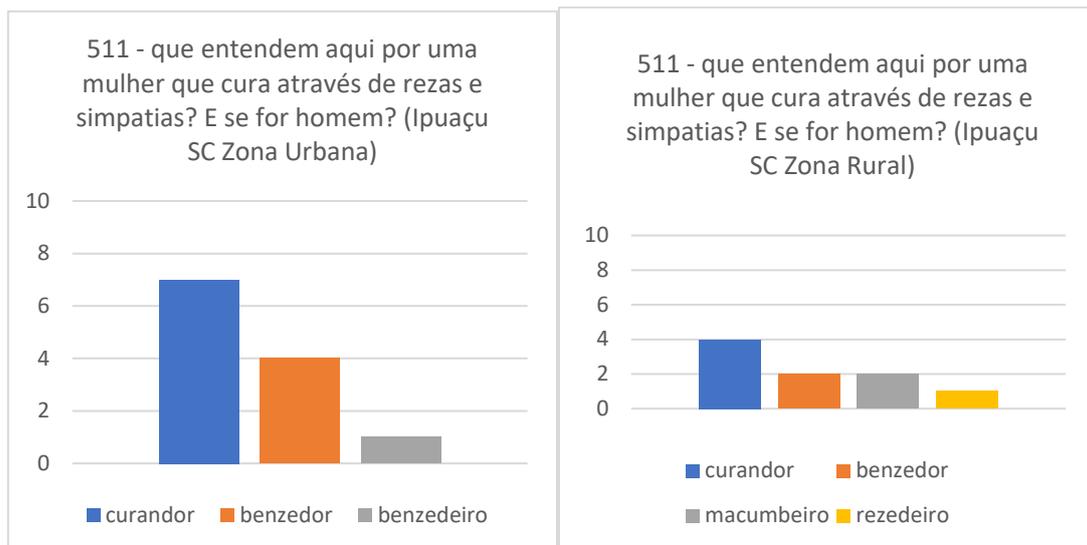
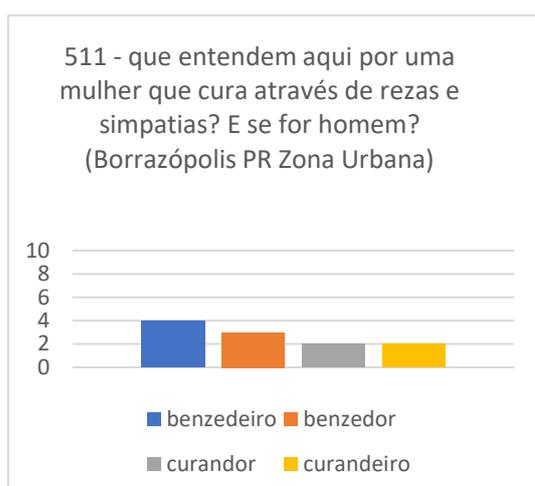
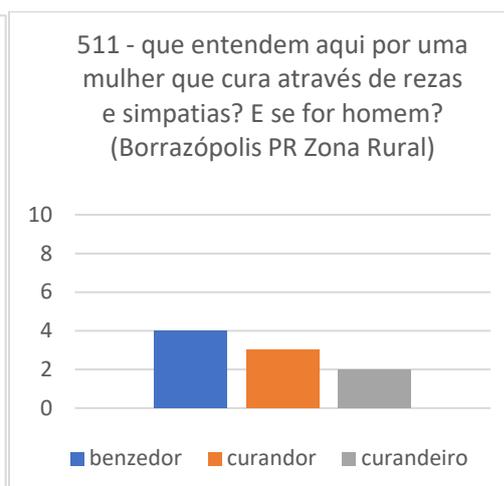


Gráfico 195**Gráfico 196**

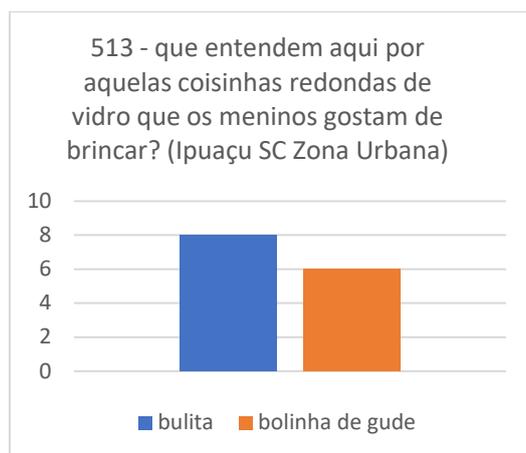
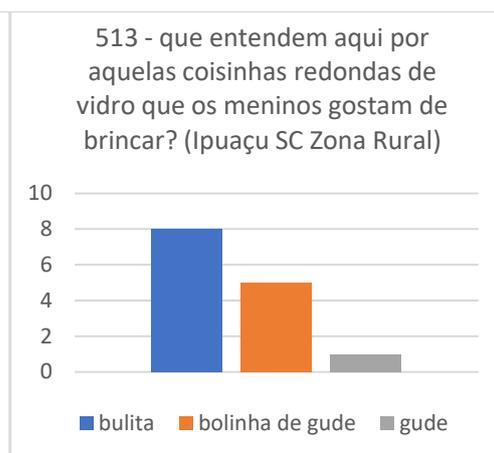
Schenatto (2023)

A **pergunta 513** (que entendem aqui por aquelas coisinhas redondas de vidro que os meninos gostam de brincar?)

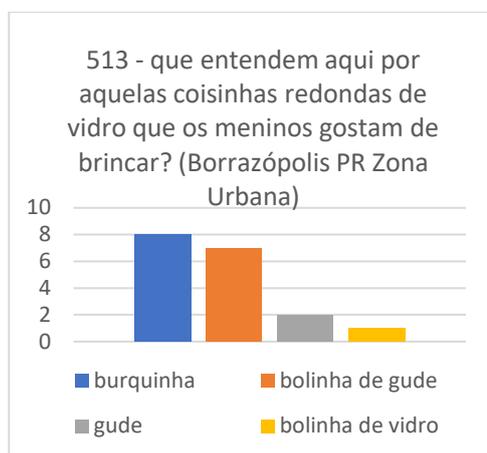
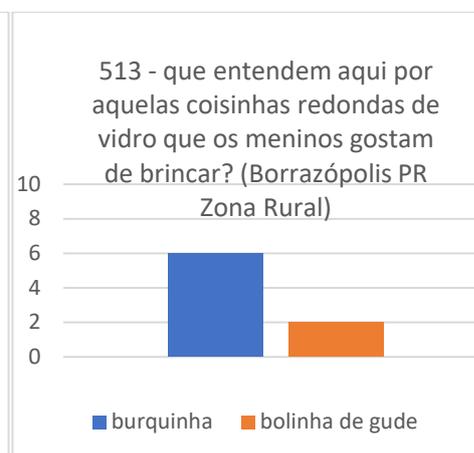
A variante “bulita” teve predominância no município catarinense com os dezesseis registros, todos os informantes da zona urbana e zona rural, das classes Ca e Cb, das gerações GI e GII, e dos sexos masculino e feminino, já em Borrazópolis não obtivemos nenhum registro desta variante.

A mesma coisa aconteceu com a variante “burquinha” registrada somente na cidade paranaense, em que todos os quatorze informantes entrevistados responderam esse léxico, todos da zona urbana e zona rural, das classes Ca e Cb, das gerações GI e GII e dos sexos masculino e feminino.

Ainda em ambas as cidades pesquisadas, obtivemos a variante “bolinha de gude” em quase todos os casos os informantes responderam na insistência feita pela pesquisadora. Em Ipuauçu tivemos dez ocorrências, seis na zona urbana, na zona rural com quatro registros. No município de Borrazópolis a variante “bolinha de gude” foi registrada nove vezes, sete na zona urbana. E a variante “gude” em que foi registrada uma vez em Ipuauçu por um informante da zona urbana e em Borrazópolis com duas ocorrências na zona rural. Ainda obtivemos a variante “bolinha de vidro” por um informante da zona urbana de Borrazópolis.

Gráfico 197**Gráfico 198**

Schenatto (2023)

Gráfico 199**Gráfico 200**

Schenatto (2023)

A **pergunta 514** (que entendem aqui por um brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha?)

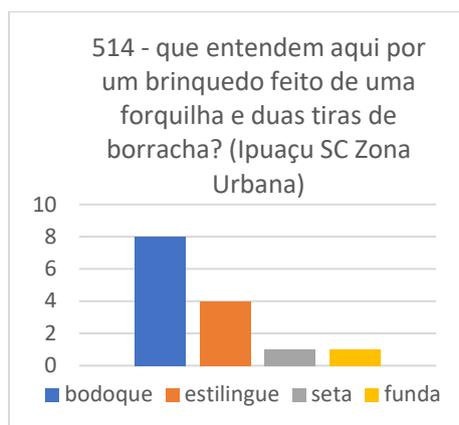
Em Ipuauçu a variante com predominância foi “bodoque” com dezesseis registros, isto é, que todos os informantes entrevistados responderam está variante, todos da zona urbana e da zona rural, das classes Ca e Cb, das gerações GI e GII e dos sexos masculino e feminino. Na cidade paranaense obtivemos apenas um registro da variante “bodoque” por uma informante da zona urbana CaGII-F.

Em Borrazópolis a variante com mais registros foi “estilingue” com quatorze ocorrências, sendo que todos os informantes entrevistados responderam “estilingue”, todos da zona urbana e da zona rural, das classes Ca e Cb, das gerações GI e GII e dos sexos masculino e feminino. Esta variante também foi registrada na cidade de Ipuauçu com

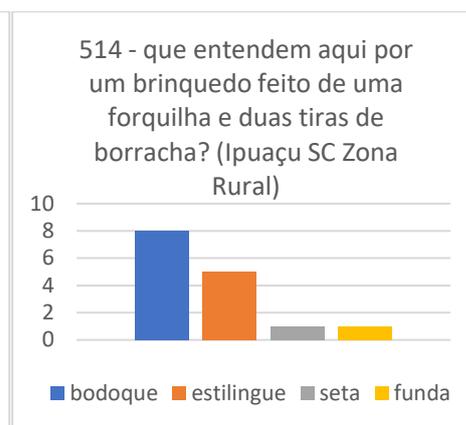
nove ocorrências, quatro na zona urbana, os informantes explicaram que por terem uma neta criança eles á ouviram falar, por isso ambos responderam “estilingue”. E cinco registros na zona rural, como podemos perceber a maioria dos informantes da zona rural que responderam estilingue foram de GI, a informante feminina da GII é professora por isso ela escuta de seus alunos a palavra “estilingue” com mais frequência, o que se percebe é que os mais jovens se apropriaram mais desta variante, os informantes da GII que responderam este léxico são da Ca.

Ainda obtivemos o registro de outras variantes como “seta” com duas ocorrências no município de Ipuauçu uma na zona urbana CbGII-M e uma na zona rural, além disso registramos também a variante “funda” por um informante da zona urbana e uma da zona rural. Em Borrazópolis não houve o registro de nenhuma destas variantes citadas acima. Mas na cidade paranaense registramos a variação “setra” com duas ocorrências na zona urbana.

Gráfico 201



Gráfica 202



Schenatto (2023)

Gráfico 203

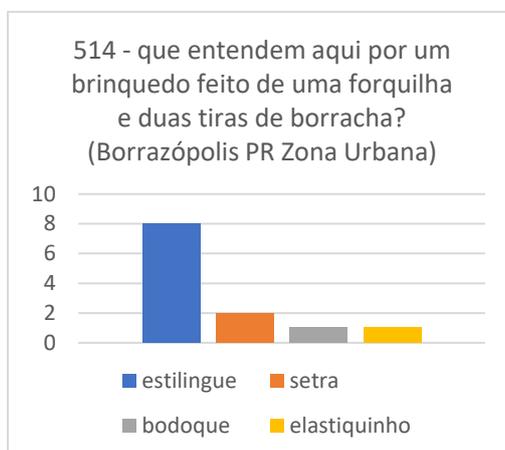
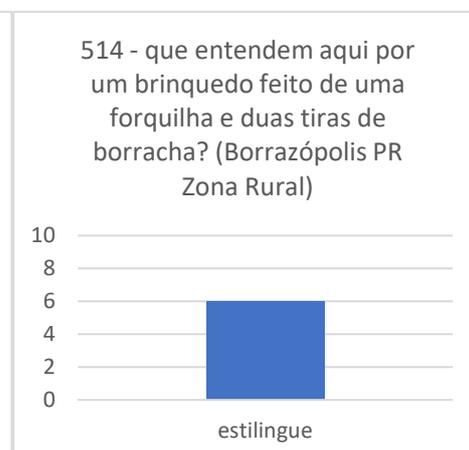


Gráfico 204



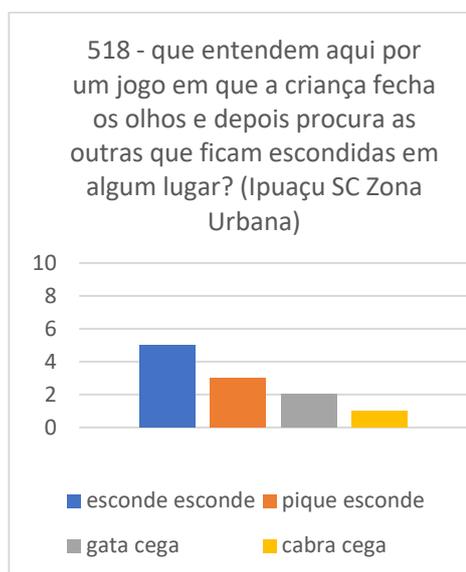
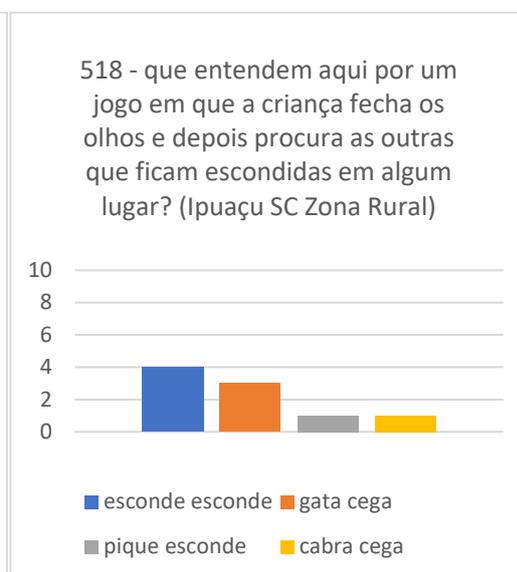
Schenatto (2023)

A **pergunta 518**¹¹ (que entendem aqui por um jogo em que a criança fecha os olhos e depois procura as outras que ficam escondidas em algum lugar?)

A variante “esconde esconde” foi registrada no município de Ipuauçu com nove ocorrências, cinco na zona urbana, e quatro na zona rural, na cidade de Borrazópolis obtivemos doze registros, seis na zona urbana e seis na zona rural. Ainda registramos outras variações, a variante “cabra cega” foi registrada duas vezes em Ipuauçu por uma informante da zona urbana, e um na zona rural, em Borrazópolis houve três registros todos na zona urbana.

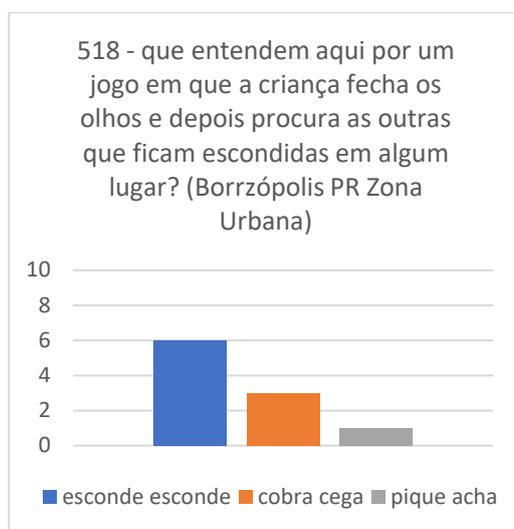
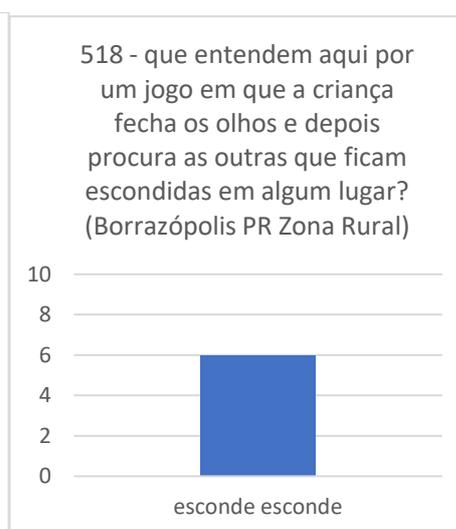
Em Ipuauçu registramos mais duas variações, “pique esconde” com quatro registros, três na zona urbana, um na zona rural. A variante “gata cega” com cinco registros, dois na zona urbana, e três na zona rural. Em Borrazópolis não houve nenhum registro das variantes citadas acima.

Na cidade paranaense registramos as variantes “cobra cega” por uma informante da zona urbana. E a variante “pique acha” por uma informante da zona urbana. Estas variantes citadas acima não obtivemos nenhuma ocorrência na cidade de Ipuauçu.

Gráfico 205**Gráfico 206**

Schenatto (2023)

¹¹ Não obtivemos registros da variante “esconde esconde” pelos informantes CbGI-F e CbGI-M, da zona rural do município de Ipuauçu, pois acabados perdendo o registro.

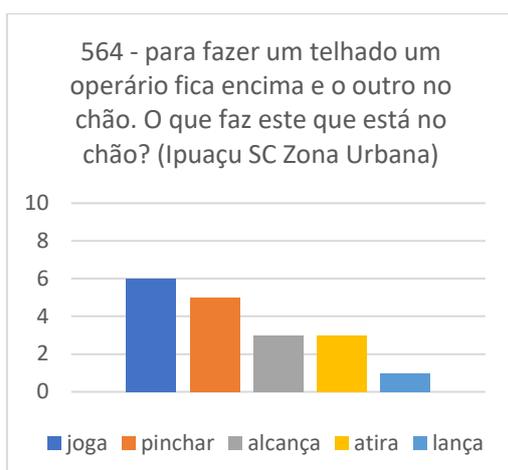
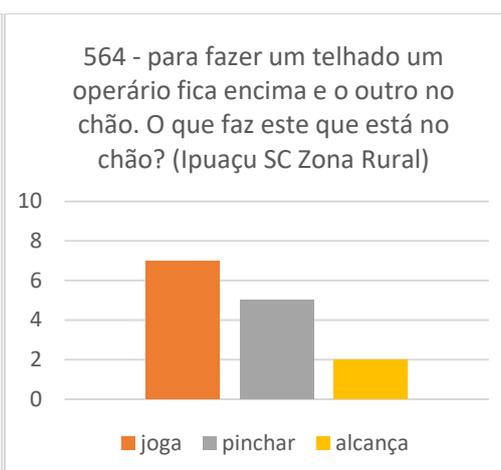
Gráfico 207**Gráfico 208**

Schenatto (2023)

A **pergunta 564** (para fazer um telhado um operário fica encima e o outro no chão. O que faz este que está no chão?)

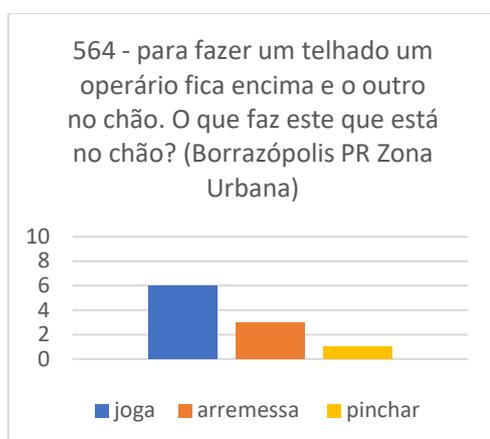
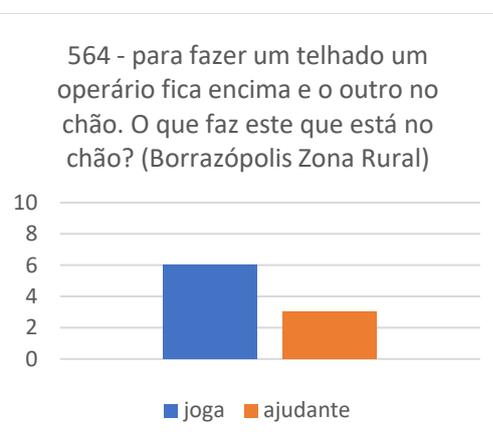
Essa pergunta foi bem difícil de fazer, tivemos que fazer alguns gestos e mesmo assim as pessoas quase não entendiam, então acabamos modificando a pergunta e fazendo-a assim: tem duas pessoas fazendo um telhado o que faz esse que está em baixo com a telha para o que está em cima? Após reformular a pergunta a variante com maior predominância foi “joga”, no município de Ipuauçu obtivemos treze registros, seis na zona urbana, e sete na zona rural. Em Borrazópolis a variante “joga” foi registrada doze vezes, seis na zona urbana, e seis na zona rural.

Em Ipuauçu obtivemos ainda o registro da variante “pinchar” com dez registros, cinco na zona urbana, e cinco na zona rural. Na cidade paranaense obtivemos somente uma ocorrência por uma informante da zona urbana. Ainda na cidade de Ipuauçu registramos a variante “atira” com três ocorrências todas da zona urbana. A variante “alcança” também foi registrada, com cinco ocorrência, três delas na zona urbana e duas na zona rural. A variante “lança” com apenas um registro, da zona urbana. As variantes “pinchar/alcança/lança”, não foram registradas na cidade de Borrazópolis.

Gráfico 209**Gráfico 210**

Schenatto (2023)

Mas no município paranaense foi registrada mais algumas variantes. O item lexical “arremessa” com três registros todos da zona urbana.

Gráfico 211**Gráfico 212**

Schenatto (2023)

A pergunta 574 (com que se acende o fogo?)

A maioria dos informantes das duas cidades responderam “fósforo”, em Ipuauçu todos os informantes entrevistados responderam o léxico “fósforo”, da zona urbana e da zona rural, das classes Ca e Cb, das gerações GI e GII, e dos sexos masculino e feminino. A mesma coisa ocorreu no município de Borrazópolis, mas lembrando que só entrevistamos quatorze dos dezesseis, devido que não achamos informantes da GII e Ca na zona rural. A variante “isqueiro” também foi registrada nas duas cidades, o que chama a atenção é que em ambas a variante “isqueiro” foi registrada em sua maioria na

insistência feita pela entrevistadora, então em Ipuauçu com onze ocorrências, cinco na zona urbana e seis na zona rural, alguns informantes relataram que não se usa muito a palavra “isqueiro” no dia-a-dia. E na cidade paranaense com treze ocorrências, sete na zona urbana, e seis na zona rural.

A variante “avil” obteve quinze registros somente em Ipuauçu, sendo oito na zona urbana, e sete na zona rural.

E a variante “binga” também foi registrada somente em Borrazópolis com dez ocorrências, quatro na zona urbana.

Gráfico 213

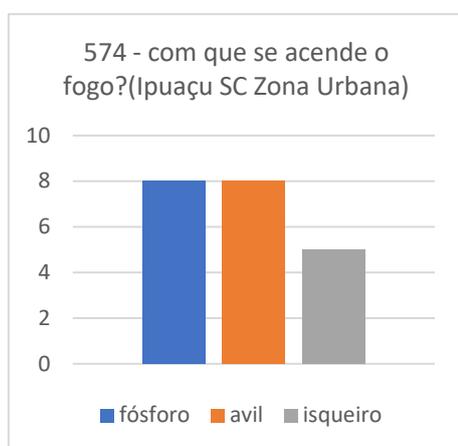
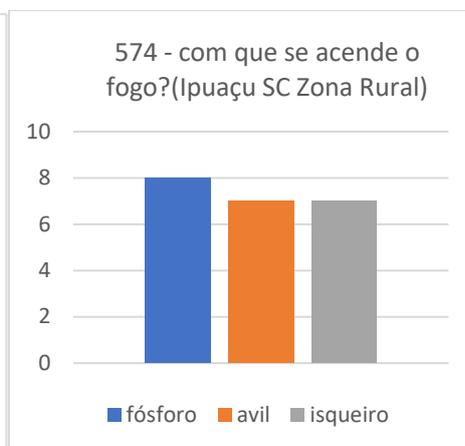


Gráfico 214



Schenatto (2023)

Gráfico 115

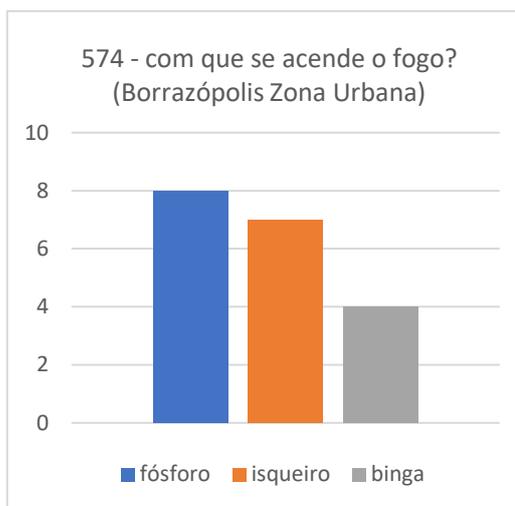
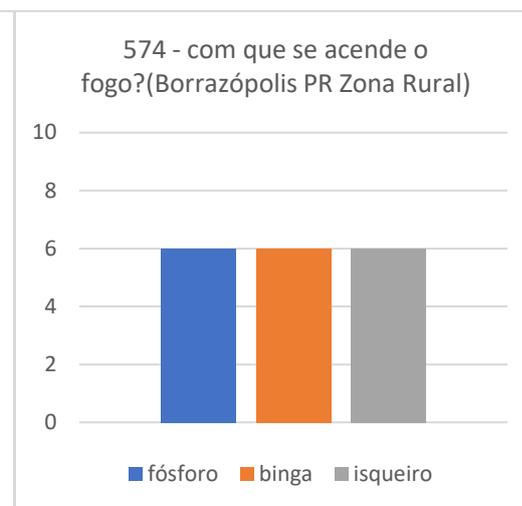


Gráfico 116



Schenatto (2023)

A **pergunta 592** (como se chama a carne de boi depois de passar na máquina?)

Obtivemos apenas uma resposta nas cidades pesquisadas, que foi “carne moída”, todos os informantes entrevistados das zonas urbanas e zonas rurais, das classes Ca e Cb, das gerações GI e GII, e de ambos os sexos masculino e feminino.

Gráfico 217

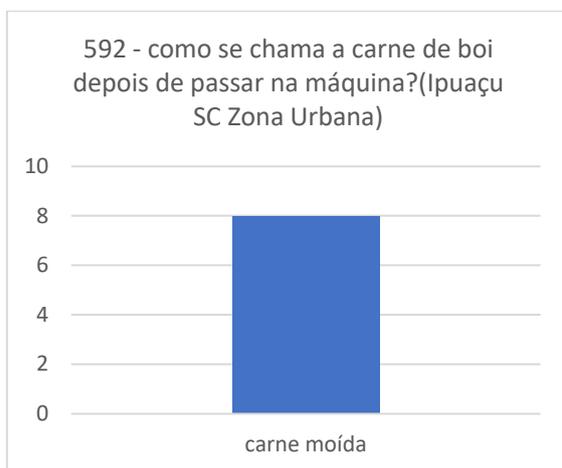
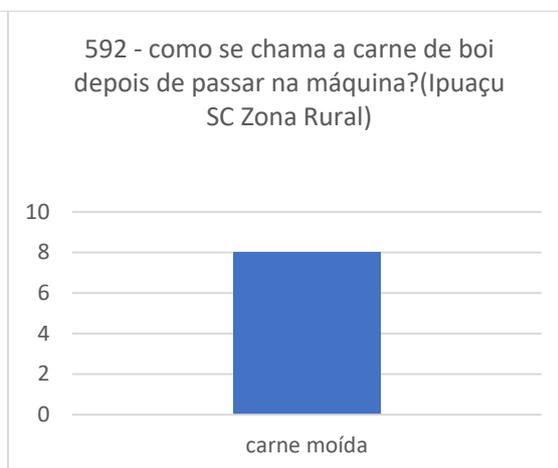


Gráfico 218



Schenatto (2023)

Gráfico 219

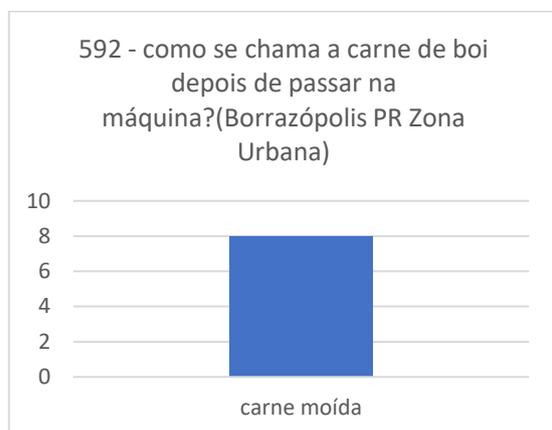
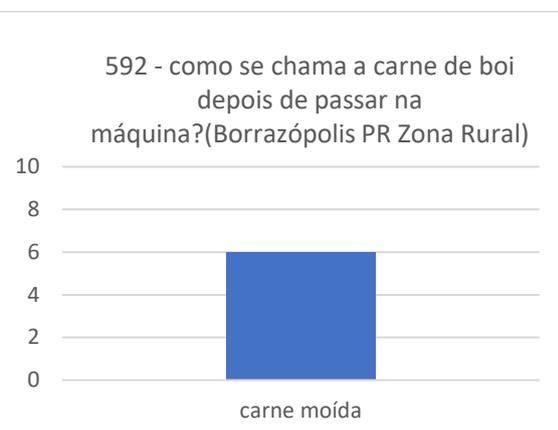


Gráfico 220



Schenatto (2023)

A **pergunta 599** (que entendem aqui por uma vasilha de barro de três a quatro litros, onde se guarda água para beber?)

A maioria dos informantes de Ipuaçu afirmaram que quase não se usa esse objeto par armazenar água, pois nos dias atuais usam-se filtros elétricos. Mas obtivemos algumas variantes, “filtro” com seis registros, cinco na zona urbana, e apenas um na zona rural.

Em Borrazópolis a variante “filtro” foi registrada cinco vezes, duas na zona urbana, e três na zona rural. A variante “barril” foi registrada uma vez na cidade de Ipuacu por um informante da zona urbana, e em Borrazópolis também com um registro de uma informante da zona urbana. A variante “pote” com apenas um registro na zona urbana do município de Ipuacu por um informante, e em Borrazópolis com três registros todos da zona urbana. A variante “barrica” obtivemos dois registros em Ipuacu, na zona rural.

A variante “moringa” foi registrada somente uma vez no município de Ipuacu por uma informante da zona rural, e em Borrazópolis com três registros, dois na zona urbana e um da zona rural, e os informantes CaGI-F, CbGI-M e CbGII-M da zona rural, quando a entrevistadora fez a sugestão da variante “moringa” os informantes citados acima explicaram que este objeto era pequeno e utilizado para transportar água para levar na roça.

Ainda em Borrazópolis a variedade “garrafa” foi registrada duas vezes na zona rural por um informante, “garrafa d’água” com uma ocorrência por um informante da zona rural. A variante “vaso/bebedor de barro” obtivemos apenas um registro por uma informante da zona urbana. As variações citadas acima com nenhum registro na cidade de Ipuacu.

Gráfico 221

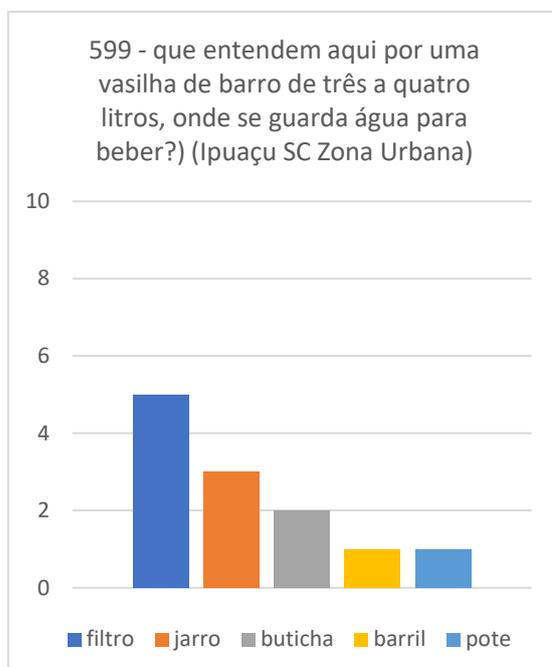


Gráfico 222

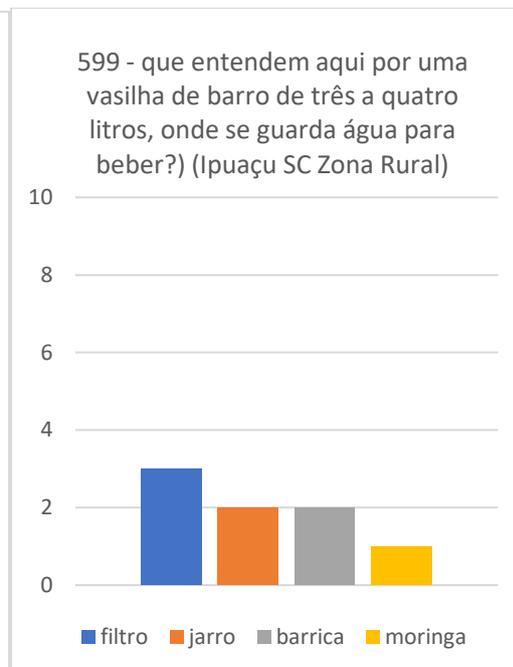


Gráfico 223

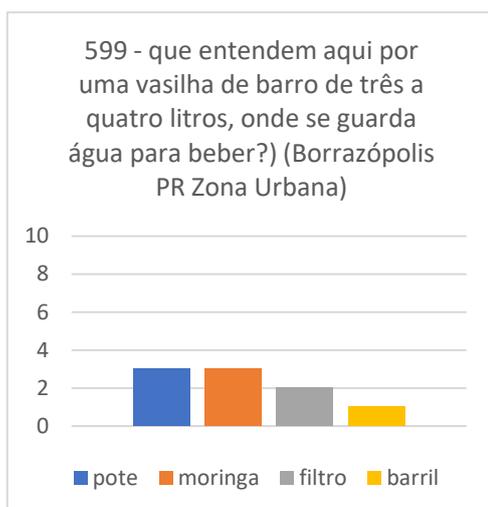
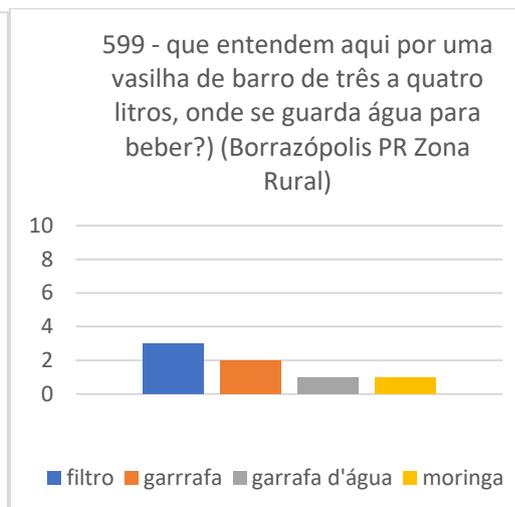


Gráfico 224



Schenatto (2023)

A **pergunta 604** (que nomes dão aqui para a bebida alcoólica feita de cana de açúcar?)

As variantes com mais registros foram “pinga”, “cachaça” e “aguardente”, mas também houveram outras variações identificadas. Nos municípios de Ipuacu o item lexical com mais registros foi “cachaça”, com quinze ocorrências, oito da zona urbana, e sete da zona rural. No município de Borrazópolis os quatorze informantes entrevistados usam “cachaça” todos da zona urbana e da zona rural.

A variante “pinga” foi o segundo item lexical com mais ocorrências, no município catarinense, registramos treze vezes, seis da zona urbana, e sete da zona rural. Em Borrazópolis os quatorze informante usam a o termo “pinga”.

O item lexical “aguardente” obteve seis registros em Ipuacu, três da zona urbana, e três da zona rural. Em Borrazópolis com quatro registros, um na zona urbana por uma informante, e três da zona rural.

Ainda obtivemos outras designações para a pergunta 604, em Ipuacu, dois informantes do sexo masculino da zona rural responderam “mé” e o item lexical “goiofa” registrado duas vezes, da zona urbana e por um informante da zona rural. As variantes “mé e goiofa” são dois termos utilizados pelos indígenas para designar bebida alcoólica, o informante CaGII-M, mora bem perto da terra indígena Chapecó, já o informante CaGI-M da zona rural, contrata os indígenas para trabalhar por dia em sua propriedade, e o informante CaGI-M da zona urbana, trabalha no comercio e as vezes escuta os indígenas

conversando, durante a entrevista eles responderam a esses dois itens lexicais e ainda reforçaram que quem fazia uso era os indígenas. Ainda na cidade catarinense registramos o termo “canha” com um registro por um informante da zona urbana, “graspa” com uma ocorrência por uma informante da zona rural, “tanquara” com um registro por um informante da zona rural, a variante “guarapa” teve um registro da zona rural por um informante e pôr fim a variante “licor” registrada na zona urbana por uma informante.

Em Borrazópolis registramos mais duas variantes, “gorro” com dois registros da zona urbana e por fim o item lexical “corote” com duas ocorrências da zona rural.

Gráfico 225

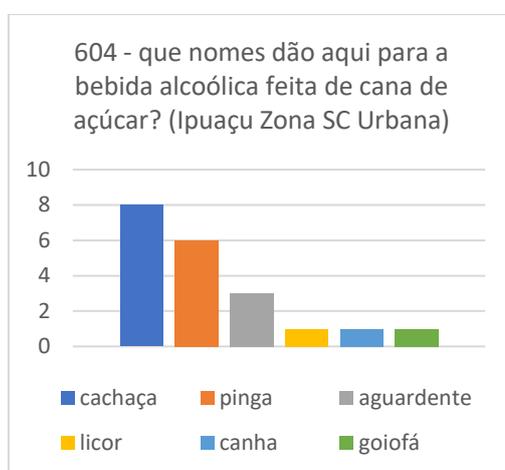
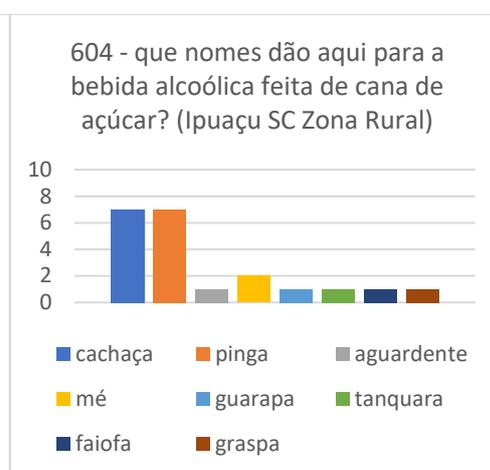


Gráfico 226



Schenatto (2023)

Gráfico 227

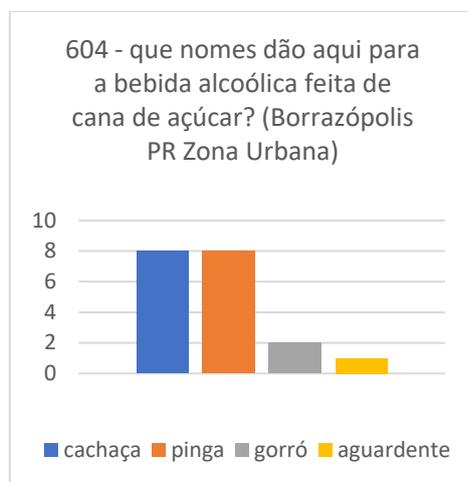
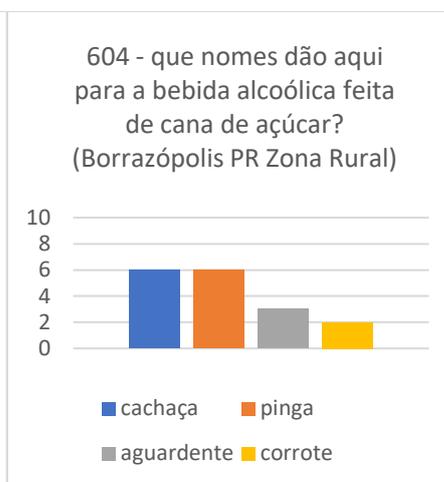


Gráfico 228



Schenatto (2023)

A pergunta 605 (aonde vão os homens para beber uma cachacinha?)

Dos dezesseis informantes entrevistados em Ipuauçu, quinze responderam a variante “bodega”, oito da zona urbana, e sete da zona rural, no município de Borrazópolis não constatamos nenhum registro do item lexical “bodega”.

Dos quatorze informante entrevistados em Borrazópolis, treze responderam a variante “bar”, sete da zona urbana, e seis da zona rural, essas variantes, em Ipuauçu foi registrada dozes vezes, cinco registros da zona urbana, e sete da zona rural.

A variante “buteco” foi registrada em ambas as cidades pesquisadas, em Borrazópolis com onze ocorrências, cinco registros da zona urbana, e seis da zona rural. Ainda registramos uma variante “lanchonete” no município paranaense por uma informante, da zona urbana.

Gráfico 229

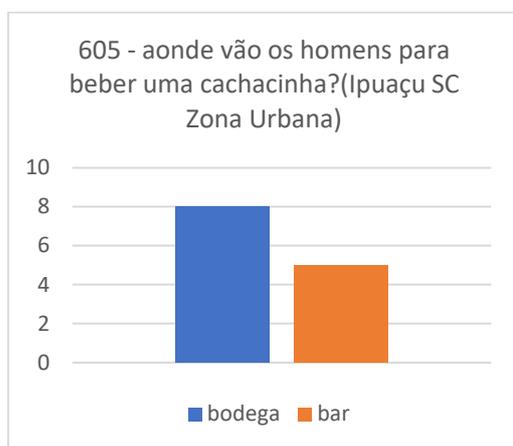
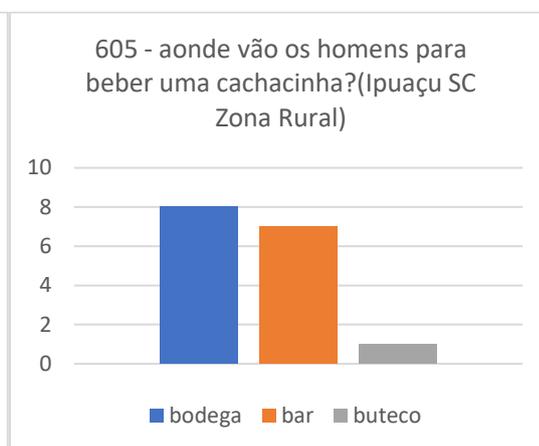


Gráfico 230



Schenatto (2023)

Gráfico 231

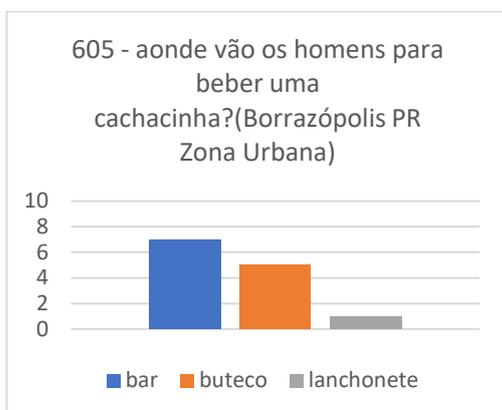
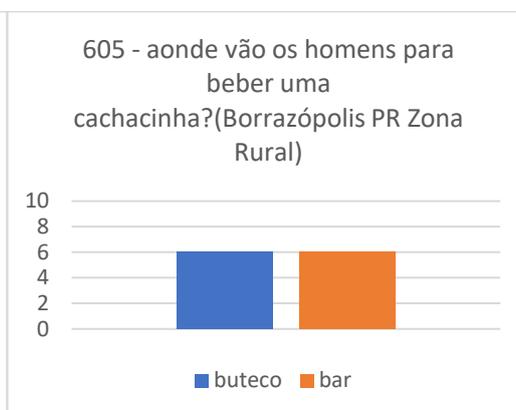


Gráfico 232



Schenatto (2023)

A pergunta 608 (o que se passa no pão que é feito de frutas?)

A variante predominante em Ipuauçu foi “chimia”, todos os informantes dezesseis entrevistados responderam este item lexical, todos da zona urbana e da zona rural, das classes Ca e Cb, das gerações GI e GII, e dos sexos M e F. Na cidade de Borrazópolis com apenas dois registros da zona urbana, por uma informante CaGII-F, da qual afirmou que só conhecia a palavra devido que a família de sua nora que mora em outra cidade utiliza esse termo, mas explicou que na região ninguém quase conhece esse termo e que é muito difícil usarem, o informante CbGI-M da zona urbana também conhece “chimia”, explicou que só conhece a palavra porque uma vez foi visitar alguns amigos em Santa Catarina e aprendeu lá.

A variante “doce” foi registrada em ambas as cidades, Ipuauçu com três registros, uma da zona urbana, e dois da zona rural, em Borrazópolis com apenas duas ocorrências da zona urbana, a variante “geleia” também foi registrada em ambas as localidades pesquisadas, na cidade catarinense obtivemos três registros, uma da zona urbana, e dois da zona rural, já no município de paranaense obtivemos doze registros, seis da zona urbana, a variante “geleia” foi a predominante em Borrazópolis.

Ainda registramos o item lexical “marmelada” com quatro ocorrências, três da zona urbana e um da zona rural por uma informante, interessante perceber que apenas os informantes da GII de ambas as classes responderam, esta variante não foi registrada em Borrazópolis. Mas registramos a variante “pasta” por um informante da zona rural.

Gráfico 233

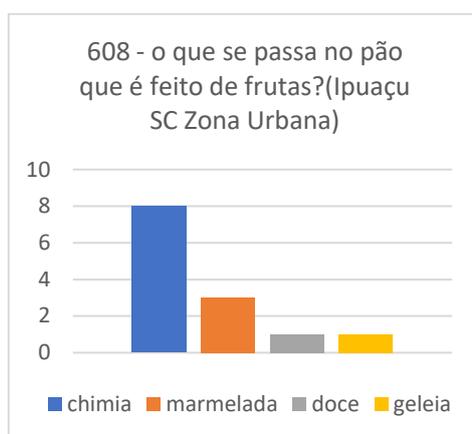
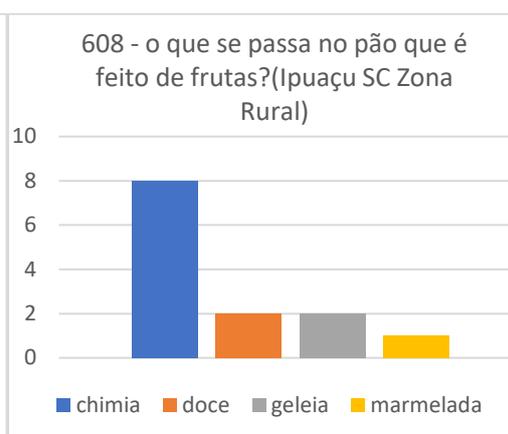
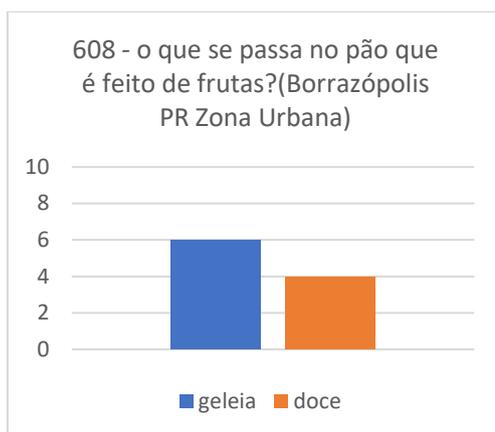
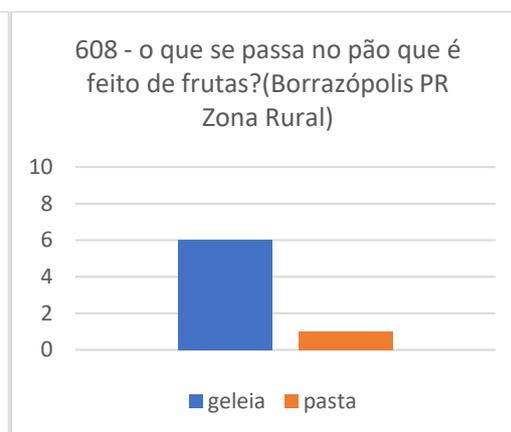


Gráfico 234



Schenatto (2023)

Gráfico 235**Gráfico 236**

Schenatto (2023)

7 CONCLUSÃO FINAL

A realização desta pesquisa nos possibilitou algumas reflexões acerca da língua e das suas relações com o espaço e a sociedade. A tarefa dos informantes responderem às entrevistas foi um instrumento fundamental para a compreensão da própria língua, e refletir e compreender o próprio jeito de falar, e quando estes informantes são residentes plenamente no lugar em que vivem, a maneira com que eles falam tornam-se mais evidente.

Durante as entrevistas foi possível conhecer a realidade linguística de uma determinada sociedade, diferente da qual você não estava acostumada, com isso faz com que o pesquisador reconheça que a língua e suas formas de falar são patrimônios da sociedade, e que através do seu registro foi possível fazermos algumas análises. Primeiramente identificamos que cada região e cada povo tem seu jeito de próprio de falar e de designar o nome às coisas.

No primeiro momento, selecionamos dois municípios para compor a pesquisa: Ipuação SC e Borrazópolis PR, a nossa pesquisa foi submetida aos princípios metodológicos da Dialetologia Pluridimensional a qual estabelece itens necessários como; rede de pontos, informantes, questionários, organização dos dados analisados e resultados obtidos. Para a realização da coleta de dados, adaptamos um Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALERS, contendo 56 questões distribuídas em nove campos semânticos ...

Os critérios aqui estabelecidos ao longo da nossa pesquisa, fizeram que nós pudessemos escolher duas localidades de fala distintas, ambas distantes 530 km. Quanto

aos informantes da pesquisa, a opção de entrevistar dezesseis informantes por localidade sendo quatro homens da zona urbana, quatro da zona rural e quatro mulheres da zona urbana e quatro da zona rural nos proporcionou perceber características próprias ou até mesmo parecidas nas duas zonas pesquisadas.

Quem realiza um trabalho de campo e dialetológico sabe que não é uma tarefa muito fácil, pois tivemos que ir a campo em ambas os pontos pesquisados, fazer o levantamento dos informantes se eram compatíveis ou não com o perfil desejado, embora tenhamos conseguido, foi um das grandes dificuldades na pesquisa, principalmente na cidade de Borrazópolis, onde não se conhecia os moradores, os informantes foram indicados por algumas pessoas que se encaixavam no perfil e por fim deu tudo certo, apesar de não conseguirmos encontrar dois informantes da Ca e GII da zona rural do município, devido que muitas pessoas se mudaram para a zona urbana e um outro fator é que quem tinha possibilidade de entrar e estudar em uma universidade era o pessoal da cidade, conversando com alguns moradores da zona rural, eles informaram que não se tinha transporte para ir aos grandes centros estudar antigamente e que as faculdades ficavam em cidades distantes. Além do mais, o nosso objeto de estudo, o léxico, do qual considera-se um complexo objeto de estudo, houveram momentos em que a pesquisadora foi dominada por um sentimento de impotência diante do extenso conjunto de dados coletados.

Neste trabalho, além da pesquisa de campo, tivemos que fazer a transcrição dos dados, elaboração de quadros, gráficos e a análise dos dados que foi árduo, pois exigiu do pesquisador foco para conciliar todos os dados. Além disso, temos que levar em consideração que um levantamento e investigação do léxico de duas comunidades específicas e totalmente diferente uma da outra, cujo o acervo linguístico é extremamente rico, vivo e dinâmico. A documentação dos dados recolhidos, mesmo de forma parcial, nos permitiu o conhecimento da riqueza vocabular de ambas as cidades pesquisadas, e certamente, constituiu uma contribuição à formação do português do interior do sul do Brasil.

A partir da base dos dados analisados dos dois pontos de pesquisa chegamos as seguintes conclusões:

Para o primeiro objetivo; “Discutir à luz da Dialetologia pluridimensional, a distribuição espacial de variantes léxico-semânticas, relacionado ao falar riograndense e paulista”, constatamos que em algumas questões o falar de ambas as localidades são diferentes, e que não se aplicam, ou até mesmo foi constatado que alguns itens lexicais

tem significados diferentes em ambas as cidades. E em outros casos se faz o uso dos mesmos léxicos.

Para o segundo objetivo; “Investigar, com base na dimensão diatópica, quais variações são usadas dentro de cada comunidade de fala selecionada, verificando e identificando cada grupo socialmente”, verificamos que de forma geral a produtividade lexical no espaço diatópico estudado, as questões 005 (perau), 383 (ranzinza) e 408 (dinheiro/ outras designações) ilustra bem esse processo, uma que 005 apresenta 18, a 383 20 e a 408 com 18 variantes lexicais, e assim, visualizamos a riqueza existente nas duas cidades.

Para o terceiro objetivo: “Descrever, na dimensão Diassexual, aspectos linguísticos entre mulheres e homens”; de modo geral constatamos que as mulheres, por serem mais cuidadosas em suas falas, por mais que possuam o conhecimento das variantes, tendem a optar por um vocabulário que se aproxime da norma padrão, mas identificado nas informantes da Ca da zona urbana e rural, mas as informantes da zona urbana tentem a ter um repertório maior que os da zona rural.

Para o quarto objetivo: “Analisar, com base na dimensão Diageracional como é o comportamento de usos linguísticos existentes entre a geração mais jovem e a geração mais velha”; percebeu-se que em Ipuacu a GII, tanto da zona urbana e da rural se apropriaram do uso da geração mais nova, já a GI (18 a 35 anos) ainda carrega o léxico de seus pais, em Borrazópolis os mais velhos tem um repertório linguístico maior que os dos mais jovens principalmente os residentes da zona rural.

Percebemos ainda que não houve muita mudança na fala de informantes da zona urbana e rural, principalmente em Ipuacu, já cidade é movida basicamente da agricultura e pecuária, existem muitas agropecuárias e cerealistas, então os informantes jovens da zona urbana e rural tendem a ter a mesma forma de falar, já em Borrazópolis percebeu-se que o repertório linguístico da zona urbana é bem maior que os da zona rural.

Apesar de termos explorado apenas um recorte do *corpus* do ALERS, isto nos permitiu apresentar um pouco do falar desses dois pontos de pesquisa, e perceber que há sim muitos vocábulos parecidos, mas que há muitos itens lexicais distintos entre si. Afinal, a língua mostra todos os dias a sua heterogeneidade em cada componente linguístico, o qual é possível ser estudado e verificado de acordo com os objetivos delimitados da pesquisa.

8 REFÊRECIAS

AGUILERA, Valdeci de Andrade. Crenças e Atitudes Linguísticas: o que Dizem os Falantes das Capitais Brasileiras. **Revista Estudos Linguísticos**. São Paulo, 2008, p. 105-112.

ALERS = Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil: Cartas Fonéticas e Cartas Morfossintáticas. ALTENHOFEN, Cléo V. KLASSMANN, Mário Silfredo.

ALTENHOFEN, Cléo V; MARGOTTI, Felício Wessling. O Português de Contato e o Contato com as línguas de Imigração do Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; TOMMASO, Raso. (Org.). **Os Contatos Linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 289-315.

ANTUNES, Irandé. **Território das palavras. Estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. As pesquisas geolinguísticas do português do Brasil. In: DIETRICH, Wolf; NOLI, Volker (Org.) **O Português do Brasil: perspectivas da pesquisa atual**. Vervuert: Iberoamericana, 2004. p.75-92.

BARROS, L. A. A. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: Ed. USP, 2004.

BIDERMAN, M. T. C. **Léxico e Vocabulário fundamental**. *Alfa*, São Paulo, v. 40, p.27-46, 1996.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: **Estudos de Filologia e Linguística**. Homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: T.A.Queiroz/Edusp, 1981.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

BIDERMAN. O léxico: o léxico se relaciona com o processo de nomeação e com a cognição da realidade. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001a. p. 13-22.

BIZZOCCHI, A. **Léxico e ideologia na Europa Ocidental**. São Paulo: Annablume Editora, 1997.

BORBA, Francisco da Silva. **Pequeno vocabulário de linguística moderna**. 2 ed. rev. e aum. São Paulo: Nacional, 1976.

BRANDÃO, Sílvia. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2000.

CALLOU, D. Quando dialetologia e sociolinguística se encontram. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 41, p. 33-35, jan./jun. 2010, Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, UFBA, 2010.

CALVET Louis-Jean **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002

CÂMARA JR., J. Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 20 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

CARDOSO, Suzana A. **Dialetologia** In: Ferrarezi Junior e Mollica (2016). Sociolinguística, Sociolinguísticas: uma introdução. p. 13-22.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. A **Geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?** *Revista do GELNE*, Fortaleza, v. 4, n. 1/2, p. 215-223, 2006.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Dialetologia e ensino-aprendizagem da língua materna**. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. (Orgs.). *Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 97- 107.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

CHAMBERS, J.K; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge University Press: 2ª edição, 2004 [1998].

CHIES, Cláudia. **Ciclo econômico e espaço transformado: os trabalhadores do café**

no Bairro Concórdia em Tuneiras do Oeste – Pr. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2007.

COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖRSKI, Edair Maria; NUNES de SOUZA Cristiane Maria e MAY, Guilherme Henrique. **Para conhecer Sociolinguística.** São Paulo: Editora Contexto, 2015.

COSERIU, Eugênio. **Sentido y tareas de la dialectología.** *Cadernos de Lingüística*, México, ALFAL, n.8, Instituto de Investigaciones Filológicas. 1982.

COSERIU, Eugenio. **Sentido Y Tarefas de la Dialectologia.** Cuadernos de Linguistica.

DUBOIS et al. **Dicionário de lingüística.** São Paulo: Cultrix, 1993.

ENCARNAÇÃO, M. R. T. da. **Estudo geolinguístico de aspectos semântico-lexicais nas comunidades tradicionais do município de Ihabela.** 2005. 167 p + anexos. Dissertação (Mestrado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica.** São Paulo: Parábola, 2005.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialectologia no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Manuela Barros. **Língua e patrimônio:** a palavra como lugar de onde se vê o mundo. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org). Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil-Portugal. Campo Grande-MS: EDUFMS, 2008. p. 289-311.

FISHMAN, Joshua. Language and Ethnicity: The View from Within. In: COULMAS, Florian. **The handbook of Sociolinguistics.** Blackwell Reference Online. December, 2007.

FRIZZO, Celina Eliane. **Manutenção, preservação e perda do bilinguismo: português/guarani/kaingang na terra indígena Guarita -RS.** Dissertação do Mestrado, Chapecó SC, 2017

GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. *Atlas Linguistique de La France.* 35 fasc. Paris: Honoré Champion, 1902-1910, 1915.

IBGE, Censo demográfico, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/borrazopolis.html> acessado em 15 de fevereiro de 2021

IBGE, Censo demográfico, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/ipuacu.htm> acessado em 15 de fevereiro de 2021

IODAN, I. **Introdução à lingüística românica**. Trad. Júlia Dias Ferreira. 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

ISQUERDO, A. N. **Brasileirismos regionalismos e americanismos: desafios e implicações para a lexicografia brasileira**. In: GUEDES, M.; BERLINCK, R. de A.;

ISQUERDO, Aparecida; NUNES, Juliany. **Variantes para vesgo nas capitais das regiões Centro-Oeste e Norte: contribuições do ALiB**. Documentos 3 - Projeto Atlas Linguístico do Brasil 57 In: ISQUERDO, Aparecida; ALTINO, Fabiane; AGUILERA, Vanderci (Orgs.). Atlas Linguístico do Brasil - descrevendo a língua, formando novos pesquisadores. Londrina: Ed. Eletrônica, 2012.

ISQUERDO, Aparecido Negri. **Vocabulário do Seringueiro**: campo léxico da seringa. In: _____; OLIVEIRA, Ana Maria P. Pires (Org.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande-MS: EDUFMS, 2001. p. 91-100.

KAUFMANN, Göz. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; TOMMASO, Raso. (Org.). **Os Contatos Linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 121-137.

KOCH, Walter (orgs.) et al. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis. Ed. da UFSC, 2011.

KRUG, Marcelo Jacó. **Atlas das Línguas em Contato na Fronteira**: Missões no Brasil e Misiones na Argentina (ALCF). Direitos reservados: FAPERGS/UFFS, 2013.

KRUG, Marcelo Jacó. **Os Bilíngues Teuto-Brasileiros frente à Metafonia Funcional do Português**. Tese de Doutorado. Kiel, Westensee-Verl. 2011

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: 2008.

MACÊDO, Márcia Verônica Ramos de. **A Constituição de Subáreas Dialetais no Falar da Bahia**. Tese de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2012.

MACÊDO, Márcia Verônica Ramos de. **Aspectos Dialectológicos e Lexicográficos do Atlas Etnolingüístico do Acre**. 186 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Rondônia, Guajará- Mirim – RO, 2005.

MARCELINO CARDOSO, Suzana Alice; ANDRADE MOTA, Jacyra. **PERCURSOS DA GEOLINGÜÍSTICA NO BRASIL**. *Linguística*, Montevideo, v. 29, n. 1, p. 115-142, jun. 2013.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil**. Porto Alegre, 2004. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras / UFRGS.

MARIN, Jerri Roberto; VASCONCELOS, Cláudio Alves de. **História, região e identidades**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003, p.165-181.

MOTA, Jacyra Andrade. Áreas dialetais brasileiras. In: CARDOSO, Suzana; _____; MATOS E SILVA, Rosa Virgínia. (Orgs.). **Quinhentos anos de história lingüística do Brasil**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 321-357.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino Cardoso. **Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros**. _____ (Orgs.). *Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26.

MURAKAWA, C. de A. A. (org.). **Teoria e análise linguísticas: novas trilhas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

NASCENTES, Antenor. **Divisão dialectológica do território brasileiro**. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, abr./jun, p.213-219, 1955.

OLIVEIRA, A.C e VILLA, M. A. (Orgs) **Cronistas do Descobrimento**. Ed. Especial. São Paulo: Ática/Fundação Nestlé de Cultura; Brasília/ Ministério da Cultura, 1999.

PAULA, Maria Helena de. **Rastros de velhos falares: léxico e cultura no vernáculo catalano**. 2007. 522f. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

PERTILE. Marley Terezinha. **O talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no alto uruguaí gaúcho**. Porto Alegre, 2009. Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

Portuguesa). Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de 21 a 25 de abril de 2022. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/abf/volume2/numero1/06.htm>

PREFEITURA Municipal de BORRAZÓPOLIS. Disponível em <https://www.borrazopolis.pr.gov.br/> acessado em 15 de fevereiro de 2021

PREFEITURA Municipal de Ipuacu. Disponível em <https://ipuacu.sc.gov.br/> acessado em 15 de fevereiro de 2021

RACKY. (org). **Estudos geossociolinguísticos do Pará**. Belém: Grafia, 2003.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geografía lingüística. **Aktens dess ymposiums zur Empirischen Dialektologie**. (Heidelberg/Mainy 2. -24.10.1991) Kiel, Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

RAMANZINI, Haroldo. Introdução à linguística moderna. São Paulo: Ícone, 1990.

RAZKY, A. Uma perspectiva geo-sociolinguística para a análise do status das variáveis em contexto pós-vocálico no nordeste do estado do Pará. In: Estudos **Linguísticos e Literários**, Salvador, n.41 2010, Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, PPGLC da Universidade Federal da Bahia, jan./jun., 2010^a.

RAZKY, A.; COIMBRA, D.; COSTA, E. O. Variação léxico-semântica e agrupamento lexical do item *cambalhota* no Atlas Léxico Sonoro do Pará (ALeSPA). *Língua e Instrumentos Linguísticos*, v.40, p. 151-169, 2017

RAZKY, A.; SANCHES, R. D. **Variação geossocial do item lexical ‘riacho/córrego’**

RAZKY, Abdelhak. (Org.) *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará*. Belém:

RAZKY, Abdelhak. *A Dimensão Sociodialetal do Léxico no Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. SIGNUM: Estud. Ling, Londrina, n. 16/2, p. 247 – 270, dez. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/15659/14016>. Acesso em: 18 de Maio de 2021.

RAZKY, Abdelhak; LIMA, Alcides Fernandes de. Estudos Lexicais e socioterminológicos no estado do Pará. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.). Os dicionários: fontes, métodos e novas tecnologias. Salvador: Vento Leste, 2011

RECTOR, Mônica. *A Linguagem da Juventude: uma pesquisa geo-sociolingüística*. Petrópolis: Vozes, 1975.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do “Falar Baiano”*. 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012.

SANTOS, E. A expressão do sujeito no português oral de Maputo. In: DIAS, H. N. (org.). *Português moçambicano: estudos e reflexões*. Maputo: Imprensa universitária, 2009.

SANTOS, I. P.; CRISTIANINI, A.C. (Orgs.). *Sociogeolinguística em questão: reflexões e análises*. São Paulo: Paulistana, 2012

SANTOS, I.P. dos. *O estudo da norma e o ensino da língua materna*. In: *Atualização em língua portuguesa para professores do segundo grau*. Módulo I – Noções Básicas de Linguística, Projeto Vitae. Apoio à Cultura, Educação e Programação Social. São Paulo USP/ FFLCH, 1992.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. *Elementos para o estudo do gênero em Geolingüística*. (mimeo), 2003

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística geral*. São Paulo: Cultrix; 28ª edição, 2012

SILVA NETO, S. da. *Guia para estudos dialectológicos*. 2. Ed. Belém: [s.n.], 1957.

SILVA, Maria Emília Barcellos da. Os estudos dialetológicos e o seu compromisso com o ensino. *Cadernos da ABF* - Volume II, número 1 (III Seminário Superior de Língua

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Trad. Celso Cunha. 2 ed. São

THUN, Harald. A Dialetoлогия Pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (org). **Estudos da Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

THUN, Harald. O velho e o novo na geolinguística, **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 40, jan/jun. 2017.

THUN, Harald. **Pluridimensional Cartography**. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland & RABANUS, Christian (eds).

THUN, Harald. **La Geolingüística como Lingüística Variacional General (com ejemplos del Atlas Diatópico y Diastrático de Uruguay)**In: International Congress of Romance Linguistics and Philology (21: Polermo: 1995). Atti... A cura di Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729, 787-789. V. 5.

THUN, Harald; AQUINO, Almidio. O *Atlas Linguístico Guaraní-Românico* (ALGR). Um Trabalho necessário para atualizar informações linguísticas sobre o Guaraní e o Espanhol do Paraguai. In: **Cadernos de Tradução do IL-ALGR-Guarani Espanhol**. Tradução: ALTENHOFEN, Cléo Vilson. 1999.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics: An introduction to Language and Society**. London: Penguin Books, 2ª edição. 2000 [1974].

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ANEXOS

ANEXO A - QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL DO ALERS (QSL)

ACIDENTES GEOGRÁFICOS

005 – PERAU

Que entendem aqui por Perau?

014 – SANGA

Que entendem aqui por sanga?

017 – VERTENTE

Que entendem aqui por vertente?

023 – AÇUDE

Que entendem aqui por açude?

027 – REPRESA

Que entendem aqui por represa

FENÔMENOS ATMOSFÉRICOS

049 – RELÂMPAGO

Como se chama aqui por luz que risca o céu em dias de chuva?

052 – TROMBA D' ÁGUA

Como se chama aqui por uma chuva curta, muito forte e pesada?

SISTEMAS DE PESOS E MEDIDAS

096 – ÁREA

- a) Se um fazendeiro quer dizer “quanta terra tem”, que medida ele usa?
- b) E se quer dizer “quanta terra trabalhou no ano passado”?
- c) E “quanta terra se pode trabalhar num dia”?

FLORA

121 – MATO E INÇO

- a) Que entendem aqui por “mato”? (Tem gente que chama inço de mato.)
- b) Como chamam aquilo que nasce na plantação, que é preciso arrancar?

126. BERGAMOTA

...uma fruta menor que a laranja, que se descasca com a mão?

ATIVIDADES AGROPASTORIS

134. TIPOS DE TERRA

Existe terra de diversas cores. Que nome se dá a esses diferentes tipos de terra?

135. TERRA FÉRTIL

...uma terra onde cresce bem tudo que se planta?

136. TERRA ESTÉRIL

...a terra em que é difícil crescer alguma coisa?

137. TRILHA

De tanto o povo passar por cima da vegetação para ir de um lugar a outro, o que se forma aí?

138. PICADA

Que é que se abre com o facão para passar por um mato fechado?

143. FELPA (DE MADEIRA)

Quando se passa a mão por cima da lenha, um pedacinho pontudo pode machucá-la. Como chamam este pedacinho pontudo de lenha?

146. CAPINAR

...limpar a plantação com a enxada?

148. ANCINHO

...um instrumento de cabo longo e com uma travessa dentada na ponta, que serve para juntar folhas secas ou sujeira?

149. ARAR/LAVRAR

Que faz o colono, na terra, com um instrumento puxado por boi ou cavalo?

150. TIPOS DE ARADO

...os tipos de arado que se usavam antigamente?

151. TORRÃO DE TERRA

...os pedaços inteiros de terra que fi cam depois de passar o arado?

154. REGO/VALA/SULCO

...onde se larga a muda ou semente, depois de lavrar?

157 – MÁQUINA DE PLANTAR

Como se chama aqui por um instrumento de madeira com duas hastes moveis que servem para plantar milho, feijão...?

158 – COLHER

Quando o feijão, o milho, o trigo, a batata estão maduros, diz-se que estão no ponto de...

159. MUTIRÃO

...quando os vizinhos se reúnem para realizarem juntos uma tarefa (colheita, construção, limpeza...)?

160. DEPÓSITO DE CEREAIS (PAIOL)

Onde se guarda a colheita?

162. ABRIGO PARA ANIMAIS

Onde costumam abrigar os animais para protegê-los da chuva, do frio?

a) cavalos; b) vacas; c) porcos; d) galinhas?

163 – GALPÃO

Onde se guardam os instrumentos agrícolas?

164 – VERRUMA/TRADO/PUA

Que entendem aqui por a ferramenta para abrir com a mão buracos na madeira?

E se for com as duas mãos?

Outros tipos?

165 – MANGUAL

Que entendem aqui por o instrumento de bater feijão?

169 – PANÍCULA DE MILHO

Que entendem aqui por os fios na ponta da espiga de milho?

178 – REBOQUE DE TRATOR

Como se chama aqui por veículo de carga puxado por um trator?

179 – ARANHA/CHARRETE/ JARDINEIRA/ CARRINHO DE MÃO

Que entendem aqui por um veículo de duas rodas de pneu usado só para o transporte de pessoas?

E se for com rodas de madeira?

E quando tiver toldo?

Que entendem aqui por um veículo de uma roda, empurrado por pessoas, para pequenas cargas em trechos curtos?

Como se chamam as duas hastes do carrinho de mão?

181 – DESEMBARCAR/APEAR

Quando o ônibus chega ao fim da linha, os passageiros tem que...

185 – CORDA PARA AMARRAR ANIMAL DOMESTICO

Com que se aquilo que se uma para amarar o boi?

CORPO HUMANO

266 – CALCANHAR

Como se chama isto? (Apontar para o calcanhar)

272 – BICHO DE PÉ

Que entendem aqui por animal que as vezes as pessoas pegam nos dedos do pé?

327 – AXILA

Que entendem aqui por a cavidade embaixo do braço?

CULTURA E CONVIVIO

370 – GRINGO

A quem chamam aqui de “gringo”?

Os descendentes de italiano

E como se chama as pessoas estrangeiras

383 – RANZINZA

Que entendem aqui por a pessoa que parece estar sempre irritada?

391 – PESSOA POUCO INTELIGENTE

Que entendem aqui por a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?

Pouco conhecimento

393 – PESSOA SOVINA

Que entendem aqui por a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, as vezes, até passa fome para não gastar?

408 – DINHEIRO (OUTRAS DESIGNINAÇÕES)?

Como se chamam isto?

CICLOS DA VIDA

491 – TOCAIO / XARÁ

Que entendem aqui por a pessoa que tem o mesmo nome da gente?

RELIGIÃO E CRENÇAS

511 - BENZEDEIRA

Que entendem aqui por uma mulher que cura através de rezas e simpatias? E se for homem?

FESTAS E DIVERTIMENTOS

513 – BOLINHA DE GUDE

Que entendem aqui por as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?

514 – ESTILHINGUE

Que entendem aqui por o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha?

518 – ESCONDE-ESCONDE

Que entendem aqui por o jogo em que a criança fecha os olhos, depois procura as outras que ficam escondidas em algum lugar?

564 – ATIRAR/PINCHAR/APINCHAR

Para fazer um telhado um operário fica encima e o outro do chão. O que faz este que está no chão?

574 – FÓSFORO/ isqueiro e avil

Com que se acende o fogo?

592 – CARNE MOÍDA

Como se chama a carne de boi depois de passar na máquina?

599 – MORINGA

Que entendem aqui por uma vasilha de barro de três a quatro litros, onde se guarda água para beber?

604 – AGUARDENTE

Que nomes dão aqui para a bebida alcoólica feita de cana de açúcar?

605 – BODEGA

Aonde vão os homens para beber uma cachacinha? (Lá também pode se comprar alguma coisa)

608 – PASTA DE FRUTAS / Chimia

O que se passa no pão e é feito de frutas?